

# MANDELA

Meu prisioneiro, meu amigo

CHRISTO BRAND  
COM BARBARA JONES

 Planeta

# MANDELA

Meu prisioneiro, meu amigo



# MANDELA

Meu prisioneiro, meu amigo

CHRISTO BRAND

COM BARBARA JONES

Tradução:

Cristina Yamagami



Copyright © by Christo Brand and Barbara Jones 2014

Copyright © by John Blake Publishing Ltd., 2014

Copyright © Editora Planeta 2014

Todos os direitos reservados

Título original: Mandela – My prisoner, my friend

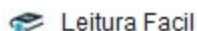
*Preparação:* Alyne Azuma

*Revisão:* Agnaldo Alves

*Diagramação:* Mauro C. Naxara

*Projeto de capa:* adaptado do projeto original por S Guerra

*Conversão eBook:* Hondana



CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

B816m

Brand, Christo

Mandela : meu prisioneiro, meu amigo / Christo Brand, Barbara Jones ; tradução Cristina Yamagami. - 1. ed. - São Paulo : Planeta, 2014.

il.

Tradução de: Mandela : my prisoner, my friend

ISBN 978-85-422-0369-1

1. Mandela, Nelson, 1918-. 2. Prisioneiros políticos - África do Sul - Biografia. 3. Presidentes - África do Sul - Biografia. 4. África do Sul - Política e governo - Séc. XX. 5. Apartheid - África do Sul. I. Jones, Barbara. II. Título.

14-12612

CDD: 920.936545

CDU: 929:343.301

2014

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Planeta do Brasil Ltda.

Rua Padre João Manoel, 100 – 21º andar – cj. 2101/2102

Edifício Horsa II – Cerqueira César

01411-901 – São Paulo – SP

[www.editoraplaneta.com.br](http://www.editoraplaneta.com.br)

[atendimento@editoraplaneta.com.br](mailto:atendimento@editoraplaneta.com.br)

“Em nome da nossa família, é uma profunda lição de humildade estar onde homens de tamanha coragem enfrentaram a injustiça e se recusaram a ceder. O mundo é grato aos heróis da Ilha Robben, que nos lembram de que nenhum grilhão ou cela pode se igualar à força do espírito humano.”

*Mensagem do presidente dos Estados Unidos  
Barack Obama no livro de visitantes da Ilha Robben,  
30 de junho de 2013.*

# AGRADECIMENTOS

Meus sinceros agradecimentos por todo o apoio e incentivo que recebi para escrever este livro vão para: Linda Duvenhage, pesquisadora do patrimônio histórico da Ilha Robben, que me inspirou a começar o projeto vários anos atrás, quando trabalhamos juntos; Samiena Amien, integrante da família estendida de Ahmed Kathrada e a primeira a colocar minhas palavras no papel; doutor James Sanders, pesquisador da biografia autorizada de Mandela, que me apresentou a Barbara Jones, minha colega escritora; Verne Harris e Sahm Venter da Nelson Mandela Foundation, que nos orientou e apoiou ao longo de todo o processo; os fotógrafos Mark Skinner, que teve a gentileza de me permitir usar seu belo retrato de Mandela com Kathrada, e Given Kokela, que tirou algumas fotos bastante especiais do presidente Obama em sua visita à Ilha Robben em junho de 2013; David Denborough, do Dulwich Centre de Adelaide, Austrália, disponibilizou valiosas fontes de referência de sua biblioteca de terapia narrativa, que pode ser acessada em [www.dulwichcentre.com.au](http://www.dulwichcentre.com.au).

Acima de tudo, sou grato ao meu querido mentor e ex-prisioneiro Ahmed Kathrada, que escreveu o prefácio. Este livro nos levou de volta a tempos difíceis mas que hoje foram, felizmente, sobrepujados pelos nossos laços especiais de amizade.

# SUMÁRIO

Prefácio

Prólogo

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

# PREFÁCIO

*Em 1964, Ahmed Kathrada foi condenado, com Nelson Mandela, à prisão perpétua, no Julgamento de Rivonia. Passou 25 anos na prisão e, desde a sua libertação, serviu como assessor parlamentar de Mandela e como presidente do conselho do Museu da Ilha Robben. Em 2004, em uma eleição dos 100 Maiores Sul-Africanos feita pelo canal de TV SABC3, recebeu o 46º lugar.*

A impressão que ficou de Christo Brand é a de um excelente ser humano. Ele não é um político, apenas um homem extremamente generoso que se arriscou pelos outros.

Embora este livro se concentre no relacionamento dele com Madiba na prisão, também fui afetado pela humanidade de Christo quando estive detido. Não tive muito contato com ele na Ilha Robben, onde comecei a cumprir minha sentença de prisão perpétua, com Madiba, em 13 de junho de 1964. Foi só depois de ser transferido para o continente, para o Presídio de Pollsmoor em outubro de 1982, que passei a ter uma relação mais estreita com Christo.

Todos nós notamos que ele era um bom homem, alguém que poderia nos ajudar, mas fomos advertidos por Madiba a não tirar proveito dos jovens carcereiros e lhes causar problemas. Fomos exortados a não usar Christo para ações políticas, como transmitir mensagens, então ele não fez esse tipo de coisa para nós. Mas fez muitas outras coisas.

Uma das maiores lembranças que tenho da diferença de Christo em relação aos carcereiros embrutecidos com os quais estávamos acostumados foi quando tive permissão de receber visitas do advogado Dullah Omar. Passamos um bom tempo tentando nos encontrar, e tive a minha chance quando, depois que de concluir dois *honours degrees*<sup>[1]</sup> pela Universidade da África do Sul, as autoridades do presídio não permitiram que eu me matriculasse em um programa de mestrado. Sendo assim, decidi levar o caso ao tribunal e abri uma requisição para falar com Dullah.

Em uma de suas primeiras visitas, Dullah trouxe dois pacotes de samosas<sup>[2]</sup>, um para os guardas e, quando aceitaram, perguntou se eu poderia receber o outro pacote. Christo assentiu. Na época, a esposa de Dullah, Farida, tinha uma barraca de frutas e legumes no Salt River Market na Cidade do Cabo, de modo que providenciamos para que Christo trouxesse frutas e vegetais para nós – ela também dava frutas e legumes para a família dele. Depois, Dullah começou a chegar para as visitas com a pasta cheia de comida, e nenhum livro jurídico à vista. Christo sabia disso e deixou passar.

Ainda melhor que isso foram as visitas extras que ele me permitiu receber. Christo providenciou visitas de pessoas que eu normalmente não teria permissão de ver, como parentes distantes, a professora Fatima Meer e outros ativistas políticos. Jamais esquecerei o dia em que uma sobrinha minha se casou na Cidade do Cabo e Christo conseguiu que praticamente todos os convidados da cerimônia me visitassem, ilegalmente, na prisão. Ele montou uma sala de visitas especial no andar de cima, e de lá pude ver todos, crianças e adultos. Nesse esquema, tive permissão de ver cada criança por um ou dois minutos. Elas encheram o ambiente de riso e luz, um colírio raro e glorioso para os olhos de um prisioneiro. Pude passar um pouco mais de tempo com os adultos, também individualmente.

Ele também me levou para ver os ativistas políticos detidos no Presídio de Pollsmoor, o que, de certa forma, era muito mais perigoso para ele do que para mim. Estávamos na década de 1980, época do Estado de emergência, quando milhares de ativistas antiapartheid foram detidos em todo o país. Muitos dos ativistas do Cabo Ocidental e até alguns do Cabo Oriental foram presos em Pollsmoor. Nem a família deles sabia onde ou em que situação estavam, mas Christo me deixou vê-los. Um dia, ele me levou para ver Trevor Manuel, que não tinha autorização de receber nenhum visitante. Trevor, que mais tarde tornou-se o ministro das Finanças do governo de Madiba e de outros presidentes, estava numa solitária há dois anos quando Christo me levou para sua cela.

Foi muito importante para Trevor ter a minha presença lá. Na prisão, tínhamos passado duas décadas isolados do mundo. Só existiam duas fotos antigas nossas, muito mais jovens, e mesmo assim era crime possuí-las. Dá para imaginar o quanto ele deve ter ficado tocado com aquela visita, na qual transmiti saudações de Madiba e de Walter Sisulu, entre outros. Foi uma enorme injeção de ânimo. Uma vez, Christo também me permitiu dar a Trevor um poema inspirador. Em outra ocasião, ele me levou para ver Mateus Goniwe, ativista do Cabo Oriental que viria a ser morto pela polícia de segurança<sup>[3]</sup> após sua libertação.

Isolados na prisão, não sabíamos quase nada sobre a aids, e uma vez Christo nos contou que sete guerrilheiros soropositivos do CNA (Congresso Nacional Africano) haviam sido capturados e trazidos de Angola. Um dia, quando estávamos do lado de fora do prédio da prisão, eles se aproximaram rapidamente e nos abraçaram. Depois ficamos preocupados com a possibilidade de contrair a doença pelo abraço. Mais tarde, quando fomos trancados nas celas para passar a noite, vimos Christo caminhando com os sujeitos pelo pátio, com o braço ao redor do ombro deles. Aquela imagem de Christo com os prisioneiros soropositivos, juntamente com a imagem de Lady Di com uma criança HIV positiva na TV, desfez nossas suspeitas sobre a aids, especialmente quando vi como ele ficava à vontade com aqueles sujeitos.

Devido à dificuldade de nos comunicar com os outros ativistas na prisão, costumávamos ficar debaixo da janela de suas celas para que pudessem ouvir o que estávamos falando. Era o nosso jeito de transmitir informações. Em outra pequena demonstração de humanidade, Christo sabia disso e não fazia nada para nos impedir. Quando fomos transferidos para uma prisão em Johannesburgo em outubro de 1989,

dias antes da nossa libertação, eu tinha dois televisores. Deixei um para Christo entregar a esses prisioneiros, e foi o que ele fez. A outra TV ele guardou para mim em sua garagem e me entregou quando voltei para a Cidade do Cabo como membro do Parlamento, cinco anos depois.

Uma das coisas mais importantes que Christo fez por nós aconteceu em um dia de 1986, alguns meses depois que Madiba foi isolado de nós, de forma que não fazíamos ideia do que se passava com ele. Christo me abordou e disse: “Tenho uma coisa para contar, mas você não pode repetir a Sisulu e aos outros”.

Respondi: “Bem, nesse caso, não me conte”.

Mas, naturalmente, ele me contou mesmo assim: “Ontem à noite levamos Madiba à casa do ministro da Justiça, Kobie Coetsee”. E aquilo bastou para que soubéssemos o que estava acontecendo. Concluímos que Madiba devia ter iniciado um diálogo com o inimigo. Não demorou muito para que Madiba recebesse permissão para nos ver em Pollsmoor e informar a cada um de nós que as negociações tinham começado, por iniciativa dele, para convencer o governo a finalmente estabelecer uma conversa com o CNA. Christo também nos contava sempre que levava Madiba de carro a algum lugar. Muitas vezes aquelas eram as únicas notícias que tínhamos de Madiba e eram importantíssimas para nós.

Nos fins de semana, quando o sargento James Gregory, outro carcereiro, não estava em serviço, Christo me chamava para mostrar cartas que Gregory tinha se recusado a me entregar. Eles guardaram as cartas durante anos, junto com uma enorme pilha de jornais *Indicator* – um jornal antiapartheid semanal fundado por Ameen Akhalwaya, que nos enviava um exemplar toda semana. Christo me fornecia uma pilha deles quando tinha a chance.

E depois a esposa dele começou a fazer bolos de Natal para mim. Todo Natal, ela fazia um bolo que Christo me entregava, uma tradição que se mantém até hoje.

Ter um carcereiro como Christo fazia uma enorme diferença na vida de um prisioneiro. No início, tivemos carcereiros brutais, tão brutais quanto os criminosos – nunca nos agrediram –, mas, quando os mais jovens chegaram, as coisas mudaram, porque eles não tinham sido submetidos a uma lavagem cerebral contra nós. Christo, contudo, se destacava por sua compaixão e humanidade, até dos colegas mais jovens.

Nosso relacionamento se manteve depois da nossa libertação e, quando ele saiu do emprego, ajudei-o a conseguir um cargo na sede da Assembleia Constituinte. Mais tarde, quando estava pronto para outro trabalho, consegui um emprego no Museu da Ilha Robben para ele.

Christo leva o trabalho muito a sério, está sempre pronto para ajudar, sempre disposto a fazer horas extras, coisas que muitos dos outros empregados não se dispõem a fazer. Ele gerenciava a nossa loja de suvenires na Nelson Mandela Gateway, de onde partem as balsas para a Ilha Robben. E não apenas gerava lucros para a loja, como também, por ser um sujeito que tem as relações públicas correndo pelas veias, era a melhor pessoa para o cargo, porque adora conversar. Por exemplo, uma vez uma mulher entrou na loja a caminho de ilha para comprar uma garrafa de água, e Christo, sendo

como é, identificou o sotaque dela: “A senhora é americana?”.

“Sim.”

Sem nenhuma outra informação, ele lançou a pergunta: “A senhora conhece um homem chamado Bob Vassen?” (Vassen é um amigo meu que na época lecionava na Michigan State University.)

Ela respondeu: “Conheço, sim. Nós lecionamos juntos”.

Meu livro, *A Simple Freedom*, tinha acabado de sair, e Christo tinha na loja uma grande caixa de exemplares – ainda não estavam à venda, mas é claro que ele não me perguntou – e disse: “A senhora gostaria de comprar este livro?”.

“Eu adoraria.”

“Quer um autógrafo dele?”

Foi assim que conheci a professora Marcie Williams, e aquela garrafa d’água acabou se transformando em uma bela amizade entre nós, que perdura até hoje. Na verdade, cheguei a fazer o doutorado pela University of Massachusetts graças àquela garrafa d’água.

Espero sinceramente que este livro de Christo receba o respeito e a atenção que merece, por ser um valioso acréscimo às obras sobre o encarceramento na era do apartheid, escrito por um homem tão admirável. O livro também se destaca por ser o relato mais franco de um carcereiro que já li, relatando a interação dos guardas com Nelson Mandela, e só isso já deveria ser digno de reconhecimento. Desejo a Christo todo o sucesso do mundo.

*Ahmed Kathrada*  
*outubro de 2013*

# PRÓLOGO

**N**elson Mandela passou a infância nas colinas verdejantes e douradas do Cabo Oriental, na África do Sul. Lá, ele corria livre com os amigos no vilarejo de Qunu. Ele se lembra dessa época como os anos mais felizes de sua vida, caçando pássaros no céu com um estilingue, colhendo frutas das árvores, pescando e bebendo leite quente direto da vaca.

Assim como eu, às vezes, ele cuidava de rebanhos de ovelhas e voltava para a pequena casa da família, depois de brincar até o anoitecer, para jantar e ouvir as histórias de sua mãe ao redor da fogueira.

Na infância, não teve nenhum contato direto com o apartheid. Em seu pequeno mundo protegido, não existiam ameaças. Ele teve uma infância segura na comunidade rural dos xhosa, etnia à qual pertencia.

Eu também não sabia nada sobre as cruéis fronteiras raciais do nosso país na infância. Meu pai era um capataz de fazenda em uma região fértil do Cabo Ocidental. Passei a infância toda brincando com as crianças negras e pardas que viviam conosco no sítio em Stanford, a muitos quilômetros da cidade.

Olhando para trás, Mandela e eu desfrutamos de uma infância repleta de inocência e encanto, apesar dos muitos anos de diferença entre nós. Ambos fomos criados na tradição cristã por pais rigorosos porém amorosos que nos ensinaram a distinguir o certo do errado. Tudo o que importava eram o lar e a família, com recompensas pelo bom comportamento e punições pelo mau comportamento.

Ele e eu, em mundos contrastantes, conhecemos por caminhos diferentes toda a crueldade das leis do apartheid, e nossos mundos só colidiram muitos anos mais tarde, quando nos encontramos na Ilha Robben, o lúgubre presídio de segurança máxima onde ele cumpria a sentença de prisão perpétua, e eu era seu carcereiro.

Eu tinha 19 anos quando fiquei cara a cara com Nelson Mandela. Ele tinha 60. Até aquele dia nunca tinha ouvido falar dele, de seu Congresso Nacional Africano (CNA) ou das profundas motivações que levaram Mandela e seus colegas a se dispor a morrer pela causa.

Conheci um homem cortês e humilde, mas, ao mesmo tempo, o poderoso líder de muitos dos presos políticos que cumpriam pena na Ilha Robben. Se eles o viam do lado de fora do prédio da prisão, se punham a entoar: “*Amandla!* Poder ao povo!”. Cantavam, gritavam e saudavam com o punho em riste simbolizando poder. Ele não podia reagir – eram as regras. Tinha de continuar andando, e muitas vezes só podia

agradecer com o mais sutil aceno na direção deles.

Ele era seu líder carismático, sua razão para estar na ilha, mas a maioria jamais se encontrou com ele. Aquelas também eram as regras.

Mandela, um prisioneiro altivo e um grande líder, fez a minha cabeça jovem entrar em parafuso. Percebi que respeitava o meu trabalho e sabia que eu precisava obrigá-lo a cumprir regras severas para que ambos sobrevivêssemos. Eu o vi esfregando o chão, esvaziando o balde usado como vaso sanitário, limpando o pátio – às vezes de joelhos – e, com alguns companheiros de prisão, cuidando de uma pequena horta em que cultivava pimenta e verduras para dar um toque de variedade à comida terrível da prisão.

Ele me chamava, praticamente um moleque, como “senhor Brand”. Eu o chamava de Mandela. Com o tempo, nos nossos mundos diferentes, de alguma forma ficamos amigos, capazes de demonstrações de gentileza e consideração.

Depois de dezoito longos e difíceis anos na Ilha Robben, Mandela foi transferido ao Presídio de Pollsmoor, no continente, numa tentativa do governo de subjugar o alto comando do CNA. Eu também estive lá, com ele e seus companheiros.

Mais tarde, voltou a ser transferido, dessa vez para a Penitenciária Victor Verster, onde recebeu aposentos privados enquanto mantinha as negociações preliminares que tinha acabado de iniciar com os líderes do governo durante o período de isolamento em Pollsmoor. Ele se tornou uma figura essencial nas negociações para dar um fim aos dias mais tenebrosos da África do Sul. Ao longo de vários anos tortuosos, o processo de reconciliação aos poucos começou a ganhar força. Estive com ele também nesse período. No dia de sua libertação, foi decidido que ele sairia caminhando pelos portões da prisão com a esposa Winnie a seu lado e nenhum guarda à vista. Então assisti àquele momento extraordinário pela TV de casa, com um nó na garganta e lágrimas nos olhos. Eu acreditava que a nossa jornada juntos tinha chegado ao fim.

Mas Mandela me ligou algumas semanas depois, querendo retomar o contato comigo. Particpei da vida dele desde então, presente na maioria dos momentos importantes, e é uma honra ser considerado parte de sua família até hoje.

Ele escreveu sobre sua “longa caminhada até a liberdade”, e percorri com ele parte dessa jornada, uma viagem incrível que marcou a minha vida, bem como a dele.

Na verdade, minha vida começou muito depois que a dele. Um menino africânder branco, nascido na mesma cultura que criou o revolucionário Mandela, eu não fazia ideia de que os caminhos da vida um dia me levariam a ele.

# CAPÍTULO 1

Cresci num pequeno sítio nos arredores de Stanford, um pitoresco vilarejo situado em um vale de montanha, a duas horas de carro da Cidade do Cabo, a “cidade grande”. Um rio serpenteava pelo sítio, não muito distante do Oceano Atlântico. Nosso sítio era chamado Goedvertrouw, que significa “boa confiança” em holandês. Havia uma escolinha em uma fazenda da região, onde fui estudar aos 5 anos.

Fizesse chuva ou sol, eu tinha de andar oito quilômetros toda manhã até o ponto de ônibus mais próximo. Mas muitas vezes um dos empregados do sítio, um negro que chamávamos de Chocolate, caminhava comigo até o ponto de ônibus ou me colocava na frente de sua bicicleta e me dava uma carona, quando a bicicleta não estava quebrada. Nunca soubemos o verdadeiro nome do Chocolate, que estava sempre por perto. Ele não tinha família e passou a vida inteira trabalhando no sítio ou ajudando a minha mãe em casa.

Nossa família sempre viveu com pouco dinheiro e nenhum luxo. No entanto, tínhamos uma rica vida familiar: podíamos não ter muito, mas o que tínhamos era bom. Comíamos batatas assadas com nozes, abobrinha e abóbora recheada com migalhas de pão e ervilhas frescas. Eu quase não conhecia o gosto de carne, mas não importava.

Depois do jantar, levávamos as velas para a pequena varanda – não tínhamos eletricidade – e meu pai tocava violino, com Chocolate acompanhando ao violão, e a música e a alegria reverberavam pela noite escura.

Os dias de trabalho começavam cedo e, às vezes, se estendiam até a meia-noite, especialmente quando as chuvas de inverno causavam estragos nas plantações ou nas cercas. Às vezes eu saía no escuro com meu pai e Chocolate, segurando a tocha para eles, enquanto consertavam as cercas sob a chuva torrencial. Na região de Boland do Cabo Ocidental, os gélidos invernos congelavam as roupas penduradas no varal, e nossas mãos ficavam entorpecidas e azuladas. Por outro lado, os verões eram quentes a ponto de serem sufocantes, mal dava para respirar.

Recebi a educação típica de um africânder cristão. Fui batizado na Igreja Reformada Holandesa, e íamos à missa todo domingo, com direito a um cochilo à tarde. Durante as férias escolares e nos fins de semana, eu passava o dia inteiro perambulando pelo sítio com meus amigos, filhos dos trabalhadores negros e pardos.

Na escola, contudo, meus colegas de turma eram exclusivamente brancos. Embora eu possa dizer que mal notava essa divisão na época, nossa minúscula escola, composta de apenas duas salas de aula, era exclusiva aos filhos brancos dos fazendeiros e seus

gerentes e capatazes. As crianças negras e pardas frequentavam outra escola, no pé da colina.

No entanto, antes e depois da escola, todos nos encontrávamos no ponto de ônibus e muitas vezes acendíamos uma fogueira no chão poeirento se estivesse frio e tivéssemos que esperar o ônibus muito tempo. Mas nunca falávamos sobre a segregação das nossas escolas. Éramos crianças – inocentes, suponho –, e aquilo não passava de uma parte natural da vida.

Eu só brincava com crianças brancas em casa quando as minhas tias por parte de mãe, que moravam na Cidade do Cabo, nos visitavam no fim de semana. Meu primo e eu saíamos de manhã cedo, e Chocolate nos acompanhava enquanto caçávamos coelhos e pombos.

Então, um dia, Chocolate simplesmente sumiu. Até hoje não sei o que aconteceu, mas é provável que tenha sido preso por estar em algum lugar sem uma licença. As chamadas “leis do passe” para negros eram execráveis. Eram chamadas desdenhosamente de “dompass”, o “passe idiota”, e dominavam a vida de quem não era branco.

Meu pai tentou descobrir o que aconteceu com Chocolate, mas em vão. Simplesmente aceitamos o incidente como uma parte da vida africana na época. Homens como ele vinham de alguma família grande e pobre, vivendo em um barraco sem água encanada, energia elétrica nem saneamento. Ele pode ter perdido os pais para a subnutrição ou a tuberculose e saído pelo mundo perambulando em busca de trabalho. Ele não tinha pertences nem educação, e era possível que seu nascimento nem tivesse sido registrado, de modo que não tinha nenhum documento de identificação. Ele poderia ter se considerado um homem de sorte por encontrar trabalho e abrigo quando foi recebido pelos meus pais.

Chocolate seria classificado como um trabalhador não qualificado, apesar de sua capacidade de consertar todo tipo de coisa no sítio e ensinar um menino como eu a pescar e caçar, consertar cercas e cuidar de animais. Ele não tinha nenhum registro de emprego e teria passado despercebido pelo sistema, como muitos negros que não tinham valor algum para o Estado do apartheid.

Era obrigado a carregar sempre um “dompass” e apresentá-lo em *blitze* policiais aleatórias para provar que tinha autorização de estar naquele lugar. Mas Chocolate não tinha um “dompass”, afinal, ele nem existia oficialmente.

Se fosse parado pela polícia fora do sítio, especialmente à noite, acabaria na cela de uma delegacia, onde sua vida não tinha nenhum interesse para as autoridades. Muitas centenas de milhares de sul-africanos negros “desapareceram” nesse período. Não era prático, nem seguro, fazer muitas perguntas. O pobre Chocolate foi apenas mais uma vítima do apartheid. Sentimos a falta dele, mas vivíamos em um Estado policial e também tínhamos direitos restritos. Meu pai tentou investigar na delegacia de polícia local, mas a falta de interesse dos policiais não foi uma surpresa. Para eles, Chocolate era apenas mais um africano itinerante sem nome.

O sistema do apartheid na África do Sul foi um dos exemplos mais cruéis de racismo

legitimado do mundo. Inspirado pela noção da supremacia branca levada para a África do Sul por seus primeiros “conquistadores”, os holandeses, pouco tempo depois seguidos pelos britânicos, o Partido Nacional de falantes do africânder instituiu essas leis segregacionistas quando subiu ao poder em 1948.

Durante décadas, os sul-africanos negros foram escravos, servos ou trabalhadores mal-remunerados servindo os interesses dos invasores brancos. Eles já tinham tido muitos direitos cassados com a instituição das leis do apartheid, e a Lei da Terra Nativa (Native Land Act) de 1913, trazida pelos britânicos, os privou de direitos de propriedade da terra. Nessa época, eram submetidos a restrições ainda mais incapacitantes, com dezenas de leis parlamentares distintas sendo aprovadas para dominar sua vida e assegurar sua miséria.

Além das tão odiadas leis do passe, a Lei dos Locais Públicos Separados (Reservation of Separate Amenities Act) de 1953 introduziu restrições oficiais na forma de placas “exclusivo para brancos” demarcando todos os locais públicos, inclusive aeroportos e até cemitérios. Com isso, os negros foram proibidos de usar as mesmas praias, os mesmos ônibus, bancos de praça, hospitais, as mesmas escolas ou os banheiros públicos que os brancos. A Lei de Proibição de Casamentos Mistos (Prohibition of Mixed Marriages Act) e a Lei da Imoralidade (Immorality Act) proibiram relações sexuais entre diferentes raças. E, talvez a mais cruel de todas, a Lei da Educação dos Bantu (Bantu Education Act) decretou que os negros só fossem educados como uma preparação para uma vida de trabalhos braçais, assegurando, dessa maneira, o domínio branco para as gerações futuras. Como Hendrik Verwoerd, o ministro dos Assuntos Nativos e arquiteto do apartheid, declarou em uma ocasião: “Não há lugar para os bantos [negros] na comunidade europeia [branca] tirando certas modalidades de trabalho braçal... Para que ensinar matemática a uma criança banta sabendo que esse conhecimento não terá utilidade prática?”.

Os não brancos não podiam viver em uma cidade a menos que fossem empregados lá e eram obrigados levar um passe aonde fossem. Milhões foram expulsos de casa sob a Lei das Áreas Reservadas (Group Areas Act), que designou áreas pobres específicas para negros.

Com seria de esperar, muitos protestaram contra essa desigualdade, mas a reação do Estado foi previsivelmente brutal. Em 1960, levantes contra as leis do passe atingiram o auge quando a polícia abriu fogo contra manifestantes no distrito negro de Sharpeville, matando 69 negros – muitos pelas costas – no incidente que passou a ser conhecido como o Massacre de Sharpeville. Em consequência, o governo declarou o primeiro Estado de emergência da África do Sul, durante o qual todas as liberdades civis foram suspensas, e a polícia era autorizada a deter livremente pessoas consideradas suspeitas, sem nenhuma consequência legal. Todos os encontros públicos com a presença de três ou mais pessoas foram proibidos.

Uma década depois, em 1970, a situação se agravou ainda mais para a população negra quando a Lei de Cidadania dos Bantustões (Bantu Homeland Citizen Act) foi aprovada. A lei foi criada para desnaturalizar os sul-africanos negros, forçando-os a se

tornar cidadãos de um de dez “bantustões”, áreas de terra improdutivo e indesejável a muitos quilômetros das cidades dominadas pelos brancos. Isso resultou em mais de três milhões de pessoas sendo reassentadas à força.

Agora sei que o mundo se enfurecia contra essas terríveis restrições, mas, como um menino crescendo na zona rural do Cabo Ocidental em uma família não politizada, eu simplesmente não sabia o que se passava. Chocolate foi uma presença constante no meu dia a dia, e eu conhecia muitos outros negros e pardos, que eram pais de família e em cujos lares sempre fui bem-recebido da mesma forma como eram bem-vindos na nossa casa. Hoje sei que esse tipo de relação entre brancos e negros era raro e dou muito valor a isso.

Teria sido impossível para moradores de uma cidade ter um relacionamento pessoal com um homem como o Chocolate ou para crianças brancas brincarem com crianças negras. Isso só me foi possível porque meus pais moravam em uma casa de sítio, convivendo e trabalhando com pessoas negras.

Eu não sabia de nada disso na época, é claro. Simplesmente me recordo das minhas várias amigas da infância que sem nenhum indício de tensão racial de um lado ou de outro. Quando meu avô me deu uma bicicleta de presente, por exemplo, as crianças africanas a equilibravam para mim e corriam atrás de mim para me ajudar a aprender a pedalar sem cair. Fazíamos muitas coisas juntos, como brincar perto do rio e pescar. Às vezes tínhamos lutas de brincadeira e depois íamos todos nadar pelados no rio.

Um dia, um menino negro veio morar conosco, e meus pais deram um quarto só para ele no sítio. Ele se chamava Pikky. Por algum motivo, ele ficou para trás no sítio quando alguns catadores sazonais de frutas partiram, então minha mãe se encarregou de cuidar dele.

Pikky costumava ajudar minha mãe na cozinha e também trabalhava na terra. Quando eu chegava da escola, plantava cebolas ou batatas com ele. Ele ficou com a minha família até mais ou menos os 15 anos e, assim como o Chocolate, simplesmente desapareceu, e nunca mais o vi. Sofri muito, porque ele foi o irmão que nunca tive. Nós passávamos muito tempo juntos.

Apesar da minha tristeza, não perguntei nada aos meus pais, que também nunca tocaram no assunto. Nunca recebi nenhuma explicação sobre a situação de pessoas como Chocolate ou Pikky. No entanto, eram tratados como parte da família quando estiveram conosco, e só agora, quando penso a respeito, percebo o quanto isso era incomum.

Na verdade, olhando para trás, meus pais foram excepcionalmente gentis com todas as pessoas ao nosso redor, fossem negras ou brancas. Às sextas-feiras, dia de pagamento, meu pai levava todos os trabalhadores à cidade, a 30 quilômetros de distância, para fazer compras. No caminho, dava carona aos trabalhadores que iam para a cidade a pé vindos de outros sítios até lotar a caminhonete.

Apesar de sua generosidade, meu pai podia ser muito rigoroso, e aprendi a duras penas que não tolerava me ver desrespeitar pessoas mais velhas, de qualquer cor. Um dia, ele me ouviu gritando com um trabalhador negro idoso do sítio quando tentávamos levar as vacas ao curral. Eu estava gritando palavrões, e meu pai se enfureceu. Ele

pegou um *sjambok* – um chicote – e me açoitou enquanto meu deu um sermão sobre respeitar as pessoas mais velhas. A cor da pele não importa: não se pode para mudar a cor da pele, e todos são seres humanos exatamente como nós.

Nossos trabalhadores rurais retribuía o respeito dos meus pais e eram amáveis e atenciosos comigo. Uma das minhas primeiras lembranças é me perder por volta dos 3 anos enquanto brincava em um canal. Eu estava sempre brincando em algum lugar ou no rio, pescando com as outras crianças. Todos os nossos empregados se ofereceram para ajudar meus pais me encontrar.

No entanto, o sossego não durou muito. Em 1972, quando eu tinha apenas 12 anos, todas aquelas noites no frio e na chuva começaram a pesar na saúde do meu pai, que contraiu pneumonia. Ele ficou muito doente e não pôde mais trabalhar no campo. O proprietário do sítio, um homem branco, decidiu nos despejar. Assim, de um só golpe, perdemos a nossa casa e o nosso sustento. Estávamos sentindo na pele a inclemência que vitimava milhões de negros.

Fomos forçados a nos mudar para a cidade e ficamos lá durante um ano inteiro, morando em um quarto no quintal dos fundos da pequena casa da família do meu tio em Parow Valley, um bairro branco de classe média da Cidade do Cabo. Meu pai, minha mãe e eu morávamos em um quarto apertado. Eu dormia em um colchão no chão e ansiava pelas vastas estepes verdes e pela vida no campo.

Quando meu pai se recuperou, começou a trabalhar na ferrovia e, um ano depois, nos mudamos para a Epping Garden Village, outro subúrbio da Cidade do Cabo que hoje se chama Ruyterwaght. O bairro tinha sido designado para trabalhadores ferroviários brancos. Pela primeira vez, tivemos nossa própria casa, que herdei, ampliei e na qual vivo hoje com a minha família.

A vida era diferente em Ruyterwaght. Meu pai passava todas as noites em casa, em vez de consertar cercas ou procurar ovelhas pelo sítio. Mas eu sentia falta dos meus amigos e de todas as nossas brincadeiras no campo. Eu não tinha mais com quem ir pescar e não tinha mais amigos negros. Frequentava uma escola só de brancos e notava que brancos e negros usavam banheiros públicos diferentes na cidade e na estação ferroviária. Eu ainda não entendia bem o apartheid, mas estava começando a ver as pequenas diferenças que nunca tinha notado antes. Logo concluí meus estudos na cidade e ganhei fama de ser o corredor mais rápido da minha turma. Também comecei a praticar tiro ao alvo. No entanto, a dificuldade financeira da nossa família continuou, e decidi fazer um bicos no meu tempo livre para cobrir meus gastos pessoais.

Aos 15 anos, eu já trabalhava nos fins de semana com um construtor que me pagava cerca de 8 rands por dia – mais ou menos o equivalente a 5 libras – para ajudar a construir casas dele. Eu misturava cimento, carregava tijolos e o ajudava a instalar a fiação elétrica, trabalhando das seis da manhã às seis da tarde. Durante a semana, depois de fazer a lição de casa, eu ia de porta em porta vendendo panelas e tigelas. Um dos nossos vizinhos, que trabalhava em uma fábrica utensílios de aço inoxidável, me ofereceu 25% de todas as vendas que eu conseguisse fechar. Eu levava amostras para as pessoas, junto com um catálogo de preços, explicando que os preços de fábrica eram

mais baixos que nas lojas.

Eu me saí relativamente bem na nova carreira e logo pude comprar uma moto Suzuki 50cc usada para facilitar as entregas. Tinha apenas 16 anos na época. Aos 17, já tinha comprado um velho Ford modelo Cortina, que precisou de uma retificação do motor e uma nova caixa de câmbio.

Minha vida social girava em torno dos *braais* – churrascos –, onde preparávamos carne e peixes dos rios da região. Eu estava me tornando um típico rapaz africânder, imerso na comunidade branca ao meu redor.

Em 1976, quando eu tinha 16 anos, a população branca do país entrou em pânico com a possibilidade de um violento levante negro. Durante dois dias terríveis no distrito negro de Soweto, no coração de Johannesburgo, a polícia matou a tiros mais de cem estudantes negros que se manifestaram contra o sistema educacional racista do país. Muitas crianças morreram, e a violência se intensificou pelo distrito.

Todos se preocupavam com a possibilidade de a revolta se espalhar. Todos nós, os alunos mais velhos, fomos convocados a vigiar a escola à noite, porque os professores acreditavam que os negros tentariam incendiá-la. Nós nos revezávamos na patrulha do pátio da escola juntamente com o diretor e os professores, que empunhavam armas de fogo, prontos para disparar. Apesar da paranoia, a multidão temida não chegou.

Terminada a escola, tive de enfrentar o serviço militar obrigatório nacional. Desde 1967, todos os sul-africanos brancos entre os 17 e 65 anos de idade tinham de ingressar na Força de Defesa Sul-Africana ou na Polícia Sul-Africana. No início, o serviço militar obrigatório durava apenas nove meses, mas, em 1977, devido à intensificação dos combates na Namíbia e em Angola, aumentou para dois anos. Terminado esse período, era preciso servir em um acampamento de fronteira por um mês todo ano durante oito anos.

Tive amigos que morreram em acampamentos militares na fronteira da África do Sul e fui ao funeral deles. Eu não queria morrer como eles e não queria ingressar na força policial, famosa pela brutalidade.

Dois dos meus primos foram enviados a uma prisão militar em Phalaborwa por terem se recusado a ingressar no serviço militar nacional. Eu era muito amigo dos dois. A mãe deles, minha tia, descreveu como eram maltratados, me contando que foram submetidos a trabalhos forçados por cinco anos e receberam o mesmo status que criminosos comuns.

Decidi que a minha melhor opção seria fazer um curso de carcereiro. Quem trabalhasse como carcereiro por pelo menos treze anos não poderia ser convocado pela polícia ou pelas forças armadas, nem forçado a servir nos acampamentos de fronteira anuais. A profissão era considerada um trabalho de classe baixa e mal remunerado, mas assisti à apresentação dos oficiais de recrutamento na nossa escola e decidi que seria a melhor solução para mim. Eu me inscrevi assim que pude e logo fui parar em um presídio de Kroonstad, uma grande cidade ao sul de Johannesburgo, no Estado Livre de Orange.

Fui com um amigo dos tempos de escola que só conseguiu ser admitido devido a uma sequência incrível de circunstâncias. Ele queria muito trabalhar no sistema carcerário,

mas sabia que provavelmente não passaria no exame médico. De alguma forma, consegui convencer o sargento encarregado do recrutamento a dar uma chance ao meu amigo. Fizemos juntos o juramento para começar o treinamento, mas o exame médico se aproximava perigosamente, e eu estava preocupado.

Naquela época estranha e sem lei, o sistema penitenciário conspirou comigo para ajudá-lo a entrar. O médico, que vinha de Worcester, um pouco distante dali, não estava disponível por alguma razão na manhã do exame médico. Seu nome era doutor Brand e, como eu tinha o mesmo sobrenome, me disseram que eu teria de me passar por ele para dar prosseguimento ao processo.

Hoje, sorrio e estremeço ao mesmo tempo quando penso nisso. Tudo o que posso dizer é que muitos candidatos que jamais teriam se qualificado no exame médico tiveram a chance de desfrutar uma longa carreira no sistema prisional. Em comparação com alguns candidatos, meu velho amigo de escola até que não estava tão mal: aprovei um sujeito que era completamente surdo de um ouvido. Outro recruta tinha pálpebras parcialmente paralisadas, de modo que não conseguia manter os olhos abertos por mais de dez segundos.

Apesar da nossa falta de condicionamento físico para o serviço, nosso treinamento em Kroonstad foi extremamente rigoroso, consistindo em três meses de treino, tiro ao alvo com o exército, exercícios físicos extenuantes e estudo do direito penal. Recebíamos 70 rands por mês e tivemos uma amostra bastante desagradável da vida cercada de criminosos embrutecidos.

Ficávamos em alerta constante, com inspeções realizadas quase sem aviso prévio. O alarme soava a qualquer hora do dia ou da noite e nós, recrutas, tínhamos cinco minutos para nos vestir e nos preparar para a inspeção. Poderíamos ser acusados da menor ofensa: um macacão cujas costuras não estivessem perfeitamente alinhadas, uma sujeirinha no chão ou uma cama que não estivesse feita à perfeição. Para enganar o sistema, dormíamos em esteiras no chão de cimento para que as camas nunca precisassem ser arrumadas. Nunca entrávamos calçados no dormitório, porque levava mais de duas horas para polir o chão. Nossos dias começavam às 5 da manhã com uma sessão de duas horas de prática, qualquer que fosse a temperatura, congelante ou sufocante. Mesmo pingando de suor, sentávamos no chão de cimento frio em vez de descansar na cama, para não correr o risco desarrumá-la.

Nas manhãs de inverno, a água congelava nas torneiras, e precisávamos quebrar os blocos de gelo com as mãos, antes de montar uma complexa pistola ou um rifle com os dedos ainda entorpecidos e doloridos.

O treinamento era uma tortura, e estávamos eternamente famintos. Quando éramos designados para limpar o refeitório dos oficiais depois de uma cerimônia, pegávamos todos os restos de pão, levávamos para o dormitório e os devorávamos. Talvez o treinamento fosse concebido para nos dar uma ideia de como os prisioneiros se sentiam ao terem liberdades antes consideradas corriqueiras cassadas.

Às vezes, éramos convocados à noite para inspecionar a prisão em busca facas, drogas e outros objetos ilegais. Não raro integrantes de gangues lutavam até a morte. As

celas ficavam ensanguentadas, e tínhamos de lançar gás lacrimogêneo antes de entrar, acompanhados de cães.

Um dia, um prisioneiro na solitária, um assassino, chamou um recruta que estava comigo e perguntou que horas eram. Quando o recruta mostrou as horas em seu relógio, o prisioneiro imediatamente agarrou seu braço pelas grades e arrancou o relógio. Quando encontramos as chaves para abrir cela, ele já o tinha engolido. Não havia nenhum médico de plantão naquela noite para fazer uma lavagem estomacal nele, então fizemos um relatório, e aquele foi o fim da história.

Vi alguns atos de desespero naquela época. Prisioneiros cortavam os próprios tendões com uma lâmina de barbear para não poderem trabalhar. Outros injetavam Brasso – um polidor de metais –, o que causava gangrena e, com o tempo, levava à amputação das pernas.

Uma vez eclodiu uma briga entre duas gangues. Tentávamos sempre mantê-los afastados, mas um carcereiro cometeu um erro, e as gangues – cerca de trinta homens no total – se encontraram no corredor. Eu estava lá, junto com apenas dois outros carcereiros, sem guardas com cães para nos ajudar. Tocamos nossos apitos e entramos correndo empunhando os cassetetes para evitar um banho de sangue.

Eles nos atacaram usando as canecas de metal da prisão com meias amarradas nas alças. Também arrancaram torneiras do chuveiro e as colocaram dentro das meias. Depois de uma luta intensa, conseguimos prender o menor grupo em uma cela vazia e acalmar a situação.

Mas vimos situações piores. Às vezes, um líder de gangue forçava um dos subordinados a atacar um carcereiro com uma lâmina de barbear. Ele precisava tirar sangue para provar seu valor. Os guardas mais jovens eram o alvo que os prisioneiros almejavam – eles nos distinguiam pelo uniforme de recruta.

Ao final do treinamento, decidi me inscrever para trabalhar na Ilha Robben porque minha família morava na Cidade do Cabo, e aquele era o presídio mais próximo. Eu sabia que era um lugar remoto e hostil, fustigado pelo vento e pelo mar e temido e maldito por todos os que lá estiveram, mas eu acreditava que a vida não poderia ser pior do que em Kroonstad. Eu estava errado.

Assim que me candidatei ao cargo, todos os membros da minha família e meus amigos foram checados pela Divisão Especial. Tive de relatar o nome e endereço dos meus amigos, e todos foram visitados em mais de uma ocasião e questionados sobre seu posicionamento político ou sua filiação a qualquer organização. Nem tive a chance de avisar ninguém que seriam visitados pela Divisão Especial, já que eu mesmo desconhecia esse procedimento. Alguns dos meus amigos acharam que a polícia devia estar me investigando por algum crime grave. De qualquer maneira, como os agentes da Divisão Especial não encontraram nenhum interesse em política na minha vida, fui aceito.

A minha ignorância da história fez de mim um candidato ideal e, quando me avisaram que eu ajudaria a vigiar os criminosos mais perigosos da África do Sul, acreditei. Fui informado de que os prisioneiros que ajudaria a guardar na ilha deviam ter recebido a pena de morte, mas conseguiram escapar, e por isso foram presos na Ilha

Robben, o local mais isolado possível.

Mais tarde, quando conheci Mandela e outros presos políticos, a polícia começou a perguntar aos meus amigos se eu falava sobre ele ou seus companheiros. Também percebi que era seguido e monitorado pela polícia de segurança quando estava de licença na Cidade do Cabo.

Na minha primeira viagem à ilha, partindo de balsa da Cidade do Cabo, o mau tempo tornou o percurso um verdadeiro pesadelo. A balsa era jogada de um lado ao outro com tanta ferocidade que passei o tempo todo vomitando. Minha primeira impressão da ilha foi de um lugar severo e isolado, onde o mar explodia com brutalidade contra as rochas. Quando cheguei, em um dia típico de inverno no Cabo, sob uma violenta ventania e chuva torrencial, parecia tão lúgubre que fiquei admirado com os primeiros holandeses que optaram por desembarcar nela no século 17.

Devíamos ter parecido cordeiros indo para o abate aos olhos dos carcereiros mais experientes que observaram nosso desembarque. Uma das nossas primeiras tarefas foi servir vinho aos sargentos no grande salão. Em seguida, eles nos forçaram a beber a água salobra do poço da ilha, batizada com vinho barato. Quando viram que estávamos embriagados, eles nos amontoaram em uma picape e nos levaram para a parte de trás da ilha. Éramos seis no veículo. Desligaram o motor e nos mandaram sair. Fomos obrigados a empurrar a picape para fazer o motor pegar no tranco e os ouvimos dar a partida e se afastar no veículo, com os veteranos nos xingando e praguejando pela janela.

Estava escuro e chovendo, e não havia iluminação. De volta ao alojamento, eles estavam lá esperando e nos fizeram dar cem voltas correndo para demonstrar nosso condicionamento físico. Estavam muito bêbados. Alguns caíram no meio dos arbustos e ficaram escondidos juntos. Nem nos importávamos com cobras venenosas ou ratos. Estávamos com frio, molhados e exaustos. Eles voltaram para nos procurar, mas voltamos escondidos ao dormitório e passamos a noite no chão, embaixo da cama, e eles desistiram.

Aquela era a ideia dos antigos carcereiros de uma piada cruel, uma iniciação aos costumes da Ilha Robben.

No dia seguinte, o diretor do presídio nos recebeu e se apresentou. Ele disse que trabalharíamos com os maiores assassinos e estupradores no país, piores que os bandidos que encontramos antes e tão perversos que foram sentenciados à prisão perpétua na ilha. Na verdade, os homens que eu deveria guardar não eram estupradores nem assassinos, embora fossem vistos como uma ameaça ainda maior à nação do que qualquer outro tipo de criminoso.

Na nossa primeira manhã, nós, os novos recrutas, fomos divididos e alocados para trabalhar com os carcereiros mais experientes. Fui informado de que ficaria na Seção B, na qual sete dos oito homens conhecidos como os réus do Julgamento de Rivonia eram mantidos. Eu trabalharia com alguns dos prisioneiros mais notórios da África do Sul.

# CAPÍTULO 2

O julgamento no qual Nelson Mandela e outros sete foram acusados de terrorismo e condenados à prisão perpétua foi realizado em Rivonia, um subúrbio de Johannesburgo. O principal esconderijo deles ficava na Fazenda Liliesleaf, em Rivonia, onde vários foram presos. Na ocasião, Mandela já estava em confinamento solitário no Presídio de Pretória, cumprindo uma pena de cinco anos por sair do país sem passaporte e incitar trabalhadores a entrar em greve. Em Rivonia, em junho de 1964, foi considerado culpado de sabotagem e enviado com seis outros condenados à Ilha Robben. O único homem branco condenado, Denis Goldberg, foi enviado ao Presídio Central de Pretória, que tinha uma ala exclusiva para presos políticos brancos.

Antes de ser encarcerado em Pretória, Mandela, se fazendo de jardineiro da fazenda, liderou uma campanha armada para sabotar as tentativas do governo do apartheid de marginalizar, desapropriar e oprimir a população negra. Mandela havia radicalizado seu posicionamento quando ainda estava na faculdade, onde foi ameaçado de expulsão por se envolver em movimentos estudantis, e reconheceu a eficácia da ação das massas quando testemunhou passeatas contra as leis do passe e o aumento dos aluguéis no distrito negro.

A essa altura, Mandela já estava comprometido com o Congresso Nacional Africano (CNA), um partido político fundado em 1912, dedicado unir todos os africanos como um só povo para lutar por sua terra e liberdade. Desde os anos 1950, o CNA vinha organizando uma campanha de oposição, na forma de ações populares de resistência civil, para forçar o governo a acabar com o apartheid. Logo depois do Massacre de Sharpeville, Mandela propôs a criação de um braço militar do CNA para dar continuidade à luta. Diante da brutalidade do apartheid, ele declarou: “Chega o momento na vida de qualquer nação em que restam duas escolhas: submeter-se ou lutar”.

Assim, em 1961, Mandela foi nomeado o primeiro comandante do braço armado do CNA, o Umkhonto we Sizwe – Lança da Nação –, e deu início a uma campanha de sabotagens. Perseguido pela polícia e por agentes do serviço de inteligência, ele entrou na clandestinidade para evitar a captura.

A Fazenda Liliesleaf era o quartel-general secreto de sua equipe, onde trabalhavam em sigilo. No entanto, a polícia de segurança, sempre vigilante, notou seus movimentos e passou a segui-los. Na tarde do dia 11 de julho de 1963, policiais armados chegaram em um furgão de lavanderia e romperam os portões da fazenda. Eles prenderam todos

os que estavam na propriedade e detiveram os outros à medida que iam chegando, um a um. Foi uma ação da qual o governo se gabou como um enorme sucesso na rádio nacional naquela noite. Os principais integrantes do braço armado do CNA tinham sido pegos de surpresa e impedidos de planejar ações subversivas para derrubar o governo do apartheid. Planos detalhados e vários armamentos foram reunidos como provas. Não havia dúvida de que eram culpados.

Percebendo isso e ciente das consequências, só restava a Mandela e seus companheiros usar o julgamento como uma plataforma para sua causa. Ao subir os degraus em direção ao banco dos réus, Mandela voltou-se para a multidão e levantou o punho fechado. “Amandla!”, vociferou, e a resposta de seus partidários foi ensurdecedora.

Mandela se recusou a ser interrogado, preferindo fazer um discurso de quatro horas no banco dos réus explicando quem era e por que ele e seus companheiros se sentiram compelidos a apelar para a violência para derrotar o governo do apartheid. Ele admitiu que o braço militar do CNA, o Umkhonto we Sizwe, tinha realizado atos de sabotagem em prédios públicos, mas ressaltou que sempre tentavam evitar vítimas. Mandela também declarou que esperava dedicar a vida ao seu ideal de uma nação livre para todos os sul-africanos, mas que, se necessário, estava preparado para morrer pela causa. Seus advogados o desaconselharam a fazer essa declaração, acreditando que poderia ser vista como um convite à execução.

Alan Paton, o renomado autor de *Cry, the Beloved Country*, também se apresentou para discursar na esperança de atenuar a situação. Ele implorou clemência, argumentando ao juiz que poupar Mandela e seus companheiros seria o único caminho para o futuro da África do Sul.

Na verdade, os réus já tinham perdido as esperanças e aguardavam a pena de morte pela longa lista de infrações, que incluía conspirar para derrubar o governo, obter fundos do exterior para financiar a revolução, adquirir armamentos e munição, recrutar pessoas para a luta de guerrilha e incitar unidades militares estrangeiras a invadir e sabotar instalações do governo. Todos os julgados concordaram em enfrentar o carrasco se fossem condenados à morte, em vez de entrar com um recurso.

Assim, quando as sentenças de prisão perpétua foram pronunciadas na sala do tribunal abarrotada e no mais completo silêncio, um dos companheiros de Mandela, Denis Goldberg, bradou: “Prisão perpétua! Que maravilha!”.

Mandela e os outros líderes do CNA foram transferidos à Ilha Robben, onde eram chamados de os “rivonianos”. Mandela passaria os próximos 27 anos na prisão, 18 deles na ilha.

Durante meu treinamento para o serviço prisional, me familiarizei com o tipo de criminosos que costumavam integrar ganges, com cicatrizes faciais e tatuagens. Quando fui enviado à Seção B da Ilha Robben, onde Nelson Mandela e os outros estavam detidos, fiquei intrigado com a aparência e o modo tranquilo deles.

Perguntei ao sargento encarregado: “Por que esses criminosos estão aqui?”.

Ele me informou que não eram criminosos comuns, mas sim terroristas que tentavam

subverter o nosso país.

Ele contou que não roubariam nada de nós. Dava para deixar dinheiro ou comida em cima de uma mesa com a porta aberta, e eles jamais pegariam nada. Só estavam famintos por notícias, ele disse, já que não recebiam jornais nem informação sobre os acontecimentos no mundo lá fora.

Ele me assegurou que não eram criminosos embrutecidos, dispostos a assassinar, estuprar ou ferir. Mas, mesmo assim, estavam decididos a destruir a nossa vida, a eliminar os brancos e assumir o governo.

Passei diligentemente a odiar aqueles homens. Decidi apenas fazer o meu trabalho, trancando os prisioneiros nas celas e minimizando, na medida do possível, o contato com eles.

No entanto, quando cheguei à seção, os prisioneiros, homens mais velhos, se levantaram para nos receber. Eu nunca tinha ouvido falar de Mandela até então. Olhei para todos aqueles homens e não vi tatuagens, nenhuma marca das infames gangues de prisioneiros 26s ou 28s<sup>[1]</sup>. Passei pela celas e perguntei a um sargento se tinha medo deles.

Ele respondeu: “Não, eles não fazem mal a ninguém. São tranquilos, vão passar a vida inteira aqui”.

Ele me contou sobre o Julgamento de Rivonia, mas aquilo não significava nada para mim. No que me dizia respeito, não passavam de terroristas encarcerados. Eu sabia muito pouco sobre suas convicções políticas.

No entanto, percebi como eram disciplinados com seus estudos, com a limpeza do ambiente, muito diferente de uma prisão de criminosos comuns, onde tudo é sujo. Tudo era organizado, e as celas, limpas.

Também me surpreendi quando o primeiro dos rivonianos, Andrew Mlangeni, me cumprimentou em africânder. Fiquei perplexo tanto com a saudação quanto com o fato de ele usar a nossa língua. Mesmo assim, éramos estritamente proibidos de socializar com os prisioneiros, de modo que passei um bom tempo só ouvindo os cumprimentos cordiais e as breves conversas sobre cartas e visitas. Eu não conversava com eles.

Então, um dia, tive de acompanhar Mandela ao centro de visitantes, a cerca de 300 metros de distância. Era a primeira vez que o via sozinho. Ele era um homem tranquilo, altivo, com um porte imponente, alto, esguio, em forma – devido a seu regime de exercícios físicos diários – e imaculado em seu uniforme de presidiário.

Fiquei muito surpreso quando ele não tentou conversar sobre política comigo nem me perguntou sobre o mundo lá fora. Tudo o que quis saber foi de onde eu vinha, se meus pais ainda estavam vivos e se tinha irmãos.

Ele dizia: “Ah, que bom...” quando eu contava sobre a minha criação. Ficou feliz em saber que eu tinha uma família unida. Contei que cresci em um sítio sem saber muito sobre a cidade, mas que tínhamos nos mudado para a cidade, e meu pai trabalhava na ferrovia.

Aquela foi a primeira vez que conversamos. Na Seção B, não era permitido conversar com os prisioneiros. Aquela conversa só foi possível porque ele andava um pouco à

minha frente, e ninguém podia nos ouvir a céu aberto.

Continuamos conversando enquanto caminhávamos. Ele me perguntou se eu praticava algum esporte, e respondi que corria e gostava de jogar badminton. Ele sorria e concordava com a cabeça, dizendo que exercícios físicos fazem bem para a saúde e eram bons para levantar o moral. Então me perguntou se eu estudava. Expliquei que estava estudando os procedimentos penais do serviço carcerário para conseguir uma promoção.

Mandela tinha um jeito paternal, interessado. Ele me pediu para, por favor, mandar lembranças suas aos meus pais na próxima vez que os visse. Também me perguntou sobre namoradas, ao que respondi que, sim, tinha tido algumas. Ele pareceu desaprovar e me aconselhou a parar de namorar e escolher a mulher certa. Depois da visita, na volta para a Seção B, Mandela me agradeceu pela agradável conversa e disse que esperava poder voltar a conversar outro dia, quando estivéssemos sozinhos.

Aquela primeira conversa foi uma revelação para mim. Tudo o que eu sabia sobre Mandela até então dizia respeito a levantes, atos de sabotagem envolvendo bombas e incêndios e tentativas de derrubar o governo. E lá estava ele, falando descontraidamente sobre a minha família e outras questões pessoais. Ele parecia interessado de verdade – uma experiência nova para mim, aquele interesse por mim como uma pessoa, e não apenas como um carcereiro. Era impossível não se encantar com ele, um poderoso líder diante de uma vida inteira de trabalhos forçados e isolamento, aparentemente sem nenhum sentimento de amargura ou raiva.

Eu era um dos quatro guardas que tinham contato diário com Mandela. Tentávamos mantê-lo ocupado. Durante todo o tempo em que ficou na Ilha Robben, eu tentava tratá-lo como os outros presos, mas, quando ficava a sós com ele, sempre dava um jeito de conversar. Em me pegava ouvindo o que ele tinha a dizer e desenvolvendo um respeito cada vez maior por seus pontos de vista. Aos poucos, meu envolvimento com ele foi se intensificando. Eu tinha como flexibilizar as regras, um pouquinho aqui, um pouquinho acolá, para facilitar sua vida, mas precisava ser cauteloso. Eu sabia que tudo o que acontecia na ilha era monitorado e comunicado.

Eu já tinha aprendido a não contar nada à minha família sobre o meu trabalho. Em uma ocasião, eu estava em casa, no meu primeiro fim de semana de folga depois de três meses de trabalho, e recebemos a visita de um tio meu. Ele perguntou se eu tinha visto um homem chamado Nelson Mandela. Respondi que ele não passava de mais um prisioneiro do presídio e que não podia revelar nenhum detalhe. Meu tio explicou que perguntava porque queria saber se Mandela não teria morrido há muito tempo. Na África do Sul, ninguém ouviu nenhuma notícia dele depois que foi condenado à prisão perpétua em 1964. As autoridades tinham conseguido fazê-lo desaparecer por completo. A última coisa que o governo queria era ver as ideias revolucionárias de Mandela se enraizando entre a maioria negra.

Da mesma forma, se houvesse alguma cerimônia na ilha com a presença de pessoas de fora, os convidados perguntavam sobre Mandela, e não revelávamos nada. Uma noite, um carcereiro embriagado se pôs a falar sobre Mandela e, no dia seguinte, foi

transferido para longe dos rivonianos por quatro anos. Foi duro para nós, porque precisávamos dele, o único que sabia falar xhosa.

Na verdade, a questão linguística foi uma das razões pelas quais fui escolhido para o trabalho. Eu fazia parte de um grupo de jovens carcereiros que foram enviados à ilha por ter um bom nível educacional e por saber falar inglês – que os prisioneiros entendiam –, além do africânder. Éramos 21 guardas, um contingente maior que o normal, porque os critérios para os carcereiros tinham sido alterados fazia pouco tempo. Antes de nós, os novos recrutas eram selecionados para trabalhar na Ilha Robben pelo porte físico, necessário para subjugar, intimidar e aterrorizar os prisioneiros. No entanto, eles não conseguiam se comunicar bem, porque só falavam africânder, e muitas vezes os prisioneiros não conseguiam entender as instruções.

Entretanto, apesar de termos sido escolhidos devido às nossas habilidades de comunicação, qualquer branco que se aproximasse demais dos negros ficava automaticamente sob suspeita.

Um dia, três de nós – os carcereiros Smuts, Terreblanche e eu – fomos chamados para o escritório do presídio para sermos questionados por alguns representantes do governo. Ficamos nervosos, pressentindo problemas.

O comandante do presídio queria saber o que achávamos de trabalhar com Mandela. Smuts foi chamado primeiro e foi solicitado a dar sua opinião sobre Mandela. Depois ele me contou o que respondeu: “Mandela é um político. Ele é um homem da política, lutando pelo seu povo”.

Os agentes do governo ficaram transtornados com a resposta e o proibiram de trabalhar na Seção B. Eles praticamente o chutaram para fora do escritório. Smuts me contou isso enquanto Terreblanche estava sendo interrogado, de modo que, quando chegou a minha vez, eu já estava preparado para a pergunta.

Como era de se esperar, quando entrei no escritório, logo quiseram saber o que eu achava de Mandela. Apenas dei de ombros despreocupadamente e disse: “Ah, acho que o Mandela devia ter sido enforcado naquela época. Ele só dificulta a nossa vida e faz reclamações desnecessárias. Acho que nem deveria estar aqui”.

Gostaram da resposta e me disseram para continuar com o bom trabalho. Disseram que eu não deveria entrar em conflito com os prisioneiros, e só fazer o meu trabalho de acordo com as regras. Para trabalhar na Seção B era importante não ter nenhuma motivação política.

Minha recompensa pelas respostas perfeitas às perguntas dos representantes do governo foi ser transferido ao Gabinete do Censor, onde, ironicamente, eu viria a saber mais sobre Mandela e seus colegas supostamente perigosíssimos e conhecer o lado humano deles. Em vez de descobrir seus terríveis segredos, eu estava apenas aprendendo a respeitá-los ainda mais. O governo havia negligenciado os efeitos do isolamento em um pequeno grupo de homens como o nosso, com carcereiros e prisioneiros igualmente incapazes de fugir. Ironicamente, o resultado foi que passamos a valorizar mais o nosso relacionamento com os prisioneiros.

Foram as pequenas relações humanas que criaram os primeiros laços entre nós. Eu

costumava observar Mandela trabalhando em sua pequena horta, onde plantava cebolas, tomates, espinafre e berinjelas. A água do poço da ilha era ácida demais, e ele costumava deixar baldes para coletar água da chuva para regar a horta. Foi o modo como cuidava de suas plantas e se refugiava em sua horta que instigou meu interesse por ele. Ele me contou que também vinha de uma comunidade agrícola, e, de repente, me vi conversando com ele sobre como proteger suas plantas de insetos e dos terríveis ventos vindos do sudeste para assolar a Cidade do Cabo e a ilha. Eu lhe trouxe algumas redes, e juntos encontramos maneiras de proteger suas plantas mais frágeis do clima rigoroso.

Como não se interessar por um homem tão ativo e humilde, disposto a acatar ordens de um adolescente para ficar de joelhos e limpar excrementos de pombos no corredor que ficava atrás de sua cela?

“Senhor Brand”, ele me disse, “os excrementos vão dar um bom adubo para a minha horta. Fico feliz em fazer isso”.

Em outra ocasião, ele estava em uma consulta jurídica com uma jovem advogada indiana, Priscilla Jana. Eu estava sentado do lado de fora da sala, como vigia. De acordo com os regulamentos, os prisioneiros podiam consultar seus advogados sem um carcereiro presente, mas, naturalmente, todas as salas tinham escutas de qualquer maneira.

Dessa vez, olhei pela pequena janela para verificar se estava tudo bem e vi que a senhorita Jana tinha dado a volta para sentar ao lado de Mandela. Entrei para dizer que aquilo não era permitido e vi que ela lhe entregou alguns chocolates. Tive de tomar os chocolates, e ela ficou furiosa, esbravejando comigo. Disse que ficaria com os chocolates e os devolveria a ela na saída da prisão.

Mandela pediu para ela se acalmar, dizendo: “Este homem só está fazendo o trabalho dele. Ele sabe o que está fazendo. Posso viver sem chocolate”.

Ele estava me protegendo e sabia como as coisas funcionavam. Talvez desconfiasse que eu ficaria com alguns dos chocolates para lhe dar mais tarde, sem o conhecimento da advogada. Era melhor que ninguém soubesse que as regras estavam sendo violadas.

Se eu fosse demitido ou transferido, Mandela perderia um aliado na prisão. E, àquela altura, já tínhamos um pequeno histórico de segredos entre nós, selando um entendimento mútuo – só algumas coisas que fiz, flexibilizando as regras aqui e ali para facilitar um pouco a vida dele.

Então, houve um incidente em que corri um risco tão grande, e consegui algo que lhe era tão caro, que formamos um vínculo para a vida toda.

Num dia chuvoso de inverno, com o vento uivando pela ilha, Winnie, a bela esposa de Mandela, veio visitá-lo. Ela tinha sido banida sob a Lei de Supressão do Terrorismo (Suppression of Terrorism Act), forçada a deixar Johannesburg e viver a centenas de quilômetros dali, em uma área de africanos brancos chamada Brandfort, no Estado Livre de Orange. Por muitos anos, só tinha recebido autorização para fazer visitas muito limitadas à prisão – só uma visita de trinta minutos no primeiro ano de Mandela na ilha –, apesar de as autorizações terem sido aos poucos flexibilizadas ao longo dos anos.

Então, para conseguir ver o marido por trinta breves minutos uma vez a cada três meses, ela precisava receber um convite dele, requisitar uma licença para entrar no presídio e obter um carimbo dos magistrados locais.

A maioria dos visitantes se reunia em um grande grupo e ia junta à Cidade do Cabo, às vezes viajando durante a noite para pernoitar na Cowley House, um alojamento financiado por instituições de caridade, criado para abrigar as famílias dos prisioneiros que, de lá, poderiam viajar para visitar seus entes queridos. Depois da visita, voltavam de balsa à Cidade do Cabo e passavam outra noite no alojamento, trocando notícias e desfrutando a amizade de outras pessoas em situação similar.

As condições de Winnie, contudo, eram diferentes. Ela vivia sob um toque de recolher rigorosamente monitorado e só podia sair de casa entre as 6 da manhã e as 6 da tarde. Assim, pegava um avião para a Cidade do Cabo, sozinha, embarcava na balsa para a Ilha Robben e tomava outro voo de volta. Devido ao status do marido, sempre havia um grande número de jornalistas no ponto de embarque da balsa para vê-la partir e voltar. Eles estavam famintos por notícias de Mandela, apesar de ser proibido publicar qualquer coisa sobre ele ou seus colegas rivonianos na África do Sul. Seus simpatizantes na Inglaterra e na América sabiam muito mais sobre os anos de Mandela na prisão que qualquer um de seus partidários sul-africanos.

No dia da visita de Winnie, enquanto os agentes carcerários brancos acompanhados da família entravam na balsa – a *Susan Kruger*, batizada em homenagem à esposa do ministro dos Serviços Prisionais, Jimmy Kruger –, os visitantes negros, como sempre, eram obrigados a se acomodar no convés superior, expostos ao vento e à chuva, ou então no porão do navio, gelado e escuro. Winnie levou um enorme cobertor para se abrigar do frio e do vento, sabendo que a viagem de 45 minutos seria infernal.

No entanto, o cobertor também tinha outro propósito. Só a sua bolsa tinha sido inspecionada no escritório de embarque da Cidade do Cabo, e ninguém verificou o cobertor.

Quando ela chegou à Ilha Robben, eu estava lá para recebê-la e os outros visitantes. Acompanhei o grupo a pé e, quando chegamos ao centro de visitantes, a vi tirar o cobertor. Fiquei surpreso ao ver que havia um bebê escondido. Era Zoleka Mandela, filha de Zindzi, que era filha de Nelson e Winnie Mandela.

Aquela era uma grave violação das regras. Os presos políticos não tinham permissão para receber visitas dos próprios filhos e não podiam nem olhar os filhos dos carcereiros, cuja família morava na ilha: uma regra particularmente cruel que determinava que não podiam colocar os olhos em nenhuma criança com menos de 16 anos por toda a duração de sua pena.

O acadêmico Neville Alexander, prisioneiro e integrante do CNA, relatou que só ouviu a voz de uma criança uma vez nos dez anos em que esteve preso na Ilha Robben. Ele escreveu: “Nós todos ficamos absolutamente parados, aguardando o momento em que poderíamos ter um vislumbre da criança. E, é claro, isso não era permitido”. Outro prisioneiro, Patrick Lekota, que viria a se tornar o ministro da Defesa, escreveu à filha sobre o terror da diante possibilidade de morrer na Ilha Robben sem nunca mais ter

nenhum contato com um filho.

Mandela me contou que, quando trabalhava na pedreira de calcário, às vezes ouvia o som distante dos filhos dos guardas brincando nos arbustos próximos. “Nós parávamos imediatamente, na tentativa de apreciar o momento”, ele relatou. “Mas os guardas vinham gritando e nos forçando a voltar a quebrar pedras.”

Agora eu estava diante daquela extraordinária situação. Winnie estendeu o bebê para mim. Que diabos eu deveria fazer?

Eu disse: “Senhora Mandela, a senhora deve deixar o bebê com os outros visitantes na sala de espera enquanto visita seu marido”.

Embora fosse uma lutadora e, de muitas maneiras, cumprisse a própria sentença deplorável sob o assédio constante da polícia do apartheid, Winnie sabia que não adiantava lutar contra as regras do presídio. Ela poderia ser terminantemente proibida de visitar o marido. Assim, entrou sozinha na cabine de visitantes. Ela e Mandela, como sempre, se cumprimentaram da maneira mais carinhosa possível, colocando a mão sobre o painel de vidro que os separava.

Fiquei sentado atrás de Mandela, ouvindo a conversa pelo telefone dos carcereiros. Vi o rosto dele quando ela contou que tinha trazido Zoleka, a neta de 4 meses de idade, e que de alguma forma tinha conseguido levá-la até a prisão. Ele olhou para mim, que estava atrás dele supervisionando a visita.

“Por favor, senhor Brand”, ele pediu. “Seria possível ver o bebê? Por favor, deixe-me ver a criança”.

Eu disse que era impossível, que perderia meu emprego. Depois de alguns minutos, um subtenente entrou pelo corredor. Mandela insistiu, suplicando aos dois. Mas lhe dissemos que era contra as regras, que não tínhamos como permitir.

Ele implorou mais uma vez, sugerindo que o deixássemos ver a esposa saindo com a criança. Respondemos: “Não, é impossível”. Nesse ponto, eu e o subtenente já estávamos trocando olhares. Foi um daqueles momentos em que o coração dizia que a coisa mais humana a fazer era encontrar uma maneira de contornar a crueldade.

Ao final da visita, instruí Mandela a ficar na cabine e disse que chamaria sua esposa de volta para solicitar uma autorização de visita de Natal. Eu sabia que os microfones estavam desligados, então fui até Winnie, que estava na sala de espera com o bebê no colo. Ela tirou 200 rands da bolsa, uma pequena fortuna e muito mais que o meu salário mensal. Ela pediu: “Por favor, senhor, por favor, senhor Brand, deixe meu marido ver o bebê por alguns segundos”.

Eu lhe disse: “Minha senhora, não posso aceitar seu dinheiro. Guarde-o, por favor. Esta é uma situação terrível para nós dois, mas a senhora precisa entender que não posso ajudá-la. Sinto muito”. Ela pareceu abatida, mas prossegui: “Senhora, será que eu poderia, por favor, segurar um pouco o bebê? Nunca peguei uma criança africana no colo”. Foi a única coisa que me ocorreu naquele momento.

Expliquei que ela poderia voltar para falar com o marido sobre a solicitação de uma licença de visita natalina. Eu a conduzi às pressas de volta à cabine e fechei em silêncio a porta que dava para o corredor.

A janela diante de Mandela também estava fechada, então fui pelo corredor para o lado dele da cabine e lhe estendi a menina. Ele a segurou e só disse “Ah”, enquanto lágrimas escorriam pelo seu rosto ao beijar o bebê. Nós dois ficamos em silêncio e, depois de cerca de 30 segundos, ele sabia que precisava me entregar o bebê.

Nenhum de nós dois disse uma palavra, mas sabíamos que ninguém poderia saber daquilo, nem mesmo sua esposa.

Quando retornei a Winnie com o bebê, ela voltou a implorar. “Por favor, senhor Brand, só me deixe mostrar a criança e ele por um momento”.

Recusei o pedido com firmeza e me afastei. Não era seguro que ela soubesse o que eu tinha feito. Meu emprego estava em perigo, e os privilégios de Mandela teriam sido suspensos se alguém soubesse da violação das normas.

Os jornalistas estavam à espera de Winnie quando ela chegou à Cidade do Cabo na balsa, e ela relatou a nossa crueldade. Tinha conseguido levar a neta escondida, mas não a deixaram mostrar o bebê ao marido, nem à distância.

No caminho de volta à cela, Mandela caminhou perto o suficiente de mim para dizer: “Obrigado, senhor Brand. Sei que pode perder o emprego por isso. Este será o nosso segredo, ficará só entre nós”. Mais tarde, fui chamado ao escritório do presídio para explicar como um bebê tinha sido levado à ilha. Expliquei que não deixei Mandela ver o bebê e tive de escrever um relatório para o escritório central em Pretória informando o incidente, e um segundo relatório para a polícia de segurança garantindo que aquilo não voltaria a acontecer, que nenhum outro bebê entraria na ilha.

Aquele momento entre nós, aquele entendimento silencioso de homem para homem, foi de enorme importância para ele. Nós nos tornamos eternos aliados sem jamais nos referir àquele dia durante todo o tempo em que ele passou na prisão.

# CAPÍTULO 3

**A** Ilha Robben é um marco inconfundível, visto de qualquer ponto da Cidade do Cabo. Ela pode ser avistada das praias glamorosas e shopping centers sofisticados, dos picos espetaculares sobre a cordilheira da Table Mountain – também chamada de Montanha da Mesa – e de muitos outros pontos ao longo da orla do Oceano Atlântico. Depois do anoitecer, o único feixe de luz do farol da ilha surge como um borrão iluminado no mar agitado, visível a quilômetros de distância. A ilha fica no inóspito Oceano Atlântico, a sete quilômetros do continente, um monumento deplorável aos séculos de sofrimento que testemunhou.

A ilha, um plano oval de cerca de onze quilômetros de diâmetro, foi uma colônia de leprosos, onde os desventurados eram enviados para morrer. Mais tarde, foi uma estação de quarentena de animais doentes. Mas seu propósito natural, dado por Deus, sem dúvida foi o de uma prisão. Um local de baixa altitude, varrido pelo vento, de onde era possível avistar o continente, como um lembrete constante de tudo o que se estava perdendo, mas do qual a fuga era praticamente impossível.

No final do século 19, os ancestrais do próprio Mandela, um grupo de líderes xhosa, foram presos lá pelos britânicos após os conflitos que se seguiram à expulsão, pelos colonos, de vinte mil membros tribais do Cabo Oriental. O líder deles, o chefe Maqoma, morreu na Ilha Robben, e muitos de seus descendentes promoveram campanhas para que a ilha fosse rebatizada em sua homenagem. Em um dia de clima implacável, é quase possível ouvir os lamentos dos fantasmas.

Ondas violentas golpeiam constantemente sua orla, cenário de muitos naufrágios. No fim do século 17, um galeão holandês de três mastros, o *Dageraad*, levando moedas de ouro à Indonésia para pagar os funcionários da Companhia Holandesa das Índias Orientais, naufragou ali sem deixar rastros e permanece inacessível até hoje. De um tesouro composto de dezessete arcas de ouro no valor de dezenas de milhões de libras, apenas algumas moedas foram varridas à terra, com alguns poucos ducados e peças de prata espanholas encontrados em piscinas naturais.

Ironicamente, o isolamento faz da Ilha Robben um refúgio seguro e protegido para mais de cem espécies de aves, entre elas pinguins africanos e colônias reprodutivas de aves marinhas, como os corvos-marinhos, as gaivinas-de-bico-vermelho e os savacus que circundam a orla.

O mais sinistro são as três pedreiras. A própria prisão de segurança máxima da Ilha Robben foi construída com a ardósia preta-acinzentada extraída pelos primeiros

detentos. Uma pedreira no lado leste da ilha foi onde os primeiros colonos holandeses forçaram seus escravos a extrair a ardósia usada para construir o castelo da Cidade do Cabo. Atualmente, uma placa celebra o trabalho deles.

A pedreira de calcário, que quase custou a Nelson Mandela sua visão e sua saúde em geral, fica no centro da ilha. Durante treze anos, ele quebrou as rochas dos profundos penhascos todos os dias, com a pedra calcária branca refletindo diretamente a luz solar. O implacável vento sudeste levantava nuvens asfixiantes de poeira, queimando os olhos dos prisioneiros e entrando por suas vias respiratórias. Todas as manhãs, os detentos percorriam o trajeto de 500 metros até a pedreira acompanhados de guardas com cães e carcereiros armados. Lá, eram forçados a quebrar rochas e misturá-las com conchas para serem utilizadas na construção de estradas pela ilha.

Os prisioneiros não tinham permissão de usar óculos de sol, de forma que tentavam se proteger do ofuscamento com chapéus improvisados feitos de rede e arame dobrado. A visão de Mandela nunca se recuperou totalmente, e os colírios ajudavam pouco. Depois de ser libertado, ele impôs rigorosamente a regra de jamais ser fotografado com flash.

Quando fui trabalhar na Ilha Robben, os mais velhos, como Mandela, tinham conseguido reivindicar a licença de não trabalhar mais ao ar livre depois dos 60 anos de idade, mas recordavam com amargor a labuta na pedreira. Mandela me contou sobre o horrendo trabalho forçado na pedreira e os horrores um pouco menos rigorosos de sua atribuição posterior colhendo *kelp* – algas marinhas do Cabo – no mar e nas praias para ser processado e exportado como fertilizante. Em africânder, chamávamos aquelas algas de *bambous*.

Ele contou que, apesar de tudo, o trabalho na praia tinha suas vantagens. Havia poucos oficiais por perto, e os guardas ficavam mais à vontade. Às vezes, podiam montar armadilhas para capturar coelhos e galinhas-d'angola. Eles acendiam uma fogueira lá mesmo e comiam a caça. Também podiam pegar lapas – uma espécie de marisco – nas rochas e às vezes os comiam crus.

Outras pequenas transgressões também tinham lugar nas áreas mais descontraídas da praia. Um dia, ao trabalhar com o *kelp* na praia do norte, eles combinaram que dois prisioneiros entrariam na água para pegar lagostins, enquanto um carcereiro vigiava o resto do grupo. Depois, prisioneiros e guardas acenderam juntos uma fogueira, cozinham e comeram os lagostins. Esse tipo de confraternização seria alvo de enorme desaprovação por parte das autoridades. Era uma pequena desobediência conspiratória às regras.

Outro dia, os prisioneiros encontraram uma foca na praia e imediatamente viram no animal uma rara fonte de carne. Eles a mataram com uma pá, e um dos guardas emprestou a faca para esfolar e limpar o animal, contanto que os prisioneiros dividissem a carne com os guardas. Fizeram uma fogueira ali mesmo na praia e assaram a foca. A carne vermelha era macia, Mandela me contou. Tinha gosto de cordeiro, até onde conseguia se lembrar do sabor de qualquer tipo de carne. Eles prepararam a carne e a comeram em um pequeno grupo ao lado dos carcereiros e imaginaram os churrascos que gostariam de fazer caso um dia voltassem para casa. Todos acreditavam que um dia

estariam fora da prisão e poderiam voltar a viver.

Eu sorria com melancolia ao ouvi-los falar do futuro. Eles ficariam presos para sempre e jamais voltariam a ter uma vida de verdade. Os presos políticos jamais recebiam redução da pena por bom comportamento e não podiam candidatar-se à liberdade condicional. Teriam de cumprir a sentença integral. Mandela tinha sido sentenciado à prisão perpétua, e ele e seus companheiros, o Alto Comando do CNA banido, já estavam velhos.

Eu costumava lhe dizer: “Por que você não relaxa e facilita um pouco a sua vida? Você não precisa desperdiçar seu dinheiro enviando encomendas postais para comprar livros e fazer cursos universitários, estudando para uma futura carreira. Sua vida é agora. É isso. Por que não ler os livros da biblioteca da prisão em vez de gastar tanta energia com todos esses exames?”.

Era verdade: Mandela se consumia nos estudos e usou cada minuto livre para aprofundar seu conhecimento. Ele acreditava que a educação era, em suas palavras, “o futuro do nosso país” e chegava até a aconselhar que nós, os guardas, deveríamos estudar. Na opinião dele, se você tiver educação, se tiver diplomas, se tiver conhecimento – mesmo que seja sobre mecânica de motores –, ninguém pode lhe tirar isso enquanto estiver vivo. Ele queria que tivéssemos uma carreira, que fôssemos pensadores, que melhorássemos a vida para nós e para a nossa família. Ele nos levou a pensar sobre isso em grande parte pelo próprio exemplo.

Ele pressionava seus companheiros a estudar, e seu grande sonho era que a Ilha Robben um dia tivesse sua própria universidade. Muitos prisioneiros começaram a estudar com os carcereiros sem o conhecimento das autoridades e trocavam livros entre si. Nós trabalhávamos bem juntos, e cheguei a ver prisioneiros ajudando guardas a fazer a lição de casa.

O mantra de Mandela para os companheiros cativos era que “os seus anos de encarceramento passarão mais rápido se você se aprimorar pela educação”. Dessa forma, ele dizia, quando todos saíssem da prisão, sairiam com um nível mais elevado de instrução e se qualificariam para um trabalho melhor.

As oportunidades de educação para os negros do lado de fora do presídio eram extremamente limitadas, ele dizia. Se você estudasse na prisão, poderia manter a mente alerta e evitar problemas. Por meio de seus argumentos persuasivos, ele converteu alguns dos companheiros menos instruídos em grandes pensadores detentores de diplomas. Entre os prisioneiros havia médicos, acadêmicos e professores, e todos se ajudavam. Era como uma universidade informal onde os homens instruíam uns aos outros.

No entanto, Mandela enfrentou muita oposição para estudar. Ele precisava levantar fundos para comprar livros e se matricular em cursos universitários por correspondência. Ele marcava uma consulta com um advogado e entregava uma lista dos nomes das pessoas que precisavam de financiamento. O dinheiro era doado pela igreja e por instituições de caridade, pelo South African Educational Trust e por simpatizantes fora da prisão. O governo tentou impedir a prática estipulando que o

dinheiro só poderia ser enviado pela família dos prisioneiros.

O próprio Mandela estava decidido a aprender africânder e fazer suas provas naquele idioma. Ele acreditava que isso lhe daria uma vantagem. Já tinha recebido, em 1964, um certificado de africânder-holandês, mas queria avançar nos estudos, de modo que se inscreveu todos os anos para fazer os exames escritos. Infelizmente, ele reprovou em africânder todas as vezes. Comecei a ajudá-lo, sempre conversando com ele em africânder e lendo seu “dever de casa” antes de ser enviado a uma escola do continente, que enviava os textos de volta com os erros sublinhados em vermelho. Naturalmente, os professores não faziam ideia de que estavam corrigindo as redações de Nelson Mandela.

Sua primeira tarefa foi escrever uma redação sobre um dia na praia. Então ele escreveu sobre um dia de trabalho na Ilha Robben, no qual colheu algas marinhas, as limpou nas rochas, as pendurou em grades para secar antes de serem picadas, ensacadas e exportadas como fertilizante. Naquele dia específico, ele tinha escorregado nas pedras afiadas, resultando num grave corte no pé.

Tive de lhe devolver a redação e sugeri que a reescrevesse. Estava extensa demais. Ele só podia escrever entre 450 e 500 palavras, e eu lhe disse que ele precisaria encurtá-la. Não conversamos sobre seu dia na praia.

Depois de um ano conversando comigo só em africânder, ele finalmente passou no exame. Foi uma vitória que claramente lhe deu um enorme prazer.

Antes de eu chegar, Mandela tinha travado uma longa e árdua batalha pelo direito de estudar na prisão, escrevendo continuamente ao ministro da Justiça até as autoridades permitirem o estudo de determinadas áreas. Ciências políticas e história militar foram, naturalmente, proibidas, e Mandela foi advertido que, se insistisse em estudar Direito, seria uma perda de tempo para ele. Houve várias tentativas de dissuadi-lo da advocacia quando esteve na prisão, mas ele persistiu e venceu. Ele e seu colega ativista Oliver Tambo – o líder do CNA desde 1967 – representaram centenas de réus negros na época em que trabalharam juntos em um escritório de advocacia de Johannesburg, e Mandela sonhava em um dia voltar a atuar como advogado.

Tambo estava vivendo na Zâmbia, liderando o CNA no exílio. Para muitos rivonianos, ele era a única esperança do movimento, mantendo viva a organização até que estivesse pronta para assumir ao poder na África do Sul. No entanto, ele e outros presos políticos não tinham permissão de serem mencionados em público no país, e a voz deles não podia ser ouvida. O governo esperava que o CNA, privado do oxigênio da notoriedade, definhasse e morresse sem alardes.

Mandela, por sua vez, se inscrevia obsessivamente na Unisa, a Universidade da África do Sul, para fazer cursos por correspondência, e todos os presos políticos da Seção B fizeram o mesmo. Às vezes, eu ia ao continente e passava horas sentado no escritório da Unisa esperando para inscrevê-los. Também tive de comprar, em livrarias aprovadas pelo governo na Cidade do Cabo, os livros de que todos precisavam para estudar.

Mandela valorizava com extrema convicção o direito à educação. A privação desse direito tinha sido usada contra ele antes de eu começar a trabalhar na ilha. Tinha perdido seus privilégios de estudar por quatro anos, quando o manuscrito original de

sua autobiografia *Longa Caminhada até a Liberdade* foi encontrado escondido em latas de cacau enterradas em sua horta. A punição foi a mais severa que os oficiais do governo puderam conceber.

Agora ele precisava de mais tempo para passar nos exames e se voltava à Unisa. Mandela se ocupava todos os dias inscrevendo-se para alguma coisa ou exigindo mais cobertores, uma comida melhor ou mais visitas. Sua política era se fazer notar, e a seus companheiros, para que se mantivessem vivos e alertas.

Era impressionante ver como todos aqueles senhores levavam a sério seu aprimoramento pessoal, sem desistir jamais. Mesmo quando reprovavam nos exames, eles se matriculavam de novo ou pediam uma nova correção das provas. Ocasionalmente, uma das provas de Mandela voltava a ser corrigida, e ele conseguia passar. Ele não era um estudante nato e admitiu para mim que a idade dificultava os estudos.

Aos poucos fui entendendo a causa pela qual ele e seus companheiros lutavam, arriscavam a vida, abriam mão da liberdade. Era impossível não notar a diferença que Mandela tinha feito quando eu estava lá fora, no mundo “real”. Vivíamos em um Estado policial, desprovidos da liberdade de expressão, mas volta e meia eu via algumas pichações na Cidade do Cabo antes de serem removidas pelas autoridades. Sempre as mesmas palavras, “Libertem Nelson Mandela”, pintadas em alguma ponte ou algum muro. As pessoas de toda a África do Sul pensavam nele. As pessoas do mundo todo pensavam nele.

E quando levávamos ele e seu grupo uma vez por semana para um período de lazer fora das instalações do presídio, ocasião em que passavam apenas uma hora jogando bola na pista de pouso abandonada, ouvíamos centenas de outros prisioneiros clamando por ele. “Amandla! Amandla!” Nós os ouvíamos gritando e cantando, embora dificilmente pudessem reconhecer seus líderes a 200 metros de distância. Nunca viam Mandela pessoalmente. Mesmo assim, ficavam histéricos só de vê-lo à distância.

Mandela não podia responder ao cumprimento e só dava um leve meneio de cabeça na direção deles. Qualquer gesto mais efusivo custaria a ele e aos homens da Seção B a permissão de sair das instalações da prisão.

Mesmo encarcerado, Mandela tinha um enorme senso de propósito e uma desmesurada motivação. Por mais que os regulamentos da prisão governassem cada minuto de sua vida, ele também tinha as próprias regras, a própria disciplina. Seus dias começavam cedo – tudo parte de sua provação –, mas ele transformava as adversidades em vantagens, usando cada minuto para seguir em frente, sempre lutando pelo futuro, sem nunca olhar para trás, para os seus mais de 60 anos de idade, sem jamais perder as esperanças.

Um barulho ensurdecido marcava o início dos dias na prisão, às cinco da manhã. Usávamos tubos de metal com uma corrente dentro para fazer o maior ruído possível, um terrível rangido, para acordar todos os prisioneiros em suas celas geladas.

As celas eram frias como geladeiras, o ano todo. Eram feitas de cimento e sem pintura. À noite, eram congelantes. Os prisioneiros dormiam no chão, com duas esteiras,

um tapete duro de sisal e outro mais macio. Só tinham três cobertores, e nenhum cobertor adicional era permitido, nem mesmo no inverno. Requisições de mais cobertores enviadas ao escritório do presídio eram rejeitadas. De vez em quando, alguém convencia um carcereiro a se apiedar, e um de nós lhes dava um cobertor extra, contanto que fosse devolvido na manhã seguinte antes da inspeção.

Eu via Mandela se exercitando em sua cela às cinco da manhã, normalmente por uma hora. Ele passava frio a noite toda e fazia abdominais para se aquecer. Era um homem alto, e as duas esteiras eram curtas demais. Quando ele se deitava, a cabeça tocava uma parede, e os pés tocavam a parede oposta.

Eu o via correndo no lugar, fazendo flexões e abdominais, todos os exercícios que podiam ser feitos sozinho dentro de uma cela. Usava roupas pretas ou brancas, ou pretas e vermelhas, bermudas de ginástica doadas pela Cruz Vermelha e um colete de corrida.

Tinha mais de 60 anos de idade, mas parecia estar em forma, esbelto e rijo. Ele era esguio e tinha músculos visíveis. Naquela hora da manhã, ele não tinha comido nada, só tomado alguns goles de água morna da garrafa térmica que ele mesmo tinha comprado na lojinha da prisão e tinha permissão de manter na cela.

Às seis da manhã, o sino voltava a tocar, e os prisioneiros tinham de se preparar para a inspeção. Como todos os outros, Mandela mantinha um kit de limpeza em sua cela. De manhã, ele pegava um pedaço de cobertor velho e polia o chão até brilhar. O piso era de cimento, mas os prisioneiros recebiam uma cera líquida para esfregar nele. O piso precisava brilhar como um espelho e tão limpo que daria para comer nele. Mandela também precisava dobrar o colchão, a roupa de cama e colocá-los ordenadamente em um canto. Tudo isso levava cerca de uma hora, e talvez depois ele pudesse repassar seu material de estudo enquanto esperava a inspeção.

Às sete da manhã, os carcereiros se apresentavam para o turno diurno. Começávamos com uma revista no pátio. Ficávamos em posição de sentido, nos apresentávamos para a inspeção e depois ficávamos em posição de descansar. Tínhamos regras estritas de aparência, barba sempre feita e cabelo cortado rente, as mesmas regras que impúnhamos aos prisioneiros.

Os detentos também eram inspecionados toda manhã para verificar se estavam devidamente vestidos, e se o uniforme estava impecavelmente passado. Como não tinham acesso a ferros de passar, a única maneira de fazer isso era borrifar água sobre o uniforme, esfregar vigorosamente o tecido com uma caneca da prisão e prensá-lo durante a noite embaixo das esteiras sobre chão de cimento.

Depois era a hora de recitar a oração diária, sempre o “Pai-Nosso”. Quando chegávamos ao verso “o pão nosso de cada dia nos dai hoje”, eu me sentia mal pelos presos que nos ouviam. Os prisioneiros negros nunca ganhavam pão, que só era dado aos presos pardos e indianos.

Naquela época, a discriminação na África do Sul tinha vários níveis. Assim, embora todos aqueles homens estivessem sendo punidos por suas crenças, a punição era mais cruel para alguns do que para outros. Por exemplo, no início Mandela e os outros negros

africanos tinham recebido apenas bermudas cáqui e sandálias, sem sapatos nem meias. Eles usavam uma jaqueta de lona cáqui e precisavam fechar três botões durante as inspeções. Passaram vários anos protestando por causa do frio e da humilhação de serem forçados a usar roupas de criança e, quando cheguei à ilha, estavam começando a receber permissão de usar calça e meias.

Essa discriminação racial também se estendia à alimentação. De manhã, os prisioneiros negros recebiam 340 gramas de mingau de maisena sem açúcar nem sal e uma caneca de café preto. Já os pardos e indianos recebiam 400 gramas de mingau, pão e café.

Depois da revista no pátio, os guardas do turno diurno entravam nas seções e contavam os prisioneiros com os carcereiros do turno da noite. Uma chave-mestra era usada para abrir as celas. A Seção B tinha cerca de 50 metros no interior de um prédio de um andar, no lado esquerdo. Era acessada por uma porta de metal instalada na parede sólida e controlada por uma série de procedimentos para trancar e destrancar em uma sequência a ser rigorosamente seguida. Cada carcereiro levava a chave da Seção B em uma tira de couro afixada sob a dragona do uniforme. Uma única chave preta de metal abria todas as portas das celas daquela seção. Os carcereiros do turno da noite entregavam as diferentes chaves aos colegas do próximo turno.

Depois que os prisioneiros eram contados, os números eram escritos em um registro oficial para serem somados. Alguns prisioneiros podiam ter sido transferidos para a seção hospitalar, outros podiam ter sido levados, com escolta, ao continente, para um hospital da Cidade do Cabo. Precisávamos saber a todo momento quantos detentos estavam fisicamente na ilha, por isso esses registros eram uma medida de segurança importante para evitar fugas.

Às 7h30, com as celas abertas, os prisioneiros podiam levar os baldes usados como vaso sanitário ao banheiro comunitário para serem esvaziados. Eles os lavavam no chuveiro e os deixavam no pátio para secar ao sol. Durante essa limpeza, os prisioneiros conversavam intensamente. Sabiam muito bem que não queríamos ficar perto deles durante essa tarefa desagradável, o que era uma chance de trocar informações. Em geral, contudo, precisávamos vigiar com atenção os prisioneiros durante todos os rituais matinais, mesmo quando usavam os banheiros comunitários. As cabines eram feitas para deixar a cabeça e os pés dos prisioneiros visíveis.

Os prisioneiros recebiam um forte desinfetante para limpar os baldes, que eram feitos de aço com uma tampa. Uma vez, Eddie Daniels, que ocupava cela vizinha à de Mandela, ficou muito doente, e Mandela passou vários dias pegando o balde dele, lavando e secando-o ao sol.

Todas essas ações, sem trocar uma palavra, nos revelavam a extensão da camaradagem, da solidariedade, entre aqueles homens. Nunca tínhamos visto algo parecido antes. Depois, os presos usavam os chuveiros comunitários. A água era apenas morna, e eles não recebiam sabão – de qualquer maneira, a água era tão calcária que o sabão não teria nenhuma utilidade. Usavam xampu comprado a granel na lojinha do presídio com a cota de dinheiro que juntavam em uma vaquinha. Eles não se queixavam.

Anos antes de eu ir trabalhar na ilha, as condições eram ainda piores. Não havia água morna, e os prisioneiros eram forçados se enfileirar nus no pátio para serem lavados com uma mangueira de água fria pelos guardas.

Ouvi dizer que uma vez um grupo de guardas embriagados os tirou da cama no meio da noite, os levou ao pátio gelado e os atacou com jatos de água gelada, às gargalhadas, enquanto os outros revistavam todas as celas. Alguns prisioneiros mais desafortunados foram mantidos na cela, e seus colegas do lado de fora tiveram de ouvi-los sendo espancados. Fikile Bam, que depois se tornou o presidente do Tribunal de Causas Fundiárias, caiu no choro ao ouvir o espancamento. Govan Mbeki entrou em colapso e teve de ser levado ao hospital no continente. Espero jamais concordar com um tratamento tão cruel, espero preferir perder o emprego.

O café da manhã era servido no pátio. No inverno, as mesas ficavam sob uma cobertura, e todos faziam fila, com um prato e uma caneca nas mãos. Um balde continha água potável, e os prisioneiros podiam pegar duas canecas cada. Mandela aprendeu a tolerar a água salobra que saía das torneiras vindas dos poços da ilha, então não tomava a água do balde. Sempre que possível, ele era autossuficiente, disciplinado.

Às 8h30, os prisioneiros se ocupavam de tarefas como a limpeza do pátio, dos corredores e da sala de recreação. Antes de eu chegar à ilha, eram alocados para grupos de trabalho para realizar essas tarefas ou marchavam para as pedreiras acompanhados de guardas com cães ou para a praia, onde colhiam o *kelp*.

No entanto, quando cheguei à Ilha Robben, os presos mais velhos já não eram mais submetidos aos rigorosos trabalhos forçados depois de anos de petições, em grande parte submetidas por Mandela. Agora trabalhavam no pátio e no interior dos prédios, costurando malotes usados nos Correios, emendando as roupas da prisão e limpando e polindo os pisos.

Na época que trabalhei lá, as autoridades instalaram uma máquina de lavar improvisada, um tambor de diesel de 200 litros. O tambor ficava inclinado sobre um suporte, e a água e o sabão em pó eram despejados nele. A máquina foi construída na oficina de prisão. Os prisioneiros não gostavam dela, porque dava muito trabalho girar a manivela de aço durante vários minutos por vez. Mas, com o tempo, perceberam que a máquina lavava bem as roupas de cama, especialmente os cobertores.

Mandela também trabalhava em sua pequena horta, de aproximadamente 15 metros de comprimento por 2,5 metros de largura. Ele misturava excrementos de pombo e outros pássaros ao solo. Os prisioneiros contribuía com excrementos de pássaros que coletavam do lado de fora das celas. Ele me ensinou a respeitar todas as coisas vivas, como uma fruta ou uma flor, e cuidar delas. Dizia que só queria sentir a terra nas mãos. Consegui cultivar um pessegueiro, que chegou a dar frutos. Ele até plantou sementes de cenoura, e as pessoas traziam sementes de tomate que encontravam na comida. Às vezes ele conseguia plantar algumas flores silvestres nas margens da horta, mas seu maior interesse era cultivar alimentos.

Ele dedicava à sua horta meia hora de manhã e meia hora à tarde. Também gosto de jardinagem e observei com interesse o progresso dessa horta, encorajando-o. Ele sabia

que a água do poço da ilha era ácida demais, por isso deixava baldes para coletar água da chuva, e outros presos contribuíam levando a água usada para lavar roupas.

Para o almoço, os presos comiam *samp* – uma espécie de purê de milho – com molho de carne, ou algo parecido com carne. Eles tinham direito a uma caneca de chá com leite em pó e um pouco de açúcar. Também nesse caso, os negros não ganhavam pão. Uma lista das quantidades de comida e bebida dadas aos presos, divididas de acordo com a sua origem étnica, ficava afixada na cozinha.

Quem visitar a Ilha Robben hoje pode ver os originais. Os prisioneiros negros sempre receberam menos que os outros. Sua cota de peixe ou carne quatro vezes por semana era de 140 gramas, enquanto os demais recebiam 170 gramas.

Alguns companheiros dividiam a comida com eles. Prisioneiros indianos como Ahmed Kathrada, um grande amigo de Mandela, repartia o próprio pão. Era uma verdadeira lição de humildade para nós, carcereiros, mas não tínhamos autoridade de mudar as regras, e só nos restava observar como lidavam com a situação e nos impressionar com a demonstração de solidariedade.

No aniversário de alguém, todos tentavam fazer alguma coisa. Um prisioneiro contribuía com pimenta e, talvez, tomates e cebolas da cozinha. Eles faziam um “bolo de prisão” coletando todo o pão que sobrasse, acrescentando água para amolecê-lo e açúcar para adoçar, e misturando mingau ou leite condensado se conseguissem guardar um pouco. Quando ganhavam geleia, eles a espalhavam no meio. A mistura endurecia e dava para cortá-la como se fosse um bolo. Às vezes convenciam os prisioneiros que trabalhavam na cozinha a lhes dar um ovo para incluir no bolo e assá-lo um pouco no forno.

Também faziam cartões de aniversário usando uma folha de caderno e desenhando e pintando com algum resto de tinta. Todos assinavam o cartão, escreviam pequenas mensagens e cantavam “Feliz Aniversário”.

Em outras pequenas ocasiões, as regras também eram um pouco flexibilizadas, tanto para os carcereiros quanto para os prisioneiros. Às vezes, da orla, dava para ver enormes bandos de gaivotas pegando peixes no mar, com pequenos barcos de pesca circulando à distância. Os barcos não tinham permissão de se aproximar mais de uma milha náutica da Ilha Robben, mas dava para ver que, em dias como esse, havia muitos peixes perto da ilha.

Então, de vez em quando, nós, carcereiros, decidíamos usufruir de uma tarde de pescaria. O diretor do presídio convocava os comitês das seções que representavam os detentos e informava que os guardas gostariam de ir pescar naquele dia, o que significava trancar os prisioneiros ao meio-dia. Também receberiam o almoço e o jantar ao mesmo tempo. Os presos sempre concordavam, sabendo que poderiam pedir algo especial em troca.

Por exemplo, podiam pedir para fazer um torneio de futebol em um sábado, com times de prisioneiros de diferentes seções jogando uns contra os outros. Aceitávamos o pedido em troca do nosso dia de pesca e deixávamos parte dos peixes na cozinha para eles. Tínhamos uma boa relação de toma lá dá cá.

Fui percebendo até que ponto esses pequenos vislumbres de humanidade eram importantes para os prisioneiros. Um dia, muito tempo depois que deixei o serviço carcerário, encontrei a família e os advogados de um ex-prisioneiro a caminho da praia da Ilha Robben. Wilton Mkwayi, um proeminente líder sindical que serviu muitos anos com Mandela, morreu em 2004, cerca de quinze anos após ser libertado, e tinha pedido à família que levasse suas cinzas de volta à ilha.

Eles me contaram que ele era o cozinheiro não oficial da prisão e tinha providenciado um tambor extra de água potável para ser levado com o grupo de trabalho, no qual cozinhou deliciosas peixadas que todos saboreavam, tanto carcereiros quanto prisioneiros – pequenos momentos agradáveis pontuando longos anos de dor. O fato de ele ter pedido para espalhar suas cinzas na ilha demonstrava o quanto aqueles momentos de humanidade durante os anos de adversidade e desespero significaram para ele.

Sei de muitos prisioneiros que voltaram para visitar a ilha depois de serem libertados, talvez para mostrar à família as provações que sofreram. Mas desconheço qualquer outro detento que desejasse ter a ilha como seu último local de descanso.

# CAPÍTULO 4

A vida era dura na Ilha Robben, mas fui me acostumando aos poucos. De certa forma, o ambiente era parecido com o sítio onde cresci. Poucas estradas, muitas árvores e ar puro, longe da cidade. No meu tempo livre, ia pescar com meus amigos carcereiros nos nossos pontos favoritos. Se o vento noroeste estivesse soprando, íamos para o lado da pedreira; se o vento viesse do sudeste, escolhíamos o lado do porto.

Pescávamos *galjoen* e sargo-austral ou hotentote e, às vezes, um badejo de boca amarela. Nós os assávamos no *braai* – a churrasqueira – ou, se eu estivesse de licença de fim de semana, levava alguns para a minha família.

Também pegávamos frutos do mar, iguarias como lagostins e abalones<sup>[1]</sup>. Uma vez por mês, organizávamos um jantar dançante na sala de recreação para arrecadar fundos para o clube dos carcereiros. Pode parecer estranho hoje, mas pessoas instruídas de grandes empresas, bancos e até hospitais pagavam entrada e chegavam à ilha vestindo smokings e trajes de festa. Uma banda tocava ao vivo, e o clima era festivo.

Guardas com cães e carcereiros patrulhavam toda a área para evitar que as pessoas perambulassem por ali. No entanto, a apenas um quilômetro, celas guardavam os homens mais perigosos do país na opinião do governo.

Se eu trabalhasse no turno do dia, sempre encontrava um grupo de colegas para correr. Nós corríamos num bom ritmo, cobrindo todos os onze quilômetros da ilha.

Entretanto, apesar dessas distrações, o local não deixava de ser uma prisão, e eu me sentia sempre isolado. Eu devia poder voltar para casa de licença um fim de semana sim outro não, mas muitas vezes as licenças eram canceladas, e ficávamos em estado de alerta devido a alguma ameaça de motim.

Desde o começo, sempre ansiei por sair da ilha, mas as regras e os regulamentos me acompanhavam até a minha casa, e os dias de folga eram raros e irregulares. Era como se nós, os jovens guardas, também estivéssemos presos lá, só que não em celas.

Depois de trancar os detentos às quatro da tarde, eu me recolhia no meu quarto sem ter nada para fazer. Só ganharíamos aparelhos de TV anos mais tarde, e eu não era casado quando cheguei à ilha, de modo que não tinha ninguém. Vivíamos entediados. Ficávamos cansados de ver a cara uns dos outros, e alguns carcereiros começaram a beber. Não era um ambiente saudável para nenhum de nós.

Os detentos também sofriam com a monotonia do cotidiano, embora fizessem o possível para variar a rotina e manter-se ativos. Eles não tinham permissão de dormir durante o dia e não tinham acesso à cela. Depois do almoço, jogavam tênis ou squash no

pátio. Organizávamos verdadeiros campeonatos, com certificados improvisados para os vencedores. Os certificados eram como os cartões de aniversário feitos à mão – não mais que um pedaço de papel ou cartão colorido pintado com qualquer resto de tinta que conseguissem encontrar, e o nome do vencedor escrito e um ornamento circundando as bordas.

Eles se empenhavam para manter a forma e corriam ao redor do pátio, todos na casa dos 60 anos, todos acreditando que um dia sairiam da prisão e teriam uma outra vida, para a qual queriam estar em forma.

Alguns sabiam tocar violão. James Mange, um dos presos políticos, tocava um excelente jazz.

Ele começou a ensinar outros prisioneiros, e eles cantavam juntos algumas canções em xhosa. Um carcereiro chamado Burger também sabia tocar violão e se juntava à cantoria. Mandela ficava só ouvindo. Era uma música suave e relaxante e, pensando bem agora, era estranho ver aquele pequeno grupo improvisado de músicos se divertindo num lugar tão desolador.

Em dias de chuva, os prisioneiros ficavam dentro da sala de recreação, onde podiam jogar baralho, xadrez, pôquer, pingue-pongue e dominó. Só não podiam conversar. Precisavam se manter ocupados, ou um de nós se aproximava para saber o que estava acontecendo.

Na sala havia caixas e mais caixas de revistas velhas, como a versão em africânder da *Time*, *Seleções* e revistas de jardinagem, censuradas, naturalmente, para remover qualquer conteúdo político. Os detentos montaram a própria biblioteca em uma cela dupla vazia. Elegeram um bibliotecário, e um guarda os deixava entrar, dois de cada vez. Tinham um cartão para registrar os livros que pegavam emprestado. Um carcereiro ficava o tempo todo lá para evitar qualquer conspiração política.

Os livros vinham de uma pequena biblioteca pública da Cidade do Cabo. Às vezes pediam determinados livros, que, naturalmente, eram sempre checados primeiro para garantir a ausência de qualquer conteúdo político ou cenas de sexo. Tudo era implacavelmente censurado.

O jantar era servido mais ou menos às quatro da tarde, o mesmo mingau que comiam de manhã. Pardos e indianos recebiam sopa e duas fatias de pão com o mingau, além de uma bebida africana aguada, servida também para os negros. Tradicionalmente, a bebida era feita de água quente com amido de milho e levedura, mas, na versão da Ilha Robben, não passava de uma caneca de água turva e insípida.

Depois do jantar, iniciávamos a contagem antes de trancá-los nas celas. O turno da noite começava às quatro da tarde. Os registros de contagem de prisioneiros eram calculados e entregues ao novo turno.

Uma vez por semana, um médico do governo vinha da Cidade do Cabo. Ele prescrevia medicamentos ou encaminhava algum prisioneiro à ala hospitalar da Ilha Robben. Tínhamos um cirurgião-dentista em uma clínica fora da prisão e um dentista que ia à ilha para realizar consultas. Os prisioneiros também recebiam visitas quinzenais de um psiquiatra. No final dos anos 1980, depois que deixei a Ilha Robben, ouvi dizer

que vários prisioneiros recém-chegados estavam adoecendo, e o médico descobriu que eles eram soropositivos. Eles foram imediatamente isolados dos outros e transferidos para fora da ilha.

Apesar das visitas regulares de profissionais da área médica, houve ocasiões em que os presos morreram sob os nossos cuidados. Uma das tarefas mais desagradáveis era levar, de balsa, os cadáveres dos prisioneiros para o necrotério público em Maitland, no continente. Lá, eu tirava as impressões digitais dos presos e liberava formalmente os corpos à família.

Uma vez, vi uma família despindo o homem morto do uniforme da prisão e vestindo-o com um belo terno. Eles colocaram um chapéu e óculos de sol, e de alguma forma conseguiram acomodá-lo no banco de trás de um carro velho. Eles o deixaram sentado ereto, prenderam o cinto de segurança e o levaram de carro ao Cabo Oriental para que fosse enterrado em sua aldeia natal. A jornada levaria o dia inteiro. Não consigo imaginar como conseguiram realizar a façanha, considerando que o carro já estava abarrotado com os membros da família.

Felizmente, Mandela parecia nunca ficar muito doente. Vez ou outra ele tomava um remédio para tosse, mas nada além disso. Um enfermeiro visitava a seção todo dia de manhã, distribuindo doses diárias dos remédios prescritos pelo médico.

Os detentos também tinham oportunidades limitadas de comprar algumas coisas. A lojinha da prisão ficava no edifício principal. Os presos só podiam receber dinheiro da família e nunca eram pagos pelo trabalho forçado, como extrair minerais da pedreira ou costurar malotes.

Todo o dinheiro recebido ficava registrado em nome do prisioneiro. Uma vez por mês, eles faziam uma lista de itens que queriam da loja. Mandela comprava canetas, blocos de notas, açúcar, café, enlatados, creme dental, algumas especiarias e cigarros ou biscoitos. Ele comprava cigarros para dar aos prisioneiros que esgotaram sua cota e não tinham condições de comprar mais e os trocava por creme dental. Seus biscoitos favoritos eram os populares sequilhos sul-africanos Ouma, para mergulhar no chá ou café. O limite mensal só dava para pequenos itens.

Ele também comprava brilhantina Blue Pantene para modelar o cabelo e vaselina para usar como uma loção corporal e para hidratar as mãos e o rosto. Era um homem bem-apegoado, que se preocupava com a aparência, especialmente quando recebia alguma visita. Ele jamais ia ao centro de visitantes vestindo um uniforme da prisão que não estivesse impecável.

Às sextas-feiras, filmes eram exibidos na sala de recreação. Cobríamos as janelas com cobertores, subindo nos ombros dos colegas para prendê-los, já que as janelas não tinham cortinas, e instalávamos o projetor. Os detentos faziam solicitações de filmes que vinham de uma loja da Cidade do Cabo, um precursor das locadoras de vídeo. Eles enviavam uma lista de filmes que gostariam de assistir, com as diferentes seções se revezando para pagar por eles. Lembro que, em uma ocasião, a Seção B pediu *Raíces*<sup>[2]</sup>, uma escolha típica deles. A biblioteca da Cidade do Cabo também enviava filmes gratuitamente, em sua maioria documentários curtos, sobre temas educativos, como

natureza, medicina e doenças. Eram como documentários do Discovery Channel.

Aos domingos, havia cerimônias ou cultos religiosos de diferentes denominações, e Mandela sempre insistia que todos deviam comparecer. Às vezes, três denominações diferentes realizavam cerimônias em um único dia, e os detentos participavam de todas. Mandela queria que todos respeitassem o empenho de um padre ou pastor, mas também era importante para receberem bem qualquer pessoa vinda do mundo externo. Eles gostavam da Sagrada Comunhão, por lhes dar a chance de comer uma lasca de pão e um dar gole de suco de uva.

Anos mais tarde, Mandela me contou que havia um padre que sempre levava um jornal na mala quando ia à ilha. Ele chegava antes das nove da manhã e passava o dia todo na ilha, até às quatro da tarde. Conversava com os detentos e deixava sua grande mala largada em algum lugar.

Durante as orações e sermões, os guardas às vezes se entediavam e ficavam com calor sob o sol quente do verão. Quando se distraíam, um prisioneiro se esgueirava e tirava o jornal da mala do padre.

Uma vez, um preso disse que gostaria de fazer uma prece e pediu que todos fechassem os olhos enquanto ele orava. Aquela foi mais uma oportunidade para alguém pegar o jornal da mala do padre.

Embora transgressões como essas fossem razoavelmente inofensivas, outros prisioneiros tramavam planos mais ousados. As tentativas de fuga eram raras, mas levadas muito a sério quando ocorriam.

A única fuga conhecida e documentada da história da ilha foi quando Autshumato, líder da etnia khoi, enviado à ilha em 1658 por colonos holandeses acusado de roubar gado e mercadorias, conseguiu voltar ao continente em um bote a remo. Ele tinha trabalhado como intérprete comercial para os colonos e, quando desembarcou na Baía da Mesa, conseguiu seu antigo emprego de volta, presumivelmente porque ficaram impressionados com a façanha. Era um homem que todo mundo gostaria de conhecer.

No período que passei na Ilha Robben, houve apenas uma fuga inexplicável e prefiro achar que foi bem-sucedida, o que faria do fugitivo um caso sem igual. Ele era alguém “de confiança”, uma pessoa que tinha permissão de transitar livremente pela ilha. Tinha sido preso por não pagar a pensão para a ex-esposa.

Duas semanas antes de sair da prisão em liberdade condicional, ele roubou o caiaque de um carcereiro. Apesar do mau tempo e do mar revolto, desapareceu nas ondas furiosas, deixando para trás seu uniforme da prisão sobre as rochas. Mais tarde o caiaque foi trazido pelas águas para a orla.

Como tinha sido um salva-vidas em Cape Point, ele sabia nadar bem e tinha um bom conhecimento das condições do mar agitado. Gosto de pensar que foi resgatado por algum barco de pesca que passava por lá. De qualquer maneira, nunca mais foi visto. Nenhum guarda foi punido nem rebaixado pela fuga porque ele era “de confiança”, portanto, não era supervisionado.

Antes disso, contudo, testemunhei cenas terríveis no Presídio de Belville, nos arredores da Cidade do Cabo, quando estive lá em uma visita. Um grupo de trabalho de

doze prisioneiros marchava a caminho da jornada no campo. Um deles atacou um guarda com uma pá, e todos fugiram correndo.

Um guarda que estava na torre de vigia começou a atirar, matando nove deles. Os outros se deitaram no chão e sobreviveram.

O guarda foi recompensado com uma medalha pela bravura. Olhei aqueles nove corpos e um guarda na torre de vigia muito próximo à cena, sem nenhuma dificuldade de acertar os detentos, sendo enaltecido como um herói.

Na Ilha Robben, era praticamente impossível escapar. No entanto, uma noite, os carcereiros do Gabinete do Censor encarregados de escutar o que se passava nas celas da Seção B relataram terem ouvido fechaduras sendo abertas. Suspeitavam que uma chave perdida anos atrás estivesse sendo usada para destrancar as celas.

Nas próximas noites, eles escutaram conversas sobre um plano de fuga. Grampos de escuta adicionais foram instalados nas celas e, durante toda a semana seguinte, um dos policiais foi alocado ao turno noturno para monitorar a situação. Guardas com cães foram instruídos a intensificar as patrulhas. Os prisioneiros, naturalmente, estavam cientes desses acontecimentos e foram ouvidos discutindo as patrulhas extras.

Então um grupo de carcereiros foi enviado com martelos para verificar todas as paredes em busca de qualquer coisa suspeita. Nada foi encontrado. Anos mais tarde, descobri que Eddie Daniels estava por trás daquele plano de fuga frustrado. Ele era um homem negro, um líder sindical dos professores que cumpria quinze anos por atividades terroristas. Ele foi libertado em 1979 e mais tarde admitiu que pretendia libertar Mandela. Ele escreveu um livro, *There and Back*, no qual mostrou as plantas do presídio que tinha desenhado na época e explicou seu audacioso plano. Em virtude das sanções econômicas internacionais que muitos países impuseram contra o regime do apartheid, navios porta-contêineres estrangeiros não tinham permissão de atracar na Cidade do Cabo, de modo que todos os vegetais, frutas e outras cargas pequenas eram enviados com regularidade de helicóptero da Cidade do Cabo aos navios de carga ancorados no mar.

Nenhuma aeronave tinha permissão de sobrevoar a Ilha Robben, mas, se o tempo estivesse ruim, os helicópteros podiam voar sobre a ilha por razões de segurança. De acordo com o plano de Eddie, numa tarde de sexta-feira, quando a maioria dos prisioneiros estivesse assistindo a um filme, e a metade dos carcereiros estivesse de folga no continente, Mandela pediria permissão para trabalhar em sua horta.

Eddie providenciaria um helicóptero levando uma cesta, como se transportasse suprimentos, que mudaria subitamente de rumo para sobrevoar a ilha e pousaria na Seção B para pegar Mandela. Quando as autoridades do presídio se organizassem, Mandela já teria sido deixado em segurança na embaixada americana na Cidade do Cabo.

Era um bom plano em teoria, mas, obviamente, implicaria enormes riscos se fosse executado. No final, Eddie reportou o plano ao CNA no exílio em Lusaka, na Zâmbia, e eles deram um fim à tentativa, temendo os riscos à vida de Mandela.

As autoridades do presídio sempre temeram que Mandela tentasse fugir a caminho do

hospital no continente. Eu o acompanhei várias vezes para fazer os check-ups médicos anuais, como todos os prisioneiros de sua idade. Ele fazia exames oftalmológicos regulares e consultas com um otorrinolaringologista. Ninguém queria negligenciar os check-ups regulares de Mandela. Os defensores do apartheid diziam abertamente que “a única coisa pior que um Mandela livre seria um Mandela morto”. Seria melhor cuidar da saúde dele do que deixá-lo morrer como um mártir.

Chegado o momento da viagem, ele era colocado na parte traseira de um furgão branco do presídio. Eu me sentava ao lado dele em um banco lateral, e eu e outros carcereiros éramos algemados a ele. Todas as estradas e ruas eram fechadas para o trânsito de veículos e pessoas, com barreiras policiais montadas ao redor do prédio da clínica médica.

Quando entrávamos no prédio, eu seguia na frente de Mandela, retirando livros e jornais que pudessem ter imagens dele estampadas da sala de espera, e ele não tinha permissão de se comunicar com ninguém, nem ao menos cumprimentar a recepcionista. Eu o acompanhava na clínica enquanto o médico o examinava. Nessas ocasiões, eu portava uma pistola nove milímetros, e os outros carcereiros ficavam do lado de fora armados com metralhadoras.

Uma vez, Mandela foi levado a uma clínica, e o médico disse que ele deveria tirar radiografias do tórax imediatamente e providenciou para que ele fizesse as chapas no prédio em frente, do outro lado da Rua Adderley, a principal rua comercial da Cidade do Cabo. A rua estava repleta de pessoas fazendo compras e não havia tempo de montar as barreiras policiais.

Éramos quatro, usando nosso uniforme cáqui, todos armados. Mandela caminhava ao meu lado preso com grilhões, correntes que subiam pelos tornozelos por dentro das calças. As correntes impediam um prisioneiro de fugir correndo. Fechei os grilhões nos tornozelos, e ele era obrigado a segurá-los na altura da cintura para conseguir andar. Saímos para a rua e vimos um homem negro correndo na nossa direção. Reconheci Dullah Omar, um dos advogados que iam sempre à Ilha Robben. Ele estava cabisbaixo, levando uma maleta, provavelmente atrasado para o tribunal. Empurrei Mandela para a loja mais próxima até Omar passar por nós.

Ninguém o reconheceu. Alguns ambulantes deram bananas e maçãs de graça para entregarmos ao nosso prisioneiro. Mas ninguém percebeu que era Mandela. Ele os cumprimentava com um aceno de cabeça e agradecia. Foi comovente ver aqueles homens que tinham tão pouco se oferecendo para ajudar um estranho.

De volta à ilha, só eram permitidas doações financeiras vindas da família. Todo o dinheiro enviado pelas famílias só podia ser utilizado na ilha, normalmente em pequenos montantes. Um registro oficial da quantia de cada detento era mantido com o resto de seus pertences em um saco de pano estampado com seu número e guardado em um grande cofre no escritório da recepção. O número de Mandela no presídio, agora famoso no mundo todo, era 46664 – o que significa que ele foi o 466º prisioneiro a ser admitido na prisão em 1964. Na época em que convivi com ele na Ilha Robben, nenhum de nós teria acreditado que um dia milhares de camisetas seriam feitas ostentando

aquele número.

O dinheiro enviado por familiares ou advogados era registrado e mantido em uma conta bancária do governo, com uma caixinha disponível para compras na loja do presídio, para a aquisição de selos postais e outros pequenos custos.

Mandela precisava pagar para se inscrever em cursos por correspondência para obter seu diploma de Direito. Ele levava isso muito a sério. Se encontrasse um livro do qual precisava, se informava do preço e fazia encomendas postais. Os livros podiam levar até dois meses para chegar. Quando chegavam, o oficial do escritório os recebia, verificava se o conteúdo era relevante ou se não era político demais e o encaminhava ao Gabinete do Censor.

Quando foi preso, Mandela era obrigado a sentar-se no chão de cimento de sua cela para estudar, usando uma banquetta como mesa. No fim dos anos 1970, recebeu autorização de ter uma escrivaninha, então podia usar a banquetta para se sentar. Ele teve permissão de comprar um relógio de mesa para controlar o tempo de seus estudos em preparação para os exames.

Os prisioneiros também podiam gastar seu dinheiro de outras maneiras. Quando tinham permissão de assistir a um filme, em geral uma vez por semana, os detentos faziam uma vaquinha para pagar por esse filme.

Os presos mais jovens queriam filmes de ação, e os mais velhos como Mandela tendiam a pedir algo mais sério, embora ele também gostasse dos filmes da série *Rocky*, por ter sido um entusiasmado lutador de boxe e por gostar do personagem de Sylvester Stallone. Às vezes, assistíamos a filmes religiosos e musicais, bem como filmes educacionais enviados pelas bibliotecas do governo sul-africano.

Os filmes, como seria de esperar, precisavam ser vistos antes pelos carcereiros. Tínhamos de anotar todas as questões raciais, cenas de violência ou envolvendo política e cenas de amor e sexo, ou o filme não seria liberado aos prisioneiros. Se um filme inteiro fosse rejeitado, era enviado de volta, e o dinheiro deles era desperdiçado. Lembro que os pedidos para ver *The Wall*, de Pink Floyd, não tiveram a menor chance de serem aceitos.

Se encontrássemos cenas inapropriadas, cortávamos a película e colávamos as duas extremidades com fita adesiva de maneira improvisada. Dessa forma, o enredo dava grandes saltos, com frases inacabadas e diálogos que não faziam o menor sentido.

Mas ninguém reclamava. Era um tempo que os prisioneiros tinham para passar juntos, sussurrando entre si sem serem ouvidos.

E muitas vezes era uma experiência agradável de verdade. Ficávamos lá, prisioneiros e carcereiros, juntos, rolando de rir com um filme de *O Gordo e O Magro*, podendo esquecer onde estávamos mesmo que por apenas uma hora. Era uma tábua de salvação para todos nós.

Em outras noites, depois de trancafiar os presos nas celas, se eu estivesse no turno da noite, gostava de tocar música para eles. O comitê da seção nos dava uma lista de músicas que queriam ouvir. As famílias mandavam discos à prisão, e eles tinham uma lista do que tinha sido enviado.

A Seção B se revezava para escolher as músicas, como todas as outras seções. Eu era como um DJ. Os favoritos de Mandela e da Seção B eram sempre o jazz de músicos negros. Eu tocava as músicas até às sete da noite, reproduzidas pelos sistemas de som nos alto-falantes das celas, seguidas de vinte minutos de notícias censuradas do dia. Depois podiam ouvir um programa previamente gravado, talvez uma partida de futebol ou luta de boxe ou um programa de debates, nunca sobre política. Eles podiam apertar um botão para interromper a transmissão, me informar que eu estava tocando os discos errados ou reclamar que estavam passando mal e precisavam de cuidados médicos. Sempre reclamavam quando eu tocava música africânder, minha preferida. Consideravam aquilo um insulto.

Naturalmente, aquele também era o horário no qual podiam querer estudar. Mandela me disse que se acostumou tanto com a música tocando ao fundo que, durante as provas, às vezes, para encontrar a resposta, tentava lembrar a música que tinha ouvido ao estudar.

Às nove da noite, tudo era desligado e, embora as luzes ficassem acesas na cela à noite toda, os prisioneiros não podiam estudar depois disso. Podiam fazer uma requisição por escrito para pedir permissão especial de estudar até às onze da noite, mas só se estivessem se preparando para exames.

Considerando o sistema de fiações ligadas a suas celas, eles deviam saber que eram monitorados dia e noite. Aliás, os grampos de escuta eram instalados na fiação elétrica da iluminação no teto de cada cela. Um dia, encontrei uma porta secreta que dava para o telhado, onde os grampos estavam ligados. Mas Mandela e seus companheiros eram tranquilos – eles conheciam as regras e sabiam como o sistema funcionava. Apenas o contornavam.

No fim dos anos 1970, contudo, alguns novos detentos foram levados ao presídio, e a atmosfera mudou sutilmente. Em 1976, o levante estudantil de Soweto na África do Sul ganhou manchetes no mundo todo. Ativistas jovens e agressivos, alguns ainda adolescentes, começaram a chegar à ilha. Levaria dois anos ou mais para o julgamento deles chegar ao tribunal. Foram mantidos em prisão preventiva, e muitos foram torturados antes de serem levados à Ilha Robben.

Fui enviado ao continente para trazer um grupo de cerca de trinta rapazes. Tive de algemá-los e prendê-los com grilhões nas pernas. Pareciam assustados e eram bastante jovens. Levei-os ao porão da balsa para que não pudessem olhar para fora. Alguns passaram muito mal e tiveram enjoos no trajeto até a ilha.

Conversei com os jovens no percurso a pé para a prisão. Um sujeito, Vusumzi Mgongo, sabia falar africânder. Ele indagou: “Aonde você está nos levando? Está nos levando aos nossos líderes?”. Respondi que não, que estavam indo para a recepção do presídio e ficariam em observação por um mês. Depois desse período, receberíamos relatórios da polícia de segurança e lhe atribuiríamos um trabalho adequado à experiência deles, como cozinheiros ou pedreiros. A polícia de segurança também os interrogaria para descobrir quem eram os líderes, para que pudéssemos separá-los. Naturalmente, não contei esta última parte.

Eles acabaram na Seção C, ao lado da de Mandela. À noite, sussurravam de uma cela a outra, tentando contar a Mandela sobre o levante de Soweto.

Aquele vergonhoso período banhado em sangue do nosso país resultou na morte de mais de seiscentas pessoas, a maioria jovens que participavam de uma manifestação pacífica contra o ensino da língua africânder nas escolas. O mundo viu horrorizado imagens na TV mostrando as violentas batalhas nas ruas de Soweto, com a polícia espancando brutalmente os manifestantes e baleando muitos pelas costas. Uma tocante fotografia em preto e branco mostrava um jovem transportando o cadáver de um colega estudante, de 13 anos, Hector Pieterse, um dos muitos jovens inocentes vitimados no conflito. Mandela tinha ouvido, pelo prisioneiro Eric Molobi, sobre o levante pela primeira vez mais ou menos um ano depois de sua ocorrência, mas aquela foi a primeira vez em que ouvia relatos de pessoas que tinham estado lá.

Homens de ambas as seções tentavam deixar mensagens nos pratos sujos para serem entregues pelos prisioneiros que trabalhavam na cozinha. Estavam desesperados por informações concretas, números e nomes, e queriam saber que o CNA não tinha sido destruído. Outra tática para passar mensagens era fazer minúsculos cortes em uma bola de tênis e inserir bilhetes com a notícia de que o CNA ainda estava ativo e forte no país. Os novos detentos deixavam o nome para que a organização pudesse identificá-los e suas alianças.

Os novos prisioneiros eram hostis com todos os agentes penitenciários. Eles esfaquearam um carcereiro, foram acusados e mantidos em isolamento. Eram mais caalejados que Mandela.

Mandela lhes enviava mensagens orientando-os a não apelar para a violência. Os guardas só estavam fazendo seu trabalho. Eles não queriam ataques, que não ajudariam em nada. Toda a energia deveria ser canalizada para promover a causa antiapartheid.

No entanto, as tensões continuavam fervilhando. Em 1981, quando eu estava na ilha fazia três anos, a prisão toda, exceto a Seção B, entrou em greve de fome. Os prisioneiros exigiam colchões melhores, mais tempo fora da cela, mais cobertores e visitas, uma comida melhor e mais água potável.

As autoridades da prisão prometeram aceitar as demandas, mas uma semana se passou sem nenhuma mudança. Diante disso, os detentos entregaram uma carta informando que entrariam em greve de fome.

A Seção B nada sabia a respeito. Depois de seis semanas, Mandela foi informado da situação. Ele pediu a permissão do diretor do presídio para receber uma delegação dos membros do comitê de cada seção. Queria convencê-los a parar. Mandela acreditava firmemente que greves de fome poderiam ser contraproducentes, embora tenha declarado que, se achasse que não havia outro jeito, se curvaria à maioria e não apenas participaria, como também lideraria ele mesmo o protesto.

Nessa ocasião, ele se reuniu com os presos insatisfeitos, que descreveram suas exigências. Mandela lhes disse: “Somos prisioneiros, deveríamos cuidar da nossa saúde e não nos colocar em mais perigo. Não queremos morrer aqui por causa de ninharias”.

Os prisioneiros ouviram Mandela e alguns outros líderes e interromperam a greve de

fome. Eles mantiveram persuasivamente sua posição e, depois de um tempo, receberam colchões de espuma e outras condições melhoradas. Mandela demonstrava que sempre era o líder, sempre o diplomata.

Em outra ocasião, os detentos reclamaram que o peixe estava estragado. O diretor do presídio se ofereceu para comê-lo na frente deles e, embora continuassem se recusando a comer o peixe, eles se acalmaram e concordaram voltar para as celas, sem causar confusão. Na verdade, os prisioneiros tinham todo o direito de se enfurecer com as condições, embora a situação tivesse melhorado de fato nos últimos anos. No início dos anos 1970, antes de eu ir trabalhar lá, houve incidentes em que um prisioneiro foi forçado a cavar um buraco para se enterrar como punição por alguma transgressão. Ele era enterrado até o pescoço e, quando implorava por um pouco de água, os carcereiros urinavam nele. Tempos depois, quando trabalhei lá, esse tipo de comportamento sádico já tinha sido erradicado – mas não por bondade. O governo só não queria que os presos políticos fossem transformados em mártires. Eles também impuseram restrições às técnicas de tortura, e a verdade era que, de uma forma ou de outra, Mandela e seus companheiros não tinham mais nenhuma informação nova para relatar. Afinal, estavam na ilha fazia anos. Mas havia um tipo de tortura mais sutil: a censura de cartas, jornais e programas de rádio. O controle das visitas, o distanciamento da família. A ausência de todo o contato com o mundo externo. A dilapidação do poder de pessoas como Mandela, fazendo-o desaparecer dos olhos do público. Eu viria a aprender tudo sobre os métodos de censura quando fui transferido para o Gabinete do Censor.

# CAPÍTULO 5

**M**inha própria prisão pessoal – o alojamento dos carcereiros solteiros – ficava a vinte minutos a pé da Seção B, de Mandela e seus companheiros. No inverno, eu me curvava contra a ventania e a chuva oblíqua ao percorrer a trilha acidentada depois do trabalho. No verão, suava em bicas no calor abrasador.

O alojamento ficava em um bloco de um andar, originalmente utilizado como enfermagem feminina de leprosas até 1931. Além das leprosas, o prédio abrigava pessoas que sofriam de doenças mentais e crônicas. Pouco tinha mudado desde então. O prédio do alojamento era feito da mesma ardósia escura que a prisão e era de uma hostilidade infernal.

Lembrei-me de um amigo da família que nos contou que uma tia leprosa tinha sido enviada à Ilha Robben e nunca mais foi vista. Os pacientes não podiam se comunicar com o mundo externo nem receber visitas. Naqueles dias, um médico que encontrasse até o caso mais brando de erupção cutânea diagnosticava hanseníase e bania o paciente para a ilha temendo a propagação da doença no continente.

O cemitério dos leprosos na Ilha Robben é um lugar desolador. Uma vez procurei o túmulo da tia do nosso amigo, mas não encontrei. Os nomes praticamente desapareceram com a erosão.

Os carcereiros solteiros recebiam um quarto para ser dividido entre duas pessoas, com um velho lavatório rachado em um canto. Recebíamos os mesmos cobertores ásperos que os prisioneiros tinham em suas celas. Os deles eram cinza, os nossos, azul-escuros. A diferença era que poderíamos pedir mais cobertores se precisássemos.

O chão tinha sido coberto de ladrilhos de plástico barato colados sobre o cimento, de modo que era sempre frio. Tínhamos um aquecedor, mas era difícil dormir porque logo ao lado do prédio ficava a estação de energia da ilha, com motores a diesel trabalhando ruidosamente dia e noite.

Meu companheiro de quarto era muito mais velho que eu, um tipo antissocial cujo único interesse era pescar nas horas vagas. Ele mantinha sua vara de pescar e seu balde de iscas ao lado da cama e lagostins e abalones na nossa geladeira. Por causa disso, nosso quarto sempre cheirava a peixe velho. Nunca reclamei, em respeito à idade dele.

Todos nós ficávamos enfadados com o ritmo funesto da vida na ilha. Alguns, como eu, ainda eram jovens que queriam ir a festas e namorar. E lá estávamos nós, sem poder ver nenhuma mulher fora as esposas dos guardas casados e incapazes até mesmo de ler no quarto, de tão mal iluminado.

O alojamento também não tinha TV, então íamos à sala de recreação depois do jantar, onde assistíamos ao noticiário juntos. A televisão só foi inaugurada na África do Sul em 1976 e era controlada pelo Estado, de modo que só era possível ver uma versão censurada das notícias e praticamente nada mais.

Era possível usar um telefone público para ligar para a família ou a namorada, mas os telefones eram grampeados. Um dia, um carcereiro do qual não gostávamos foi promovido a sargento e ligou para casa se vangloriando para os pais que logo seria promovido a subtenente. Ouvimos a conversa toda, é claro, e nos divertíamos imitando-o, zombando do constrangimento dele.

Uma das nossas diversões era pregar peças uns nos outros. Não raro alguém colocava um lagostim vivo ou um pássaro no seu quarto, e você acordava alarmado com um marisco saltitando ruidosamente pelo chão ou um pássaro guinchando e batendo as asas no seu rosto, tentando escapar.

Como Mandela e seus companheiros, eu me unia aos meus companheiros de sofrimento, e maquinávamos maneiras de sobreviver ao tédio. Todas as noites, depois do trabalho, um grupo de guardas saía para correr em volta da ilha, percorrendo todos os onze quilômetros. Outros jogavam rúgbi. Depois tomávamos uma ducha e íamos ao refeitório dos carcereiros jantar e para o clube beber. As bebidas alcoólicas eram baratas e a única coisa que tínhamos para fazer, então muitos guardas passavam a noite toda se embebedando.

Com todas as notícias do mundo lá eram censuradas, e nossas conversas telefônicas, monitoradas, sentíamos que a nossa vida era quase tão restrita quanto a dos prisioneiros. No entanto, é claro, o nosso sofrimento não era nada em comparação com o deles. Nós podíamos encontrar outro trabalho ou ir para o continente nos nossos dias de folga. Tínhamos uma liberdade da qual eles nunca mais poderiam usufruir.

Logo depois que comecei a trabalhar na Ilha Robben, fui designado para substituir outro carcereiro no turno da noite no Gabinete do Censor. Eu entrava às quatro da tarde e só terminava o turno às sete da manhã do dia seguinte. Ficávamos em alerta durante a noite toda para o caso de qualquer emergência, como uma tentativa de fuga ou uma crise médica. Tínhamos um carcereiro com formação médica de plantão 24 horas por dia. Além disso, guardas com cães patrulhavam todas as seções do presídio de três em três horas e se mantinham em constante contato conosco pelo sistema interno de comunicação.

À noite, cães assassinos acorrentados passavam o tempo todo percorrendo o perímetro. Eles ficavam entre duas cercas de malha de aço, a três metros de distância uma da outra, que cercavam todo o presídio. Os cães em sua maioria eram Rottweilers muito cruéis. Moradores da Cidade do Cabo que não conseguiam controlar seus cães nos enviavam os animais, que eram sistematicamente provocados para ficarem ainda mais raivosos. Não era possível tocá-los nem treiná-los, precisavam ser controlados com longas varas de metal.

Situado bem no centro do edifício principal, no segundo andar, com vista para toda a Seção B, o Gabinete do Censor era considerado o coração do presídio. Mas aquele lugar

não tinha coração. Pelo contrário, era esse departamento que submetia os presos às piores crueldades, retendo ou destruindo as cartas – seu vínculo vital com os entes queridos –, e censurando implacavelmente as notícias para fazê-los acreditar que sua luta contra o apartheid tinha sido em vão, que o sacrifício de sua liberdade tinha sido inútil. No lugar das notícias reais, os prisioneiros só tinham acesso a informações tediosas e insípidas, como a morte de figuras proeminentes, ações do governo, acidentes de trânsito ou casos em que os militares do governo conseguiram encontrar e eliminar redutos do CNA. Qualquer demonstração de solidariedade vinda do mundo externo era ocultada ou destruída.

Os detentos também eram sujeitos a crueldades mais pessoais. Mandela fez 60 anos um ano antes de eu chegar à ilha. Quando comecei a trabalhar no Gabinete do Censor, perguntei o que havia na montanha de caixas empilhadas no escritório, com mais caixas chegando toda semana. Fui informado de que se tratava de dezenas de milhares de cartões de aniversário enviadas a ele, principalmente do exterior. Ativistas antiapartheid só da Inglaterra tinham coordenado o envio de dez mil cartões individuais. Outros cartões tinham chegado da Holanda e do resto da Europa, além de muitos da América. Algumas universidades, como a Michigan State, organizaram lotes de cartões de aniversário, todos postados individualmente. Os selos eram bonitos e coloridos, e alguns de nós, carcereiros, os cortávamos para levar para casa.

Cada cartão era retirado de seu envelope, lido com atenção e cuidadosamente afixado no lado de fora do envelope com um clipe de papel. Foram classificados de acordo com o país de origem.

Quaisquer cartas ou cartões não entregues aos prisioneiros por qualquer razão deveria ser colocado com os pertences deles e guardados até a sua libertação. Mas dava trabalho demais organizar os cartões de aniversário de Mandela, que foram queimados na sala da caldeiras. Anos mais tarde, compadecido, quis contar sobre os cartões, mas ele me disse: “Senhor Brand, já sei tudo sobre isso”. Alguns prisioneiros que estiveram no depósito de lixo da ilha encontraram restos carbonizados dos cartões e os entregaram a ele.

Ele tinha recebido apenas seis cartões de aniversário: de Winnie, de suas filhas Zindzi e Zenani, de Makaziwe, filha de seu primeiro casamento, de seu filho Magkatho e de seu advogado.

Eu era considerado um funcionário eficiente no Gabinete do Censor e fui requisitado a permanecer lá. O escritório estava repleto de prateleiras e fichários com vários anos de registros e documentos. Não havia computadores, e tudo era feito à mão. Em uma das paredes havia escaninhos onde toda a correspondência recebida ficava armazenada até sábado de manhã, quando era entregue aos prisioneiros. Tudo era lido, relido e rigorosamente censurado.

As cartas escritas pelos prisioneiros eram devolvidas para serem reescritas se o conteúdo desrespeitasse as normas. Tudo tinha de ser assinado e controlado. Mantínhamos um registro escrito à mão de todas as cartas que recebiam, e todas as cartas rejeitadas eram arquivadas junto com a versão reescrita.

Quando cartas para os detentos da Seção B chegavam pelo correio vindas do

continente, já tinham sido examinadas por censores da Divisão Especial da polícia no ponto de embarque para a Ilha Robben, e as correspondências de interesse especial já tinham sido encaminhadas aos agentes do Serviço Nacional de Inteligência na Cidade do Cabo. Eles enviavam as cartas em uma maleta trancada com uma observação em cada uma informando se o prisioneiro poderia ou não recebê-las.

Qualquer conteúdo político ou referência a outros revolucionários ou à luta antiapartheid era completamente coberto com tinta indelével preta.

Quando as correspondências chegavam à ilha, nós as repassávamos em busca de qualquer menção a outro prisioneiro ou referência à família dos detentos. Passagens inteiras eram cortadas com uma lâmina de barbear, e os deploráveis restos retalhados eram entregues em seu envelope ao preso nas manhãs de sábado no pátio.

Era embaraçoso e estranho ler cartas de amor de um homem à sua esposa, como fiz com as cartas de Mandela a Winnie. Eu não gostava de invadir a privacidade deles, especialmente porque àquelas alturas já tinha conhecido a minha futura esposa, Estelle, e estava ocupado escrevendo minhas próprias cartas de amor, transbordando de saudades da minha noiva.

De toda a correspondência dele com Winnie, uma carta se destaca e foi reproduzida no livro *Conversas que tive comigo*. Nela, Mandela verte seus intensos sentimentos por ela, em um momento em que ela esteve de cama e não tinha respondido suas cartas recentes. Ele escreveu:

A safra de misérias que colhemos das lancinantes frustrações dos últimos quinze meses não deve se extinguir com facilidade da mente. Sinto-me embebido em fel, cada parte de mim, minha carne, meu sangue, meus ossos e minha alma, tamanho é o amargor da minha absoluta impotência para ajudá-la nas violentas e brutais provações pelas quais está passando.

Que colossal diferença da sua saúde debilitada com o seu espírito, minha querida, com minha própria ansiedade e a tensão da qual não consigo me livrar, se ao menos pudessemos nos encontrar, se eu pudesse estar ao seu lado e abraçá-la forte, ou se eu pudesse ter ao menos um vislumbre da sua silhueta através da tela de arame grosso que inevitavelmente nos separa.

O sofrimento físico não é nada comparado com o pisotear desses delicados laços de afeto que formam as bases da instituição do casamento e da família, que unem homem e mulher. Este é um momento aterrador na nossa vida... Para quem luta pela liberdade, a esperança é como uma tábua de salvação para um nadador, uma garantia de que ele não vai afundar e que estará livre de perigo. Sei, minha querida, que, se as riquezas fossem contadas em termos das toneladas de esperança e pura coragem que se aninham no seu peito (tive essa ideia de você), você sem dúvida seria uma milionária. Lembre-se disso sempre.

Mandela assina essa carta com: “Toneladas e toneladas de amor e um milhão de

beijos. Seu devoto, Dalibunga [seu nome de iniciação]”.

Em outra carta, publicada na biografia de Mandela escrita por Fatima Meer, *Higher than Hope*, ele escreve:

Minha amada Winnie,

Tenho tido algum sucesso em usar uma máscara atrás da qual me consumo em saudades da família, solitário, me segurando para não correr para receber a correspondência até alguém chamar meu nome. Também nunca prolongo as visitas, embora, às vezes, sinta um desejo terrível de me demorar. Luto para reprimir minhas emoções enquanto escrevo esta carta.

Recebi só uma carta desde que você foi detida, datada de 22 de agosto. Desconheço todos os assuntos da família, como o pagamento do aluguel, das contas de telefone, o cuidado das crianças e as despesas com elas, se você vai conseguir um emprego quando for libertada. Enquanto não souber notícias suas, permanecerei angustiado e seco como um deserto.

Lembro-me do Karoo<sup>[1]</sup>, que atravessei em várias ocasiões. Voltei a ver o deserto em Botsuana indo e vindo da África – fossos intermináveis de areia sem uma única gota de água. Não recebi nenhuma carta sua. Estou seco como um deserto.

Cartas suas e da família são como a chegada das chuvas de verão e primavera que animam a minha vida e a tornam agradável.

Sempre que escrevo para você me sinto fisicamente aquecido por dentro, e isso me faz esquecer todos os meus problemas. Fico repleto de amor.

Os prisioneiros não podiam enviar cartas com mais de quinhentas palavras. Mandela com frequência tinha as cartas devolvidas por serem extensas demais. Algumas de suas cartas ao comissário do Sistema Penitenciário, por exemplo, também eram devolvidas por conterem questões raciais. Era uma maneira de tentar restringir suas queixas e solicitações intermináveis às autoridades.

Às vezes, suas cartas de amor eram rejeitadas pela polícia de segurança sob a alegação de que podiam estar codificadas. Ele escancarava seu coração e sua alma à esposa, que tanto ansiava por ver e abraçar, sabendo que eles poderiam jamais voltar a ficar juntos, e as cartas eram descartadas por puro despeito.

Pior ainda, uma vez ouvi um carcereiro no pátio da Seção B dizendo a Mandela: “É bobagem esperar cartas da sua mulher. Todo mundo sabe que ela tem um novo namorado. Está dormindo com um dos sujeitos da Divisão Especial”.

Mandela, sem nenhum sinal de raiva, respondeu: “Senhor, estou preso aqui, impotente. Ela é um ser humano de carne e osso, vivendo no mundo lá fora. Não posso ficar com ciúmes do que pode estar fazendo ou impor o que pode e não fazer”. Ele simplesmente se recusava a revelar sua angústia interior.

Como era de se esperar, as cartas de Mandela não eram as únicas censuradas. Eu também tinha de ler toda a correspondência dos outros presos políticos. Uma vez, fiquei intrigado ao notar que um homem iletrado conseguira escrever uma carta romântica

extremamente articulada à namorada.

Outros carcereiros também estavam lendo trechos idênticos de outros prisioneiros, alguns bastante sofisticados. Começamos a reter as cartas e compará-las. Foi então que descobrimos um artigo na revista *Seleções*, uma das poucas revistas que eles tinham permissão de ler, sobre como escrever cartas de amor. Todos os prisioneiros estavam copiando o artigo.

Em uma ocasião, chegou para Mandela uma carta de Winnie com uma foto das filhas. Uma menina fazia o sinal da paz, um V de vitória com os dedos. Tivemos de reter a foto, e ele nunca teve permissão de vê-la enquanto esteve na ilha. Todas as cartas, fotos ou os cartões rejeitados deveriam ser guardados com seus pertences e entregues a ele quando fosse libertado. Entretanto, Mandela tinha sido escolhido para receber um tratamento especialmente rigoroso. Dessa forma, nunca chegou a ver algumas correspondências.

Se atingisse sua cota, ele não teria permissão de receber nenhuma outra carta. Uma vez por ano, podia fazer uma requisição por escrito para ver todas as cartas retidas. Poderia lê-las no Gabinete do Censor, mas depois seriam guardadas de novo com seus pertences.

Mandela descobriu que podia gastar um rand a mais para enviar cartas registradas e verificar nos correios se tinham sido entregues. Com isso, podia acompanhar as cartas e ficar um passo à frente, como sempre gostava de fazer.

Como os outros prisioneiros, Mandela só tinha permissão de receber cartas dos familiares mais próximos ou de seus advogados. Quaisquer outras pessoas eram automaticamente consideradas um risco de segurança. Os presos deviam informar os dados de contato de todos os parentes, amigos e colegas, e as informações ficavam armazenadas nos nossos arquivos. Noventa por cento deles só fornecia detalhes de seus familiares mais próximos, não de amigos e companheiros. Sabiam que a polícia de segurança começaria a assediá-los caso seus nomes fossem informados.

Como as correspondências só podiam ser entregues a um prisioneiro se viesse de uma fonte conhecida, isso impunha uma restrição adicional aos contatos com o mundo lá fora. Se um detento não tivesse registrado o nome do irmão, por exemplo, as cartas dele não seriam entregues. Ela seria incluída em seus pertences, aos quais ele só teria acesso ao ser libertado.

Alguns carcereiros sabiam falar xhosa, sotho ou zulu e censuravam cartas e visitas nessas línguas. Mandela recebia todas as suas visitas em inglês, porque não tínhamos muitos falantes do xhosa e, se não houvesse alguém disponível, a visita poderia ser adiada ou até cancelada, uma possibilidade inconcebível para ele.

Todas essas imposições eram duras, mas constituíam uma grande melhoria em relação às restrições da época em que Mandela chegou à ilha. Naqueles dias, ele e seus companheiros só tinham permissão de escrever e receber uma carta a cada seis meses. Em 1975, já podia receber três cartas por mês, totalizando 36 por ano. Quando trabalhei lá, no fim anos 1970, a cota anual era a mesma, mas o máximo era de quatro cartas por mês. Às vezes ele precisava escrever ao advogado, e essa carta teria de ser contabilizada

na cota.

Além disso, Mandela tinha permissão de receber um total de doze cartões de aniversário ou Natal por ano, contanto que não excedessem doze a quinze palavras cada. Uma palavra a mais, e o cartão seria classificado como carta. Todas as correspondências eram carimbadas e assinadas por um carcereiro, como eu, declarando seu status: aprovada ou rejeitada.

Em uma ocasião, Ahmed Kathrada, grande amigo e companheiro rioniano de Mandela, teve uma carta retida devido ao conteúdo político. Ele sabia que a carta tinha chegado e fez uma requisição por escrito para vê-la. Era assim que o sistema funcionava. No entanto, um carcereiro do Gabinete do Censor decidiu queimá-la. Quando Kathrada protestou, também por escrito, foi informado de que a carta tinha sido extraviada. Era um processo demorado, moroso e frustrante e, no final, só levava a recusas.

Em várias ocasiões percebemos que os oficiais da divisão de segurança estavam jogando fora as cartas enviadas, porque os prisioneiros se queixavam de não receber nenhum retorno nem solicitações de visitas de parentes que tinham convidado. Tudo fazia parte da crueldade casual encorajada por um governo obsessivamente paranoico.

Ainda mais importante que as cartas dos entes queridos eram suas visitas.

Em 1964, seu primeiro ano na ilha, Mandela só teve permissão de receber uma visita – de sua amada Winnie – e podia receber apenas duas cartas. Em 1965, recebeu duas visitas, em julho e dezembro. Aos poucos, o número de visitas permitidas foi aumentando pouco, ano após ano, e seguiram sendo sua tábua de salvação, no cerne de sua capacidade de sobreviver e manter a sanidade.

Quando comecei a trabalhar na Ilha Robben, ele tinha direito a uma visita de trinta minutos a cada três meses de uma pessoa sozinha. Posteriormente, sua cota aumentou para uma visita por mês e, na década de 1980, já podia receber visitas mais regulares, duas por mês de quarenta minutos cada de duas pessoas ao mesmo tempo. Ele e vários de seus companheiros conquistaram “regalias” como essas em virtude de seu bom comportamento – evitando qualquer envolvimento em brigas ou tentativas de fuga, procurando não causar nenhum problema nem confusão e mantendo a cela sempre limpa e pronta para as inspeções.

Quando cheguei à ilha, ele já tinha atingido a classificação de Grupo A, tendo conquistado os maiores privilégios, como autorização de mais visitas e mais cartas e permissão de comprar mais mantimentos na lojinha do presídio.

Nas sextas-feiras ou nos sábados, informávamos aos presos se receberiam alguma visita. Mandela se preparava e, lá pelas nove da manhã, já estava barbeado e primorosamente vestido, esperando impaciente a chegada do visitante.

Nós, os carcereiros, brincávamos que era como se eles fossem sair para um passeio naquele dia. Ficavam animados e contentes. No entanto, às vezes a balsa não chegava porque o mar estava agitado demais. Os visitantes eram transportados de volta e forçados a esperar um dia de mar mais tranquilo.

Isso impunha uma grande dificuldade para Winnie, porque para cada visita ela precisava solicitar a revogação de seu banimento, que só era concedida por um dia e,

nesses casos, precisaria fazer uma nova requisição, para outra data. Se o mar passasse dois dias revolto, e a balsa fosse cancelada, a visita também seria cancelada e perdida.

Dessa forma, Mandela ficava ansioso desde o amanhecer para ver como estava o tempo. Ele só se tranquilizava quando era informado de que a balsa estava funcionando, e Winnie estava a caminho.

Antes de uma visita, eu caminhava com ele pela trilha que dava para o centro de visitantes e, se visse uma flor, uma margarida africana branca, ele a colhia com cuidado e a colocava na prateleira no seu lado da cabine de visitas, onde Winnie poderia vê-la. Ele nutria um amor romântico e profundo por ela e, mesmo naquela situação, dois grandes homens uniformizados marchando juntos pela trilha de um presídio ladeados de guardas com cães policiais, nunca achei cômico nem tolo vê-lo colher uma minúscula flor. Aquilo fazia parte dele, um homem completo, todo sentimento.

Guardas armados nos observavam das torres de vigia enquanto caminhávamos. Todos ficavam em estado de alerta nos dias de visita. Mandela andava um pouco à frente de mim, e podíamos conversar sem ser ouvidos durante o trajeto de 100 metros.

Ele sempre levava um caderno e um lápis. Cada minuto de uma visita era vital, e ele queria anotar tudo para reler mais tarde. Também levava um caderno para Winnie anotar instruções, como entrar em contato com advogados ou orientações relacionadas à escola das filhas.

Logo antes da chegada da balsa, eu trancava Mandela em uma cela. Depois reunia todos os visitantes e os encaminhava ao centro de visitantes, onde ficavam trancados na sala de espera.

Com frequência eles chegavam pálidos e enjoados, precisando usar o banheiro. Eu sentia muito por eles e lhes dava alguns minutos a mais para se recuperar na sala de espera, mas alguns tinham muita dificuldade de ir até o fim da visita, ainda mais sabendo que teriam de enfrentar o mar revolto na volta para o continente.

Um dia, uma advogada em visita a Mandela recusou-se a voltar na balsa por ter passado tão mal na ida que estava apavorada. No fim, foi preciso enviar um helicóptero militar só para retirá-la da ilha.

Sempre havia grandes ondas no canal entre a Ilha Robben e o continente. Nos dias de hoje, pelo bem dos turistas, a balsa é cancelada ao primeiro sinal de mar agitado. Mas, naquela época, a balsa trazia suprimentos básicos como comida e água potável e, o mais importante para o governo paranoico, montanhas de documentos monitorando cada pensamento e ação dos prisioneiros.

Às vezes Winnie parecia passar mal depois da travessia, mas era forte e não queria perder um minuto sequer de uma visita ao marido por nada no mundo.

Eu levava Mandela a uma cabine, cercada por cabines vazias para que nenhum prisioneiro pudesse ver os visitantes do outro. Depois ficava atrás dele durante toda a visita. Ele e Winnie colocavam as mãos sobre o vidro à prova de som, do tamanho de uma folha de papel A4, e pegavam o telefone para falar.

Eu escutava a conversa em um telefone conectado ao deles, de modo que não tinham nenhuma privacidade. Não tinham permissão de mencionar outros prisioneiros ou

peças do mundo externo, salvo parentes próximos. Eu imediatamente desligava os microfones se ouvisse qualquer transgressão e tinha de advertir Mandela de que a visita seria encerrada.

Winnie falava sobre problemas financeiros e costumava dizer que se preocupava com a possibilidade de estar perdendo o controle das filhas. Ela e Mandela eram como qualquer outro casal de pais responsáveis. Ele se preocupava muito com os perigos do mundo externo. Zenani estava em um internato de Suazilândia, Makaziwe estava na América, e Zindzi ficava exposta a todo tipo de perigos vivendo com a mãe em Brandfort, porque todo mundo sabia que era filha de Mandela, o terrorista.

Pouco antes de eu ir à Ilha Robben, em 1977, Winnie tinha sido exilada em Brandfort, uma cidade dominada por africanos no Estado Livre, onde recebeu uma casa sem água corrente, eletricidade, piso nem teto, coberta só com o telhado. Quase ninguém na cidade falava xhosa, a língua materna de Winnie.

Winnie contou a Mandela que ela e Zindzi eram constantemente assediadas pela polícia de segurança. Até visitantes que levavam comida ou dinheiro eram detidos. Ela estava infeliz e sozinha, e queria que Mandela a ajudasse conversando com seu advogado. Ele se sentia impotente, preso na Ilha Robben e incapaz de cuidar da família.

Cada segundo daquelas visitas eram importantes, e era difícil para mim lhes dizer que só tinham mais cinco minutos. Às vezes, Mandela imediatamente pedia mais trinta minutos, mesmo sabendo que não poderia receber outra visita no próximo mês.

Alguns guardas, movidos apenas pela crueldade, avançavam o relógio para interromper deliberadamente as visitas. Eles vociferavam: “Faltam cinco minutos!”, e o prisioneiro e seu visitante, arrasados, não tinham nenhum meio de denunciar o abuso.

Às vezes, Winnie levava boas notícias ao marido, como, por exemplo, um novo bebê na família, mas, em geral, as visitas eram sérias e angustiadas, e Mandela saía com coração pesado. Eu entendia o estresse dele e tinha muita compaixão por sua situação. Sua família estava mergulhada no caos, dividida, e ele não podia fazer nada.

Na nossa caminhada de volta à Seção B, ele dizia que tinha sido bom ver Winnie. Ela tentava animá-lo, mas, de uma forma ou de outra, os problemas se acumulavam. No entanto, ele sempre falava sobre como planejava lidar com os problemas e nunca se permitia desanimar. De volta à Seção B, ia ao pátio e era imediatamente cercado pelos amigos e companheiros que queriam conversar sobre todos os detalhes das visitas.

Em 1980, prisioneiros como Mandela, Ahmed Kathrada e Walter Sisulu já tinham acumulado regalias por bom comportamento suficientes para serem classificados como prisioneiros de classe “A”, como já mencionei anteriormente. Isso também significava que agora podiam receber jornais. Mandela encomendava e pagava pelos jornais africanos *Die Burger* e *Rapport*. Sisulu recebia o *Cape Times* e o *South African Sunday Times*.

Outros prisioneiros não tinham autorização de ler jornais, não podiam nem sequer tocá-los, quanto mais lê-los. Então Mandela e os outros dois se sentavam no pátio e liam em voz alta, muito alta, para que todos pudessem ouvir.

Os jornais eram rigorosamente censurados. Quaisquer relatos de batidas policiais

eram cortados com uma tesoura e, às vezes, o jornal ficava completamente retalhado, com mais anúncios do que notícias. Eles nos perguntavam o que tínhamos cortado, mas é claro que não podíamos dizer. Muitas vezes era eu que os censurava. O diretor do Gabinete do Censor tomava as decisões, e eu as executava com a tesoura.

Nada sobre o CNA ou outros grupos revolucionários podia ficar, e nada sobre explosões de bomba ou manifestações populares. Às vezes, deixávamos passar um artigo para mostrar que a polícia estava tendo sucesso no combate ao CNA.

Não precisávamos cortar imagens ou artigos sobre Mandela. Os jornais já eram proibidos por lei de publicar esse tipo de coisa. Mandela estava sendo deliberadamente apagado da mente e da memória do público.

Às vezes, o diretor do Gabinete do Censor deixava algo provocativo para eles lerem. Por exemplo, em uma ocasião, um grupo de 26 presos políticos foram libertados da Ilha Robben, e 21 deles foram mortos em uma batida policial no Lesoto menos de duas semanas depois.

Aquela reportagem foi deixada para desmoralizá-los e fazê-los acreditar que o CNA estava perdendo a força.

Todas as visitas de advogados deveriam ser confidenciais, e houve uma grande demonstração de respeito a essa regra com a construção de uma sala separada do centro de visitantes. Um carcereiro ficava de guarda do lado de fora, de onde não podia ouvir a conversa. Mas, como era de se esperar, todas as salas estavam grampeadas, e todas as conversas eram gravadas e enviadas à polícia de segurança diariamente em pastas trancadas.

Todos os prisioneiros buscavam maneiras de contornar as escutas. Mandela mantinha no bolso pedaços de papel rasgados de um saco de cimento e se punha a falar com o advogado enquanto escrevia informações cruciais, como as iniciais da pessoa a quem estava se referindo – por exemplo, O. T. significava Oliver Tambo, o líder do CNA – ou uma mensagem que queria transmitir. Ele deslizava o papel pela mesa para mostrar ao advogado, o colocava rapidamente na boca e engolia antes que um carcereiro desconfiado chegasse correndo para pegar o pedaço de papel.

Ao longo dos anos, os advogados às vezes conseguiam contrabandear alguns alimentos, já que não eram separados dos prisioneiros por painéis de vidro. Dullah Omar costumava trazer samosas feitas por sua esposa e era esperto o suficiente para oferecê-las também aos guardas. Ismail Ayob, outro advogado de Mandela na época, levava frutas. Mandela me contou empolgado sobre a experiência de comer sua primeira banana em quinze anos.

As consultas jurídicas de Mandela eram, em sua maioria, tentativas de ajudar Winnie ou seus camaradas. Ela precisava de dinheiro e de ajuda para sobreviver ao exílio. Foi uma época difícil e sombria para o casal.

# CAPÍTULO 6

Os rivonianos e seus companheiros foram enviados à Ilha Robben para serem esmagados. Eles seriam física e mentalmente arrasados de maneira tão completa quanto o calcário que seriam forçados a quebrar na pedreira por treze extenuantes anos. Os africanos como Mandela eram de fato subalimentados, recebendo poucas rações, menos que os outros presos, por serem considerados as criaturas mais desprezíveis da Terra. E todos os prisioneiros eram observados, monitorados e ouvidos por meio de escutas durante todas as atividades, por mais pessoais que fossem, todas as conversas, por mais triviais que fossem.

Mesmo assim, quando cheguei à ilha e conheci os rivonianos, que já tinham passado catorze anos na prisão, não vi homens derrotados. Em vez disso, vi um grupo de bons amigos que ajudavam uns aos outros em todas as dificuldades, todas as doenças e todos os contratempos. Eram unidos não só por suas circunstâncias, mas por suas crenças. Eram os homens mais fortes que conheci.

Sim, eu e os outros carcereiros o víamos nus no chuveiro e no banheiro. Mandávamos que ficassem de joelhos para limpar e polir pisos e corredores. Chegávamos a reduzir suas cartas e cartões a retalhos quando os censurávamos e ajudávamos a executar o plano do governo para fazê-los literalmente desaparecer da face da Terra. A vida implacavelmente dura imposta a eles visava a destruir sua dignidade e reduzi-los a pouco mais que insetos. O objetivo era vê-los rastejando deploravelmente entre a cela e o pátio até que, mais cedo ou mais tarde, adoecessem e morressem.

Entretanto, o que o governo, com toda sua paranoia, não conseguiu perceber foi que a liderança do CNA na prisão – Mandela, Walter Sisulu, Raymond Mhlaba, Andrew Mlangeni, Govan Mbeki, Elias Motsoaledi e Ahmed Kathrada – era indestrutível. Mbeki era o intelectual do grupo político e um comunista ferrenho. Ele e Mandela tinham grandes conflitos ideológicos e chegaram a não se falar por quase dois anos. Apesar disso, ao mantê-los juntos, as autoridades inadvertidamente fortaleceram os laços entre eles.

Suas esperanças e crenças eram inabaláveis. Lá estavam eles, em sua maioria homens na faixa dos 60 anos, sem jamais duvidar por um segundo sequer que sua causa era digna, que veriam o dia em que o bem triunfaria sobre o mal e que seriam uma parte importante dessa transformação.

Mandela foi o líder indiscutível desde o início. Ele era assertivo sem nunca dominar nem menosprezar os outros. Tinha um dom natural para a liderança e o usava com

charme e bom humor, de modo que guardas como eu eram atraídos a ele sem nem perceber.

Naturalmente, muitos guardas faziam questão de afirmar de maneira brutal sua superioridade sobre os rivonianos e se deleitavam no sadismo intencional. Reduziam as rações, assediavam prisioneiros enquanto comiam, rasgavam e jogavam fora suas cartas e os provocavam sempre que tinham chance. Diziam a um prisioneiro que sua esposa estava sendo infiel ou que seus visitantes se recusaram a vir, quando, na verdade, estavam presos no continente porque a balsa não estava operando.

Na pedreira de calcário, os presos recebiam ordens de encher os carrinhos de mão só pela metade. No dia seguinte, eram forçados a trabalhar mais rápido e encher os carrinhos até três quartos da capacidade e, no dia seguinte, eram obrigados a trabalhar ainda mais rápido. Não havia nenhuma razão concebível para esse tipo de imposição; era o *bullying* institucional na sua forma mais cruel.

Todos os detentos tinham de levar consigo um cartão de identidade o tempo todo, sob pena de perder privilégios. No cartão constava seu nome e número, seu local de nascimento, seu crime, sua pena, sua religião, sua origem étnica e suas impressões digitais. A religião de Mandela era metodista, e ele foi classificado como um banto, o termo genérico e depreciativo do sistema do apartheid para se referir aos africanos negros. Também vi o insulto “cafre”<sup>[1]</sup> escrito no cartão de identidade de alguns prisioneiros.

Desde o início decidi adotar uma atitude diferente. Tendo sido criado em um ambiente afável, sem matizes raciais, eu tinha um respeito natural pelos mais velhos. Também via uma cordialidade rara entre aqueles homens e uma completa ausência de amargura por sua situação desesperadora. Eu não via razão para tornar a vida deles ainda mais miserável.

O companheirismo entre eles era quase invejável. Os rivonianos eram respeitados por todos os outros prisioneiros e tive a chance de conhecê-los bem. Gosto de pensar que sentiam o mesmo em relação a mim, ao demonstrar ser possível, por todos aqueles anos, agir com compaixão ao mesmo tempo que os trancava nas celas e lhes servia a terrível comida da prisão. Talvez até se compadecessem de mim, pelo meu próprio “cativeiro” na ilha. Eles sem dúvida eram capazes de nutrir sentimentos tão elevados.

Quando a Fundação Nelson Mandela publicou o livro *A Prisoner in the Garden* em 2005, fui tomado pelo orgulho de ver um capítulo sobre mim que descrevia o relacionamento entre mim, a minha família e Mandela como uma relação de “extraordinária riqueza”.

Em sua própria autobiografia, *Longa Caminhada até a Liberdade*, Mandela escreveu longamente sobre os anos sombrios na Ilha Robben. Ele afirmou que a pessoa mais importante da vida de qualquer prisioneiro não era o ministro da Justiça, o comissário do Sistema Penitenciário nem mesmo o diretor da prisão, mas o carcereiro de sua seção. Os oficiais e autoridades superiores agiam de acordo com as regras porque raramente entravam em contato direto com os presos, ao passo que os carcereiros muitas vezes demonstravam mais compaixão.

Ele escreveu: “Se você estiver com frio e quiser um cobertor extra, pode enviar uma requisição ao ministro da Justiça, mas não receberá resposta. Se recorrer ao comissário do Sistema Penitenciário, ele dirá: “Sinto muito, é contra os regulamentos”. O diretor da prisão dirá: “Se eu abrir uma exceção para você, terei de dar um cobertor extra a todos”.

“Mas, se abordar o carcereiro no corredor da sua seção e tiver boas relações com ele, ele simplesmente irá ao almoxarifado pegar um cobertor.”

Ele contou que sempre tentava ser correto com os guardas da Seção B porque a hostilidade não levava a nada. “Não havia por que ter um inimigo permanente entre os guardas”, ele escreveu. “Era a política do CNA tentar educar todas as pessoas, até os nossos inimigos. Acreditávamos que todos os homens, até os carcereiros da penitenciária, eram capazes de mudar, e fizemos o possível para tentar influenciá-los... Em geral, tratávamos os guardas como nos tratavam. Se um homem era atencioso conosco, nós também éramos atenciosos com ele. Nem todos os nossos guardas eram monstros. Percebemos desde o início que alguns deles acreditavam na justiça... Mesmo assim, não era fácil ser amigável com os carcereiros, considerando que, em geral, julgavam abominável a ideia de tratar um homem negro com cortesia.”

Ele escreveu sobre um determinado carcereiro que os acompanhava na pedreira e os proibia de conversar. Mandela o descreveu como hostil e grosseiro. No entanto, diante da atitude insistentemente amigável dos rivonianos e dos outros prisioneiros, o guarda foi ficando cada vez menos desconfiado e até começou a perguntar sobre o CNA.

Como muitos de nós, ele tinha sido submetido a uma lavagem cerebral pela máquina de propaganda política do governo durante o treinamento e passou a acreditar que eram todos terroristas e comunistas que queriam expulsar os brancos. No entanto, quando os prisioneiros explicaram seu desejo de não discriminação racial e igualdade de direitos e seus planos de redistribuição da riqueza, ele coçou a cabeça e disse: “Faz muito mais sentido que os Nats [o Partido Nacional no poder]”. Com isso, fizeram um amigo, ainda que não exatamente um adepto.

Os líderes do CNA na prisão eram grandes personalidades. Walter Sisulu, seis anos mais velho que Mandela e também um thembu<sup>[2]</sup>, foi sem dúvida seu mentor.

Sisulu tinha sido um brilhante articulador político, tendo fundado, em 1944, a Liga da Juventude do CNA com Mandela e Oliver Tambo e logo se tornado sua luz norteadora.

Ele acreditava, desde o início, em uma campanha mais agressiva contra o governo vigente e foi preso sete vezes entre 1953 e 1963. Foi capturado pela polícia na invasão da Fazenda Liliesleaf em 1964 e cumpriu 27 anos na prisão. Eu o considerava um homem amável e sociável, o camarada experiente e confiável a quem Mandela recorria em tempos de crise. Mandela escreveu sobre como, depois de receber a notícia de que seu filho mais novo Thembekile tinha morrido em um acidente de carro, ficou prostrado na esteira no chão de sua cela sem conseguir falar. Walter entrou, e Mandela lhe mostrou o telegrama. Ele se ajoelhou ao lado de Mandela e segurou sua mão. Mandela explicou que não havia nada a ser dito em um momento como aquele.

Anos mais tarde, no Presídio de Pollsmoor, eu trabalhava com Mandela em sua horta quando ele olhou para Sisulu, que cavava buracos no solo para plantar alguma coisa.

Ele me disse: “Quer saber? Se não fosse por aquele velho, eu não teria ingressado na causa e não estaria nesta prisão agora. É tudo culpa dele”. Eles riram, e Sisulu continuou cantando como sempre fazia. Ele cantava ao lavar suas roupas e cuidar de outras tarefas na prisão e sonhava com o dia em que seria libertado, dizendo: “Vou sair cantando”.

Sisulu se tornaria o vice-presidente do CNA em 1991. Ele morreu em 2003 e existem um jardim botânico nacional e uma universidade com seu nome, entre muitas outras honrarias.

Mandela disse em um discurso fúnebre que a ausência de Sisulu “abriu um vazio. Uma parte de mim se foi”. Ele lembrou como ambos decidiram enfrentar a pena de morte no Julgamento de Rivonia em vez de insistir na inocência. “Sei que ele planejava receber o carrasco com uma canção nos lábios”, contou.

Raymond Mhlaba, outro rivoniano, era uma figura exuberante. Ele sempre me tratou com simpatia, com sua voz retumbante e seu riso incontrolável, que repercutia por toda a Seção B, às vezes chegando a irritar os que tentavam estudar.

Ele era o sujeito mais barulhento na prisão. Foi uma grande alegria quando se tornou o primeiro detento da Ilha Robben na África do Sul a receber autorização para se casar. Na ocasião, 1986, estávamos todos no Presídio de Pollsmoor, na Cidade do Cabo. A companheira de Mhlaba, Dideka, uma enfermeira, não tinha como receber sua pensão sem uma certidão de casamento. Após muitos anos enviando requisições por escrito, Mhlaba foi informado de que a cerimônia tinha sido finalmente autorizada.

Fiquei de guarda do lado de fora do escritório do comandante, onde Mandela e Sisulu foram as testemunhas do casamento, vestindo elegantes ternos pretos alugados pelo advogado de Mhlaba. Foi a primeira vez que os vi sem uniforme. Estavam muito bem-apegoados, usando na lapela cravos levados pela esposa do advogado. A noiva estava com um vestido branco e levava flores, e foram servidos lanches e suco de uva espumante em uma sala adjacente, depois breve cerimônia.

Mhlaba já era um sujeito nervoso e, obviamente, estava ainda mais agitado naquele dia. Ele nunca conseguia fazer os exames por ser inquieto demais. Casar-se era um grande passo para ele. Naquele dia, pôde beijar e abraçar sua esposa pela primeira vez em 22 anos, mas a lua de mel teve de esperar mais seis anos.

Fiquei triste quando o vi se despedir da noiva e os escoltei de volta à cela, levando o que restou do lanche aos outros presos.

O rivoniano Andrew Mlangeni gostava de conversar comigo sobre pescaria, um prazer que lhe era negado, apesar de ser um dos passatempos preferidos dos guardas no nosso tempo livre. Ele me perguntava o que eu tinha pegado, e eu muitas vezes guardava um pouco do peixe que assava com meus colegas carcereiros, pedindo que o guarda noturno o levasse à cela dele.

Ele pedia remédio para tosse todos os dias, brincando que era seu álcool, estava bem viciado naquilo.

Nunca esqueci que Mlangeni foi a primeira pessoa a me receber na Seção B. Quando cheguei, ele me cumprimentou na minha língua materna, o africânder. Mais tarde fiquei

sabendo que, como era fluente em africânder, os prisioneiros decidiram que deveria pedir para ficar na cela mais próxima do escritório dos carcereiros para ouvir nossas conversas.

Ele vinha de uma família pobre do distrito negro de Soweto. Trabalhou como motorista de ônibus e participou das greves, ingressando na Liga da Juventude do CNA desde o início do movimento e se oferecendo para fazer o treinamento militar fora da África do Sul quando a luta armada teve início. Foi Mlangeni que disse ao juiz do Julgamento de Rivonia que tudo o que o governo do apartheid tinha conseguido foi colocar os líderes na cadeia e dividir famílias.

Ele era o melhor jogador de pingue-pongue da Seção B, e nós dois jogamos muito juntos. Mantivemos a amizade muito tempo depois da Ilha Robben e somos amigos até hoje.

Elias Motsoaledi era um lutador nato e parece inevitável que acabasse no Julgamento de Rivonia. Aos 17 anos, foi preso por se recusar a apresentar seu passe e condenado a trabalhos forçados na construção de estradas em Pretória. Ele foi um herói da classe trabalhadora, liderando a luta por salários e condições melhores para operários de fábricas e ajudando a criar o Congresso Sul-Africano de Sindicatos.

Motsoaledi era um orgulhoso integrante do Partido Comunista Sul-Africano e tinha entrado em conflito muitas vezes no passado com integrantes mais exaltados da Liga da Juventude do CNA, como Mandela e Sisulu. Na Ilha Robben, perceberam que tinham muito em comum e passaram a trabalhar juntos.

Minha maior lembrança dele era sua feroz antipatia pelos fumantes. Ele pedia tratamento médico se alguém acendesse um cigarro perto dele, e os outros diziam brincando que iam fumar um cigarro na cela, e ele imediatamente adoeceria e pedia ajuda.

Mas também era uma pessoa gentil e prática. Gostava de ajudar Mandela em sua horta, o que acabou se tornando uma atividade comunitária, algo que podiam fazer que efetivamente rendia frutos. Era um falante do sotho e um homem de família que vivia para receber as visitas e as cartas da esposa.

Motsoaledi faleceu no dia da posse oficial de Mandela como presidente da África do Sul em 9 de maio de 1994. Mandela falou dele com carinho no discurso em seu funeral.

Govan Mbeki, embora viesse a ser um político de porte – ele teve um papel importante nas negociações para reconciliar negros e brancos sul-africanos, e seu filho Thabo sucedeu Mandela na presidência em 1999 –, era o homem quieto da Seção B.

Eu me lembro dele jogando intermináveis partidas de Banco Imobiliário na sala de recreação, insistindo em criar as próprias regras. Ele dava a impressão de ser um homem muito sério, apesar de um discreto senso de humor por trás de toda a sua seriedade. Em geral, não conversava muito com os guardas, mas se abriu comigo no dia em que tive de acompanhá-lo para ver Mandela na solitária do Presídio de Pollsmoor, anos mais tarde.

Mas Ahmed Kathrada – ou Kathy, como é chamado por todos – foi provavelmente meu melhor amigo e continua sendo até hoje.

Ele foi o único indiano do Julgamento de Rivonia e recusou uma oferta de obter a

liberdade em troca de provas contra os outros. Ele fora um ativista desde os 12 anos de idade, quando ingressou na Liga da Juventude Comunista da África do Sul, distribuindo panfletos e fazendo trabalho voluntário.

Sempre falava comigo em africânder, um gesto pelo qual eu tinha grande consideração. Era um homem cordial e gentil, um intelectual com um grande apetite pelos estudos. Obteve diplomas de bacharel em história, criminologia e bibliografia sobre a Ilha Robben, bem como *honours degrees* em história e política africana. Teria feito o mestrado se as autoridades permitissem. Hoje tem quatro títulos de doutor *honoris causa*.

Kathy sempre foi muito próximo de Mandela. Foi eleito ao Parlamento nas primeiras eleições democráticas da África do Sul em 1994, e Mandela o nomeou para o cargo de assessor político do Conselheiro Parlamentar.

Ele também encontrou uma maneira extraordinária de processar as terríveis memórias de sua estadia em Ilha Robben. Foi nomeado presidente do Conselho da Ilha Robben em 1994, cargo em que permaneceu até o fim de seu mandato em 2006, e ainda vai regularmente à ilha para levar visitantes em excursões privadas, muitas vezes pegando a balsa e orientando a administração da ilha como um importante centro cultural. Kathy esteve ao lado do presidente Barack Obama quando ele visitou a Seção B no 95º aniversário de Mandela e ficou vários minutos na cela de Mandela, olhando em silêncio pelas grades. Kathy testemunhou muitas dessas peregrinações carregadas de emoções. Ele as compreende, mas também acredita firmemente nos elementos positivos de seus longos anos na prisão.

De todos os meus prisioneiros da Seção B, Kathy é quem mantém a atitude mais positiva em relação aos dias em que passou preso na Ilha Robben. Como ele observou em um discurso de 1993:

“Alguém escreveu sobre dois prisioneiros olhando para fora da janela da cela: um via grades enquanto o outro via estrelas.

A melhor representação da vida na prisão é de grande cordialidade, companheirismo, amizade, humor e riso, de fortes convicções, generosidade, companheirismo, solidariedade e prestimosidade.

É um ambiente de aprendizagem contínua, de conhecer e conviver com os semelhantes, mas, o mais importante, um lugar onde se conhece a si mesmo, às próprias fraquezas, deficiências e potenciais.

Ao reduzir a vida na prisão a estatísticas frias e impessoais, negligencia-se a profunda experiência multidimensional, os sentimentos e os interesses de uma comunidade vibrante.

Gostaríamos que a Ilha Robben não fosse um monumento ao nosso infortúnio e sofrimento, mas um símbolo da vitória do espírito humano contra as forças do mal.”

Velhos amigos como Kathy, Mandela, Mbeki e Sisulu compartilhavam muitas lembranças da vida anterior à Ilha Robben. Eu podia ouvi-los lembrando e rindo dos

velhos tempos. O próprio Mandela conta sobre o humor negro dos companheiros em um dos piores períodos da vida quando aguardavam a sentença do Julgamento de Rivonia.

Em *Longa Caminhada até a Liberdade*, Mandela lembra que ele, Kathy e Mbeki eram guardados por um policial mal-humorado de rosto ruborizado chamado Tenente Swanepoel. Um dia, enquanto Swanepoel os observava pela porta da cela de detenção, Mbeki se pôs a escrever furtivamente um bilhete. Ele entregou o bilhete a Mandela, que o leu e, balançando a cabeça com seriedade, o passou para Kathy.

Quando Kathy pegou os fósforos para queimar o bilhete, Swanepoel entrou na cela e arrancou o pedaço de papel de sua mão. Feito isso, saiu da sala para ler seu prêmio.

Alguns momentos depois, ele rosnou: “Vou pegar vocês por isso!”. Mbeki tinha escrito, em letras maiúsculas: “O SWANEPOEL NÃO É MESMO UM SUJEITO BONITÃO?”.

Além dos rivonianos, os líderes, a prisão também abrigava outros prisioneiros memoráveis. Japhta Masemola era o preso político mais antigo da ilha, trancafiado lá por 28 anos. Foi um dos principais integrantes da ala militar do CPA, o Congresso Pan-Africano, uma organização que se separou do CNA.

Ele sabia consertar qualquer coisa. Fazia coisas com papelão, pedaços de madeira, papel rasgado de sacos de cimento, qualquer coisa. Construía móveis, estantes de livros e até malas para os amigos. Consertava o relógio dos outros presos para que pudessem controlar seu tempo de estudo em preparação para os exames. Chegou a fazer um sombreiro com abas largas para que Mandela se protegesse do sol. O chapéu era feito de papelão, pintado com tinta branca. Mandela não saía sem ele e o usava na pedreira de calcário e quando trabalhava na horta. Aquele foi um dos poucos objetos que ele levou da prisão quando foi libertado anos depois.

Uma vez, Masemola fez uma armadilha especial para pegar ratos. Ela funcionava tão bem que quis até patenteá-la. Mas alguém roubou a ratoeira. Ele fez uma greve de fome em protesto, certo de que um dos carcereiros tinha levado a armadilha, mas ela nunca mais reapareceu. Quando Mandela estava em Pollsmoor, gostava de ficar sozinho na mureta de pedra lendo seus livros de estudo. Quando fazia frio, ele se enrolava em um cobertor e um dia me perguntou se podia usar um dos famosos alfinetes de Masemola para prendê-lo. Eu tinha dois alfinetes de Masemola, e Mandela prendeu o cobertor sobre os ombros com ele. Eu tinha encontrado os alfinetes na cela de Masemola depois de sua libertação e os levei para casa, onde minha esposa os usava para prender as fraldas do nosso novo bebê. Mas Masemola não era um prisioneiro fácil. Ele era problemático e irritadiço. Um dia tentou quebrar os alto-falantes de sua cela por não gostar da música. Era tão briguento que entrava em embates físicos com os próprios companheiros. Masemola perdeu os pais quando ainda era um menino e foi criado pela irmã. Estudou para ser professor e radicalizou alguns de seus alunos. Em consequência, alguns deles posteriormente foram presos com ele na Ilha Robben.

Dois dias antes de Masemola ser libertado da prisão, em outubro de 1989, Mandela pediu para vê-lo. Masemola foi levado de avião da Penitenciária de Leeukop em Johannesburgo até a Penitenciária Victor Verster, onde na época Mandela morava

sozinho. Nada jamais foi revelado sobre a conversa que tiveram nesse encontro. Assim que foi libertado, Masemola voltou a mergulhar na política ativa e foi recebido com entusiasmo por partidários que lotaram um estádio de futebol para ouvi-lo. A polícia do apartheid continuou a segui-lo e monitorá-lo.

Em 17 de abril de 1990, quando viajava sem guarda-costas, um caminhão colidiu com seu carro e o matou. O caminhão desapareceu e nunca foi encontrado. O CPA criou o Dia dos Heróis anual para homenagear e lembrar “nosso grande filho da África”.

A Seção B também abrigava outros integrantes notáveis do CPA, inclusive o presidente da organização, Zephania Mothopeng. Era triste vê-lo na prisão. Um homem velho, gordo e com problemas de saúde que o forçavam a andar devagar e com dificuldade. Eu costumava acompanhá-lo até o centro de visitantes, e ele parava constantemente, afligido por dores no peito.

Era um homem de quem todos gostavam e cuja sabedoria Mandela parecia respeitar. Eles concordavam que era mais fácil negociar e discutir uns com os outros, integrantes de diferentes organizações, na prisão, em comparação com os seus confrontos no mundo externo.

Tinha sido presidente da Associação dos Professores de Transvaal e foi preso pela primeira vez em 1960, por fazer campanha contra as leis do passe. Ele cumpriu três penas de prisão por seu ativismo e foi libertado em 1989, antes de falecer um ano depois.

Outro membro do CPA, Nontente Kamteni era um sujeito muito especial. Ele tinha apenas 22 anos quando foi enviado à ilha para cumprir vinte anos por sabotagem. Tinha sido pego pela polícia quando tentava impedir os policiais de prender pessoas em Queenstown, na Cidade do Cabo, durante um levante.

Kamteni era uma fonte inesgotável de energia. Era o nosso ajudante, sempre atencioso e amigável para com todos, uma presença constante nas celas comunitárias depois de conquistar o acesso ao escritório da recepção e à sala de estudo, levando chá para os guardas. Todos gostavam dele, e era capaz de bater às portas e simplesmente ir entrando. Os carcereiros pediam para ele comprar chá, café e biscoitos, e ele era absurdamente cuidadoso com o dinheiro dos guardas.

Naturalmente, todos nós suspeitávamos que ele coletava informações para os companheiros da Seção B, mas era tão afável que todos gostávamos dele. Se relutasse quando eu queria um pouco de chá, eu me dispunha a lhe mostrar suas cartas antes, na quarta-feira em vez de sábado, contanto que as lesse rapidamente no escritório e as deixasse lá.

Uma vez por ano fazíamos um churrasco para todos os carcereiros. Kamteni era o único prisioneiro que convidávamos. Dividíamos a comida com ele e quase esquecíamos que não era um de nós. Ele se misturava entre nós, carcereiros, e batia papo na nossa língua, chegando a chamar seus companheiros de prisão de cafres, demonstrando ostensivamente que se colocava contra eles. Eu certamente não caía nessa, não sei quanto aos outros. Mesmo assim, gostávamos muito dele. Ele estava sempre alegre e sorridente e, afinal de contas, era apenas um rapaz condenado a passar os melhores

anos de sua vida preso na ilha.

Ben Ramotse era um caso trágico. Ele tinha sido um ativista do CNA que saiu em uma operação de sabotagem no mesmo dia em que o braço armado, o Umkhonto we Sizwe, foi lançado. Estava com um companheiro quando a bomba que eles levavam para explodir o escritório de administração banto em Soweto detonou antes da hora. Seu companheiro foi morto, e Ramotse saiu ferido.

Ramotse foi levado às escondidas para fora do país para fazer o treinamento militar, mas foi capturado e condenado a quinze anos na Ilha Robben. Ele era o zelador da Seção B e, por ser tão afável, foi transferido para outra seção, com o pessoal da Organização do Povo do Sudoeste Africano da Namíbia<sup>[3]</sup> (Swapo, na sigla em inglês), o único xhosa a ser aceito entre eles.

Ramotse foi libertado em 1985, mas, como um ex-prisioneiro político e terrorista condenado, não conseguiu encontrar emprego. Ele escreveu para Mandela perguntando se o CNA não poderia lhe dar fundos para comprar um táxi. Mandela enviou mensagens para Winnie e seus advogados, mas os fundos nunca chegaram a Ramotse.

Um ano após sua libertação, a esposa de Ramotse escreveu a Mandela para informar que, incapaz de sustentar a família, ele entrou em desespero e se enforcou. Ela o encontrou na garagem de casa.

Ela estava ressentida. Fui encarregado de ler a carta antes de ser entregue a Mandela e também fiquei chocado e perturbado. Quando leu a carta, Mandela ficou em silêncio. Ele fez o que pôde, mas nem sempre era possível ajudar.

Tragédias, crises e notícias indesejadas de todos os tipos chegavam nas cartas aos prisioneiros. Era difícil entregar as cartas sabendo que aqueles homens já tinham dificuldade de sobreviver no dia a dia.

Um homem que nunca tinha dificuldades, que se recusava a ter dificuldades, era o incrível Herman Adimba Toivo Ja Toivo. Ele era o líder da Organização do Povo do Sudoeste Africano da Namíbia, lutando pela independência da Namíbia.

Ja Toivo tinha sido condenado a vinte anos na Ilha Robben, mas acreditava que estava detido ilegalmente em um país estrangeiro. A Swapo se recusava a aceitar que a Namíbia fazia parte da África do Sul. Em consequência, ele não aceitava nada do governo. Comia as rações só para não morrer de fome, mas, fora isso, se recusava a receber ou enviar cartas, aceitar visitas ou estudar. No tempo todo que passou na ilha, ele não teve direito a quaisquer regalias e permaneceu no Grupo D enquanto Mandela e os outros conquistaram o status de Grupo A para poder estudar, receber mais cartas e visitas e gastar mais dinheiro na loja do presídio. Ele era o homem mais forte – seria possível dizer o mais teimoso – que você poderia conhecer. Durante o incidente no qual os carcereiros atacaram com jatos de água os detentos no pátio e os espancaram nas celas, vários prisioneiros foram brutalmente surrados. Ja Toivo foi o único prisioneiro que reagiu, derrubando um guarda no chão com um único golpe. Ele foi espancado em retaliação e forçado a limpar a própria cela suja de sangue antes de ser levado à solitária, onde ficou sem comida e foi privado da possibilidade de se exercitar. Desde então, Kathrada passou a descrever aquele dia como “o pior dia da minha memória”.

Ele foi treinado em táticas de guerrilha e marchava em estilo militar de um lado ao outro no pátio para se exercitar, batendo os calcanhares ao fazer uma curva. Ele passava uma hora fazendo isso e, em seguida, ficava em posição de sentido. Tinha trabalhado na polícia ferroviária e valorizava a disciplina, mas não aceitava ser disciplinado pelas autoridades sul-africanas. Em geral ele se recusava a falar com os carcereiros, e foi só depois de sua libertação que eu soube que ele era fluente em africânder.

Enquanto estive na ilha, sua mãe, uma senhora cega de 90 anos de idade, chegou na balsa. Ela tinha insistido em uma visita, e ele tinha se recusado a recebê-la; ele amava a mãe, mas se recusava a submeter-se às regras da prisão.

O diretor do presídio não queria que a senhora voltasse ao continente dizendo à imprensa que tinha sido cruelmente impedida de ver o filho. Assim, ela foi levada a seu escritório, e ele pediu que se sentasse em uma cadeira atrás da porta. Eles me chamaram e me mandaram levar Ja Toivo ao escritório do diretor.

Eu o escoltei e o conduzi pela porta do escritório, onde sua mãe estava parcialmente oculta. A porta se fechou, e o diretor do presídio perguntou: “Por que você não quer ver sua própria mãe? Ela está aqui para vê-lo”.

Ja Toivo olhou para o lado e a viu. Ela usava o vestido tradicional da tribo ovambo, o povo deles. Foi até ela, ajoelhou-se e pegou sua mão. Ele a beijou, e os dois conversaram em sua própria língua. Aquela foi a primeira e única visita que recebeu na Ilha Robben.

Só podiam passar trinta minutos juntos, mas o diretor se compadeceu e lhes deu uma hora. O escritório não tinha grampos instalados e, de todo jeito, não sabíamos falar a língua deles. Para mim, foi uma experiência dolorosa, de cortar o coração. Mas, quando escoltei Ja Toivo de volta à sua cela, ele estava empolgado, animado, pela primeira vez. E até chegou a me agradecer.

No entanto, sua teimosia se manteve. Ele foi libertado em 1984, quatro anos antes de cumprir a pena integral. Já tinha sido transferido à sua Namíbia natal, mas se recusou a deixar a prisão. Ele não queria aceitar nenhum favor de qualquer pessoa em posição de autoridade. Tiveram de levá-lo à força para fora dos portões da prisão e jogá-lo na estrada, e seus companheiros da Swapo vieram pegá-lo.

Quando seu país conquistou a independência em março de 1990, ele se tornou o ministro das Minas e Energia e, mais tarde, ironicamente, o ministro do Sistema Carcerário. Foi uma figura inesquecível, uma lenda.

Em 1998, eu estava no escritório de embarque da balsa na Cidade do Cabo quando o vi com Kathrada. Kathy perguntou: “Você se lembra deste homem?”, e recebi um aperto de mão militar e um enorme abraço que me levantou do chão.

Ja Toivo estava voltando à Ilha Robben para mostrar à esposa e à família onde tinha ficado preso. Ele tinha providenciado uma visita especial e queria que eles vissem sua cela na Seção B e a pedreira de calcário onde tinha trabalhado. Era angustiante, mas ele voltou várias vezes, na tentativa encerrar esse episódio, imagino. Eu lhe disse que ainda trabalhava lá, na loja de suvenires do centro de visitantes, que foi aberto na ilha depois de fecharem o presídio em 1997. Aquele lugar era angustiante para todos nós, mas, ao

mesmo tempo, a tão esperada confirmação de tudo o que fizeram e viveram. Ja Toivo era a prova viva de que todas tentativas de subjugar a ele e a seus companheiros fracassaram. Lá estava ele, uma enorme e exuberante figura agora celebrada no próprio país.

Muito tempo depois, eu estava de férias na Namíbia e tinha levado alguns livros do centro de visitantes da Ilha Robben que um de seus companheiros queriam. Era a autobiografia de Helao Shityuwete, *Never Follow the Wolf*, e ele pediu 100 exemplares da livraria do museu. Shityuwete tinha providenciado um jantar comemorativo com a participação de todos os veteranos da Swapo que estiveram presos na Ilha Robben em um restaurante de Windhoek, capital da Namíbia. Encontrei cinco ex-prisioneiros meus, e todos me cumprimentaram e à minha esposa. Estavam felizes por nos ver, transbordando de alegria e fazendo piada. Não vi nenhum sinal de amargura ou tristeza, foi extraordinário.

E Ja Toivo continuava no comando. Quando um garçom entregou o cardápio, ele vociferou: “Não quero nada disso, só quero carne, tragam carne para todos!”.

Ele me perguntou sobre Mandela e os outros. Eles ficaram amigos e encontraram um jeito de superar todas as várias camadas de diferenças políticas entre suas organizações.

Depois do jantar, eu dirigia por uma estrada de cascalho na Namíbia quando a polícia me parou por não estar usando o cinto de segurança. O policial rodoviário começou a ficar exigente e hostil, então liguei para Ja Toivo. Ele teve uma breve conversa com o policial, que, ao desligar o telefone, já era todo sorrisos e nos deixou partir.

Temos nos encontrado desde então, e é sempre um grande prazer. Que homem extraordinário, que época inacreditável vivemos juntos! Definitivamente os momentos nem sempre foram felizes, mas a experiência compartilhada forjou amizades verdadeiras e duradouras.

# CAPÍTULO 7

**T**odos os que já viveram na Ilha Robben – leprosos, escravos, detentos e carcereiros – ansiavam por sair. A vida na ilha era árdua e isolada, e não havia nenhum vestígio de vida familiar ou consolo. Carcereiros como eu precisavam se comprometer com um mínimo de dois anos de serviço lá, mas todos pedíamos transferência assim que completávamos o período necessário.

Fiz a requisição em 1981, e levou um ano para o pedido ser aprovado. A transferência seria muito bem-vinda, já que eu planejava me casar no dia 13 de março de 1982, na Cidade do Cabo.

Minha noiva Estelle e eu adiantamos a data do casamento, porque o pai e a mãe dela tinham falecido, e o irmão não tinha condições de pagar o aluguel da casa da família em Epping – ela só tinha 20 anos, e seu irmão era ainda mais novo. A solução foi eu me mudar com eles, assumindo o posto de chefe da família.

Agendamos a cerimônia religiosa e a recepção, informamos os convidados, mas, no último minuto, o padre disse que não poderia casar uma menor de idade sem a permissão de seu tutor.

Para nós, foi uma crise. Estelle não tinha um guardião legal. Entramos rapidamente com uma petição no tribunal mais próximo, em Goodwood, para uma permissão especial de casamento. O juiz se mostrou solidário com a nossa situação, mas disse que poderia levar semanas para resolver o problema.

Ele passou um tempo ponderando o caso conosco, pegou o telefone vermelho em sua bancada e ligou para Pretória. O juiz consultou o Ministério da Justiça e nos disse que a única solução seria ele adotar formalmente Estelle. Incrivelmente, vindo de um homem que tinha acabado de nos conhecer, ele disse que poderia fazê-lo naquele mesmo dia. O juiz encontrou os formulários, e a coisa toda levou apenas duas horas.

Às onze da manhã daquele mesmo dia, saímos do tribunal com um termo de consentimento assinado, aturdidos com a gentileza do juiz e com a nossa sorte. Nunca nos esquecemos dele e nos entristecemos, anos mais tarde, ao ler no jornal que havia morrido.

O casamento foi realizado na data planejada, e tivemos uma adorável recepção com a presença de amigos e familiares. De lá, partimos de carro para a lua de mel em um ensolarado resort de Mossel Bay, no litoral. Eu tinha 23 anos e agora tinha uma esposa e seu irmão caçula para cuidar.

Enquanto estava de licença, fui oficialmente informado da minha transferência da

Ilha Robben ao Presídio de Pollsmoor no continente, em Tokai, uma frondosa área residencial de maioria branca na Cidade do Cabo. Assim, depois o turbilhão do casamento e do estabelecimento em um novo lar como um homem casado, me vi na tão conhecida balsa a caminho da Ilha Robben para recolher meus pertences.

Eu estava oficialmente de licença e não pude me despedir dos detentos da Seção B. Arrumei minhas coisas, meu uniforme e minhas varas de pescar no alojamento dos carcereiros solteiros e, satisfeito, dei as costas pela última vez ao penetrante cheiro de peixe do meu quarto.

Na viagem de carro pela estradinha acidentada que dava para a doca, virei para olhar o sombrio edifício do presídio. Esperando a balsa pela última vez, senti uma estranha mistura de sentimentos. Eu estava feliz por começar uma vida nova, mas percebi que meu coração também estava partido por deixar para trás um grupo de homens tinha quase sido uma família para mim. E sem ter a chance de me despedir.

Alguns carcereiros chegaram na balsa, e pedi que não deixassem de mandar lembranças minhas a Mandela e aos velhos companheiros da Seção B. Eu não encontrei as palavras para mandar uma mensagem adequada. O que poderia dizer? Que estava tão feliz de estar deixando esse lugar esquecido por Deus, mas que ia sentir a falta deles? Eles jamais transmitiriam uma mensagem tão emotiva. Então embarquei na balsa determinado a me concentrar no que estava por vir: meu primeiro turno da noite em Pollsmoor.

Estelle e eu morávamos no subúrbio de Goodwood, na Cidade do Cabo, a pouca distância de carro do presídio. Confesso que não estava muito animado com a perspectiva. Eu conhecia a reputação da prisão, que abrigava os piores criminosos da África do Sul. As três principais gangues de prisão – formadas por cerca de seiscentos homens – foram segregadas em um andar para que não recrutassem recém-chegados. Aqueles homens eram conhecidos como os “sujeitos dos números” – os notórios 26s, 27s e 28s, que constituem um problema enorme até hoje.

Eles eram em sua maioria homens mestiços vindos de áreas profundamente pobres da região de Mitchells Plain<sup>[1]</sup>, onde o consumo de drogas, os crimes violentos e o desemprego ainda são comuns. Os membros das gangues tatuavam o corpo inteiro, inclusive o rosto, para ostentar sua hierarquia na gangue, de forma que até fora da prisão seu status era claro.

Pollsmoor abrigava mais de três mil detentos, uma mistura de pessoas aguardando o julgamento, reincidentes calejados e assassinos cumprindo a prisão perpétua, inclusive alguns em confinamento solitário. Tudo aquilo me lembrou do pesadelo do meu treinamento em Kroonstad. A diferença que vi ao chegar a Pollsmoor foi que os carcereiros não eram exclusivamente brancos. O presídio até tinha um carcereiro africano negro, apesar de ficarmos separados nas inspeções diárias.

Eu temia as gangues e estava apreensivo para saber a qual seção seria alocado. Eu ainda não sabia quais homens guardaria. Mas, na primeira noite que me apresentei para o trabalho, fui pego de surpresa.

Disseram-me para levar uma arma de fogo, porque sairia com um sargento e outros

dez em uma missão especial. Fomos colocados na parte de trás de dois caminhões, com uma escolta de carro, e informados de que estaríamos recolhendo prisioneiros. Não tínhamos ideia de aonde estávamos indo.

Ao cair do crepúsculo, dirigimos pelos subúrbios e pegamos a estrada. Percebi que nos dirigíamos à orla da Cidade do Cabo, o estaleiro onde as balsas chegavam da Ilha Robben.

Atualmente, o local é uma meca de turistas, conhecido como o Victoria & Alfred Waterfront, uma mistura fascinante de shopping centers, cinemas, restaurantes e bares. Naquela época, era um lugar triste, com navios na doca seca para reparos e o burburinho das idas e vindas do porto.

Ficou claro que estávamos lá para pegar prisioneiros trazidos na escuridão. Enquanto alguns dos guardas formaram um cordão de isolamento, atento a todas as direções, recebi ordens de ajudar a descarregar a balsa.

E lá estavam eles – Mandela, Mlangeni, Sisulu e Mhlaba –, saindo das sombras e caminhando na minha direção, parecendo preocupados e desconfiados. Eles me olharam quando passaram por mim, e nenhuma palavra foi trocada.

Foram colocados em um caminhão, e fui no veículo atrás deles. Levamos quarenta minutos para voltar a Pollsmoor. Minha cabeça estava girando.

Quando os homens desceram do caminhão, foram cercados por guardas, e percebi que não estavam presos por algemas nem grilhões. Eram tantas as medidas de segurança que aqueles meios de contenção simplesmente não eram necessários. Já tinha anoitecido completamente, as luzes tinham sido acesas, e os guardas com cães estavam de prontidão. Todos os guardas escolhidos para levar os prisioneiros a Pollsmoor eram brancos. As autoridades não queriam que os guardas negros ou africanos vissem os líderes do CNA.

Eles carregavam uma caixa de papelão com seus pertences e me cumprimentaram discretamente, apenas com um ligeiro aceno de cabeça e um sorriso apreensivo.

Nós os levamos ao último andar, a cobertura da prisão, onde foram conduzidos a uma cela grande, com uma porta lateral. Havia uma enorme janela de vidro com barras instaladas. Eles não tinham como ver o que se passava do lado de fora, mas os guardas que patrulhavam os corredores podiam ver dentro.

Na cela havia quatro camas com travesseiros, lençóis e cobertores. Pela primeira vez em quase vinte anos aqueles homens não dormiriam no chão de concreto frio. Além disso, não havia um balde, mas sim um chuveiro e um vaso sanitário com descarga.

Nós os conduzimos para a cela e saímos, fechando a grade. Ao sair, contei em voz baixa a Mlangeni: “Me casei e fui transferido para cá. Como vocês, esta é a minha primeira noite. Se precisarem de alguma coisa, é só bater na janela para me chamar”.

Meu turno foi até a meia-noite, e um segundo turno assumiu, liderado por um outro carcereiro que também os conhecia. Presumimos que fosse uma operação secreta. Os terroristas da Ilha Robben, os condenados à prisão perpétua, não deveriam ser vistos pelos outros prisioneiros. Não receberiam visitas, nem mesmo carcereiros das outras seções, e deveriam ser mantidos em total isolamento.

Uma porta de aço sólida e outra grade davam para o terraço, que serviria como o pátio de exercícios. O espaço tinha cerca de cinco metros de largura, cercado de paredes sólidas e uma vista para as montanhas arborizadas à distância. Dava para ver a famosa caverna Elephant's Eye, um local de caminhada na região da Table Mountain. Na primeira oportunidade, Mandela me perguntou: “Por que fomos trazidos para cá? O que isso significa?”.

Respondi que não havíamos sido informados, mas que os carcereiros tinham conversado e tínhamos uma teoria: “Acho que vocês serão libertados em breve, estão mais perto disso agora”, respondi. Eu de fato acreditava naquilo, mas estava completamente equivocado.

Em questão semanas, descobrimos que os líderes presos do CNA estavam influenciando e recrutando os prisioneiros mais jovens na Ilha Robben, e as autoridades queriam que eles desaparecessem por completo. Eles deveriam ser mantidos em isolamento sem jamais serem vistos nem ouvidos pelos outros. A partir de agora, seu mundo inteiro seria reduzido ao terraço do Presídio de Pollsmoor.

Seis meses depois, Kathrada também chegou. Ele tinha assumido a liderança de Mandela na Seção B e tinha começado a incentivar os outros presos a estudar e aprender sobre o CNA. Ele se uniu a Mandela e aos outros naquele estranho mundo novo, onde o governo planejava esmagar de uma vez por todas o espírito do CNA.

Um novo sujeito também foi levado para lá. Um dia, Patrick Maqubela, um advogado na faixa dos 30 anos, surgiu do nada. As autoridades não queriam que ele cumprisse a pena na Ilha Robben, porque poderia orientar os outros sobre seus direitos e causar problemas.

Agora eram cinco camas na cela comunitária, e dava para ver que os mais velhos não tinham gostado da mudança. Eles desconfiavam de Maqubela, de quem nunca tinham ouvido falar. Continuamos escutando as consultas jurídicas de Mandela e o ouvimos perguntando sobre o histórico de Maqubela. Ficaram sabendo que ele era um advogado de Pietermaritzburg e um ativista sentenciado a vinte anos por terrorismo.

Walter Sisulu, em sua sabedoria, acolheu o advogado como seu protegido, encomendando cigarros para ele – um prisioneiro de grau inferior que não tinha esse privilégio –, aproximando-se dele e o sondando em busca de informações.

Maqubela se inscreveu em cursos, na esperança de tirar um diploma de Direito mais elevado. Ele se matriculou em cinco disciplinas, e Mandela foi logo me dizendo: “Esse sujeito nunca estuda direito, ele nunca vai conseguir passar em cinco disciplinas. Passa o tempo todo jogando pingue-pongue”.

Mas Maqubela passou nos exames, ocasião na qual já tinha sido aceito no grupo. Era um sujeito brilhante, e Mandela me disse que tinha pena daquele jovem obrigado a viver com um bando de velhos grisalhos.

O próprio Maqubela teve dificuldade de se ajustar à perspectiva de passar muitos anos encarcerado. Ele me contou: “Senhor Brand, vinte anos é muito tempo, não vou sobreviver”. Ele costumava ficar desanimado e deprimido. Mas eu o encorajava: “Não, vinte anos passarão voando se você fizer como Mandela e encher seu dia de atividades.

Ele e seus companheiros já cumpriram quase vinte anos e olhe para eles”. Mais tarde, Patrick Maqubela se tornou um juiz do Supremo Tribunal do Cabo Ocidental. Lamentavelmente, foi assassinado pela esposa no início de 2013. Mas realmente conseguiu encher seus dias de atividades. Quando estávamos na seção, ninguém podia nos ver, nem mesmo os agentes penitenciários. A porta de aço principal só podia ser aberta do lado de dentro para que ninguém pudesse chegar e nos pegar de surpresa.

Tínhamos equipamento de pingue-pongue, uma área marcada como uma quadra de tênis, uma bicicleta ergométrica, pesos e roupas de ginástica, todos doados pela Cruz Vermelha Internacional. Eles também enviaram todos os volumes da *Encyclopaedia Britannica*, uma excelente fonte de informações para os prisioneiros que estudavam. Mais tarde, levei a enciclopédia ao Museu da Ilha Robben, onde está até hoje.

Comecei a esperar ansiosamente meu turno. Fazia calor no terraço no verão, e corríamos de um lado ao outro jogando pingue-pongue e tênis.

Eu tirava a camisa do uniforme e jogava pingue-pongue despido até a cintura. Os presos usavam camisetas brancas. As chaves da seção e da cela ficavam largadas em algum lugar por perto, já que ninguém pensaria em fugir. Uma fuga implicaria descer correndo vários lances de escada só para ser recebido por guardas armados e com cães. Além disso, não havia do que reclamar da vida no terraço que eu compartilhava com um bando dos terroristas mais famosos do país.

Andrew Mlangeni era o rei dos torneios de pingue-pongue, mas eu às vezes conseguia vencê-lo. Ele gostava de dar uma “surra” nos guardas, mas tudo com muito bom humor. Mlangeni gostava de vencer e costumava nos provocar, nos chamando de novatos.

Ele e os outros se tornaram especialistas em bolas com efeito. Você podia não desgrudar os olhos da bola que vinha voando na sua direção e, de repente, ela tomava uma direção completamente inesperada. Mandela também era muito bom, e eu gostava de jogar em parceria com ele quando jogávamos em dupla. Eles preferiam formar duplas de um prisioneiro e um carcereiro. Nós nos adaptávamos uns aos outros e nos divertíamos muito.

A quadra de tênis era estreita, e o piso era feito de placas de concreto. Os prisioneiros fizeram uma solicitação por escrito para pintar a quadra, e alguns dos prisioneiros criminais foram enviados ao terraço para pintar as linhas brancas.

A Cruz Vermelha voltou a se apresentar, doando raquetes de tênis, barras e uma rede. Mandela era um excelente jogador. Alto, magro e em forma, ele tinha braços longos e ficava ali, descontraído, em seu lado da quadra só bloqueando as bolas que eu sacava. Eu corria feito um desesperado de um lado ao outro da quadra enquanto ele só ficava ali, inclinando-se ligeiramente para rebater a bola. Era extremamente irritante, mas um excelente exercício.

Se um agente carcerário chegasse, eu tinha uma desculpa para explicar o meu aspecto suado. Eu só tinha tempo de vestir a camisa, fechar os três botões de acordo com os regulamentos e colocar o boné antes de destrancar a porta de aço. O sol ardia impiedosamente nas paredes pintadas de branco, e logo o oficial também ficava banhado em suor.

No dia em que Mandela finalmente deixou Pollsmoor, não quis deixar as raquetes de tênis e a bicicleta ergométrica para trás. Ele sabia que os equipamentos não seriam entregues aos outros prisioneiros, e as autoridades dariam um sumiço neles. Então deixou os equipamentos comigo, e eu os tenho guardados em casa até hoje. Lembranças extraordinárias de tempos extraordinários.

Contudo, em outras partes de Pollsmoor alguns incidentes terrivelmente violentos estavam ocorrendo e, de vez em quando, eles transbordavam para o nosso mundo rarefeito. Um dia, eu estava no terraço com Mandela quando ouvimos um barulho infernal nas proximidades – gritos de gelar o sangue e cães latindo. Pudemos ver cerca de trinta prisioneiros ou mais escalando a grade em direção ao terraço.

Mandela ficou alarmado. “Senhor Brand, o que está acontecendo lá? O que esses homens querem?”

Eu disse que devíamos sair de lá, o conduzi rapidamente à cela com os outros e reportei ao diretor do presídio que os presos do CNA tinham testemunhado um levante. No dia seguinte, novas portas de aço sólido foram instaladas para bloquear toda a visão da seção.

Pequenos levantes como aquele ocorriam com certa frequência na seção principal da prisão, e a violência era corriqueira. De tempos em tempos, apesar de todo o empenho dos guardas, um detento era morto por outro, e o presídio reagia com um “sacolejo”: uma intervenção por parte de carcereiros armados quando um assassinato ocorria entre as gangues, e ninguém assumia a autoria. O cadáver era retirado da cela, e dois carcereiros para cada detento se apinhavam com cães e *tonfas* – robustos cassetetes de borracha. Os carcereiros miravam a cabeça e o corpo dos prisioneiros, tentando quebrar ossos.

Era a maneira brutal da prisão de obter informações. O sacolejo era acompanhado de muita gritaria e estardalhaço. Eu odiava aquilo, mas já estava familiarizado com esse método de arrancar confissões. A ideia era espancar todos até alguém revelar o assassino. De outra forma, a cela inteira iria ao tribunal e provavelmente receberia a pena de prisão perpétua.

Um método típico de assassinato de gangues, que testemunhei pessoalmente uma vez, era quando um dos novos recrutas recebia ordens de matar e mutilar uma determinada vítima, abrindo-lhe o peito com uma faca e retirando o coração, para que pudesse comê-lo na frente da gangue.

Em outra ocasião em Pollsmoor, quando eu ajudava com as tarefas na seção onde os criminosos embrutecidos ficavam detidos, abri a porta de uma cela e encontrei uma cabeça decepada no balde sanitário. Sete prisioneiros executaram o assassinato, retalhando o corpo e se livrando dos membros mutilados no vaso sanitário.

Enquanto isso, os meus prisioneiros – os homens considerados os mais perigosos do mundo – liam enciclopédias, estudavam para os exames e jogavam pingue-pongue sob o sol.

Depois de vários meses, os presos políticos foram informados de que seriam transferidos ao outro lado do terraço porque as autoridades precisavam de mais espaço

para celas de confinamento solitário.

Já apegados ao local e à sua vida suportável, os homens ficaram ansiosos quando ouviram a notícia. Mas foram colocados em outra ampla cela comunitária, e a rotina diária prosseguiu.

Mandela ainda estudava e fazia as provas, mas estava tendo dificuldade de escrever. Estava desenvolvendo artrite nas mãos, que ficavam entorpecidas, especialmente durante um exame de três horas. O médico lhe deu remédios e um atestado para ser enviado à Universidade da África do Sul solicitando mais tempo para os exames. Depois de um tempo, recebeu vinte minutos adicionais para cada hora. Eu era encarregado de supervisionar os presos durante as provas e deixava Mandela ficar mais tempo depois que os outros terminassem. Os dias de prova podiam ser complicados, já que negros e mestiços não podiam fazer os exames no mesmo recinto. Trevor Manuel, um homem negro e um prisioneiro célebre por ter sido um dos principais integrantes da Frente Democrática Unida, condenado a cumprir sua pena em Pollsmoor sem acusação criminal nem julgamento, também fazia questão de estudar. Eu supervisionava as provas dele de manhã e as de Mandela à tarde.

Aos domingos, recebíamos a visita de um padre. Como Mandela era metodista, ele recebia o culto na sala de visitas. O Reverendo Moore, de Stellenbosch, era um homem amável que ia ao presídio de terno para evitar qualquer alvoroço. Os dois se sentavam um perto do outro, ele abria a Bíblia e lia uma passagem. Escolhia passagens especiais que se referiam a bons homens que foram punidos por suas crenças. Depois fazia um breve sermão, e os dois oravam juntos, com Mandela de cabeça baixa e olhos fechados.

O pastor contava a Mandela notícias de sua igreja e congregação, que tinha alguns membros detidos ou líderes comunitários ativistas. Eu era obrigado a interromper a conversa nesse ponto, advertindo-o a não mencionar nomes. Então ele transmitia lembranças desses homens a Mandela sem nomeá-los.

O Reverendo Moore contava a Mandela que toda a congregação orava por ele sempre. Depois ele tirava um pequeno pano branco da mala e arranjava os objetos na mesa para dar a Sagrada Comunhão. A comunhão era uma hóstia e um gole de suco de uva. Mesmo se eu quisesse participar, não era permitido. Não podíamos compartilhar alimentos nem bebida com os presos, embora eu sem dúvida tenha feito isso em diversas ocasiões.

Mais tarde, quando Mandela ficou preso em isolamento, o pastor continuou a visitá-lo, e acho que isso o ajudou. Ele ficava grato por tudo o que lhe dava força.

Como era de se esperar, mesmo nas circunstâncias melhoradas de Pollsmoor, Mandela se ocupava enviando exigências e queixas formais ao diretor do presídio. Ele chegou a reclamar para Winnie, contando que não tinha mais acesso à sua brilhantina Pantene. Aquela era uma parte importante de seu ritual pessoal diário. Ele continuava incluindo o item na lista de compras que me dava todo mês, mas as sanções internacionais provocaram o esgotamento dos estoques.

Winnie, a eterna batalhadora, queixou-se à parlamentar liberal Helen Suzman, uma grande defensora dos rivonianos e, por treze anos, o único membro do Parlamento sul-

africano a se opor abertamente ao apartheid. Ela levou a questão ao Parlamento, e recebi ordens superiores: encontrar brilhantina Pantene para Mandela, de qualquer jeito, custasse o que custasse. A ordem veio diretamente do ministro dos Serviços Prisionais de Pretória, passando pelo comissário do Sistema Penitenciário até chegar ao diretor de Pollsmoor. Ele me chamou em seu escritório e me disse para pegar um carro do presídio e fazer um pente fino pelas farmácias. “Não me volte de mão vazias”, instruiu.

Eu normalmente comprava frascos de 100 mililitros no supermercado Checkers local, mas o produto já tinha se esgotado havia muito tempo. Fui até o centro de distribuição da Cidade do Cabo, mas tinham vendido todo o estoque e não esperavam receber mais. A brilhantina vinha dos Estados Unidos, um país que não mantinha mais relações comerciais com a África do Sul.

Acabei indo a umas vinte farmácias por toda a cidade e arredores, mas só encontrei seis frascos. Comprei todos, e Mandela ficou feliz em pagar por eles. Eu me perguntei se não estava tão feliz por saber que estávamos percorrendo a cidade inteira para ele.

Anos depois, em seu aniversário de 80 anos, quando era o presidente do país, me juntei a Kathrada e aos outros rivonianos para fazer piada com a brilhantina dele mais uma vez. Fizemos um cartão gigantesco em forma de frasco de Pantene e o assinamos. Fomos todos convidados à residência presidencial em Pretória para a festa de aniversário, então levamos o cartão e o deixamos diante da grande entrada frontal. Coloquei três frascos da brilhantina em uma caixa branca com uma bela fita e entreguei a caixa a Mandela, declarando ser um presente de aniversário de todos nós. Kathrada tinha procurado o cartão e a brilhantina nos Estados Unidos. Levamos Mandela para fora e fizemos uma cerimônia em frente ao enorme cartão. Ele ficou muito empolgado, feliz por termos pensado em algo tão pessoal que remontava às antigas memórias da prisão.

Percebi que nada nunca nos tiraria a nossa experiência juntos, e que isso devia ter alguma importância, porque lá estávamos nós, um grupo de bons e velhos amigos rindo juntos.

Em Pollsmoor, o incidente da brilhantina Pantene fez Mandela perceber que tinha algum controle, mesmo que pequeno, sobre a situação. Ele enviou outra queixa formal ao diretor do presídio com uma solicitação. Disse que era entediante para os prisioneiros só poder olhar para as paredes de cimento, com as montanhas distantes ao fundo. Eles queriam o próprio verde. Mandela queria voltar a cultivar uma horta.

As autoridades tendiam a analisar as solicitações e anuir se não desse trabalho demais ou se não causasse problemas. Queriam que os líderes do CNA simplesmente definhassem e morressem lá em cima, sem causar problemas, de modo que uma horta seria uma maneira fácil de mantê-los calados. Assim, a permissão foi devidamente concedida, e as autoridades enviaram quinze tambores de 200 litros cortados ao meio, compondo trinta canteiros que foram colocados no terraço e calçados com tijolos. Trabalhei com alguns dos prisioneiros criminais para carregar terra dos jardins da prisão até o terraço, embora, naturalmente, eles não fizessem ideia de quem usaria

aqueles canteiros improvisadas. Mandela e Sisulu misturaram pacientemente estrume ao solo para plantar a horta.

Mandela cultivou tomates, cebolas e berinjelas. Ele tentou cultivar o *mielie* – uma variedade de milho usada para fazer uma espécie de polenta, um prato básico da dieta africana –, mas não teve sucesso. Nós dois lembramos os campos de *mielie* que nossos pais plantavam quando éramos crianças e comparamos diferentes métodos para plantar o milharal, sendo que as memórias dele eram provenientes do Cabo Oriental, enquanto as minhas eram do sítio onde cresci, no Cabo Ocidental.

Quando os insetos atacavam as culturas, Mandela solicitava a visita do carcereiro sargento encarregado dos jardins de Pollsmoor. Ele pulverizava as plantas contra insetos e doenças e o advertia a não consumir nada da horta por algumas semanas. Cavei alguns buracos e montei redes para proteger as plantas. Mandela era um bom jardineiro. Ele mandava reluzentes berinjelas roxas à cozinha para serem cozidas com carne. Convenceu o jardineiro da prisão a lhe dar mudas de espinafre, que cresceram bem na horta do terraço, e passou a enviar maços de espinafre à cozinha, que eram cozidas com a carne e as berinjelas. Nos dias de colheita, tínhamos um verdadeiro banquete. O pote de comida chegava, e eles convidavam os guardas a se servir primeiro. Depois levavam sua parte para a cela.

Em Pollsmoor, eu costumava caçoar do hábito de Mandela de mastigar os ossos de frango depois de uma refeição, para saborear o que pudesse. Não sobrava nada no prato dele. Eu dizia: “Você nunca vai poder ter um cachorro, porque come todos os ossos”.

Os prisioneiros tinham mesas para comer e estudar na cela, bem como cadeiras e um armário de aço para guardar seus pertences. Eles comiam juntos em torno de uma grande mesa, e sempre havia um grande bule de chá. Eles me ofereciam o chá, mas era doce demais para mim; adoravam encher o chá de açúcar.

Mandela e os outros tinham suas próprias dietas especiais. Ele comia frango ou peixe cozido no vapor quase todos os dias, a menos que tivesse organizado o guisado de espinafre e berinjela. No entanto, vinha sendo acompanhado regularmente por um oficial médico, e ficou decidido que deveria tentar reduzir o colesterol. A Cruz Vermelha vinha monitorando os relatórios médicos, e o Presídio de Pollsmoor se empenhava em seguir as regras. Mesmo assim, às vezes Mandela sentia o cheiro de algum alimento apetitoso, como carne de soja dada a outros prisioneiros, e pedia para provar um pouco. Eu levava a comida às escondidas para ele, mas ninguém podia saber que estava saindo de sua dieta especial ou a equipe médica interviria.

Mandela também fazia o próprio queijo cottage. Acho que era uma receita de sua infância. Ele colocava leite fresco no armário e esperava até que ficasse azedo e aquoso. Depois retirava as partes sólidas e comia com pão e Aromat, um tempero salgado. Ele tomava o soro e dizia que fazia bem para a saúde.

Nenhuma outra seção do presídio sabia o que nos era enviado e, depois de todos os anos de subalimentação na Ilha Robben, de repente havia uma abundância de comida. Guardávamos os restos para dar aos presos criminosos que levavam e recolhiam os potes de comida, e eles comiam mais tarde, na cozinha.

Às vezes Mandela se queixava. Seu frango vinha grelhado em vez de cozido no vapor ou estava tudo salgado demais. Eu chamava o prisioneiro que preparava a comida, o sujeito encarregado de todas as dietas especiais. Seu nome era Louw, um homem negro, de quem Mandela gostava e para quem às vezes comprávamos cigarros ou tabaco. Louw era um reincidente que cumpria pena por repetidos arrombamentos e roubos. Ele era libertado um dia, mas, como não tinha parentes a quem recorrer, invadia uma casa perto do presídio para poder voltar a ser preso.

Anos mais tarde fiquei sabendo que um velho carcereiro se compadeceu dele quando voltou a ser libertado e o levou para morar com sua família. Em troca, ajudava nas tarefas domésticas, cuidava do jardim e cozinhava. No entanto, todos os seus bondosos benfeitores morreram em um trágico naufrágio, e Louw voltou a ser um sem-teto. Ele invadiu outras propriedades e voltou para a prisão, onde está até hoje.

Quando prisioneiros estavam satisfeitos, um deles nos avisava, e chamávamos alguém da cozinha para recolher os potes de comida. Um dia, joguei fora um sanduíche que sobrou do lanche que minha esposa preparou para mim. O pão integral, algo que Mandela nunca tinha visto antes. Ele comeu o pão e adorou.

Expliquei quais eram os grãos, e ele ficou intrigado. No dia seguinte, pediu pão integral, mas o diretor do presídio respondeu que ele não podia simplesmente pedir pratos como se estivesse num restaurante e teria de submeter uma requisição formal por escrito.

Na época, fazia parte das minhas atribuições fazer compras para os presos especiais sob os meus cuidados. Na Ilha Robben, eles faziam listas de itens que queriam da loja da prisão, e eu pegava o dinheiro da caixinha mantida no escritório da recepção, onde todos os saques eram meticulosamente registrados.

Em Pollsmoor, eu de fato fazia as compras deles. Pegava a minha moto, ia ao supermercado Checkers local uma vez por mês e anotava o preço de cada item da lista. Era importante saber os preços, porque só tinham autorização para gastar 25 rands por mês. Depois, revíamos juntos os pedidos, eu retirava o dinheiro deles, voltava com o furgão da prisão ao supermercado Checkers do shopping Blue Route e fazia as compras. Eu passava as compras de cada um separadamente pelo caixa para que assinassem os recibos.

Eu comprava café para Kathrada e Sisulu, que faziam um pouco para mim e me ofereciam com sequilhos Ouma. Mandela também adorava aqueles biscoitos e sempre pedia biscoitos de *muesli* – um tipo de cereal. Ele comprava creme dental da Sensodyne, e todos queriam escovas de dentes Oral-B.

Mandela passou a pedir cinco pães de trigo integral por mês, e nenhum de nós fazia ideia de quanto isso custaria. Tive de percorrer o corredor do supermercado tomando nota de todos os preços.

Depois veio o problema de como manter o pão fresco, que precisava durar um mês inteiro. Então comecei a levar o pão para casa para guardar no congelador. A cada dois dias, eu levava para ele um quarto de pão, já fatiado. Era um problema quando eu saía de licença, mas Mandela só precisava esperar o meu retorno. Eu também levava suas

cartas aos correios diariamente. Os outros carcereiros me viam de moto e desdenhavam.

“Você mais parece um escravo desses cafres”, diziam. “Temos 500 detentos na nossa seção para contar, alimentar e fazer a limpeza todos os dias. Você só tem seis e fica na correria, fazendo compras para eles.”

Eles se ressentiam muito, enciumados dos nossos prisioneiros VIP. Começaram a perguntar se poderiam vê-los, querendo saber o que havia de tão especial naqueles velhos sujeitos do Alto Comando. Mas eu não deixava ninguém se intrometer. Tínhamos um bom relacionamento, uma boa rotina sem grandes problemas e nenhuma violência. Eu não queria estragar aquilo.

Foi só em uma ocasião que Mandela teve de apartar uma briga entre o primeiro sargento Terreblanche e Andrew Mlangeni, mas a gritaria não chegou à agressão física. Eles estavam na porta da cela, berrando e xingando. Mandela chegou, puxou Mlangeni para um canto e os vi conversando baixinho. Depois Mandela pediu desculpas a Terreblanche, mas se recusou a falar com Mlangeni durante um bom tempo.

Perguntei se estava tudo bem. Mandela respondeu: “Somos políticos, não criminosos. Jamais devemos discutir com os carcereiros. Devemos argumentar, não gritar e brigar. Se tem algo errado, devemos resolver o problema entre nós, sem envolver os guardas”.

Mas Mlangeni era briguento. Ele era o encarregado das bolas de pingue-pongue e outros equipamentos. Se alguém estragasse as bolas, não deixava a pessoa jogar mais. Mandela precisava insistir para Mlangeni liberar o equipamento para o nosso próximo jogo. Pequenas batalhas, mas Mandela se impunha e voltava a estabelecer sua liderança a cada vez.

Quando finalmente as autoridades autorizaram um rádio, Mlangeni decidiu que o rádio seria dele. Ele tomou o aparelho sem dar ouvidos às súplicas dos outros. Mandela interveio. “O rádio é importante para todos nós”, disse calmamente. “Todos nós precisamos ouvir as notícias e saber o que se passa no país. E todos nós precisamos uns dos outros. Agora me dê o rádio, e vamos deixá-lo num lugar para que todos possam ouvir.” Mlangeni entregou o rádio.

Foi um incidente pequeno, mesquinho, mas acho que esse tipo de coisa era inevitável na comunidade artificialmente fechada na qual viviam. Era sempre Mandela quem acalmava os ânimos e resolvia a situação. Ele não permitiria que mesquinhas desfizessem o bem maior pelo qual estavam trabalhando.

Nós nos tornamos uma família improvável no terraço, isolados de outros presos e carcereiros. Chegávamos a ver filmes juntos, que eles escolhiam e pelos quais pagavam. Eu pegava dois filmes por semana para eles na cidade – não eram censurados, e tínhamos uma seleção muito maior. Mlangeni gostava de controlar o projetor, assim como se encarregava dos equipamentos esportivos.

Mas, no fim das contas, eles sabiam que quem realmente estava no comando era eu. Eu gostava de voltar para casa mais cedo às sextas, então os trancava antes do tempo. Mlangeni e Kathrada me chamavam de Senhor Encarcerador, se queixando da meia hora perdida.

Às vezes tinha tanta coisa acontecendo – jogos de xadrez e dominó ou baralho e

pingue-pongue e tênis –, que Mandela precisava de um pouco de paz e tranquilidade para estudar. Eu concordava em deixá-lo sozinho trancado em um escritório vazio quando queria ficar isolado dos outros. Mas um dia eu o deixei por um longo tempo, e ele se zangou quando voltei. Ele precisou urinar e teve de usar a janela. Então exigiu um balde de água para limpar a sujeira. Mais tarde, me pediu desculpas, mas ficou claro que não tinha gostado nem um pouco da humilhação.

Muitas vezes, ele se envolvia em um cobertor, preso com o alfinete da Ilha Robben que eu tinha lhe dado, e ficava sentado em um canto do pátio do terraço com seus livros. Ele usava esteiras para manter os pés aquecidos e ficava ali mesmo se estivesse ventando ou fazendo frio.

# CAPÍTULO 8

A vida sem dúvida melhorou muito para todos nós depois que transformamos nosso refúgio no terraço de Pollsmoor praticamente em um clube. Mandela e seus companheiros finalmente tinham comida abundante e atividades saudáveis para preencher os dias. Todos recebiam mais visitas e cartas, e o futuro era menos sombrio. Além disso, ficávamos isolados da violência e das gangues que assolavam o resto da prisão – aliás, ninguém sabia das nossas idas e vindas. Para mim, o trabalho tinha se tornado um ritual tão tranquilo e gratificante que eu chegava a esperar ansiosamente o início de cada turno.

No entanto, tempestades terríveis e ameaçadoras se abatiam por toda parte no mundo fora do presídio, onde centenas de milhares de negros oprimidos desafiavam cada vez mais as leis do apartheid.

Tínhamos um rádio FM, que os líderes do CNA agora podiam ouvir sem censura. Em 1982, poucos meses depois de serem transferidos a Pollsmoor, os prisioneiros ouviram, e lamentaram, a notícia do assassinato de 42 soldados do Umkhonto we Sizwe, junto com mulheres e crianças, em Lesoto, país vizinho da África do Sul, e do bombardeio da usina nuclear sul-africana Koeberg em retaliação.

Naquele mesmo ano, Mandela ficou sabendo que sua casa tinha sido submetida a uma batida policial, e todos os livros da família foram destruídos. Alguns meses depois, um enorme carro-bomba do CNA explodiu no quartel-general militar sul-africano em Pretória, matando dezenove pessoas e ferindo mais de duzentas. Os atos de sabotagem do braço militar do CNA, que até então almejava somente instalações do governo, agora estavam deixando vítimas.

A essa altura, minha esposa e eu morávamos em um apartamento de funcionários nas premissas do Presídio de Pollsmoor e tivemos nosso primeiro filho, um menino a quem chamamos de Riaan. Estávamos cada vez mais cientes do perigo que nos cercava, e comprei uma arma de fogo, uma calibre 38 Special, que sempre levava comigo quando saíamos de casa. Ocasionalmente, eu tinha de escoltar o ônibus público que levava crianças à escola, caso fosse alvo de ataques.

Eu sabia que o nosso país estava em chamas e ansiava por mudar com a minha família de volta ao campo, em busca de alguma paz e segurança. Estava claro que a África do Sul poderia entrar em uma guerra civil.

Em 1983, as autoridades estavam de olho nas várias organizações políticas afiliadas à Frente Democrática Unida – uma coalizão de organizações antiapartheid não raciais que

compartilhavam os sonhos de Mandela e tinha sido lançada naquele ano. Seus partidários chegavam às centenas ao Presídio de Pollsmoor, e a Penitenciária Victor Verster, que ficava nas proximidades, também ficou superlotada. Muitos dos meus antigos prisioneiros da Ilha Robben estavam voltando a ser presos.

Um dia, depois do trabalho, minha família e eu atravessamos de carro a Cidade do Cabo para visitar meus pais. Eu, minha esposa e o pequeno Riaan ficamos presos em um engarrafamento perto da Universidade da Cidade do Cabo. Foi aterrorizante. Milhares de estudantes protestavam na rua e travavam uma batalha feroz com a polícia. Enquanto entoavam slogans e atiravam pedras, a polícia respondia com canhões de água e balas de borracha. Ficou claro que, antes de ir a qualquer lugar, era preciso escolher o itinerário exato e examinar os possíveis perigos.

As sanções contra a África do Sul nos impediam de sair do país, mesmo se tivéssemos condições. Ninguém nos queria. Muitos países africanos simpatizantes do CNA estavam recusando vistos aos sul-africanos brancos e parecia que a Europa nos odiava. Nós nos tornamos os párias do mundo.

Dava para ver como aquela história acabaria. Eu achava que a mudança era necessária, que todos, de todas as cores, deveriam viver com justiça e dignidade. Mandela era o homem certo para conduzir todos nós a uma solução pacífica. Parecia bizarro que eu pudesse passar a maior parte dos meus dias tranquilamente com ele e seus companheiros, e o resto do meu tempo mergulhado no caos e cercado de um perigo aterrorizante.

Os carcereiros eram, naturalmente, os principais alvos da ira dos negros. Meus colegas que moravam fora de Pollsmoor me contavam que tinha sido necessário reforçar os vidros das janelas de casa com fita adesiva para impedir a entrada de granadas de mão ou bombas.

Foi um período caótico, em que todos, brancos e negros, foram obrigados a viver em uma zona de perigo sem nenhuma saída à vista. O governo enviava policiais e soldados a todos os distritos negros onde ocorriam protestos e manifestações, disparando gás lacrimogêneo e balas de verdade. O número de mortos de todos os lados se acumulava.

Mandela e seus companheiros de prisão se sentiam impotentes. Eles eram os líderes de um grande movimento que tinha a justiça a seu lado, que contava com o apoio de organizações internacionais do mundo inteiro, mas estavam impedidos de cumprir sua missão: liderar.

Vi que se preocupavam cada vez mais, agachados em grupo para discutir estratégias e combinar palavras de encorajamento que poderiam transmitir pelos advogados, seu único canal de comunicação com o mundo externo. Diferentemente da Ilha Robben, em Pollsmoor, não tinham contato com prisioneiros que podiam enviar furtivamente mensagens ou instruções quando fossem libertados.

Agora sabiam a razão da transferência a Pollsmoor. Pelo que parece, o governo do apartheid tinha conseguido cortar a cabeça do importuno CNA. Agora estavam apenas envelhecendo, completamente controlados pelo governo, impotentes.

Mas outras notícias também chegavam a nós. Naquele mesmo ano, 1983, a

prestigiosa Universidade de Londres nomeou Mandela um membro vitalício de seu grêmio estudantil. As autoridades locais da Inglaterra nomeavam ruas e parques em sua homenagem. Glasgow lhe concedeu a cidadania honorária. Ele também recebeu a cidadania honorária de Roma, na Itália, e de Olímpia, na Grécia. Naquele outono, o Partido Trabalhista britânico o convidou para ser o principal orador na conferência anual do partido, uma fantasia, é claro, mas que transmitia uma mensagem clara: boas pessoas do Ocidente estavam em uma campanha pela sua libertação. Mandela estava longe de ser esquecido.

O CNA tinha conseguido promover o nome de Mandela como o herói de seu partido, o homem que estava no cerne da esperança de uma África do Sul justa e sem conflitos raciais, onde todos pudessem viver em paz. Seu nome era ostentado em faixas, cartazes e edifícios públicos por todo o mundo livre.

Comitês do movimento Libertem Mandela surgiam por toda parte. Os manifestantes organizaram uma vigília constante, por vários anos, na entrada da embaixada sul-africana na Trafalgar Square, em Londres. Mandela foi agraciado, embora ausente, com o prêmio Bruno Kreisky por seus méritos no área dos direitos humanos, em Viena, Áustria. A Unesco lhe concedeu o prestigioso Prêmio Internacional Simón Bolívar, junto com o rei Juan Carlos da Espanha. E, na cidade de Nova York, a praça em frente à embaixada sul-africana foi renomeada Nelson and Winnie Mandela Plaza.

No entanto, o objetivo declarado de sua vida e a de Sisulu, Kathrada, Mhlaba, Mlangeni e Motsoaledi – bem como a de Mbeki e de outros ainda encarcerados na Ilha Robben – era levar a luta até a vitória. E, em vez disso, estavam presos lá comigo, jogando pingue-pongue.

Mesmo assim, Mandela continuava estudando africânder e costumava insistir que eu falasse com ele apenas nessa língua. Em troca, ele me ensinou um pouco de xhosa. Eu dizia “ukutya kusetafileni” quando a comida estava servida. E “ukutya kuyaba” quando a comida estava pronta. Eu anunciava a medicação diária com “amayaze”, e nenhum dos outros sargentos o cumprimentava com um “molo”, como eu.

Também fazíamos piadas, em parte por causa do tédio e em parte do crescente sentimento de que estávamos todos no mesmo barco e tudo bem nos divertir um pouco. Por exemplo, quando os prisioneiros eram trancados na cela, nós, os carcereiros, podíamos enxergar através do vidro unidirecional e ver se estavam usando o banheiro. Dávamos a descarga pelo lado de fora, achando a situação toda hilária. Quando protestavam, dizíamos: “Sentimos muito. É um dispositivo automático, não tem nada a ver com a gente”.

No escritório do presídio, recebíamos encomendas destinadas a Mandela vindas do mundo todo, muitas contendo remédios e comprimidos que as pessoas sabiam que ele não tinha como obter na prisão. Alguns comprimidos tinham nomes em francês ou línguas latinas, e pedi a Ebrahim Rasool, um ativista poliglota do CNA que foi detido sem acusação criminal, para me ajudar a traduzi-los. Encontramos todo tipo de coisas inadequadas, como, por exemplo, alguns comprimidos que foram os precursores do Viagra, para melhorar o desempenho sexual. Seria impossível entregar aquilo aos

homens encarcerados e privados de qualquer contato com mulheres. Naturalmente, alguns dos guardas ficaram felizes em resolver esse problema.

Ebrahim, hoje embaixador da África do Sul em Washington, brincou comigo sobre isso muitas vezes desde então. Ainda visito sua mãe idosa na Cidade do Cabo, e conversamos sobre os velhos tempos. A família deles esteve entre as milhares de famílias devastadas pela Lei das Áreas Reservadas (Group Areas Act), que literalmente demoliu as casas do Distrito Seis da cidade para transformá-la em uma área exclusiva para brancos.

Ebrahim lembra com sofrimento o dia de 1972, quando ele tinha 10 anos e voltou para casa depois da escola para encontrar todos os móveis da família na calçada, e seu pai procurando desesperadamente uma maneira de levá-los a algum outro lugar porque a casa estava prestes a ser demolida. Ele recentemente escreveu sobre como “a tristeza dos meus pais e a perda da comunidade me acompanhou pela vida toda”.

Em Pollsmoor, as visitas ainda eram os eventos mais importantes da vida dos prisioneiros. Nenhuma visita tinha sido permitida no primeiro mês, o que foi motivo de grande ansiedade. Depois, o presídio tinha criado uma rota secreta para levar os prisioneiros do CNA às cabines de visita sem serem vistos pelos outros detentos.

As cabines tinham painéis de vidro maiores do que na Ilha Robben, e os presos e os visitantes podiam se ver da cabeça aos pés. Tinha sido permitida a entrada de dois visitantes, por quarenta minutos. Winnie não estava mais em prisão domiciliar e era mais fácil para ela ir a Pollsmoor.

Em 1983, os regulamentos tinham se afrouxado um pouco, e os presos foram autorizados a receber visitas de contato, mesmo que apenas com familiares de primeiro grau – esposa, filhos ou pais. Kathrada só tinha um irmão e nenhum outro parente de primeiro grau. Resolvemos o problema permitindo que alguns de seus amigos se cadastrassem como parentes de primeiro grau para poderem ter visitas de contato com ele.

Tivemos uma situação delicada na ocasião do casamento de seu sobrinho Cassiem. A família estendida de Kathrada, com arraigados vínculos indianos e todo o respeito e amor por ele, queria desesperadamente que ele comparecesse à cerimônia. Mas seria impossível receber sessenta pessoas para uma visita. Então providenciei para que os noivos, resplandcentes em suas roupas nupciais, ficassem na sala de visitas com ele, e os demais passassem rapidamente, parando apenas um pouco para cumprimentar Kathrada, que estava encantado. Todos os convidados passaram por ele como um belo desfile de moda, tendo Kathrada como o convidado de honra.

Em outra ocasião, o advogado de Kathrada, Ramesh Vassen, levou a filha junto, e a menina não podia ficar sozinha no carro enquanto o pai fazia uma consulta jurídica com Kathy. Os carcereiros encarregados anuíram e permitiram que Priys entrasse com o pai. Durante todo o tempo do que deveria ser uma consulta jurídica, Kathrada ficou completamente dominado pelas emoções, conversando com a menina e até acariciando seus cabelos. Aquele foi seu primeiro contato real com uma criança em mais de vinte anos.

Mandela também se beneficiou muito da autorização das visitas de contato. Em 12 de

maio de 1984, recebi ordens de escoltá-lo para receber a visita de Winnie, mas fui informado de que ele deveria ir a uma sala ao lado do escritório e não às cabines de visita habituais.

Eu não fazia ideia do que estava acontecendo e esperei com ele na sala enquanto outro carcereiro foi buscar Winnie. O carcereiro contou a ela o que esperar quando a levou para a sala, mas Mandela e eu íamos ter uma grande surpresa.

De repente, Winnie entrou pela porta e abraçou Mandela. Mandela, sempre tão contido e controlado, foi completamente tomado pelas emoções. Ele a abraçou e a beijou e estava nervoso e inquieto de uma maneira que eu nunca tinha visto antes.

Era a sua primeira visita de contato oficial desde que tinha sido preso. Uma vez, na Ilha Robben, um carcereiro permitiu que Mandela a beijasse por um breve momento, mas, fora aquilo, aquela era a primeira vez em 21 anos que ele pôde abraçar a esposa. Eles se sentaram, ainda de mãos dadas, e estavam felizes e rindo, sem saber ao certo o que fazer com a situação inesperada.

Foi extremamente tocante. Para mim, foi como ver um casal em seu primeiro encontro. Winnie estava linda, toda arrumada. Mandela estava muito nervoso. Ele tinha levado seu caderno e lápis, como de costume, mas não sabia o que fazer com eles. Tentou manter a conversa sob controle, mas estava completamente tomado pelo amor e só queria olhar nos olhos de sua amada.

Senti-me um intruso. Sabia que não devia ser uma testemunha daquele romance que se desenrolava diante dos meus olhos. Não sabia para onde olhar ou o que fazer. Parecia indecente.

Então, tive de informá-los que só tinham mais cinco minutos. Mandela imediatamente pediu uma visita dupla: oitenta minutos. Ele não queria deixá-la ir, mesmo que isso significasse abrir mão de uma futura visita.

Como era de se esperar, a sala estava grampeada, mas não acho que a polícia de segurança conseguiu ouvir nenhuma menção à política naquele dia.

Depois, Winnie, empolgada, contou à imprensa que finalmente tinha podido abraçar o marido. Sempre havia jornalistas esperando-a na saída de suas visitas, famintos por notícias de Mandela.

Enquanto isso, eu o acompanhava de volta à seção. Seus amigos viram seus olhos brilhando. Acharam que ele podia estar trazendo algo especial, talvez um pote de geleia, o que seria motivo de celebração. Em vez disso, ele contou a surpreendente notícia.

Na próxima visita de Winnie, Mandela me perguntou se poderia lhe dar um pouco de chocolate. Eu costumava comprar barras de chocolate ao leite Cadbury no supermercado com o dinheiro dele, que eram consumidas com frugalidade, um pedaço por vez. Respondi que, sim, ele poderia lhe dar um pouco de chocolate, e aquele se tornou um hábito dos dois, finalmente algo que ele podia compartilhar.

No entanto, infelizmente, Winnie decidiu que podia visitar sempre que quisesse e era constantemente acompanhada de uma horda de jornalistas ávidos para ouvir cada palavra que ela tivesse a dizer e suas queixas quando as visitas eram negadas. Em muitas ocasiões fui chamado ao portão da frente pelo guarda na guarita. Encontrava

Winnie lá, toda arrumada, exigindo uma visita.

Se fosse um dia de semana, não havia nenhuma margem de manobra, e eu não tinha como deixá-la entrar. Visitas só eram permitidas nos fins de semana.

“Tenho notícias urgentes, importantíssimas. Não posso voltar amanhã, tenho de ir a Joburg. Preciso vê-lo agora”, ela me dizia.

Eu proclamava com firmeza que era impossível, e ela se punha a gritar: “Quero ver meu marido!”. Depois ela virava para os jornalistas, gesticulando na direção do presídio: “Estão vendo? Essa gente está me privando dos meus direitos!”.

“Senhora, eu adoraria ajudá-la, mas são ordens superiores”, eu costumava responder.

Mesmo se Winnie viesse nos fins de semana, às vezes Mandela já tinha atingido sua cota mensal e era impossível deixá-la entrar. Naquela época, Mandela podia receber até cinco visitas por mês, mas um máximo de trinta por ano. Os advogados precisavam de uma permissão especial para visitar, embora as consultas jurídicas não fossem deduzidas da cota. Eles precisavam informar o assunto em pauta, se tratariam de um assunto de família ou talvez uma ordem judicial, e as requisições podiam ser indeferidas.

Apesar disso, todos os prisioneiros desfrutavam de pequenas atenuações das regras em comparação com as restrições da Ilha Robben. Walter Sisulu queria servir chá aos seus visitantes e fez uma requisição para comprar uma chaleira e algumas xícaras, que foi aprovada. Contudo, o barulho da chaleira interferia nas escutas, de modo que passamos a ferver a água antecipadamente. Ele levava leite em pó, chá e café e sempre tinha uma xícara extra para o carcereiro encarregado de monitorar a visita. Às vezes eu fazia o chá enquanto ele conversava com o visitante.

Eu era encarregado de enviar as fitas com as conversas gravadas à polícia de segurança depois de todas as visitas. Eles vinham uma ou duas vezes por semana, e eu precisava entregar todas as gravações. Mas tinha o meu próprio jeito de flexibilizar as regras. Em uma ocasião, permiti a visita de uma amiga de Kathrada, a filha da proeminente ativista antiapartheid Fatima Meer. Yasmin Shehnaz Meer era uma advogada – hoje uma juíza – casada com um advogado branco. Aquelas visitas eram extremamente proveitosas para ele, e eu a tinha cadastrado como sobrinha de Kathrada para que ninguém desconfiasse. Nunca entreguei as gravações das conversas entre eles. A essa altura, eu já compartilhava muitos segredos com os prisioneiros e tinha tomado algumas decisões pessoais que faziam todo o sentido para mim na época e ainda fazem hoje.

Um dia, por exemplo, o diretor do presídio me mandou usar uma escuta com um dispositivo de gravação para que pudessem colocar a determinação de Mandela à prova. Um minúsculo microfone foi instalado em um botão na jaqueta do meu uniforme ligado a uma bateria no meu bolso por um fio. Eu deveria tentar provocá-lo sugerindo que Winnie estava tendo casos com outros homens. Eles sabiam que o amor e a adoração pela esposa eram seu tendão de Aquiles.

Eles especificamente me instruíram a perguntar: “Mandela, como você se sentiria se ficasse sabendo que Winnie está com outra pessoa enquanto você está aqui, sem poder fazer nada, se soubesse que ela está dormindo com outros homens?”.

Eu precisava dar um jeito de mostrar que estava usando uma escuta. Entre outras implicações, temia que ele começasse a falar sobre os nossos jogos proibidos de pingue-pongue. Quando me aproximei de Mandela, mostrei o microfone e toquei a minha orelha para sinalizar que estávamos sendo ouvidos. Eu não queria que ele se ofendesse com as provocações. Ele permaneceu absolutamente calmo, dizendo: “Senhor Brand, eu teria de aceitar a situação. Ela é uma bela mulher e tem suas necessidades. Eu a amo o suficiente para aceitar qualquer coisa que fizer”.

Depois daquilo, decidi que era hora de revelar outro segredo a ele. Nós tínhamos um acordo, um vínculo de confiança. E eu tinha passado um bom tempo ocultando uma coisa dele. Durante quatro meses, mantive três prisioneiros especiais em uma seção no terraço, isolados de Mandela e dos outros rivonianos.

Aqueles homens eram considerados inimigos públicos, ativistas que causaram tantos problemas que as autoridades decidiram lhes dar um “sumiço”. Eles jamais chegaram a ser acusados criminalmente, julgados nem condenados. Simplesmente foram removidos da sociedade e estavam sendo mantidos em Pollsmoor sem que seus advogados, familiares, colegas ou companheiros políticos soubessem se estavam vivos ou mortos.

Seu líder era Matthew Goniwe, um professor com pouco mais de 30 anos, em muitos aspectos parecido com Mandela. Ele era culto, inteligente e cortês, um homem com uma vontade de ferro e um senso inabalável de justiça. Eu gostava dele e o admirava.

Goniwe estava sendo mantido em uma cela com suas próprias roupas – duas calças esportivas que tinha levado consigo – e não tinha direito a quaisquer privilégios. Nenhum dinheiro para comprar comida, nada de estudo nem livros. Ele podia ler a Bíblia e receber uma visita por semana, de um juiz encarregado de reportar as condições de encarceramento dele. Eu estava proibido de mencionar o nome dele ou contar aos outros prisioneiros ou carcereiros que estava sendo mantido lá. Goniwe e seus dois companheiros também não tinham permissão de se comunicar entre si, mas esvaziavam a água dos vasos sanitários e conversavam pela tubulação.

Goniwe tinha sido um brilhante professor no Cabo Oriental, liderando manifestações para melhorar as condições da escola para as crianças negras e seus colegas professores. Ele tinha um grande número de seguidores, de forma que os oficiais das agências de inteligência o detiveram um dia em uma reunião e o fizeram desaparecer misteriosamente, levando-o para o outro lado do país e prendendo-o no meu terraço.

Ele tinha permissão de fazer uma hora de exercícios físicos por dia e praticava ioga. Conseguia passar o tempo todo em uma única posição. Examinava meticulosamente a parcas rações às quais tinha direito e descartava tudo o que considerasse indigesto. Ele era absolutamente disciplinado.

Contei em segredo que ele estava sendo mantido a poucos metros de seus líderes revolucionários, seus heróis. Um dia, consegui manter aberta uma brecha do sólido portão de segurança que separava as duas seções, para que ele pudesse cumprimentar Mandela, Sisulu, Mlangeni, Kathrada e Mhlaba. Goniwe parecia uma criança correndo para os braços dos pais. Eles se cumprimentaram e trocaram algumas informações.

Juramos jamais mencionar o incidente. Com isso, a amizade e cooperação que eu já

usufruí com o meu grupo se fortaleceu ainda mais. Kathrada, em especial, se condoía da situação de Goniwe. Ele conseguiu que seu advogado enviasse uma mensagem à família de Goniwe para informar de que ele estava vivo e em segurança em Pollsmoor.

Cerca de seis meses depois que os homens foram detidos, a liberação deles foi decidida em 10 de outubro de 1984, e fui encarregado de tirar Goniwe de Pollsmoor e embarcá-lo em um trem no subúrbio de Retreat, na Cidade do Cabo. Goniwe se preocupava com a possibilidade de se perder e estava nervoso quando entrou no furgão da prisão.

No caminho, um carro descaracterizado da polícia nos parou, e os presos foram obrigados a sair do furgão. A polícia, que tinha autoridade sobre nós, declarou que os escoltaria ao trem. Uma ou duas semanas depois, fiquei sabendo que os três tinham retomado suas atividades políticas no Cabo Oriental e foram interceptados depois de uma reunião à noite.

Em junho de 1985, seus cadáveres queimados e mutilados foram encontrados ao lado de seu carro em chamas em uma estrada remota. Lamentei muito que um homem tão instruído e bem-intencionado, um bom homem com boas intenções, acabasse morrendo daquele jeito. Logo depois, Sisulu foi internado no hospital de Woodstock, um subúrbio da Cidade do Cabo, para uma cirurgia de próstata. Ele achava que seria anestesiado para fazer um exame médico, mas na verdade foi submetido à cirurgia e teve de ficar no hospital mais uma semana.

Eu e outro carcereiro nos revezamos para vigiá-lo, e carcereiros veteranos o visitavam para ver se estava tudo bem. Um dia, depois das seis da tarde, Du Toit, um colega carcereiro, me deixou com Sisulu para ir para casa, que ficava a apenas quinze minutos de carro do hospital.

Ele tinha combinado com os enfermeiros, que foram muito prestativos, de ir buscar uma TV portátil. Eles, é claro, acharam que a TV era para nós, mas a instalamos no quarto de Sisulu, e aquela foi a primeira vez que qualquer um dos rivonianos via uma televisão, já que a rede televisiva estatal South African Broadcasting Corporation ainda não existia no nosso país quando foram encarcerados.

A TV era preto e branco, e a maioria dos programas era em africânder. Em pouco tempo Sisulu já estava sentado na cama assistindo ao noticiário em inglês, extremamente empolgado. No sábado, houve um jogo de rúgbi, e todos assistimos juntos. Sabíamos que não seríamos pegos, porque todos os outros oficiais estariam vendo o jogo em algum outro lugar. Quando escoltamos Sisulu de volta a Pollsmoor, pedimos que não contasse a ninguém sobre a TV. Aqueles sujeitos eram muito bons em guardar segredo.

Anos mais tarde, depois que foi libertado, encontrei Sisulu, e ele me cumprimentou com um abraço. Sua esposa estava presente, enfurecida, e observou com desprezo que eu tinha sido seu captor, seu opressor. “Não, você está errada”, ele explicou. “Ele é um de nós, sempre foi um de nós”.

Na época do terraço, passei a comprar o chocolate e os biscoitos deles, bem como um eventual bolo de frutas no supermercado, e um dia dei uma fatia de bolo a Mandela, que

o achou seco demais. Em casa, a minha mulher tinha começado a cozinhar com um micro-ondas e fez um bolo de frutas absolutamente delicioso. Então, me ofereci para levar um pedaço ao pessoal da seção.

Todos adoraram – aquele se tornou o famoso bolo da minha mulher –, e concordei em traçar um plano para que pudessem comprar o bolo com alguma regularidade. Precisavam comprá-lo porque tinham de apresentar um recibo para tudo o que recebiam de fora da prisão.

Determinei um preço simbólico e comecei a levar bolos de 2 quilos, registrando-os como se tivessem 500 gramas, o máximo permitido para gêneros alimentícios. Todos os líderes do CNA queriam comprar e compartilhar o bolo. Mandela, em especial, tinha uma queda por doces.

Eu levava o bolo da minha esposa sempre, e o ritual formou um vínculo importante entre nós. Talvez o gesto representasse um compartilhamento de uma minúscula parte da vida familiar. Mesmo depois que foram todos libertados, Estelle continuou fazendo o bolo para eles, e desde então ouço Kathrada contar orgulhoso aos amigos que recebe dois de seus bolos de frutas todos os anos, um no Natal e outro em seu aniversário.

Mandela também teve problemas de saúde quando ficou detido em Pollsmoor. Em fevereiro de 1983, cerca de um ano depois de chegar ao presídio, tive de escoltá-lo ao hospital de Woodstock devido a uma intumescência preocupante na parte de trás de sua cabeça e uma dolorosa unha encravada. Os médicos decidiram realizar as duas pequenas operações ao mesmo tempo. Deixei minha arma do lado de fora e entrei na sala de cirurgia, depois de passar pela assepsia e usando roupas cirúrgicas, máscara e touca, e acompanhei os cirurgiões enquanto trabalhavam.

Havia uma lista de nomes em um quadro-negro na parede. Mandela estava classificado “Negro Especial 1” e objetou firmemente. “O que quer dizer esse termo? Isso está se referindo a mim?”, perguntou. Sabíamos que era o caso, mas eu o tranquilizei: “Não, não tem nada a ver com você. É um outro sujeito, não sabemos quem”.

Em seguida, ele foi sedado, e os dois cirurgiões levantaram uma tela entre eles para evitar distrações. Vi a pele sendo afastada de seu crânio e a intumescência sendo extraída com habilidade. Ela foi colocada em um recipiente, para ser enviada para ser analisada.

Mandela foi levado para a sala de recuperação, e eu estava a seu lado quando ele acordou da anestesia. Àquela altura, suponho que estive presente em muitos momentos importantes da vida dele e na verdade, quando penso a respeito, percebo que foram importantes para nós dois.

De volta a Pollsmoor, ele começou a ter problemas na próstata, notando sangue na urina e sentindo dor. Então o escoltei novamente ao hospital Woodstock em setembro de 1984. Dessa vez, o nome na lista era David Motsamayi, o pseudônimo ele usava na época em que trabalhou na clandestinidade, fingindo ser o jardineiro da Fazenda Liliesleaf.

Mandela, embora fisicamente debilitado, não aceitou aquilo. Ele exigiu falar com as autoridades do hospital e perguntou: “Quem é esse? Não sou eu. Eu sou Nelson Mandela,

esse é o meu nome”.

Eles concordaram em mudar o nome, mas é claro que não o fizeram. Não tinham intenção nenhuma de usar seu verdadeiro nome e alertar a todos que havia um revolucionário de fama internacional no hospital.

Ele foi submetido a outros procedimentos exploratórios e estava muito sonolento e confuso quando despertou da anestesia. Um carcereiro achou que seria engraçado se aproveitar do estado de sua confusão inventando que tinha sido preciso sedá-lo e escondê-lo, porque algumas pessoas estavam ameaçando matá-lo, chamando-o de cafre.

Quando Mandela recuperou a consciência, ele se lembrou da notícia e ficou transtornado. Eu o tranquilizei: “Não, foi só um sonho, você está em segurança”. Tive de encontrar um urinol para ele e o ajudei a urinar, de tão fraco que estava. Ele ficava muito grato por pequenas gentilezas como aquela, e imagino que não estivesse acostumado a atos como esses, vindos de um branco.

Foi mais ou menos nessa época que escrevi em segredo para a minha esposa. Ele enviou clandestinamente uma carta por meio de outro guarda em um pedaço de papel escondido entre a embalagem da Cadbury e o papel-alumínio da barra de chocolate ao leite. Eu só soube daquilo no dia em que Mandela foi libertado.

Ainda tenho a carta, que guardo como um precioso tesouro. As palavras foram escritas em um bloco de notas da prisão:

Senhora,

Seu marido é um homem muito talentoso, com um coração de ouro. Ele está sempre de bom humor e é sempre prestativo. No entanto, falta-lhe determinação e, por consequência, ele negligencia seus próprios interesses e seu futuro, bem como os de sua esposa e seus filhos.

Em inúmeras ocasiões, tentei convencê-lo a estudar, mas todas as minhas tentativas foram um completo fracasso. Devo agora solicitar sua ajuda. Talvez a senhora consiga persuadi-lo a fazer o que outros jovens responsáveis do mundo todo fazem: promover os próprios interesses e o próprio futuro.

Estelle não me contou sobre a carta, mas começou a me pressionar a fazer um curso superior. Argumentei que já tinha de estudar direito penal para garantir a promoção no serviço prisional, além de trabalhar em período integral e ter uma vida familiar cheia com um bebê pequeno, de modo que não tinha nenhum tempo livre. Um dia, em desespero, exclamei: “Você está começando a soar como Mandela. Ele nunca sai do meu pé para que eu estude!”.

A carta foi escrita em um africânder impecável. Jurando sigilo, para evitar problemas tanto para Mandela quanto para mim, Estelle escondeu a carta e esperou sete anos antes de me contar sobre ela.

Mandela com frequência me oferecia, do nada, algum ato de gentileza. Um dia lhe contei sobre um acidente que tive com a minha moto Suzuki 125cc. Eu passava de moto por um distrito negro para comprar peças de reposição para o meu carro e dei de cara

com uma rua bloqueada com pneus queimados e semáforos quebrados depois de uma manifestação.

Uma picape veio direto de uma via lateral e me atingiu, me derrubando na rua, onde uma multidão se formou rapidamente. Era uma situação perigosa, e só consegui saí de lá insistindo que o motorista da picape me levasse à delegacia de polícia mais próxima, onde eu estaria em segurança. Quando cheguei lá, por uma bizarra coincidência, vi um ex-prisioneiro meu do Presídio de Pollsmoor que estava lá esfregando o chão, e ele me ajudou a tirar meu capacete e cuidou dos meus ferimentos.

Fiquei com costelas trincadas, grandes hematomas e um corte no pé que precisou de pontos. Embora o motorista da picape tenha admitido a culpa, recebi uma carta exigindo que eu pagasse pelos danos ao veículo dele. Mostrei a carta a Mandela, esperando que sua experiência jurídica pudesse ajudar. A conta era de 420 rands, uma pequena fortuna na época.

Ele imediatamente escreveu uma carta severa apresentando as circunstâncias, exigindo que o processo judicial fosse abandonado e insistindo que eu é que deveria receber uma indenização. Naturalmente, levei a carta para casa para datilografá-la. Se alguém visse a caligrafia de Mandela, nós dois teríamos grandes problemas. Rasguei o original e descartei os pedaços no vaso sanitário.

Enviei minha cópia datilografada por correio registrado como ele aconselhou e rapidamente ganhei o caso. Mandela, o terrorista e revolucionário, tinha resolvido um pequeno processo civil para um cliente não pagante, seu carcereiro na prisão.

Pouco tempo depois tive a chance de retribuir a gentileza de maneira diferente. Em 1985, seus problemas na próstata retornaram, e ficou decidido que ele precisava de outra cirurgia. Houve uma consulta com ele sobre o hospital ao qual deveria ir. Várias clínicas privadas foram recomendadas, principalmente devido a preocupações com a segurança, mas Mandela insistiu que confiava nos cirurgiões de Woodstock, para onde queria voltar. Ele se ocupou com os preparativos para outra saída da prisão, deixando instruções rigorosas com Kathrada para regar e podar as plantas de sua horta, preocupado com a manutenção de sua plantação enquanto estivesse fora.

Também dessa vez eu estive com ele durante toda a cirurgia. Nenhum dos outros guardas se entusiasmava com a tarefa, mas eu não me importava. Eu tinha sido criado em um sítio e já tinha visto muitas “cirurgias”. Eu mesmo realizei algumas em sapos para usá-los como isca de pescaria e também ajudei a matar porcos e galinhas. Eu não tinha medo de ver sangue e, na verdade, estava bastante interessado, até fascinado.

Mas também me preocupava com Mandela. Ele tinha quase 70 anos, e seu problema na próstata parecia estar se tornando crônico.

Quando começou a acordar da anestesia, eu o tranquilizei. “Está tudo bem, foi tudo feito e foi muito rápido. Você vai ficar bem. Você está seguro aqui comigo, pode dormir agora”. Eu o observei mergulhar, grato, em um sono profundo.

Antes daquilo, em 1985, Mandela tinha recebido outra oferta de liberdade em troca da renúncia à violência. O presidente P. W. Botha declarou ao Parlamento que libertaria todos os presos políticos sob essa condição e afirmou: “Portanto, não é o governo que

está impedindo a liberdade do senhor Mandela. É ele mesmo”.

Mandela escreveu uma contundente declaração de recusa alegando que somente homens livres podiam negociar, que prisioneiros não podiam fazer acordos. Ele concluiu: “Não posso e não darei nenhuma garantia em um momento em que eu e vocês, o povo, não somos livres. A sua liberdade e a minha não podem ser separadas”.

Winnie ainda estava em prisão domiciliar e não teve como ler a declaração do marido ao público. Dessa forma, coube à filha deles Zindzi, de 24 anos, encarar um estádio de futebol lotado em Orlando, Soweto, e corajosamente ler o discurso de seu pai. Ela fez isso com orgulho, em voz alta e clara, e a reação da multidão foi ensurdecadora. Toda a família de Mandela, e seu povo, estavam mais decididos do que nunca a não ceder ao governo do apartheid.

Os outros presos políticos sob os meus cuidados também se recusaram a se submeter. Eles já tinham recebido a mesma proposta, em 1967, e também a recusaram.

Botha ficou furioso. Ele tinha feito a oferta na rádio estatal e agora estava sendo obrigado a lidar publicamente com a recusa. Fui instruído a usar mais uma vez uma escuta e sondar Mandela sobre as razões pelas quais não aceitou a oferta.

O minúsculo microfone estava escondido debaixo da minha jaqueta, e outros carcereiros ouviam no escritório. Aproximei-me de Mandela, que estava sentado sozinho em seu lugar de costume em um degrau de concreto no pátio, abrigado sob um toldo, lendo. Mais uma vez, levei o dedo aos lábios em um gesto de silêncio e mostrei o microfone ligado à minha camisa. Eu o cumprimentei, e ele entendeu imediatamente. Ele falou com descontração, me chamando de “Sargento Brand” e conversando sobre sua horta. Disse que o espinafre estava crescendo forte.

Perguntei se ele queria que eu levasse alguma queixa ao escritório. Então eu disse, conforme me tinha sido instruído: “Mandela, por que você não aceita a proposta do presidente?”.

Ele respondeu que jamais concordaria em ser libertado a menos que todos os presos políticos fossem libertados. Missão cumprida, voltei ao escritório. Naquela noite, na TV, Botha declarou que jamais cederia a Mandela. As velhas linhas inimigas ainda se mantinham firmes.

No entanto, Mandela entendeu completamente quando Denis Goldberg, o único réu de Rivonia branco, aceitou a oferta de libertação. Eles tinham recebido o prazo de um mês para responder à proposta de Botha, e ouvi dizer que todos os presos políticos da Ilha Robben recusaram, exceto cinco, que não tinham participado da luta violenta.

Goldberg era diferente. Como o único rioniano branco, ele tinha passado 22 anos terríveis isolado no Presídio de Pretória, onde não tinha companheiros com quem dividir o sofrimento.

Conversei com Mandela sobre isso enquanto cuidávamos da horta juntos. “Ele não pôde ficar conosco. Foi muito mais difícil para ele”, Mandela explicou. “Ele pode ter tido razões melhores, mas ficar na solitária pode matar alguém mais rápido do que fazê-lo passar fome na presença dos companheiros. E Denis não tem família na África do Sul. Ele precisa voltar para a família”.

O governo estava sendo cada vez mais pressionado a reconhecer a necessidade de justiça e liberdade para Mandela, seus companheiros e seu povo. Oliver Tambo, líder do CNA exilado na Zâmbia, emitiu um clamor para que as pessoas tornassem “a África do Sul ingovernável”. Em resposta, houve greves em massa e ocupações, recebidas com brutalidade pela polícia. A visão de policiais uniformizados brandindo cassetetes e espancando homens, mulheres e crianças foi absolutamente chocante para as pessoas sensatas do mundo todo.

Em julho de 1985, o governo havia declarado outro Estado de emergência. O rand entrou em queda livre, enquanto bancos e empresas internacionais se retiravam da África do Sul. O país tinha sido banido do mundo da política e dos negócios, um país com riquezas naturais, mas no qual ninguém queria investir.

Mandela, por sua vez, voltava mais uma vez ao hospital. Suspeitava-se de câncer de próstata e, dito sem meias palavras, a última coisa que o governo queria era que um mártir idoso da revolução morresse sob seus cuidados.

Dessa vez, ele foi levado ao hospital Volks na região central da Cidade do Cabo. Uma enfermeira branca que cuidava de Mandela lhe contou que seu marido era o oficial médico da Ilha Robben. Mandela, sempre justo e imparcial, se lembrou dele como um homem bom. Ao contrário das ocasiões anteriores, não estive presente na sala de cirurgia, mas fiquei de guarda do lado de fora. A segurança foi mais rigorosa do que nunca. Até os faxineiros precisavam de autorização especial para se aproximar de Mandela.

Winnie recebeu permissão de fazer uma visita antes da cirurgia, e eu a escoltei ao quarto. Mas eu não estava preparado para o próximo visitante: Kobie Coetsee, o ministro da Justiça. Mandela manteve a calma, embora deva ter ficado perplexo. Coetsee comportou-se como quem visita um amigo, e Mandela se comportou do mesmo modo. Fora do quarto, eu sabia muito bem que se tratava de um momento histórico, por mais que todos tentassem manter a normalidade. Talvez o governo estivesse começando a se aproximar do CNA. Seria possível?

Fiquei sabendo que Winnie tinha visto Coetsee quando eles viajaram no mesmo avião de Joburg para a Cidade do Cabo. Ela o abordou com ousadia – ele era o mesmo ministro que tinha assinado sua ordem de banimento – e exigiu que seu marido, doente e trancafiado na cadeia, recebesse um tratamento melhor. Dizem que ela o influenciou a visitar Mandela, mas ninguém sabe ao certo. Coetsee sem dúvida já sabia que tinha o poder de ajudar a afastar seu país da guerra civil com alguns gestos conciliatórios.

Mandela ficaria oito dias internado no hospital e certamente tinha muito no que pensar. No entanto, como de costume, ele me pediu para comprar chocolates para todos os funcionários e escreveu notas de agradecimento individuais a cada enfermeiro. Eu os entreguei no dia em que ele recebeu alta. A visita de Coetsee não foi a única surpresa para Mandela na ocasião.

O grupo de escolta que levava Mandela de volta a Pollsmoor foi acompanhado, sem aviso prévio, do comandante do presídio, o brigadeiro Munro. Foi o brigadeiro que informou que Mandela seria transferido a uma nova parte da prisão. Ele recebeu uma

cela no térreo da ala da prisão, com três cômodos e um banheiro individual. Mandela ficaria lá sozinho, em completo isolamento.

Eu já sabia que Mandela não voltaria para seus amigos. Enquanto ele se recuperava no hospital, fui encarregado de preparar as novas celas. Trouxemos sua cama e seu armário de aço contendo roupas, livros e equipamentos esportivos. Fui informado de que, como estava se recuperando da cirurgia, ele precisava ficar mais perto da seção hospitalar, embora eu intuísse que a verdade não fosse tão simples assim. Inevitavelmente, o Serviço Nacional de Inteligência enviou uma equipe para instalar sofisticados grampos por toda parte.

Na saída de Mandela do hospital, vi o carro do brigadeiro Munro chegando escoltado por um veículo não identificado da polícia. Não houve sirenes, nada. Mandela saiu usando seu uniforme da prisão e foi levado à nova seção. Eu o recebi de volta do hospital e mostrei-lhe as novas acomodações. Ele pareceu aceitar tudo, mas ficou extremamente desconfiado com a mudança e, embora seu novo alojamento fosse espaçoso, também era pouco iluminado e cheirava a mofo.

Dois dias depois, ele recebeu o próprio aparelho de TV. Ao mesmo tempo, seus companheiros no terraço foram informados de que também poderiam ter uma TV, se pagassem por ela. O televisor de Mandela foi de graça, um presente do governo.

Disseram-me que um carcereiro ficaria em um plantão diurno permanente, trancado com ele. A essa altura, eu já tinha sido promovido a subtenente, encarregado do escritório que supervisionava todos os terroristas prisioneiros e detidos. Eu continuaria vendo Mandela todos os dias, pelo menos duas vezes por dia. Mas acho que nós dois percebemos que os nossos dias de pingue-pongue no terraço tinham chegado ao fim.

# CAPÍTULO 9

**P**ela primeira vez em 21 anos, Mandela se viu completamente sozinho. Ele sentia falta da companhia, da horta que lhe era tão preciosa, e do sol do terraço, onde ele pelo menos podia ver as montanhas e o céu.

Eu o visitava duas vezes por dia e era o encarregado geral da sua vida na prisão, mas o único homem que podia fazer qualquer diferença – o carcereiro designado para passar o dia todo com ele no corredor entre as celas – recusava-se a se comunicar com Mandela.

Ele era um carcereiro veterano que trabalhara na polícia e só falava africânder. Ignorava todas as tentativas de Mandela de conversar nessa língua. Recusava convites de tomar café ou chá e não aceitava nem o jornal que Mandela oferecia, preferindo ler o próprio jornal, exatamente o mesmo, mas que não tinha sido tocado por um prisioneiro. Ele não queria nada de nenhum prisioneiro e passava o turno inteiro só observando Mandela e lendo a Bíblia. Mandela reclamou para mim que o sargento nem assistia TV com ele na cela.

No entanto, essa situação não durou muito tempo. Um dia, o carcereiro saiu para uma sinusectomia e teve uma trombose ao se recuperar na enfermaria. Sua esposa ficou chocada ao encontrá-lo morto.

Mandela também ficou chateado. Porém, o substituto era quase um velho amigo, um homem que o tinha conhecido na Ilha Robben e que pelo menos lhe faria companhia durante o dia, conversando em africânder.

Na época, eu estava pensando em deixar o serviço carcerário, mas conversei sobre a minha situação com Mandela, e ele me incentivou a ficar. “Senhor Brand”, ele argumentou, “não queremos perder boas pessoas como o senhor na prisão. O senhor é bom em se comunicar com as pessoas de fora, em se certificar de que as nossas cartas sejam enviadas, na maneira como nos consulta sobre as nossas visitas”. Eram só pequenos gestos que eu fazia, na tentativa de tratá-los com alguma dignidade. Entretanto, quando Mandela disse que não queria me perder, decidi ficar.

Eu tinha permissão de levar Mandela a um pátio tranquilo na seção para se exercitar. Não havia quadra de tênis nem mesa de pingue-pongue lá, mas ele podia caminhar por uma hora. Outros prisioneiros da seção criminal podiam vê-lo de suas celas no segundo andar. Eles eram pessoas pouco instruídas que só sabiam se tratar de alguma espécie de VIP recebendo um tratamento especial e não gostavam nem um pouco do que viam.

Eles estavam com inveja. Mandela costumava usar o sombrero de papelão feito pelo

amigo Japhtha Masemola, um pertence que estimava muito, e os prisioneiros gritavam “Ei, muchacho!” e atiravam as sementes de pêsego secas que sobravam de suas refeições.

Eram agressivos. Nada de “Amandla!” ou outros slogans de encorajamento. Eles eram completamente ignorantes da situação ou da política de Mandela. Tudo o que sabiam era que ele tinha um enorme espaço individual e que eu fazia as compras dele. Era irônico que milhares daqueles prisioneiros fossem as mesmas pessoas que Mandela dedicou a vida a libertar. E agora eles o estavam atacando.

Mandela tentava limpar o pátio das sementes de pêsego, ignorando os gritos. Ele não demorou a perceber que queriam intimidá-lo a solicitar regalias especiais para eles e conseguir cigarros e alimentos.

Um dia, entrei na cela para falar com ele e vi uma corda dependurada perto da janela, amarrada a um pacote. Com um gesto, Mandela me pediu para ir ver o pacote. Ele claramente já tinha recebido aquelas encomendas não solicitadas antes e estava aborrecido com as mensagens contidas. Dentro do pacote, encontrei apelos dos prisioneiros criminais se oferecendo para levar mensagens dele ao mundo externo quando saíssem para audiências judiciais em troca de cigarros, açúcar, geleia ou Marmite<sup>[1]</sup>.

“Isso vem da seção do segundo andar”, ele disse. “O senhor precisa reportar isso.” No dia seguinte, persianas cobertas foram instaladas nas janelas das celas do andar superior, e Mandela ficou chateado com a notícia. Agora aqueles prisioneiros também não teriam luz do sol.

Ele sabia que Walter Sisulu e os outros companheiros também tinham sido transferidos e estavam em uma seção do presídio feminino, longe dali. Ele pareceu calmo quando lhe dei a notícia, embora isso significasse o fim da vida no terraço também para eles e que sua horta tinha secado e morrido, o que o entristeceu. Eu me ofereci para tentar montar uma nova horta, mas seria impossível cultivar qualquer coisa naquela cela escura. Havia pouca luz natural, e a atmosfera era úmida e insalubre.

No entanto, Mandela sabia que algo mais estava acontecendo: tudo isso devia estar ocorrendo por alguma razão, e ele parecia estar no centro de tudo. Mandela estava aberto a todas as possibilidades, contanto que ele e os outros não fossem simplesmente anulados e abandonados para envelhecer e definhar na prisão.

Ele nunca conversou comigo sobre possibilidades políticas. Só parecia absolutamente preocupado em tentar se manter um passo à frente do que poderia estar acontecendo no mundo exterior. Preparando-se, talvez, para a oportunidade de ouro de finalmente fazer parte de uma grande mudança no país, algo que passou a vida toda ansiando.

Em muitos aspectos, ele se via cerceado pelos prisioneiros ao seu redor, por Winnie lhe trazendo problemas familiares, por manipuladores do apartheid que tentavam destruir sua confiança e pelos agentes do Serviço Nacional de Inteligência que instalavam escutas e registravam todas as suas palavras e ações.

Um dia, quando encontrou uma pequena pilha de limalha de solda branca no chão de sua cela, ele me olhou e perguntou o que era, sabendo muito bem que alguns grampos

adicionais deviam ter sido instalados. Ele estava ficando cansado.

Sempre respeitei sua privacidade e não ficava sondando. Nessa época, Mandela ficou imerso em pensamentos e não revelava suas esperanças e seus medos. No entanto, ele queria falar com Sisulu, seu mentor e o único homem que seria capaz de ajudá-lo a entender todas aquelas mudanças.

Mandela enviou uma requisição formal para ver Sisulu. A solicitação levou dois meses para ser aprovada, período no qual ocorreram alguns eventos extremamente importantes que ele precisou enfrentar sozinho.

Depois de voltar do hospital, Mandela decidiu se aproximar do governo para iniciar um diálogo. Em pouco tempo, uma reunião foi marcada. Em um sábado à noite, fui informado de que levaria Mandela de carro até a casa de Kobie Coetsee, o ministro da Justiça.

Sairíamos de Pollsmoor às nove da manhã do dia seguinte. Fui correndo até a loja da prisão para ver se encontrava um terno de libertação da prisão para ele. Eram ternos cinza bastante funcionais, um corte barato que poderia ao menos ser melhorado com uma camisa branca. Escolhi apressadamente três deles, tentando adivinhar o tamanho. Dois acabaram ficando curtos demais nos braços, mas o terceiro lhe caiu mais ou menos bem.

O carcereiro que trabalhava comigo, capitão Swart, não conseguiu encontrar uma gravata e correu a seus aposentos pessoais na prisão para buscar uma. Ele só conseguiu encontrar uma gravata vermelho-vivo, o que não agradou nem um pouco Mandela. “Os senhores estão me forçando a ir à casa do ministro vestido como um comunista!”, ele reclamou, mas com um sorriso.

Ficamos espantados ao ver a destreza com a qual ele deu o nó na gravata. Aquilo nos lembrou de que tinha praticado a advocacia antes da prisão todos aqueles anos atrás e estava acostumado a se vestir formalmente para se apresentar no tribunal.

Swart arrumou o colarinho para ele e o olhou com aprovação. Estava pensativo, quieto. Devia estar tentando imaginar como seria a reunião. Ele não falou sobre isso com os outros integrantes do Alto Comando do CNA nem notificou Oliver Tambo, o líder do CNA exilado na Zâmbia. Mais tarde, Mandela escreveria que às vezes um líder precisa tomar decisões solitárias para o benefício do rebanho todo, acreditando em si mesmo e encontrando forças na própria capacidade de julgamento.

Mas aquela foi uma saída extraordinária para ele. Era uma bela manhã de domingo e o sol brilhava quando o conduzimos pela escada de incêndio nos fundos da prisão e o colocamos em um carro. Ninguém nos viu, exceto o guarda da guarita de observação, que já tinha sido alertado.

Abri a porta traseira do Ford branco modelo Cortina, um carro descaracterizado do governo, e Mandela ficou sentado no meio do banco de trás, inclinando-se durante a viagem toda como um menino para espiar a paisagem que se descortinava entre mim e Swart, sentados na frente. Outro carro sem identificação da polícia nos seguiu pelo percurso de quinze quilômetros. Mandela passou o tempo todo perguntando onde estávamos e comentando que tudo parecia verdejante e encantador. Entramos pela

região de Bishopscourt, passando por residências de embaixadores e grandiosas mansões de propriedade do governo, com enormes jardins. Mostrei-lhe a casa do Bispo Desmond Tutu, o incansável ativista que tinha mobilizado as massas contra o governo do apartheid. Mandela ficou fascinado. “Isso é bom”, ele murmurou quando contei sobre Tutu.

A estrada acabava em um portão de segurança que dava acesso ao complexo do governo onde Kobie Coetsee morava. Pik Botha, ministro de Relações Exteriores do país, famoso por sua atitude linha-dura, era um de seus vizinhos. Vários policiais estavam à nossa espera, todos em alerta e falando em seus rádios portáteis.

Um homem branco bem-vestido nos recebeu no portão. Ele gesticulou para que eu e Swart ficássemos no carro e escoltou Mandela para dentro. Esperamos das dez da manhã até mais ou menos a uma da tarde. Pensamos que talvez as negociações para a reconciliação tivessem começado ou que Mandela estivesse sendo questionado sobre os recentes levantes populares.

Ocorreu-nos que, ironicamente, o ministro Coetsee era o nosso chefe, e fomos proibidos de sequer entrar pelas portas de sua residência enquanto o nosso prisioneiro estava lá dentro com ele, bebericando drinques.

Um dos empregados da casa nos trouxe uma bebida gelada e nos contou que Coetsee tinha oferecido a Mandela algo para beber. Mandela respondeu: “Aceito o que o senhor estiver tomando” e recebeu um grande copo de uísque com gelo. Passamos a teorizar que Coetsee devia estar tentando deixá-lo à vontade para sondá-lo em busca de informações. Mas sabíamos Mandela jamais cairia nessa. Era emocionante estar mesmo que às margens daquela ocasião tão especial, na qual o Inimigo Número 1 do país era recepcionado pelo ministro encarregado das prisões.

Finalmente, Mandela emergiu da casa, parecendo bastante descontraído e ativo. Ele não falou muito, mas tenho a impressão de que não mergulharam em nenhuma discussão profunda sobre política. Foi mais um encontro para quebrar o gelo e para se conhecerem melhor.

Eu estava morrendo de curiosidade para saber o que estava acontecendo, mas tive de respeitar a privacidade de Mandela quando ele ficou em silêncio. Ele ficou imerso em intensa reflexão e claramente não queria ser interrompido, então o levei de volta à prisão em grande parte em silêncio.

Assim que o conduzimos de volta à sua cela, ele fez outra requisição para ver Walter Sisulu. Precisava muito conversar sobre os acontecimentos.

Também tirou imediatamente o terno e o dobrou com cuidado antes de colocá-lo de volta na capa com zíper. Levei o terno de volta ao escritório e o guardei para ele usar em outra ocasião, junto com a gravata vermelha. Pressenti que aquele encontro era apenas o começo. Em todos os anos que passou na prisão, Mandela sempre lavou as próprias roupas, mas agora, no isolamento, não tinha onde fazer isso. Chamamos um dos prisioneiros criminais para coletar a camisa. Ele a trouxe de volta no dia seguinte, lavada e passada, e Mandela agradeceu com um pouco de chocolate e cigarros. Depois disso, passou a incluir itens à sua lista de compras mensal, desejando mostrar seu apreço

por um colega prisioneiro que realizava tarefas para ele.

Aquele prisioneiro tinha uma história triste, que continua até hoje. Depois de ser libertado de Pollsmoor, ele abriu um pequeno negócio de venda de frutas e legumes de porta em porta. No entanto, um dia seu sócio atacou e roubou o agricultor que lhes fornecia os legumes. O sócio desapareceu e nunca mais foi visto, deixando o ex-prisioneiro para enfrentar a acusação de assassinato. Ele recebeu uma longa pena e foi transferido de uma prisão à outra.

A última notícia que tive dele foi que estava preso no Presídio de Worcester, onde entrou em um movimento da igreja evangélica e montou uma banda com outros prisioneiros, cantando hinos. Tentei ajudá-lo com uma carta de apoio à sua requisição de liberdade condicional, e ele será libertado no final de 2014. Ele ainda guarda as roupas de prisão de Mandela e prometeu me entregá-las para serem doadas à Fundação Nelson Mandela.

Logo depois da primeira saída de Mandela, recebi ordens de prepará-lo para outra, dessa vez apenas uma breve saída de carro. O comandante me mandou buscá-lo imediatamente e disse que ele sairia em seu uniforme da prisão e que não precisaria de um terno dessa vez. O próprio comandante chegou dirigindo seu Mercedes branco para apanhar Mandela novamente pela saída de incêndio.

Eu disse a Mandela: “Sinto muito, não faço ideia de onde estamos indo”. Ele foi ao banheiro antes de concordar em sair e queria levar um caderno. Dissemos que não precisaria disso. Durante o percurso, ele voltou a se inclinar no banco de trás, ansioso para não perder nenhum detalhe. Dirigimos uma curta distância, cerca de 200 metros, saindo de Pollsmoor e entrando por um portão de fazenda. Estávamos em Steenberg, uma bela fazenda particular. Hoje em dia, a propriedade também abriga um exclusivo campo de golfe, mas na época só era usada para cultivar uvas. O comandante disse que ele poderia sair e esticar as pernas, caminhar um pouco e colher algumas uvas.

Mandela estava muito cauteloso e perguntou: “O fazendeiro não vai atirar em mim se me vir pegando suas uvas?”.

Disseram que não haveria problema, que o fazendeiro era um amigo das autoridades prisionais. De qualquer maneira, não havia ninguém na fazenda, e Mandela caminhou devagar pelas vinhas, de vez em quando colhendo um pequeno cacho de uvas enquanto o observávamos.

Eram as famosas uvas hanepoot do Cabo, cultivadas para a mesa, não para a vinificação. Havia uvas vermelhas e brancas, e Mandela escolheu as mais maduras. Nós o orientamos a não comê-las antes serem lavadas, devido aos produtos químicos pulverizados nelas. Demos a ele um saco plástico para levar as uvas de volta para a prisão. Mandela ficou impressionado com a paisagem. Ele olhou para as montanhas e respirou o ar fresco.

De volta ao carro, ele agradeceu, dizendo ter apreciado muito os poucos minutos de liberdade. Ele mal podia acreditar no grande número de uvas maduras e saudáveis, e explicamos que era uma safra abundante pronta para ser colhida em breve. Abri a porta de trás para ele, e voltamos a Pollsmoor.

Aquelas saídas eram tão secretas, e o alto escalão de oficiais do governo eram tão cautelosos que milhões de simpatizantes de Mandela no país nunca desconfiariam de algo assim. A fúria das massas contradizia totalmente os gestos de boa vontade do governo a Mandela.

No ano anterior, em agosto de 1985, tinha ocorrido uma enorme marcha de protesto ao Presídio de Pollsmoor para exigir a libertação de Mandela. A violência policial foi tão intensa que 31 manifestantes foram mortos nos confrontos. Na Comissão de Verdade e Reconciliação na qual o assunto foi discutido anos mais tarde, foi relatado que “ninguém foi poupado da violência da polícia. Crianças, mulheres e idosos foram espancados, e os participantes da marcha tiveram de correr para se salvar”. A violência prosseguiu depois dos protestos, e os distritos negros do Cabo Ocidental mantiveram a sublevação até o fim do ano. Em 1986, quando o Estado de emergência foi prorrogado pela terceira vez, houve tantas prisões aleatórias e detenções de ativistas políticos que as prisões ficaram superlotadas, e armazéns abandonados foram desapropriados para receber os detidos.

Enquanto tudo isso acontecia, Mandela colhia uvas.

Nesse meio-tempo, Mandela finalmente obteve a permissão para ver Sisulu, e os dois conversaram por uma hora na cabine de visitas. Foi uma visita de contato e fiquei o tempo todo presente.

Parecia que Mandela tinha decidido seguir o próprio instinto sobre o encontro com Coetsee e as extraordinárias saídas da prisão. Ele devia ter passado um bom tempo pensando nisso e deve ter pressentido que seus companheiros não aprovariam.

Eu ainda via sempre Sisulu, Kathrada e os outros e, quando eles me viam ocasionalmente sem o meu uniforme da prisão, queriam saber o que estava acontecendo. Conteí que estava levando Mandela para fora da prisão. Eu não queria causar discórdia entre eles, e era melhor apenas dizer a verdade, ainda que evitando revelar detalhes. Conteí apenas que Mandela estava recebendo permissão de fazer algumas visitas privadas.

No encontro de Mandela com Sisulu, os dois conversaram sobre os amigos em comum, a saúde, suas visitas recentes e notícias da família. Sisulu tinha muitas novidades para contar sobre sua própria família. Sua esposa e seus filhos adultos estavam profundamente envolvidos na luta e eram ativistas renomados.

Os dois prisioneiros tomaram café e bateram papo. Sisulu estava muito feliz de ver o velho amigo, e Mandela lhe contou pela primeira vez sobre sua cirurgia da próstata. Eles estavam sendo ouvidos e gravados, mas não interrompemos a conversa, já que os dois estavam presos e não levariam informações privilegiadas para fora.

Sisulu encorajou Mandela a reclamar com seus advogados sobre ser colocado em isolamento. No entanto, Mandela devia ter chegado à conclusão de que o isolamento lhe dava a chance de refletir sobre a situação e seguir uma nova direção. Ele disse a Sisulu que não queria reclamar, que isso só causaria mais problemas.

Também sondou Sisulu com cautela sobre a possibilidade de estabelecer um diálogo com o governo. Sisulu, sempre leal, afirmou que apoiaria Mandela em tudo o que

decidisse fazer.

Foi estranho para mim supervisionar uma visita entre dois prisioneiros. Era tudo muito estranho naquela época. Na ocasião, os rivonianos já recebiam todos os jornais diariamente, e Kathrada marcava todos os artigos que considerava importantes para Mandela ver. Ele acumulava dezenas até que tivesse a chance de entregá-los a Mandela. Todos continuavam famintos por notícias, como sempre. Era fácil esconder mensagens entre Mandela e Kathrada nos recortes de jornais que eu levava de um lado ao outro. Foi a minha pequena contribuição para a paz no nosso país.

Sisulu e seus companheiros de cela me perguntavam o tempo todo sobre as saídas ou compromissos de Mandela. Dava para ver que estavam ficando desconfiados, até preocupados, com o fato de Mandela estar tomando decisões sem consultá-los.

Enquanto isso, recebi outro telefonema, dessa vez quando estava de folga em casa, com ordens para preparar Mandela para sair cedo na manhã seguinte, em outra visita a Coetsee. Tive de pegar o terno, a camisa e a gravata de Mandela e levá-los a ele imediatamente. Na ocasião, eu já era subtenente e estava autorizado a ir às celas depois do horário de trancar os detentos.

Minha esposa estava fora, em um evento social, e fiquei cuidando do nosso bebê Riaan, que tinha apenas um ano e meio. Então levei Riaan comigo, caminhando ao meu lado com passinhos incertos. O carcereiro do plantão noturno me deixou entrar, e lá estávamos nós, diante de Mandela, que ficou encantado ao ver uma criança pequena. Ele queria pegar o bebê e conversar com ele, mas Riaan estava um pouco assustado, com um pouco de medo daquele estranho. Ele se agarrou a mim e se recusou a ir ao colo de Mandela.

Então Mandela ficou de joelhos para procurar alguns doces em uma gaveta do armário. Riaan o observou o tempo todo e, com hesitação, aceitou os doces. Depois daquilo, Riaan sempre ficava muito feliz ao ver Mandela ou Sisulu e os outros que sempre tinham doces para ele. Na época, os prisioneiros tinham um suprimento regular de guloseimas porque tinham recebido permissão de ver a família e crianças pequenas, de modo que podiam incluir itens adicionais nas listas de compras que a família providenciava.

Dirigi um Ford Cortina branco da prisão com o capitão Swart ao meu lado quando levamos Mandela para sua segunda visita a Coetsee. Ele passou cerca de uma hora e meia na casa. Perguntamos aos agentes à paisana do Serviço Nacional de Inteligência o que estava acontecendo, mas, como de costume, não abriram a boca e não queriam conversa.

Logo depois daquele encontro, o diretor do presídio foi à cela de Mandela e informou que ele poderia dar um passeio na parte da prisão onde os animais domesticados eram mantidos. Havia coelhos pretos e brancos, gatos angorás de pelo longo, algumas galinhas correndo e até um jovem raficero-comum, uma espécie de cervo pequeno. Também havia um aviário com pássaros e um pombal. Os presos prestes a serem libertados eram incentivados a tentar se reabilitar e se preparar para o mundo externo, e os animais faziam parte do processo. Eles podiam se sentar ao sol no pátio desse

zoológico e relaxar ou ler um livro.

Alguns agentes penitenciários treinavam pombos-correio, e houve uma época na qual os presos eram autorizados a participar do treinamento e libertar as aves, enviando-as para suas famílias na cidade e esperando seu retorno. Percebemos que alguns pombos morriam ao retornar. Uma inspeção mais cuidadosa revelou que traziam pílulas de Mandrix<sup>[2]</sup> e tubos de maconha presos sob as asas. Um estratagema astuto para levar drogas à cadeia. Não tínhamos previsto aquilo, e a ideia dos pombos-correios foi abandonada de repente.

Os preferidos de Mandela eram a lagoa de peixes e o aviário, embora tenha dito que não gostava de ver criaturas vivas presas como ele.

Mesmo com a melhoria nas suas condições, ele continuava fazendo queixas regulares. Ele estava se irritando com a maneira como a comida lhe era servida em sua cela. Ele não queria fazer sua refeição principal na hora do almoço. Tinha desenvolvido o hábito tirar um cochilo de uma hora no início da tarde e queria ter um almoço leve e um jantar mais reforçado. Se guardasse os restos do almoço para comer à noite, a comida estaria fria e ruim.

Eu comprava um pouco de arroz para ele no supermercado, e Mandela costumava colocá-lo na garrafa térmica com água fervente da caldeira da prisão para cozinhá-lo. Nós não preparávamos arroz na cozinha, sendo que a base das refeições era sempre uma espécie de polenta de farinha de milho. Sugeri que uma chapa elétrica seria perfeita para ele. Tive de explicar o que era, como funcionava e quanto custaria.

Ele aceitou a sugestão e, em junho de 1988, enviou uma requisição formal, mas foi informado de que era contra as regras. Ele apelou a uma autoridade superior, e seu pedido foi negado de novo. Em seguida, escreveu ao comissário do Sistema Penitenciário em Pretória, que também recusou a solicitação.

Mandela ficou exasperado e pediu meu conselho. Eu disse que o diretor do presídio estava para voltar de licença e não sabia nada sobre as solicitações da chapa elétrica. Ele era um fanático por rúgbi e talvez Mandela pudesse fingir que se interessava pelo jogo, fazer amizade com ele e pedir a chapa elétrica.

Na próxima visita de rotina do diretor do presídio a Mandela para verificar suas condições e perguntar se havia quaisquer reclamações, Mandela já tinha feito sua lição de casa e se pôs a falar sobre a seleção nacional de rúgbi, os Springboks, e seu último jogo. Os dois passaram um tempo batendo papo, e Mandela disse que era uma pena que não pudesse assistir às partidas de rúgbi em sua TV porque isso implicaria comer comida fria. Ele foi aconselhado a enviar a comida de volta para a cozinha para ser aquecida, mas Mandela contou que tinha tentado, e a comida nunca voltava.

Ele comentou que tinha ouvido falar de uma coisa chamada chapa elétrica que poderia ser usada para esquentar a comida. O diretor do presídio concordou que seria uma boa solução e recomendou que Mandela enviasse imediatamente uma requisição a seu escritório.

A chapa elétrica chegou em poucos dias, Mandela assinou e recibo, e foi o fim da história. Quando contei o caso para Kathrada e os demais, todos também quiseram

chapas elétricas e ficaram deleitados quando as requisições foram aprovadas.

Na próxima vez que o comissário do Sistema Penitenciário chegou para uma visita e encontrou Mandela aquecendo o leite para preparar uma bebida quente, questionou a chapa quente, mas eu só disse que tudo tinha sido aprovado e não tinha nada a ver comigo.

Kathrada também passou por apuros ao cozinhar. Ele tinha dado dinheiro a seu advogado para lhe trazer ilicitamente um pouco de carne do açougue, e o comissário entrou justamente quando estava preparando arroz indiano com carne. Nada foi dito, mas Kathrada contou que ficou paralisado de ansiedade durante a visita. Ele e o advogado tinham violado as regras. Ele temia ter privilégios suspensos, mas não houve represálias. As coisas estavam mudando para todos os companheiros do CNA.

# CAPÍTULO 10

Quando fui promovido a subtenente, passei a ter mais autoridade no presídio. Minha casa ficava em frente à seção feminina, onde os outros líderes do CNA eram mantidos em celas comunitárias, e às vezes eu conseguia lhes levar carne e legumes e preparar um potjiekos, um prato típico africânder, um guisado cozido lentamente em uma grande panela de ferro fundido.

Acendíamos um o fogo com carvão, e eu colocava a panela sobre ele, mexendo de vez em quando e apreciando o aroma como fizera minha vida toda. Eu também levava arroz para cozinhar com a água fervente da caldeira da prisão. Eles adoravam a refeição, e sempre reservávamos uma boa porção para dar a Mandela.

Enquanto isso, as saídas inesperadas prosseguiram, e em pouco tempo fomos informados de outra excursão para fora dos muros de Pollsmoor. Mandela deveria sair novamente de uniforme da prisão, já que não iríamos longe. Dessa vez, o comandante dirigiu seu Audi azul à saída dos fundos para pegar Mandela. Demos a volta pela prisão, uma área enorme, com pátios e jardins, casas e alojamentos de funcionários e uma grande barragem. Estacionamos na estrada de areia, e Mandela foi informado de que poderia fazer um passeio ao redor da barragem. Algumas crianças e adolescentes estavam do outro lado com varas de pescar, sem fazer ideia de quem era aquele homem que se aproximava. Ele os cumprimentou e conversou sobre pesca. Em pouco tempo, já o estavam deixando usar uma vara, mostrando-lhe como colocar a isca no anzol.

Eram quatro ou cinco deles, filhos de carcereiros. Mandela passou cerca de meia hora com eles, enquanto observávamos à distância. Quando voltou, disse que só pegou um peixe, pequeno demais para comer, mas que os meninos o dariam ao gato. Mandela não contou se tinha revelado quem ele era. Ele se preocupava por eles estarem perto demais de águas profundas, dizendo que era perigoso. O comissário lhe disse para não se preocupar porque eles sabiam nadar bem. Mas Mandela insistiu que eles deveriam estar acompanhados de um adulto.

Ele ficou muito interessado ao ver as grandes plantações de legumes da prisão e conversou descontraidamente com o comissário, que também sabia bastante de jardinagem. Os dois falaram sobre o cultivo de batatas e abóboras. Mandela ficou impressionado quando soube que Pollsmoor produzia legumes e verduras suficientes para serem enviados a outros presídios. Algum tempo depois, recebi instruções para organizar um almoço em uma das elegantes casas dos oficiais para Mandela e um importante grupo de visitantes. Ele seria o convidado de honra em um encontro do

Grupo de Personalidades Eminentes criado pela Comunidade Britânica e presidida pelo general Olusegun Obasanjo da Nigéria.

Obasanjo tinha acabado de se aposentar como presidente da Nigéria, ocasião em que conduziu o país de um governo militar a um governo civil. Tinha sido combinado que ele ajudaria a reunir os lados beligerantes da África do Sul.

Providenciei para que uma boa refeição fosse preparada no refeitório dos oficiais e entregue na sala de jantar, onde dez pessoas seriam servidas. Na manhã do almoço, Mandela parecia incrivelmente elegante em um terno de risca de giz que lhe fora entregue no dia anterior pelo diretor de Pollsmoor. Ele providenciara que um alfaiate lhe fizesse um terno sob medida que lhe caiu muito bem, e Mandela também recebeu uma camisa, gravata, sapatos, meias e roupas de baixo. Todos os membros do Grupo de Personalidades Eminentes também usavam terno, e Mandela pareceu perfeitamente à vontade entre eles. Quando o diretor do presídio o viu vestido, disse: “Mandela, você não parece mais um prisioneiro. Você parece um primeiro-ministro”.

O comissário do Sistema Penitenciário estava presente com o ministro Kobie Coetsee, e Mandela se aproximou deles, exortando-os abertamente a levar em consideração novos diálogos entre o CNA e o governo. No entanto, os dois não ficaram muito tempo e recusaram o convite de Mandela para o almoço. É extraordinário pensar que um de seus prisioneiros os convidou formalmente para uma refeição na casa de um de seus funcionários. Mandela se saiu à perfeição no papel de anfitrião, dizendo que lastimava a ausência deles no almoço. Garantiu que não tinha nada a esconder e que eles seriam bem-vindos no encontro. Em contrapartida, foi recebido com entusiasmo e abraços pelos colegas africanos negros. Como era de se esperar, a casa toda tinha escutas instaladas, e fiquei a postos do lado de fora da sala de jantar, observando o que se passava.

Mandela me viu e insistiu que eu me unisse juntasse a eles à mesa. Ele se sentou ao lado de Obasanjo e dominou toda a conversa, com todos ouvindo em silêncio e com atenção atentamente tudo o que ele dizia. Ele explicou o que o CNA era e o que representava, esclarecendo as razões pelas quais a organização tinha se sentido compelida a reagir à violência também com violência e criado o Umkhonto we Sizwe.

Ao se despedir, Obasanjo me deu um aperto de mão e disse que eu seria bem-vindo na Nigéria sempre que quisesse visitar. Era uma ideia bastante improvável e, infelizmente, nunca se concretizou.

O Grupo de Personalidades Eminentes declarou sua intenção de voltar e prometeu incentivar o diálogo entre o CNA e o governo. No entanto, acabaram se retirando depois que militares sul-africanos atacaram bases do CNA em Botsuana, na Zâmbia e no Zimbábue. Imagino que tivessem concluído que, depois disso, sua missão não teria mais nenhuma chance de sucesso.

No período em que essas saídas, visitas e encontros ocorriam, Winnie continuava visitando Pollsmoor regularmente. Eu sempre acompanhava as visitas na sala e percebi que Mandela claramente tinha decidido não confidenciar as negociações delicadas, da mesma forma como não revelou o segredo a Sisulu e aos outros.

Ela se queixou amargamente por ele ser colocado em isolamento, dizendo-se muito

contrariada com a situação e ameaçando tomar medidas adicionais e até procurar a imprensa. Mas Mandela foi firme: “Querida, se você partir para a briga, só vai piorar as coisas. Não vê que estão tentando me derrubar? Devemos mostrar ao inimigo que eles não têm como conseguir isso. Vou encarar isso como um homem, eu aguento”.

Agora todas as visitas deles já eram visitas de contato, e ele podia fazer chá para Winnie e tocá-la. No entanto, ela costumava vir sempre acompanhada de um turbilhão de caos e confusão. Um dia, ela apareceu às portas do presídio sem ter uma visita marcada, com o braço ao redor de uma amiga que chorava copiosamente. Mandela foi informado de que poderia receber a visita inesperada da esposa, mas que não haveria nenhum contato. Eles teriam de se encontrar nas cabines, separados por um painel de vidro.

Ele ficou furioso, em uma das poucas vezes que o vi perder a paciência. Ele se recusou terminantemente a aceitar a visita. Depois de passar tantos anos conquistando aos poucos os privilégios, não queria regredir ao painel de vidro impessoal.

Não pude fazer nada para convencê-lo e, enquanto isso, Winnie e a amiga faziam um tremendo estardalhaço. Convenci Mandela a aceitar conversar sobre a questão com o diretor do presídio, que estava exasperado. Ele disse: “Mandela, vá à cabine de visitas e diga a ela que não quer vê-la. Isso não afetará a sua cota de visitas. Só você é capaz de acalmá-la”.

Mandela estava gritando, furioso e irritado. No entanto, quando o levei para a cabine, ele olhou pelo vidro e viu a esposa de seu primo do clã, Sabata Dalindyebo, o rei tribal do povo de Mandela. Ela chorava descontrolada. Mandela concordou com a visita e foi logo pedindo quarenta minutos adicionais, uma visita dupla.

Descobriu-se que se tratava de um importante assunto familiar. Dalindyebo, um homem íntegro e orgulhoso, tinha se recusado a apoiar a ideia do Transkei como um bantustão criado para promover a divisão racial do governo do apartheid. Ele tinha entrado em conflito com o líder supremo, Kaiser Matanzima, que mandou prendê-lo em 1979 por “danos à dignidade do presidente do Transkei”.

Para o desgosto e a eterna vergonha de Mandela, Matanzima, seu próprio sobrinho e um homem que ele admirava, tinha colaborado com o governo e concordado com a transformação do Transkei em um bantustão, o que implicava uma completa segregação dos negros da região.

Mandela tinha recusado visitas dele, presumindo, com razão, que Matanzima pretendia usar os laços familiares para avançar na política. Ele estava decidido a persuadir Mandela a aceitar a oferta de libertação e ir morar no Transkei.

O próprio Dalindyebo se referiu aos bantustões como “currais de porcos e meras instituições fantasiosas” e foi forçado a se exilar na Zâmbia. Sua esposa foi visitar Mandela para contar que Dalindyebo tinha morrido aos 57 anos. Ela providenciou que o corpo fosse levado de volta ao Transkei, onde pretendia enterrá-lo. Entretanto, o exército cercou seu hotel e a impediu de sair enquanto os homens de Matanzima removeram o corpo da funerária e o sepultaram numa cova comum à beira do rio.

Em termos tribais, o ato foi uma injustiça grave que só Mandela, filho de um chefe,

poderia reparar. Ele tentou acalmar a viúva do primo, afirmando que de alguma forma entraria em contato com os anciãos do clã e daria a Dalindyebo um enterro apropriado no cemitério dos chefes da tribo.

O corpo de Dalindyebo só foi exumado em 1989. Ele foi enterrado como um rei do povo Thembu sob a bandeira do CNA.

Mandela, preocupado com importantes questões de Estado e vislumbrando mudanças expressivas, era continuamente afligido com esse tipo de questões familiares urgentes. Trancafiado na prisão com pouco controle sobre os acontecimentos do mundo externo, ele precisava de toda a sua força para resolver esses problemas com tranquilidade.

Um dia fiquei chocado ao ver sua irritação quando seu jornal diário desapareceu. Pareceu uma súbita manifestação de toda a sua raiva e frustração contidas. O carcereiro do plantão noturno tinha pegado o jornal pelas barras da cela enquanto Mandela dormia e se esqueceu de devolvê-lo. Mandela acordou de manhã e ficou furioso quando não encontrou o jornal. Ele fez um grande estardalhaço, exigindo falar com o carcereiro do turno da noite. Quando o confrontou, pensei por um momento que Mandela bateria nele, de tão agitado e irritado que estava.

Ele passou o resto do dia daquele jeito, completamente fora de si. Tentei conversar com ele e explicar que o carcereiro não tinha levado o jornal de propósito. O guarda devolveu o jornal no dia seguinte, foi apenas um deslize.

Mandela passou aquele período extremamente tenso. Ele não tinha amigos com quem praticar esportes ou conversar em xhosa, sua língua materna. Pareceu ter perdido todo o senso de humor e se irritava com detalhes. Naturalmente, sua cabeça estava ocupada com assuntos sérios de grande importância, e às vezes toda essa tensão vinha à tona provocada por alguma pequena chateação.

Em seu âmago, ele continuava sendo um homem de família, assim como eu. E sofria com os problemas que Winnie relatava. A filha deles Zindzi não ia bem na faculdade, e Winnie era constantemente vigiada e perseguida pela polícia de segurança. Mandela acreditava, com razão, que ela não estava em segurança e sentia-se envergonhado, castrado, por não poder ajudá-la. Ela era sua esposa, e ele deveria ser capaz de protegê-la, mas, em vez disso, Winnie precisava viajar para visitá-lo na prisão.

Toda vez que a via, levava um caderno repleto de instruções para ela e, na visita seguinte, verificava se as tarefas tinham sido executadas. Não raro ela tinha esquecido ou sido incapaz de se reunir com alguém ou convencer alguma outra pessoa a tomar uma decisão. Quando isso acontecia, Mandela era bastante severo, declarando com firmeza que ela também deveria levar um caderno e anotar tudo. “Querida, você está se reunindo um monte de gente e se distraindo, e eu preciso que se lembre de tudo o que estamos conversando. Por favor, anote tudo e faça o que eu peço”. Ela era seu principal instrumento para manter seu nome e seus ideais vivos no país.

Enquanto isso, ele também precisava lidar com muitos problemas familiares. Em abril de 1987, sua nora Rennie chegou para uma visita. Ela estava se divorciando do filho mais novo de Mandela, Makgatho, e queria deixar o país. Assim, ela pediu ajuda a Mandela para colocar o filho dela, Mandla, em um internato.

Mandela concordou em se encarregar da educação de Mandla e providenciou o internato por meio de seus advogados. Ele gostava da nora e entendia os problemas conjugais deles. Ele levava muito a sério suas responsabilidades como o chefe da família, apesar de todas as restrições às quais era submetido.

Uma noite, tive de impor outro problema a ele, simplesmente por saber que era a pessoa certa para remediar a situação. Eu tinha sido convocado tarde da noite para supervisionar o trancamento de prisioneiros recém-chegados nas celas. Havia uma multidão deles, todos menores de idade e em prisão preventiva. Alguns eram adolescentes, mas havia também um pequeno menino negro, que julguei ter uns 8 anos de idade.

Fui até ele e li seu cartão. Todos tinham cartões da prisão no bolso, declarando sua identidade e sua acusação – no caso daquele menino, homicídio.

Eu não poderia colocá-lo com os meninos maiores, por ser pequeno e vulnerável demais. Então, tranquei-o sozinho em uma cela e passei alguns minutos tentando descobrir o que realmente tinha feito. Ele vinha de Manenberg, uma perigosa favela da Cidade do Cabo dominada por gangues.

Ele me contou que sua família morava na fronteira entre o território de duas gangues rivais. Tinha sido sequestrado, mantido sob a mira de armas e recebido ordens de matar o líder da gangue rival. Eles lhe entregaram uma arma e disseram que, se não matasse o sujeito, seus pais seriam mortos a tiros. O menino foi à casa do bandido e o baleou no peito à queima-roupa.

Agora estava preso por homicídio.

Eu conhecia a situação de Manenberg e sabia como as gangues operavam. Era quase certo que aquele menino, magro e assustado, estava dizendo a verdade. Então, como eu poderia tirá-lo dali e levá-lo a algum lugar seguro? Instintivamente, soube que Mandela era a pessoa certa para me ajudar. Ele teria a compaixão e, talvez, a influência necessária para dar um jeito na situação.

De manhã, destranquei a cela do menino e pedi que me acompanhasse pelos corredores da prisão. Ele estava descalço, usando uma bermuda e uma camiseta encardida. Eu o levei à cela isolada de Mandela e lhe disse: “Mostre o seu cartão ao tio”. Falamos em africânder, língua na qual o termo “tio” é um indicativo de respeito para se referir a um homem mais velho.

Mandela, que estava sentado em sua cadeira lendo, colocou a cabeça entre as mãos.

“Essa criança é inocente”, ele declarou. Ele passou vários minutos pensando, foi ao armário e pegou alguns doces para o menino. “Senhor Brand, por favor, ligue para o meu advogado Dullah Omar e lhe diga para vir hoje mesmo resolver isso. Este não é um lugar para crianças. Se ele ficar aqui, vai virar um bandido. Nada de bom pode acontecer a ele aqui.”

Telefonei para Omar, que foi imediatamente ao presídio. O menino estava de volta em sua cela, ainda chorando, mas pelo menos pude lhe dizer que estávamos fazendo alguma coisa para ajudá-lo. Todos os guardas ficaram com pena dele. Ainda era um menino, não iniciado em uma gangue, sem tatuagens nem ficha na polícia. Eu já tinha

visto muitas crianças na prisão, já se transformando em bandidos, mas nunca um menino tão jovem. Ele era apenas uma criança de uma família pobre porém decente.

Naquela noite, Omar voltou com alguns assistentes sociais para levar o menino a um lar adotivo. Prometeu a Mandela e a mim que lidaria pessoalmente com a acusação de homicídio e os processos judiciais. Mais tarde, ele nos relatou que o tribunal decidiu que o menino não deveria voltar a Manenberg. Ele seria bem cuidado por pais adotivos, e seus pais biológicos poderiam ter contato regular com ele até conseguirem se mudar para um bairro melhor. Em todas as visitas de Omar depois daquilo, Mandela sempre começava perguntando pelo menino.

Agora que não era mais segredo que ele estava detido em Pollsmoor, Mandela passou a ser alvo de grande curiosidade no presídio. Os outros guardas queriam vê-lo, e os prisioneiros criminais claramente o invejavam. Por sua vez, a atitude de quaisquer novos presos políticos que entravam em Pollsmoor era de absoluta reverência. Eles mantiveram a luta na ausência de Mandela, mas sentiam profundamente que ele ainda era seu líder, sua inspiração.

Em junho de 1987, registrei o ingresso, em Pollsmoor, de um grupo de estudantes ativistas conhecidos como os Sete de Wynberg para cumprir a pena de um ano. Eram cinco homens e duas jovens que seriam mantidos separados dos outros para evitar o recrutamento. Eles tinham sido condenados por violência pública durante os protestos e boicotes escolares. Liberei uma seção especialmente para eles, ao lado de onde Mandela era mantido, e eles o viam com frequência sentado sozinho no pátio lendo um livro com um guarda por perto.

Parte das minhas atribuições era garantir que tivessem o material de estudo necessário para poderem fazer seus exames. Fiz amizade com um deles, Igshaan Amlay, e desenvolvi o hábito de lhe repassar, depois de lidos, os jornais de Mandela, o que era totalmente contra as regras. Sendo assim, eu não podia me esquecer de recolher o jornal antes da troca de turno na manhã seguinte. Eu também visitava Amlay em sua cela à noite e coletava mensagens para entregar a seus pais, em Wynberg. Eles, por sua vez, me entregavam doces, chocolate, dinheiro e mensagens para levar de volta ao rapaz.

O pai de Amlay, que mais tarde faleceu, foi o engenheiro que projetou as barras de metal contra ladrões que eu tinha instaladas na minha casa. Hoje em dia, quando Igshaan me visita, muitas vezes conversamos sobre aquela época em Pollsmoor. Ele é um empresário de sucesso e ativista social e atualmente está participando de uma licitação para o Grand Prix da Cidade do Cabo.

Em uma segunda-feira de manhã, ele e os outros estudantes estavam a caminho de um check-up médico, e eu disse que tentaria providenciar para que encontrassem Mandela. Foi um encontro muito breve, mas significou muito para os jovens. Na ocasião, o mundo não via Mandela fazia mais de vinte anos.

Eu sabia que também era importante para ele ter um contato pessoal com os líderes da oposição no mundo externo. Ele não queria que o mundo se esquecesse dele e do que representava, de modo que sempre ficava feliz em saber que milhares de pessoas se sacrificavam para dar prosseguimento à luta do CNA contra o apartheid.

Quando Mandela fazia check-ups médicos, as consultas sempre tinham de ser realizadas com extrema discrição. Ele era o último paciente a ver o médico, para evitar qualquer contato com o público. A clínica no quinto andar de um moderno edifício comercial próximo à costa da Cidade do Cabo já estaria fechado quando chegávamos. Existia um acordo especial com o médico para que ele ficasse até mais tarde na clínica nos dias de consulta de Mandela.

O médico passava uma hora e meia com ele, verificando sua pressão arterial e fazendo exames cardíacos e respiratórios. Eu ficava na sala de exames com Mandela, enquanto os outros guardas esperavam do lado de fora. A ampla janela tinha vista para o porto, todo iluminado com as luzes cintilantes dos navios ancorados.

Uma vez, quando saímos da clínica, voltamos a Pollsmoor pela Beach Road, um caminho diferente do trajeto da ida. Estávamos em um comboio com uma escolta policial. Eram cerca de oito da noite e estava bem escuro quando entramos com o micro-ônibus em uma área de estacionamento de cascalho em frente ao oceano. Os outros guardas queriam fazer uma parada para fumar. Eu disse a Mandela que poderíamos sair e caminhar até o mar. Ele olhou na direção da Ilha Robben e perguntou: “O que é aquilo?”. Respondi que era sua antiga prisão.

Ele ficou completamente surpreso. “Não, não pode ser”, ele retrucou. “Parece um navio grande atracado no mar, ou talvez uma cidadezinha.”

A ilha ficava imersa na escuridão à noite. Os postes eram apagados, e a única fonte de luz era o feixe intermitente do farol.

Ele se recusou a acreditar em mim. Tudo o que se via da Ilha Robben era sua avultante silhueta negra. Mandela estava certo de que se encontrava à margem de um rio, mas eu lhe disse para ouvir as ondas. Levei-o por algumas rochas juncadas de bambous, as enormes algas marinhas com as quais passou anos trabalhando, e sugeri que mergulhasse a mão na água.

“Veja que a água é salgada. É o Atlântico”, expliquei.

Ficamos ali cerca de cinco minutos. Mandela ficou chocado com céu amplo, o som e o cheiro do mar. Ele ficou lá, olhando em volta e fitando as estrelas.

“Nunca fiquei acordado até tão tarde antes”, ele comentou.

Nós dois tínhamos memórias daquela época terrível na ilha, tenebrosa demais para falar a respeito. Voltamos ao carro em silêncio. Foi uma época estranha.

A África do Sul, o meu país, estava praticamente em chamas. Depois que o Estado de emergência foi prorrogado em 1986, dando ainda mais poderes à polícia e ao exército, a situação ficou cada vez mais fora de controle. O toque de recolher voltou a ser instaurado. Pessoas negras não podiam circular pelas ruas sem uma autorização expressa para transitar na área. Milhares foram detidos e “desapareceram”. Todos os distritos negros do país eram guardados por um contingente de tropas armadas de prontidão. No entanto, mesmo com tudo isso acontecendo, a imprensa estava proibida de relatar qualquer agitação política.

O clamor de Oliver Tambo para tornar o país ingovernável estava surtindo efeito. A economia estava à beira do colapso, e o mundo livre se mostrava chocado e indignado

com as cenas violentas que via na TV, imagens enviadas furtivamente para fora do país.

Eu sabia que Mandela escrevia com regularidade ao comissário do Sistema Penitenciário e ao ministro Coetsee, mas sem receber nenhuma resposta. Enquanto isso, ele celebrou seu 70º aniversário em 1988 com um almoço no centro de visitantes. Seus queridos amigos Sisulu, Kathrada, Mhlaba, Mlangeni e Motsoaledi foram convidados, e foi como nos velhos tempos. Eles riram, fizeram piadas e saborearam a comida. Garfos e facas lhes foram disponibilizados pela primeira vez, e eles acharam graça, e até sobremesa foi servida.

O governo tinha proibido quaisquer encontros públicos para celebrar o 70º aniversário de Mandela e prendeu dezenas de pessoas que tentaram desacatar a ordem. Nem todos seriam intimidados.

Pouco antes do 70º aniversário de Mandela, o renomado diretor de cinema italiano e marxista Bernardo Bertolucci decidiu enviar uma cópia exclusiva de seu filme épico *O Último Imperador*. De alguma forma ele tinha ouvido falar que Mandela gostaria de ver o filme, mas o projetor de Pollsmoor só exibia filmes de 16 mm. Ele convocou o diretor britânico Richard Attenborough e o governo italiano para, juntos, disponibilizarem o filme a Mandela. Assim, no dia do aniversário, ele enviou uma delegação a Pollsmoor acompanhada de um advogado para entregar o filme reformatado ao famoso prisioneiro. Ninguém se surpreendeu quando o acesso ao presídio lhes foi negado, e eles foram deixados do lado de fora dos portões, diante da imprensa fascinada. Dullah Omar, que assessorava com frequência Mandela e outros presos políticos, estava com eles e os aconselhou a levar o filme a uma loja chamada Cine Place, no subúrbio de Woodstock, onde eu alugava todos os filmes para os prisioneiros. Eu não podia deixar que o gerente da loja ficasse sabendo do plano, e Omar deveria estar lá às dez da manhã para realizar a operação secreta. Aquele era o único jeito de *O Último Imperador* chegar às mãos de Mandela.

No entanto, a notícia se espalhou. Eu tinha levado um prisioneiro sindicalista, Oscar Mpetha, à sua sessão diária de fisioterapia no hospital Groote Schuur e planejava fazer um desvio no caminho de volta a Pollsmoor para retirar discretamente o filme. Quando cheguei à loja, uma enorme multidão estava reunida no Cine Place, e o pessoal do Bertolucci queria fazer um grande discurso. Peguei o filme e prometi entregá-lo a Mandela. Tive de chamar o gerente para emitir uma nota fiscal para ser levada a Pollsmoor e finalmente consegui sair de lá com a fita.

No final, Mandela assistiu à sua cópia especial de *O Último Imperador* no mesmo dia em que dezenas de milhares de simpatizantes assistiram a um show em homenagem a seu aniversário no Estádio de Wembley, em Londres. Os artistas sul-africanos Miriam Makeba e Hugh Masekela se apresentaram com estrelas internacionais que incluíram Dire Straits, George Michael, Whitney Houston, Stevie Wonder e os Bee Gees. Estima-se que um bilhão de pessoas tenham assistido ao show ao vivo na TV em mais de sessenta países, e um filme sobre os bastidores do show será lançado em breve.

Mais tarde, recebemos uma versão abreviada do show, e eu e outros carcereiros, naturalmente, assistimos primeiro, prontos para cortar as partes inadequadas. No

entanto, não fizemos nenhum corte e deixamos que Mandela e os demais vissem a extensão de sua popularidade ao redor do mundo. Depois disso, recebemos todas as dez horas do show em meia dúzia de fitas, mas fomos proibidos de mostrá-las a Mandela. De alguma forma, porém, Ahmed Kathrada conseguiu disponibilizar uma cópia para eles.

No entanto, aquilo tudo estava a anos-luz do cotidiano de Mandela em Pollsmoor. Apesar do número crescente de pequenas liberdades, ele continuava sob intensa coerção, mesmo depois de tantos anos atrás das grades.

Alguns meses se passaram, e Mandela quis visitar seus amigos na nova seção, então obtive permissão para levá-lo de carro. Fui informado pelo diretor do presídio que Mandela deveria entrar no carro por conta própria. Até hoje não sei se foi uma piada cruel ou um ato de gentileza, talvez com a intenção de preparar Mandela para a vida do lado de fora. Como era de se esperar, ele ficou parado diante da porta traseira do Ford Cortina sem descobrir como usar a maçaneta. Ele nunca tinha visto a maçaneta de um carro antes. Balançou a cabeça e comentou: “Passei tempo demais na prisão”.

Depois da visita, recebi uma chamada pelo rádio enquanto o levava de volta ao presídio. Fui instruído a ir para casa, um apartamento no complexo prisional, e aguardar uma ligação importante no telefone fixo. Estacionei e deixei Mandela esperando no carro. Estávamos os dois um pouco preocupados. Sugeri que a minha mulher fosse cumprimentar Mandela enquanto eu falava ao telefone.

Fui instruído nesse telefonema a levar Mandela à casa de Coetsee naquela noite. Enquanto eu recebia minhas instruções, minha esposa levou nosso filho Riaan para fora e conversou brevemente com Mandela pela janela do carro.

Depois daquela visita a Coetsee, Mandela parecia otimista em relação à possibilidade de receber uma proposta concreta do governo. Estava claro que havia um enorme turbilhão de atividades ocorrendo. Ele sabia muito pouco do que se passava, mas estava satisfeito em poder participar do jogo psicológico. De todas as suas qualidades, a persistência era uma das mais fortes. Eu levava suas cartas aos correios e pude notar a regularidade com que ele fazia lobby com os funcionários do governo.

Mandela passou a ser uma causa célebre, recebendo apoio do mundo inteiro, mas mesmo assim não tinha permissão de conversar com a maioria de seus colegas ativistas detidos na mesma prisão. No entanto, eu sabia o quanto significava para os outros o simples fato de estarem presos no mesmo presídio que ele e comecei a ajudar com uma série de “coincidências”, nas quais eles pelo menos podiam apertar a mão dele e ter uma breve conversa.

O prisioneiro sindicalista Oscar Mpetha estava dando muito trabalho, mais ou menos nessa época. Sua perna tinha sido amputada, e ele precisava fazer fisioterapia no hospital todos os dias. Na verdade, tinha cumprido a maior parte de sua pena sob guarda armada em uma enfermaria de hospital. Ele devia estar vestido e pronto para sair às oito horas, mas eu invariavelmente o encontrava ainda na cama quando chegava para buscá-lo.

Pedi que Mandela o convencesse a cooperar, mas os dois não tiveram autorização de se encontrar. Diante disso, marquei uma consulta odontológica para Mandela no mesmo

horário que levaria Mpetha ao hospital. Seria de manhã cedo, antes de as celas dos presos criminais serem abertas.

Eu disse a Oscar para sair exatamente às 8h45 da manhã e poderia encontrar Mandela no fim do corredor. Ele passou anos alimentando a esperança de ver Mandela, e seus olhos se iluminaram. Ele prometeu que estaria pronto no horário marcado.

Na verdade, Mpetha se aprontou mais cedo, ansioso pelo encontro. Ele já estava vestido e com a perna artificial quando chegou a hora. Assim que viu Mandela, largou as muletas e correu para seus braços. Mandela mal conseguiu segurá-lo de pé.

Precisei fingir alarme com a situação, então me posicionei a poucos metros de distância, gritando: “Alguém venha separar esses dois! Isso não pode acontecer”.

No caminho para o hospital, Mpetha se inclinou e apertou meu braço. Ele estava tão emocionado que mal conseguiu expressar sua gratidão. O encontro significou muito para ele, especialmente considerando que não via Mandela desde os anos 1950. Eu o vi depois de ser libertado da prisão, e ele ainda falava a respeito disso. A essa altura, ele tinha tido as duas pernas amputadas e andava de cadeira de rodas. Ele próprio era um herói, um estivador da classe trabalhadora que subiu pela hierarquia dos sindicatos trabalhistas para se tornar o presidente do CNA, no Cabo, e só foi libertado da prisão pouco antes Mandela. Ele viveu só o tempo suficiente para realizar seu sonho de liberdade para a maioria negra e para ver Mandela eleito presidente da África do Sul. Mpetha faleceu em sua casa no distrito de Gugulethu, seis meses após a posse de Mandela.

Também providenciei para que os jovens ativistas condenados no julgamento de Ashley Forbes conhecessem Mandela, principalmente para que ele pudesse aconselhá-los a se acalmar e aceitar a vida na prisão. Forbes tinha 24 anos e foi o comandante mais jovem da Umkhonto we Sizwe no Cabo Ocidental. Ele tinha sido treinado em táticas de guerrilha na Angola e detido sob acusações de terrorismo. Ele foi interrogado e torturado por famosos integrantes da máquina do apartheid – posteriormente identificados e envergonhados na Comissão de Verdade e Reconciliação – e enviados a Pollsmoor para aguardar julgamento.

Na prisão, ele e os outros réus entoavam brados de protesto, gritavam e se recusavam a ir às celas. Os guardas reagiam com brutalidade, mas os ativistas não se submetiam. Uma noite, vários deles foram encontrados cortando as barras da cela comunitária em uma tentativa de fuga. Os carcereiros reportaram a infração e receberam ordens de intervir com um “sacolejo”. Eu era o oficial encarregado, mas consegui não participar da saraivada de golpes de cassetetes de borracha e espancamentos. Eu não tinha como impedir a intervenção, mas pelo menos fiquei fora dela.

Forbes foi responsabilizado pelo incidente e condenado a trinta dias de solitária, em uma cela com grilhões no tornozelo. Ele foi acusado de tentativa de fuga e de iniciar um tumulto e, por sua vez, acusou os agentes penitenciários de agressão. No fim, os dois lados acabaram entrando em um acordo e retirando as acusações.

Ele e seus companheiros mereciam conhecer Mandela, seu herói e líder. Esperei que Mandela fosse caminhar no pátio de exercícios e levei Forbes e alguns outros para baixo,

ostensivamente para recolher as bolas de tênis que tinham jogado do outro lado do muro e para levar potes de comida vazios à cozinha. Eles cumprimentaram Mandela com apertos de mãos, o abraçaram e voltaram inspirados com apenas algumas palavras do grande homem. Mandela ficou feliz de conhecer aqueles jovens leões.

Mais tarde, Forbes foi condenado a quinze anos na Ilha Robben, mas foi libertado em 1991, quando os últimos presos políticos deixaram a ilha. O presídio foi usado como uma instituição de segurança média de presos criminais durante os cinco anos seguintes, até fechar as portas em 1996. Forbes foi nomeado administrador sênior de propriedades quando a ilha foi declarada Patrimônio da Humanidade em 1997 e trabalhou lá durante dez anos.

Trevor Manuel, um preso político negro que mais tarde se tornaria ministro das Finanças da África do Sul, também teve a chance de conhecer Kathrada e Mandela quando marquei uma consulta odontológica para ele.

Enquanto isso, Coetsee, Mandela e outros representantes do governo continuavam a se reunir, e aparentemente as conversas estavam ficando cada vez mais sérias. Eu também sabia que Mandela estava decidido a se encontrar com o presidente do governo do apartheid, P. W. Botha, uma ambição que até então nunca tinha se concretizado. Eles pareciam ter chegado a um impasse, com os dois lados exigindo o fim da violência.

Eu estava ciente de que Mandela vinha mencionando parte das negociações aos companheiros para sondar a opinião deles e que também estava se comunicando por escrito com Oliver Tambo, o líder do CNA na Zâmbia. No entanto, ele se baseava na própria opinião para tomar decisões, o que vinha provocando tensões. Eu conversava regularmente com Kathrada, Sisulu e os outros e sentia que estavam ansiosos, até desconfiados, em relação às negociações entre Mandela e o governo, das quais tinham sido excluídos. Até uma das advogadas ativistas de Mandela, Priscilla Jana, de quem continuo amigo até hoje, suspeitava de todo o sigilo mantido por Mandela.

Isso levou a desconfianças de ambos os lados no círculo de Mandela. Kathrada enviou a Mandela pratos especiais para o Eid, uma celebração muçulmana, e alguns curries e outros pratos foram guardados no armário de sua cela por tempo demais. Ele teve uma intoxicação alimentar e recusou uma visita de Priscila e um colega advogado. Eles insistiram em vê-lo, e Mandela foi à sala de visitas, onde foi confrontado por “falar com o inimigo”. Ele saiu correndo da sala e o encontrei vomitando no corredor. Ajudei-o a voltar à cela enquanto a escuta instalada na sala de visitas registrava Priscilla discutindo a possibilidade de Mandela ter saído correndo por não querer admitir que estava traindo o movimento em negociações sigilosas com o Partido Nacional.

Eles voltaram no dia seguinte, e Mandela pediu desculpas. Vi o que ele precisava enfrentar, esse homem agora isolado tanto de corpo quanto de alma, de quem até os próprios companheiros desconfiavam, mas ainda corajoso o suficiente para continuar lutando por sua refulgente versão da verdade.

# CAPÍTULO 11

A saúde de Mandela era um motivo constante de preocupação. Um homem forte e em forma por todo o tempo em que o conheci, ele agora parecia estar envelhecendo e definhando diante dos meus olhos. O peso de suas muitas responsabilidades era um grande fardo. Ele concordou em se reunir regularmente com representantes do governo, mas o jogo deles era duro. Eles não abriam mão da exigência de Mandela ordenar o fim da luta armada do CNA. Mandela nem precisou consultar Oliver Tambo ou os outros companheiros para recusar a demanda, embora o impasse impedisse a possibilidade de futuras negociações.

O governo do apartheid estava sendo pressionado pelo mundo todo a libertar Mandela e abolir seu regime racista e precisava chegar a um acordo com o CNA. No entanto, eles insistiam em fazer exigências impossíveis. Queriam acabar com as atividades militares do CNA e demandavam a renúncia ao comunismo e o fim do clamor por um governo de maioria negra. Mandela foi intransigente em todas as três questões.

Eles pareciam acreditar que poderiam desgastá-lo, aqueles funcionários de alto escalão com sua vida privilegiada e sua liberdade, comparecendo às reuniões em grandes números para oferecer possibilidades tentadoras a um homem de 70 anos preso em isolamento e desesperado pela libertação.

Eles o subestimaram. Mandela não havia passado por 26 anos de humilhações e privações para ceder agora. Eu sabia que ele preferiria levar a angústia da decepção ao seu leito de morte a trair o CNA por alguma concessão simbólica.

Ele recebeu autorização de encontrar-se várias vezes com seus companheiros Sisulu e Kathrada e os demais, e o grupo foi autorizado a se reunir no edifício ao lado do refeitório de oficiais onde o Grupo de Personalidades Eminentes tinha se encontrado com Mandela para o almoço. Como já se esperava, escutas foram instaladas em todos os cômodos, e eles sabiam disso.

Chá e sanduíches foram servidos, e aquilo representou uma novidade tão grande na rotina deles que, apesar dos assuntos importantíssimos que diziam respeito ao governo e à nação que estavam reunidos para discutir e das enormes decisões que aqueles grandes homens estavam considerando, Kathrada encontrou tempo para admirar a saborosa comida e o chá servido em xícaras de porcelana com pires. Mais tarde ele me contou quanto aquilo representou uma gentileza inesperada para eles.

O CNA precisava aproveitar a oportunidade criada pela crise na África do Sul. O governo do apartheid estava claramente desorganizado, e o senso de integridade e

solidariedade do mundo apoiava a causa deles. Mandela passou a ser reconhecido como uma personalidade internacional, um homem gigantesco capaz de abrir o caminho, praticamente sem ajuda, para a reconciliação e uma transição pacífica a uma vida livre e justa para todos, negros e brancos.

No entanto, percebi que sua saúde estava se debilitando, com uma tosse seca forçando seus pulmões e provocando noites em claro e com febre. Levei o oficial médico e um médico do governo à sua cama, e eles lhe deram um xarope para a tosse. É claro que Mandela não melhorou com esse tratamento, e ficou claro que seus problemas respiratórios exigiam uma investigação mais aprofundada. Foi decidido levá-lo ao hospital para uma consulta com um especialista e para mais exames.

Em 12 de agosto de 1988, saímos do presídio de carro e fomos ao hospital Tygerberg em veículos descaracterizados. Três quartos foram isolados, e guardas foram encarregados de patrulhar os corredores. Eles estavam lá para afastar intrusos ou a imprensa, já que era impossível achar que Mandela tentaria fugir correndo nas condições em que estava.

Mandela respirava com dificuldade e foi rapidamente levado em uma maca à sala de cirurgia. Fluido foi drenado de seus pulmões e, de volta à enfermaria, o observei emagrecendo e definhando ao longo das seis semanas seguintes. Ele não conseguia comer e também estava muito preocupado com sua saúde. E me disse que nunca tinha tido gripe, resfriado ou tosse persistente e não conseguia entender qual era o problema.

Eu levava jornais e cartas todos os dias e me revezava com os guardas no patrulhamento. Enquanto isso, os médicos não paravam de fazer exames. Certa manhã, eu estava com Mandela em seu quarto. Ele estava sentado na cama vestindo o pijama listrado verde e branco da prisão, com seus livros de estudo. Um médico entrou e anunciou que ele estava com tuberculose, uma doença terrível. Disse que Mandela precisaria ser tratado, o que implicava mais um longo período no hospital.

Fiquei imediatamente desolado, mas olhei para Mandela e vi que ele não se abalou. Agradeceu o médico por lhe dizer a verdade de maneira tão direta e disse que estava preparado para se submeter a qualquer tratamento que os médicos considerassem necessário.

A tuberculose é comum na África do Sul, e as bactérias abundam em lugares cheios, como prisões e albergues. Elas conseguem sobreviver em ambientes úmidos, empoeirados e escuros por um bom tempo, especialmente se o local também for mal ventilado. Com o sistema imunológico de Mandela em baixa devido ao estresse e aos procedimentos médicos anteriores, ele era um excelente candidato à doença. Mesmo assim, a notícia deprimente foi um grande golpe para nós dois.

Foi decidido que ficar em Tygerberg, um hospital público, seria arriscado demais em termos de segurança, já que o local tinha um número muito grande de pessoas entrando e saindo. Na verdade, a maior preocupação do presídio era o número de pessoas negras que frequentavam o hospital: pessoas que poderiam ver e reconhecer Mandela e espalhar a notícia. A última coisa que queriam era vê-lo saindo do hospital e retornando aos braços da comunidade.

O diretor de Pollsmoor decidiu enviar Mandela ao Constantiaberg Medi-Clinic, um hospital particular. No final de agosto, o colocamos em uma cadeira de rodas, ainda de pijama, e o levamos ao térreo no elevador de carga. Nos fundos do hospital, o embarcamos rapidamente em um carro. O segurança do hospital que nos ajudou fez um trabalho tão bom que recebeu uma oferta de emprego em Pollsmoor.

No Constantiaberg, uma ala inteira tinha sido isolada, com cinco guardas em cada turno. Recebi ordens de providenciar para que Mandela ficasse à vontade no hospital. Levei todas as coisas de sua cela em Pollsmoor – o armário de aço, os livros e as roupas, tudo empilhado em uma picape da prisão – e montei um lar provisório para ele. Foi o primeiro paciente negro a ser admitido naquele hospital.

Quatro enfermeiras foram selecionadas para cuidar dele. A polícia de segurança as investigou, seus familiares e amigos para verificar suas opiniões políticas. Aquelas jovens pareceram temerosas de cuidar dele no início, mas, ao ser apresentado a elas, Mandela cumprimentou cada segurando as duas mãos de cada uma, e em poucos dias já contrabandeavam pequenos mimos especiais para ele e usufruíam de seu bom humor e seu jeito sociável.

Assim como eu, foram seduzidas a quebrar as regras por ele. Elas levavam bolos e mousse de chocolate e até pizzas para ele provar pela primeira vez. Isso era absolutamente contra as regras – os guardas deveriam provar e revistar toda comida servida a Mandela.

O ministro Coetsee fez visitas ao hospital, mantendo o contato crucial que poderia, em um mundo ideal, levar à paz no país. Mandela foi aconselhado pelos oficiais do presídio a comprar roupas melhores para as conversas com os representantes do governo. Ele tinha alguns milhares de rands na conta do presídio e me autorizou a ir com o diretor do presídio escolher calças, camisas, sapatos e um casaco. Por alguma razão, o diretor do presídio escolheu a loja de roupas masculinas mais cara da região, em uma rua comercial exclusiva de brancos no subúrbio de Wynberg. Tentei imaginar se Mandela não estaria recebendo uma lição sobre como a vida do lado de fora era dispendiosa. Nunca descobri se aquele foi um gesto deliberadamente insensível ou solidário.

Tive de conter um sorriso quando vi Mandela mandar pelo menos a metade das compras de volta. Um par de sapatos daquela loja custava oitocentos rands, o equivalente a 184 libras, uma compra cara até nos padrões de hoje. O diretor do presídio o advertiu que esse era o preço normal das coisas fora da prisão. Não era verdade.

Algumas das roupas precisavam de ajustes, e trouxemos um guarda chamado Visagie, que trabalhava na alfaiataria de Pollsmoor, para tirar algumas medidas. Ele era um homem negro, o que pegou a equipe do hospital de surpresa. O diretor do presídio orientou a enfermeira a trazer comida para mim e Visagie enquanto ele trabalhava e, embora eu pudesse notar sua hesitação, ela não se recusou a cumprir a tarefa. As coisas estavam mudando, e os brancos precisavam se acostumar com as mudanças. Foi o que percebi naquele momento.

Mandela ficou muito amigos das enfermeiras. Ele me contou que elas queriam levá-lo à festa de Natal do hospital em outro andar no início de dezembro, mas é claro que isso seria impossível. Então levaram um pouco de peru e alguns enfeites à ala dele e fizeram uma pequena festa. Os Christmas crackers<sup>[1]</sup> tiveram de ser abertos, desmontados e remontados pelos diligentes guardas, preocupados com a segurança, mas no fim deu tudo certo. Mandela, muito animado, adorou a festa.

O ministro Coetsee continuou fazendo visitas, e, como já era de se esperar, todas as conversas entre eles eram grampeadas. Ele ia de um lado ao outro levando mensagens para as outras partes interessadas.

As enfermeiras me contaram depois como Mandela apontava para o teto inteiro para mostrar onde ficavam os grampos. Um dia ele contou como “as abelhas estão zumbindo, muita atividade na colmeia hoje”, e elas acenaram com a cabeça se perguntando o que diabos estava dizendo.

Mandela recusava terminantemente as demandas do governo, mas também tinha interesse na continuidade do diálogo, de modo que o jogo envolvia altos riscos. De volta a sua ala hospitalar depois dessas reuniões, vestido com seu pijama listrado da prisão, ele fazia muitas anotações, ao mesmo tempo que tomava os remédios e seguia as orientações do médico para recuperar a saúde e continuar avançando. Uma noite, no início de dezembro, cerca de três meses depois da entrada de Mandela no hospital, o diretor do presídio apareceu na ala de Mandela e anunciou que ele deveria se preparar para sair. Mandela deveria usar suas roupas novas – calça, camisa e jaqueta casual de cor escura – e vestir sua camisola hospitalar por cima.

Estava escurecendo, e me aproveitei da confusão da mudança de turno para tirá-lo do hospital. Nós dois descemos juntos pela escada de incêndio e saímos do prédio, onde eu tinha providenciado para que o alarme de segurança fosse desligado. Como Mandela, eu não fazia ideia do nosso destino.

Fui instruído a dirigir em alta velocidade e seguir um carro de polícia sem identificação. Nosso comboio era formado de cinco veículos. Nenhum de nós, policiais ou carcereiros, estava de uniforme. Eu estava pensando que aquela saída deveria ser importantíssima. Estávamos nos distanciando rapidamente de Pollsmoor, e tudo foi feito em sigilo, na escuridão. Pensei que talvez Mandela fosse finalmente libertado. Um ano antes, Mandela tinha sugerido aos representantes do governo que seus companheiros presos políticos deveriam ser libertados. Ele ficou feliz e agradecido ao ser informado que Govan Mbeki seria libertado com quatro outros detentos políticos da Ilha Robben. Os outros quatro prisioneiros cumpriam sentenças de prisão perpétua por ativismo político e aceitaram a oferta de libertação do presidente P. W. Botha em troca da renúncia à violência. Mbeki não renunciou, mas mesmo assim foi liberado.

Mandela teve o prazer de contar pessoalmente a Mbeki que ele seria libertado. A razão oficial era sua idade – ele era oito anos mais velho que Mandela – e sua capacidade de apaziguar levantes no Cabo Oriental. Os dois se encontraram em uma visita de contato em Pollsmoor, e Mbeki foi levado de avião naquela mesma noite e recebido por advogados em Porto Elizabeth, cidade do Cabo Oriental. Ele ainda viria a

desempenhar um papel importantíssimo nas negociações que se seguiram.

No entanto, o próprio Mandela estava longe de ser libertado.

Cauteloso, ele olhava ao redor enquanto atravessamos os bairros residenciais de carro em direção ao campo.

Acabamos chegando a uma estrada de terra no campo e entramos pelos portões da Penitenciária Victor Verster<sup>[2]</sup> em Paarl, uma cidade rural a uma hora da Cidade do Cabo. Mandela estava sentado no meio do banco de trás, como de costume, espiando o que se passava adiante. Todos os guardas posicionados ao portão bateram continência quando passamos por eles.

Estacionamos ao lado de um muro branco recém-construído com postos de observação nas proximidades. Atrás do muro ficava um bangalô creme com uma bela varanda de três arcos. O telhado era feitos de telhas, e havia um jardim bem cuidado e uma piscina. Do outro lado do muro alto estava a área de cultivo, onde os prisioneiros de segurança mínima trabalhavam. Havia porcos e galinhas, hortas e pomares, e Mandela se deleitou com a visão, depois de tantos anos. A propriedade ficava no meio do nada, mas ficava no campo, o que o deixava muito saudoso.

Ele manteve uma atitude muito tranquila, muito digna, diante de toda aquela situação. Simplesmente saiu do carro e entrou na casa, observando os alojamentos dos funcionários onde os carcereiros se mantinham em alerta 24 horas por dia, monitorando as escutas sem dúvida instaladas por toda parte. A polícia de segurança estava a postos em uma grande unidade de metal com outra unidade ao lado para o Serviço Nacional de Inteligência. O diretor do Presídio de Pollsmoor também estava lá para cuidar dos preparativos, e um prisioneiro que trabalhava na cozinha foi encarregado de passar o dia com Mandela.

Mandela se pôs a conhecer o local, passeando de um cômodo ao outro. Ele moraria sozinho em uma casa com um amplo quarto principal e uma cozinha grande.

“É lindo”, murmurou. “Mas para que uma TV na cozinha?”

“É um micro-ondas”, esclareceram, e ele ouviu estupefato a explicação das funcionalidades do aparelho. Mandela gostou da piscina, mas achou que era perigoso, que crianças poderiam se afogar lá. Ele sempre dizia a Winnie que eles jamais teriam uma piscina em casa. Ele era obcecado pela segurança e pela liberdade de crianças, de animais, de todos.

Na sala de estar, alguém ligou a televisão, e ele viu o noticiário anunciando sua transferência a Victor Verster. E não acreditou que a imprensa já tinha sido notificada.

Entrei com ele no grande quarto e abri o guarda-roupa. Ele olhou espantado. Depois abri outra porta, que dava para o banheiro da suíte. Incrível, ele achou tudo incrível.

Eu disse que precisaria me despedir mas que voltaria. Ele me deu um aperto de mão. Ele, que só tinha levado um rádio portátil que mantinha sempre por perto e uma pequena mala para passar a noite, disse: “Por favor, dirija com cuidado e não se esqueça de trazer as minhas coisas. Os meus livros, minhas roupas de ginástica e meu álbum de fotos”.

Disseram a ele que poderia tocar um sino e chamar qualquer um a qualquer hora da

noite. Ele não estava mais atrás das grades, mas havia muitas pessoas ao redor – guardas, agentes da polícia de segurança, espões do governo.

Pela primeira vez em muitos anos, ele ficaria em uma casa com móveis de cores suaves, tapetes no chão e quadros nas paredes. Deixei-o na sala de estar, parado em contemplação. Ele parecia cansado, afinal, tinha acabado de sair do hospital. Mas também parecia satisfeito, sabendo que ficaria bem acomodado lá.

Mandela me contou que não usaria o quarto grande e preferia ficar em um quarto menor. Quando olhei para trás, ainda estava de pé na sala de estar, e todas as luzes da casa e do jardim, até na varanda, brilhavam fortes. Ouvi dizer que ele deixou as luzes acesas a noite inteira, até no quarto. Estava acostumado com a luz, depois de 26 anos de prisão.

# CAPÍTULO 12

Mandela me contou no dia seguinte que tinha dado uma volta pelo jardim e gostado de tudo, menos do arame farpado. Havia belos canteiros de flores, mas seus dias de jardinagem tinham chegado ao fim. Ele não precisava mais cultivar vegetais, agora que tinha o próprio chef de cozinha, e a comida era boa.

Ficou tão empolgado com o projeto da casa que fez um esboço da planta e, anos depois, construiu uma réplica na aldeia de Qunu, onde tinha passado a infância. Sua filha Zindzi sugeriu que o afeto de Mandela pela casa de Victor Verster vinha do fato de aquela ter sido sua primeira moradia em 26 anos que lembrava uma casa normal. O bangalô feito de tijolos em Qunu, com o telhado de telhas e a varanda frontal adornada com três arcos, é uma casa que ele adorava e queria que fosse seu último lugar de descanso.

Mandela não sabia nadar, mas, quando fazia muito calor – às vezes a temperatura chegava aos 35 graus –, gostava ficar de pé na água fria na piscina. Um dos filhos de um carcereiro se ofereceu para ensiná-lo a nadar, mas, apesar das tentativas, Mandela nunca se empolgou muito com a natação.

Os guardas de plantão à noite também gostavam de entrar na piscina, mas foram pegos por alguns oficiais e proibidos de voltar a usá-la. Mandela ficou chateado com a notícia. Ele me disse que os ouvia brincando na água à noite e gostava de vê-los se divertindo pela janela.

Ele ficou amigo do seu chef de cozinha, o carcereiro Jack Swart, que contou a Mandela que os dois já tinham se encontrado antes, na Ilha Robben. Swart era o motorista que costumava levar Mandela e os outros para trabalhar ao ar livre, dirigindo com tamanha velocidade e desmazelo pelas estradinhas da ilha que uma vez Mandela bateu em sua janela e ordenou, enfurecido, que parasse de arremessar o carro em todos os buracos e protuberâncias. “Nós não somos sacos de milho!”, protestou.

Na verdade, Swart tinha sido orientado pelos oficiais superiores da Ilha Robben para causar o máximo desconforto aos prisioneiros e só estava cumprindo ordens, embora parecesse ter se arrependido mais tarde.

Mandela não gostou muito quando ficou sabendo que aquele mesmo sujeito seria seu companheiro constante, mas quebrou o gelo dizendo: “Bem, espero que você saiba cozinhar melhor do que dirige”.

Eles encontraram um jeito de se dar bem, e logo Mandela estaria insistindo em ajudar a lavar a louça e a fazer a cerveja de sorgo que Swart fabricava habilmente com os

grãos de trigo que trazia da fazenda de um amigo, fermentados com açúcar mascavo, passas e levedura. Mandela costumava brincar com seus muitos visitantes que só vinham visitá-lo pela cerveja e pela comida.

Naquele primeiro dia, voltei ao hospital Constantiaberg para coletar seus pertences e fiquei sabendo que os guardas tinham passado a noite inteira a postos do lado de fora de seu quarto, sem saber que ele tinha partido. Quando as enfermeiras chegaram para seu turno, viram que Mandela tinha sido transferido e ficaram muito chateadas por não terem se despedido. No entanto, ele tinha me instruído a comprar caixas de chocolates sortidos para elas e pequenos cartões nos quais escreveu mensagens individuais para cada uma. Ele me passou o nome de todas as enfermeiras, e eu entreguei os chocolates e cartões. Senti que todas aquelas enfermeiras guardariam aquelas palavras como um tesouro pelo resto da vida.

Também peguei a TV de sua cela e a levei à Penitenciária Victor Verster. Ele me orientou a deixar seu ferro de passar e sua garrafa térmica aos presos criminais. E também mandou cigarros, chocolates e uma mensagem de agradecimento para Louw, o cozinheiro de Pollsmoor.

Quando voltei, entrei pela porta lateral de aço sólido no jardim de Mandela e o vi saindo de casa para me cumprimentar, feliz por ver um rosto conhecido, mas também satisfeito com o conforto de suas novas acomodações. Ele usava um agasalho escuro, uma camiseta branca e um par de tênis. A Cruz Vermelha Internacional enviava dinheiro para ele e para outros prisioneiros para comprarem roupas de ginástica. Nunca mais o vi com um uniforme de prisão.

Levamos para ele cerca de dez caixas de papelão cheias de livros de estudo, equipamentos esportivos, recortes de jornais – todos datados e indexados – além dos calendários de mesa de Mandela, marcando todos os anos em que tinha ficado encarcerado, e suas roupas. Ele nos pediu para deixar os objetos na sala de estar, explicando que queria organizar seus pertences sozinho. Ele estava se ambientando no novo lar. Já tinha comprado uma prancha de bodyboard para ajudar na natação e me ofereceu as enciclopédias de presente.

Às onze da manhã, Mandela pediu que Swart nos trouxesse bebidas geladas. Ele já tinha se acomodado no papel do anfitrião da casa, fazendo um tour comigo pela piscina e pelo jardim, e estava muito contente com uma grande árvore no centro, onde podia se sentar à sombra e ler.

Levei algumas correspondências e disse que entregaria com frequência suas cartas. Ele enviou calorosas saudações aos “velhotes” de Pollsmoor e disse que esperava vê-los em breve.

Raymond Mhlaba ficou particularmente irritado e chateado quando Mandela foi levado a outro local. Disse que ele e os outros rivonianos acreditavam que as autoridades planejavam matar Mandela, e fizeram petições formais todos os dias para vê-lo em Victor Verster. Enquanto isso, ouvi dizer que Winnie tinha sido sua primeira visitante, e eles conversaram sobre vários problemas familiares. É óbvio que, se eu quisesse, poderia descobrir tudo o que tinham falado, já que a casa estava coberta de

escutas.

Meus colegas carcereiros me mostraram a sala de operações repleta de gravadores e comutadores controlando as várias escutas. Havia equipamentos de som sofisticados por toda parte – uma tecnologia melhor que a de Pollsmoor – e até o mobiliário tinha grampos instalados. As pernas das cadeiras eram ocas e equipadas com dispositivos de gravação a bateria. As árvores do jardim e todos os canteiros tinham escutas. Mandela não poderia fazer jardinagem lá mesmo se quisesse. As paredes literalmente tinham ouvidos, mas ele sabia disso, e as escutas não tinham nenhuma utilidade. Ninguém o pegaria discutindo abertamente táticas do CNA.

Quando começou a receber visitas de Sisulu, Kathrada e dos outros, às vezes iam juntos ao pequeno banheiro, o único lugar onde não podiam ser ouvidos, para uma rápida troca de notícias e opiniões.

Na época Sisulu escreveu a um amigo dizendo que Mandela parecia saudável e bem, porém solitário. Ele só tinha os guardas com quem conversar. Os vizinhos de Mandela eram os eternamente vigilantes agentes da polícia de segurança, suando em seu escritório de metal. Ao lado deles ficavam os agentes do Serviço Nacional de Inteligência. Perto dali ficava uma área de braai – churrasco –, onde Mandela podia receber os visitantes com carne e linguiças assadas. Toda essa área, naturalmente, também estava grampeada.

Mandela levou seis meses para obter a aprovação para receber uma visita de Sisulu. Quando chegou o dia, levei Sisulu em um carro do governo sem escolta. Ele foi no banco traseiro, usando seu uniforme da prisão. Eu devia fazer um trajeto diferente de Pollsmoor à Penitenciária Victor Verster a cada vez para evitar chamar a atenção da imprensa, e foi um prazer poder cruzar o campo em Somerset West e Stellenbosch, com uma impressionante cadeia de montanhas atrás de nós.

Sisulu estava muito animado, observando o campo e as plantações, tudo verdejante e cheio de vida. Ao passarmos pela entrada para Strand, comentei que Eddie Daniels, um companheiro de prisão popular da Ilha Robben, morava lá. Ele gostou de saber disso e estava absolutamente interessado em tudo, perguntando sobre os vinhedos, que nunca tinha visto antes. Como Mandela, ele vinha do fervilhante distrito negro de Soweto, em Johannesburg, a cidade grande, e não sabia nada da bela província do Cabo Ocidental. Mesmo nas raras visitas ao médico ou ao dentista no continente, Sisulu e os outros eram transportados na parte de trás de furgões de prisão, incapazes de ver qualquer coisa ao seu redor.

Entramos pelos portões de Victor Verster, e Mandela estava parado perto da porta de aço esperando por ele. Os dois se abraçaram e ficaram felizes, e de certa forma aliviados, ao se ver. A velha amizade permanecia forte, e eles ainda precisavam muito um do outro.

Mandela não via a hora de mostrar o lugar a Sisulu, que ficou fascinado com a ideia de uma suíte com banheiro: quanto luxo! Eles brincaram juntos com o micro-ondas na cozinha, Mandela satisfeitíssimo com o novo truque que tinha aprendido, colocando uma caneca de água por sessenta segundos e tirando a água fervente.

Eles passaram cerca de uma hora e meia sozinhos dentro de casa, enquanto Swart providenciava chá e um lanche. Tudo o que disseram foi ouvido pelos enxames de espões a postos em sua sufocante sala de operações.

Mandela relatou que via um oficial médico todos os dias e um especialista duas vezes por semana. Eles monitoravam sua pressão arterial e verificavam seus medicamentos. Alguém definitivamente queria garantir sua sobrevivência. Ele continuava fazendo abdominais e flexões com regularidade e agora tinha uma nova bicicleta ergométrica em um dos quartos vagos. Vi que estava começando a melhorar, voltando a ser o homem de sempre, bonito e altivo.

Sisulu ficou contente ao ver que Mandela parecia completamente recuperado do período que passou no hospital. No caminho de volta para Pollsmoor, ele comentou: “Foi bom vê-lo de bom humor de novo, em forma e saudável. Ele merece algum luxo na vida depois de todo esse tempo”. Senti que Sisulu guardaria para si alguns dos assuntos que ele e Mandela tinham discutido aquele dia.

Na viagem de volta, paramos em uma lojinha e compramos algumas bebidas geladas. Sisulu pediu uma Coca-Cola Light. Crianças negras brincavam ao redor do carro, sem se importar com o fato de estarmos usando uniformes de carcereiro e, ele, um uniforme da prisão. Fizemos a viagem toda devagar, felizes por sair da rotina por algumas horas, e chegamos a Pollsmoor bem na hora de trancar os detentos nas celas.

O comandante estava esperando por nós e informou Sisulu que ele seria transferido à antiga cela de Mandela, aquele terrível lugar úmido. Agora era a vez dele de ficar sozinho. Sisulu recebeu a notícia com tranquilidade, mas, quando fui buscar seus pertences na cela comunitária, Kathrada estava terrivelmente aborrecido. “Sisulu é velho, não deve ficar sozinho”, ele observou. “Quem é que vai cuidar dele? É o meu trabalho cuidar dele. Quem é que vai fazer isso quando ele estiver em isolamento?”

Kathrada era a bondade em pessoa e tinha sido muito amigo de toda a família de Sisulu antes de ser preso. Ele era como um filho de Sisulu, ajudando-o a se banhar e verificando sempre sua saúde e dieta.

O regime do apartheid tinha as suas razões para isolar Mandela e Sisulu, os principais canais de influência sobre Oliver Tambo, que atuava no exílio. Já estava claro que era tarde demais para destruir o espírito deles, mas ainda era possível restringir sua influência sobre os demais.

Em julho de 1989, me disseram que Sisulu, Mlangeni, Kathrada, Mhlaba e Oscar Mpetha foram autorizados a fazer uma visita de quatro horas a Mandela, incluindo um almoço juntos. Tiveram permissão de usar as próprias roupas, o que para eles foi um sinal claro de que todo o empenho de Mandela para libertá-los estava seguramente gerando frutos. Eu, do meu lado, já não estava tão certo. Podia ser apenas uma medida de segurança para garantir a discrição da jornada.

Eles ficaram muito empolgados com a expectativa de uma saída e um encontro. Mpetha estava no hospital para uma sessão de fisioterapia e se juntaria a nós no caminho.

Levei os prisioneiros em um micro-ônibus da prisão com outro oficial ao meu lado.

Saímos de Pollsmoor às 8h30 da manhã e estacionamos na grama perto do rio em Maitland, esperando a chegada de Mpetha. Quando ele chegou de carro, partimos em um comboio na direção de Victor Verster.

Mandela já estava posicionado perto da porta de aço, impaciente para vê-los. Foi muito emocionante testemunhar a cena, e aquele era um momento por que Mpetha tinha passado anos esperando. Eu tinha organizado para ele um breve encontro furtivo com Mandela no corredor de Pollsmoor, mas essa seria a primeira vez que ele se encontrava com os outros rivonianos. A amizade deles remontava aos anos 1950.

Mhlaba estava rindo do seu jeito largo e retumbante de sempre, e todos estavam extremamente animados. Lá estavam, toda a velha guarda do Alto Comando do CNA, dois agora vivendo em isolamento, mas nenhum deles uma relíquia destruída da revolução como o governo pretendia.

Em suas memórias, *Conversas que Tive Comigo*, Mandela escreveu sobre esses companheiros, dizendo: “Gostaria de poder contar mais sobre esse corajoso bando de colegas com quem fui humilhado diariamente e que, mesmo assim, sempre se comportaram com dignidade e determinação. Gostaria de poder relatar suas conversas e brincadeiras, sua disponibilidade de resolver qualquer problema pessoal dos seus companheiros de prisão para que você possa julgar por si só o calibre dos homens cujas vidas estão sendo sacrificadas no perverso altar do ódio racista”.

Caminhei atrás deles enquanto entravam na casa, onde visitaram todos os cômodos e Mandela mostrou o truque do micro-ondas. Foi uma grande farra.

Deixei-os conversando na sala de estar e fui para fora. Swart ofereceu algo para beber, e todos aceitaram chá. Cerca de uma hora depois, foram para a sala de jantar e tiveram um almoço de verdade, servido em baixelas com pratos e talheres adequados. Sorri comigo mesmo ao ver o deleite deles.

Swart serviu a Mandela um pouco de vinho branco, e Mlangeni pediu cerveja. Kathrada, um muçulmano que não tomava álcool, pediu uma bebida gaseificada de maçã. Sisulu pediu o mesmo, sem saber que a bebida não continha álcool, e mesmo assim ficou muito divertido depois, agindo como se estivesse um pouco embriagado. A coisa toda estava apenas na cabeça dele, e caçamos muito depois.

Kathrada tinha levado um livro escondido na bolsa. Era a segunda biografia da prisão de Mandela, escrito por sua amiga e colega ativista Fatima Meer, intitulado *Higher Than Hope*. Exemplares tinham sido enviados a Pollsmoor pelo correio, e os censores concordaram que os prisioneiros poderiam lê-lo. Mas Kathrada não sabia ao certo se Mandela teria restrições. Ele pediu que Mandela autografasse o livro e, no fim, todos acabaram assinando o exemplar. Em seguida, o embrulharam no papel pardo da prisão e me entregaram para que eu o guardasse.

Fatima Meer e seu marido Ismail eram amigos leais que correram muitos riscos para esconder Mandela nos anos que passou na clandestinidade, quando a polícia o procurava. Eles testemunharam o desenvolvimento de seu relacionamento com Winnie e a ajudaram durante todos os anos em que ele esteve preso. Fatima e seu marido nunca deixaram de acreditar que um dia Mandela seria libertado e lideraria a África do Sul.

Eles o conheciam desde seus primeiros anos, muitas vezes imprudentes, como um revolucionário e compartilhavam sua fé inabalável no futuro.

Mesmo enquanto eu o acompanhava todos os dias, duvidando que aquele homem envelhecido um dia seria libertado e teria a energia necessária para mudar o país, Mandela escrevia para Ismail Meer sobre as esperanças e os planos que compartilhavam. Uma dessas cartas, escrita na Ilha Robben, foi posteriormente publicada. Nela, Mandela relembra o início do relacionamento entre eles, mencionando suas diferenças políticas – Ismail era um membro do Partido Comunista e Mandela, na época, seguia em outra direção –, e descreveu como “... um rosário de sonhos e expectativas me manteve seguindo em frente ao longo desses anos de vacas magras. Alguns deles foram realizados, enquanto a concretização de outros nos escapa até hoje”.

“Mesmo assim, poucas pessoas negariam que a colheita foi apenas adiada, longe de ser destruída. Eles estão lá, nossos campos ricos e bem regados, mesmo que a tarefa concreta de reuni-los tenha se provado muito mais árdua do que jamais imaginamos.”

Era espantoso que as autoridades tivessem permitido que Mandela e seus companheiros lessem o livro. Mandela concordou que Fatima escrevesse a história autorizada de seus anos na prisão por não querer demonstrar a “ vaidade ” de escrever a própria biografia. Mais tarde ele cedeu e publicou sua autobiografia, sabendo que sua “ longa caminhada até a liberdade ” não tinha sido um ato de vaidade pessoal, mas sim uma jornada que percorrida em nome de todos os sul-africanos. O almoço que todos desfrutaram naquele dia foi uma celebração do *Higher Than Hope* e um encontro importantíssimo para reforçar a crença de que ainda poderiam mudar o mundo.

Eles beberam vinho pela primeira vez em anos, um vinho meio doce pelo qual Mandela tinha pegado gosto. Mlangeni e Mhlaba se soltaram e ficaram bastante ruidosos. No dia seguinte, Mlangeni se queixou de uma forte dor de cabeça, embora eu imagine que, para ele, deva ter valido a pena. Todos estavam animadíssimos no caminho de volta. Deixamos Mpetha no hospital com uma escolta policial e levei o resto do grupo de volta a Pollsmoor.

Um mês depois, Wilton Mkwayi, grande amigo deles e que tinha nomado a si mesmo cozinheiro de lagostins e abalones durante os tempos sombrios de trabalhos forçados na praia da Ilha Robben, foi transferido a Pollsmoor por precisar de tratamento hospitalar para um problema nas costas. A cela comunitária se encheu de alegria quando o levei aos rivonianos, e agora ele também poderia acompanhá-los às visitas ocasionais a Mandela.

Mandela tinha encontrado um jeito de se comunicar com Oliver Tambo, na Zâmbia, por meio de seus advogados, reportando os progressos de seus diálogos e negociações com o governo do apartheid. Tambo aconselhou cautela, e outros integrantes do CNA foram absolutamente contra qualquer reconciliação. Mandela, entretanto, traçava o próprio curso, curso que, como ele acreditava, resultaria em menos dor, menos derramamento de sangue.

Sisulu fazia visitas individuais a Mandela e, como sabiam que todas as suas conversas

eram ouvidas e gravadas, falavam em tom conciliatório sobre a intenção de serem sensatos com o regime, grandes indícios de que as negociações deveriam prosseguir e ser aceleradas, mesmo que fossem só conversas sobre conversas.

Ouvi falar de várias visitas de Coetsee, o ministro da Justiça, que chegava a levar garrafas de vinho, e eu estava na casa uma vez quando o comissário do Sistema Penitenciário chegou para conversar com Mandela.

Dava para ver que as exigências dele estavam ficando mais claras e diretas. Sua prioridade era libertar os presos políticos veteranos, e ele se recusava a negociar antes que isso fosse feito.

Em um sábado de manhã, uma saída foi organizada para que Mandela fosse levado pela deslumbrante costa ao pequeno resort de pesca de Paternoster. Fui dirigindo um Mercedes branco acompanhado de vários guardas e seguido de uma escolta policial.

Tínhamos ouvido falar de uma “maré vermelha” subindo a costa. A maré vermelha é um fenômeno fascinante no qual toneladas de plânctons e outras algas germinam em excesso devido a condições meteorológicas aberrantes e uma elevação das águas profundas do oceano. Quando isso acontece, o mar fica vermelho e roxo, marrom e laranja. E literalmente toneladas de lagostins ficam encalhados na praia e nas rochas ao se deslocar para as águas rasas em busca de mais oxigênio.

Com a maré baixa, os lagostins ficavam lá, sofrendo com a falta de água e sob um sol escaldante. O governo organizava helicópteros que transportavam redes de carga para levá-los de volta ao oceano e mantê-los vivos, já que a indústria pesqueira era vital para a economia da região. No entanto, a população local, muitos deles pescadores de subsistência, chegavam em hordas para coletar os valiosos lagostins para vender ou consumir antes de o helicóptero conseguir recolhê-los. Era um evento empolgante, um espetáculo que todos queriam ver.

Levamos duas horas para chegar lá e, quando chegamos, pudemos ver uma multidão de pessoas brancas, turistas e camelôs vendendo lagostins. Encontramos um pequeno restaurante na praia e escolhemos uma mesa. Imagino que tenhamos parecido um grupo incomum, quatro grandes homens brancos com um homem negro, embora nenhum de nós estivesse usando uniformes de prisão. Ninguém ficou nos encarando. Ninguém pareceu nos notar tomando café. Depois, caminhamos pela praia observando as pessoas que chegavam em botes. Dirigimos pelas coloridas aldeias dos pescadores, onde as crianças brincavam ao redor das velhas casas caiadas de branco. Nossos carros tinham vidros com película escura para que ninguém pudesse enxergar os passageiros. Dirigimos devagar pela área para que Mandela pudesse dar uma boa olhada. Aquela foi a última vez que estive com ele fora da prisão antes de sua libertação.

Nessa época, ele me contou que achava que alguns dos carcereiros e agentes da polícia de segurança e do Serviço Nacional de Inteligência não estavam sendo suficientemente respeitosos para com ele. Ele submeteu uma queixa formal declarando que eles, homens muito mais jovens, estavam tomando a liberdade de chamá-lo de Nelson, tudo isso em um momento no qual precisava ser o mais assertivo e ativo possível para demonstrar claramente seu status às pessoas com quem vinha negociando.

Em consequência, recebemos ordens superiores de passar a nos referir a ele sempre como senhor Mandela. Ele conseguia impor as próprias regras apesar de todos os jogos psicológicos contra ele.

No meu caso era diferente. Eu sempre seria o “Senhor Brand” para ele, ou o “Oficial Penitenciário Brand”, se estivesse de uniforme. Ele me cumprimentava calorosamente com um aperto de mão, dizendo “Como vai, meu amigo? Como vão as coisas em Pollsmoor? Espero que sua família esteja bem”. Por mais de dez anos, eu o tinha chamado de Mandela, seria estranho mudar isso da noite para o dia, e ele não se importava.

Foi só quando assumiu a presidência que passei a chamá-lo de Senhor Mandela e, mesmo assim, era repreendido por não chamá-lo de Senhor Presidente. Na verdade, não importava como nos chamávamos. A nossa relação era afetuosa e especial, não tinha nada a ver com cargos ou títulos e tudo a ver com o que passamos juntos.

Durante todos aqueles anos, desde o meu primeiro encontro com os rivonianos, sempre achei que aquelas pessoas não deviam estar ali, naqueles lugares terríveis. Não era certo serem punidos daquela maneira pelo governo. Eles eram homens velhos, corteses, amistosos e disciplinados. Eram idealistas com princípios nobres e acreditavam de todo o coração que seu sofrimento valeria a pena.

A maior incentivadora deles, a ativista antiapartheid Helen Suzman, os visitou várias vezes e se impressionava com a capacidade de resistência deles. Ela os descreveu como homens “fortes e unidos, organizados e versados”.

Sempre que tinham a chance, ajudavam a controlar a violência que fervilhava constantemente sob a superfície do nosso país, entrando em erupção a qualquer momento.

Quando Mandela foi isolado pela primeira vez, achamos e esperamos que aquilo marcaria o primeiro passo para sua liberdade. Ele tinha o poder de interromper o derramamento de sangue, e o país estava se esvaindo em sangue. Talvez negros, brancos e pardos pudessem viver em harmonia sob a liderança dele. E ele poderia ser libertado. Era um bom homem, e eu soube disso desde o início.

Refleti muito sobre tudo isso e ainda hoje gostaria de ter feito mais por ele e por seus companheiros. As regras eram bastante rígidas, mas tentei facilitar um pouco a vida deles. Contudo, talvez eu pudesse ter sido mais leniente durante as visitas e não seguido as regras com tanto rigor ao censurar as cartas.

Eu amava o meu país e estava mergulhado na cultura africânder, de modo que tinha sentimentos bastante divididos sobre o futuro da África do Sul. Meus pais sempre foram contra o apartheid e contra as noções cruéis e fascistas levadas ao país da Holanda e da Alemanha por Hendrik Verwoerd.

Quando a Comissão de Verdade e Reconciliação foi criada por Mandela depois de assumir a presidência, para ouvir o depoimento de pessoas vitimadas durante os anos do apartheid, muitas pessoas brancas comuns ficaram sinceramente chocadas. Eles viviam em um Estado policial, desconhecendo a opressão que levou aos protestos, aos tumultos e às demandas dos negros. Era impossível para eles ter amigos ou colegas

negros, já que isso era proibido por lei, e a imprensa era submetida a uma rigorosa censura. Não sabiam sobre as torturas e mortes. Só sabiam sobre os ataques terroristas perpetrados pelo CNA.

Eu sabia mais. Tinha acesso a muitas informações adicionais e me envergonhava do meu governo.

Lembrei-me de um carcereiro que trabalhava comigo na Ilha Robben. Um dia, ele deu carona a uma senhora sob uma chuva torrencial quando ela saiu de uma visita a um detento. Ele a levou na traseira de sua picape, ainda exposta à chuva, mas pelo menos poderia chegar mais rápido a um abrigo. Era contra a lei, a Lei de Imoralidade, um homem branco desacompanhado estar no mesmo veículo que uma mulher negra. Ele foi multado e deixou o serviço prisional logo em seguida. Aquele pequeno ato de solidariedade lhe custou a carreira. Esse tipo de coisa não podia estar certo.

Lembrei-me da minha infância no sítio, quando meu pai parava a caminhonete quando via pessoas de qualquer cor andando pela estrada acidentada e oferecia carona. Pessoas de todos os tons de pele podiam ser vistas juntas nas ruas da vila. No entanto, nas cidades, onde a polícia se mantinha em eterna vigilância, a segregação era completa.

Conheci pouco tempo atrás uma senhora negra na casa dos 80 anos que se lembrava dos tempos no sítio onde morávamos. O marido dela trabalhava com meu pai. Ela se lembrava de toda a minha família e de nossos amigos com carinho e falou daqueles dias felizes em que desconhecíamos o tumulto das cidades e dos subúrbios.

Ela me recordou de uma ocasião na qual a caminhonete do meu pai teve um pneu furado, e ficamos parados na beira da estrada. Um negro africano parou para ajudar, nos emprestou um pneu sobressalente e disse que poderíamos devolvê-lo no dia seguinte. Isso foi em 1974, quando uma interação como essa teria sido literalmente impossível na cidade.

Tudo isso passou pela minha cabeça enquanto eu observava os extraordinários acontecimentos que se desenrolavam em Pollsmoor e Victor Verster, as visitas oficiais cada vez mais numerosas, os telefonemas para Zâmbia, a cortesia com a qual os representantes do governo estavam tratando Mandela.

Um novo visitante regular foi Niel Barnard, o diretor do Serviço Nacional de Inteligência e conselheiro próximo do presidente P. W. Botha. Na verdade, ele vinha se encontrando com Mandela em segredo desde 1988. Mandela pediu muitas vezes para se reunir com Botha, mas teve as solicitações recusadas. Barnard se manteve presente como os olhos e ouvidos de Botha, reportando os encontros com a ajuda das fitas que registravam todas as reuniões.

Mandela tinha escrito a Botha propondo um encontro para discutir condições para a negociação, já que todos os caminhos pareciam ter chegado a um impasse. Ele tinha decidido que uma pré-condição não negociável seria a libertação de seus antigos companheiros de prisão. No início de julho de 1989, Mandela foi levado em segredo a Tuynhuys (também conhecido como o Townhouse, o escritório da Presidência Sul-Africana na Cidade do Cabo) para seu primeiro encontro com Botha.

Mais tarde fiquei sabendo, com algum espanto, que o diretor do presídio achou que o nó da gravata de Mandela estava malfeito, e ele mesmo o refez. Quando chegaram ao escritório de Botha, Niel Barnard não gostou do laço nos cadarços de Mandela e se ajoelhou para amarrá-los corretamente. Aqueles foram verdadeiros momentos históricos. Pena eu não estar lá para ver com meus próprios olhos.

Ao longo dos anos, tive muitas ocasiões de tirar fotos de Mandela e dos outros rivonianos. Eles teriam gostado e encorajado o gesto. No entanto, nenhuma loja do país inteiro correria o risco de revelar as fotos e, se o fizesse, acabaríamos todos na prisão. Tamanho era o poder do medo sob o qual vivíamos. É uma grande vergonha.

Não fui envolvido na viagem para o grandioso escritório Tuynhuys, e Mandela foi levado por outros guardas. No entanto, hoje é de conhecimento público que Botha ficou chocado com a familiaridade de Mandela com todos os aspectos da nação africânder e sua história. O encontro foi hesitante, porém cordial, embora Botha negasse furiosamente qualquer semelhança entre a luta dos negros sul-africanos por seus direitos e as batalhas do africânderes pelo reconhecimento na revolta de 1914.

Outros encontros seriam realizados, e o CNA no exílio na Inglaterra e na Zâmbia também negociava com governos que tinham influência na África do Sul. George Bizos, o advogado de Mandela que o tinha representado no Julgamento de Rivonia, foi à Zâmbia levar informações detalhadas de Mandela a Oliver Tambo.

Duas semanas depois – em um dia tão frio que o topo das montanhas ficou coberto de neve –, Mandela celebrou seu aniversário com quase a família inteira, na primeira vez que se encontrou com a esposa e os filhos juntos em 26 anos. Ele me contou que ficou profundamente magoado ao perceber tudo o que tinha deixado de viver.

Mais tarde, sua filha Zindzi contou que vinha tentando entender o que o governo esperava conseguir com aquilo. Até então, o governo só tinha dado permissão para que alguns membros da família de Mandela passassem a noite em sua casa em Victor Verster. Zindzi achava que a família estava sendo incentivada a talvez morar lá com seu pai, para reduzir seu status de mártir, para “macular a lenda de Mandela”. É bem provável que ela estivesse certa.

Nem ela nem sua mãe, Winnie, jamais concordaram em passar uma noite sequer lá. Winnie disse que era uma bela casa com um belo jardim, mas ainda era uma prisão e nunca aceitaria aquilo como um lar.

Enquanto isso, no resto do país, o movimento sindical tinha se unido à antiga Frente Democrática Unida (UDF, na sigla em inglês, hoje conhecida como o MDM, ou o Movimento Democrático de Massas) para promover uma grande campanha de oposição em solidariedade ao CNA. Nas prisões, houve greves de fome e uma situação de quase anarquia, forçando o governo a libertar cerca de mil detidos políticos.

Em agosto, P. W. Botha sofreu um grave acidente vascular cerebral e renunciou ao cargo de presidente. Em pouco tempo, em 20 de setembro de 1989, F. W. de Klerk tomou posse e anunciou que seu governo dialogaria com qualquer grupo que quisesse a paz. Mandela imediatamente reconheceu o convite e escreveu para de Klerk renovando suas ofertas de negociação.

Logo depois, fui informado de que poderia levar Mlangeni, Mhlaba, Sisulu e Kathrada para visitar Mandela em Victor Verster de novo e também dessa vez eles poderiam usar as próprias roupas. O assistente de um alfaiate foi a Pollsmoor tirar as medidas e me certifiquei de que ele também tirasse as medidas de Oscar Mpetha. Ternos elegantes foram feitos para todos, e levei o terno de Oscar para ele no hospital. Também ganhei um terno, que me caiu muito bem.

As roupas novas já tinham sido usadas uma vez e uma bela foto foi tirada de todos os prisioneiros juntos com Mandela – Oscar ainda usando sua camisola hospitalar naquele dia – no jardim de Victor Verster, todos muito garbosos.

Naquele evento, no que acabou por ser um dia muito especial, os amigos ficaram muito felizes em embarcar no micro-ônibus comigo. Decidimos fazer um braai naquele dia para nós, os quatro carcereiros de Pollsmoor, dois ou três colegas de Victor Verster, e os prisioneiros. O pobre Oscar mais uma vez não pôde sair do hospital e não teve como participar da diversão.

Mlangeni tinha sofrido recentemente um golpe terrível. Sua irmã gêmea tinha falecido e, apesar da requisição formal implorando para comparecer ao funeral, o pedido foi recusado alegando “razões de segurança”. A polícia tinha se apavorado com a possibilidade de a aparição de um dos heróis rionianos em público provocar uma histeria coletiva.

Lamentamos por Mlangeni e por mais essa demonstração de crueldade. Como seria de se esperar, ele ficou arrasado. Mas agora tínhamos uma festa que poderia animá-lo um pouco. Assamos linguças, costeletas de cordeiro e tomamos cerveja, sabendo que poderíamos passar cinco horas lá, antes de partir às seis da tarde. O céu estava aberto, e tivemos um dia descontraído. Alguém do serviço penitenciário tirou uma foto de todos os amigos sentados debaixo da árvore favorita de Mandela.

Deve ter sido ideia de Mandela. Acontece que ele sabia de algo que nós desconhecíamos. Seus amigos seriam libertados: ele tinha vencido aquela batalha por eles.

Eu pretendia levar os prisioneiros de volta a Pollsmoor, mas recebi uma mensagem me informando para não sair das imediações. Havia centenas de pessoas do lado de fora dos portões. Então, levei todos ao refeitório dos oficiais e deixei Mandela em casa.

Mandela disse: “Amigos, nos despedimos aqui”, mas ninguém acreditou. Eles disseram que só acreditariam quando vissem com os próprios olhos. Providenciei para que comida e bebida fossem servidas no refeitório. Eles perguntaram se poderiam comer bife, e uma televisão foi providenciada. Ligamos a TV no exato momento em que o noticiário anunciava em alto e bom som que Mhlaba, Mlangeni, Kathrada e Sisulu estavam sendo libertados. Eles ficaram absolutamente pasmos. Ficaram todos em êxtase, incrédulos.

Os oficiais encontraram champanhe, e os bifos foram servidos. De repente estávamos celebrando e até alguns dos meus colegas mais linha-dura pareciam contentes e aliviados por aqueles veteranos que tinham acabado de ser tão subitamente libertados. Os presos menos problemáticos e mais amados da África do Sul finalmente voltariam para casa.

Todos desfrutaram o momento. O champanhe continuava correndo solto, com Kathrada e Sisulu tomando sua bebida de maçã sem álcool. Naquela época não havia telefones celulares, de modo que não puderam ligar para ninguém para contar a maravilhosa notícia.

Por volta das nove da noite, saímos de micro-ônibus por uma saída lateral para evitar a imprensa que aguardava no portão da frente. Foi uma festa no caminho de volta a Pollsmoor, com todos falando ao mesmo tempo, animados. Eles disseram que não se importariam de ficar mais uma noite e que poderiam sair de manhã. No entanto, me perguntaram se seria possível deixar a porta da cela destrancada. Apesar de tudo, eu não tinha como concordar com aquilo e os tranquei como de costume.

No entanto, descobriu-se que os prisioneiros teriam de ficar mais alguns dias, enquanto o transporte e outras medidas eram providenciadas. Finalmente, uma noite recebi instruções para me preparar para levar Mlangeni, Mhlaba, Kathrada, Sisulu, Motsoaledi e Mkwayi ao aeroporto às cinco da manhã do dia seguinte.

Motsoaledi tinha sido trazido da Ilha Robben dois dias antes, e Mkwayi tinha voltado do hospital onde seu problema nas costas tinha sido tratado. Os dois perderam a festa da libertação no refeitório dos oficiais, mas estavam em êxtase em voltar para casa.

Antes, todos precisariam ir ao presídio de Johannesburgo para a libertação oficial. Todos os pertences foram enviados separadamente, e Kathrada me entregou furtivamente uma caixa de papelão contendo todas as suas roupas de prisão, suas lembranças, e me pediu para mantê-la em segurança na minha casa.

Um micro-ônibus os esperava para levá-los ao aeroporto. Estavam usando os novos ternos, muito elegantes. Ainda estava escuro quando saímos da prisão. Dirigimos até a pista de decolagem do aeroporto da Cidade do Cabo, eles embarcaram no avião comercial e se acomodaram nos bancos traseiros. Os outros passageiros não faziam ideia de quem eram aqueles senhores que aparentavam ser executivos.

Tudo foi feito às pressas, com guardas nas escadas gritando: “Vamos logo, vamos logo, entrem no avião!”.

Nem tive a chance me despedir direito, mas apertei a mão de cada um, e prometemos manter contato, uma promessa que todos mantivemos e que ainda significa muito para mim.

Nenhum deles tinha dormido na noite anterior. Estavam empolgados demais e ocupados demais arrumando suas coisas.

Quando voltei a Pollsmoor, o advogado de Mhlaba apareceu para vê-lo, trazendo um terno. Eu disse que levaria o terno, mas que ele não poderia receber uma visita inesperada. Eu tinha ordens estritas de não contar a ninguém que os prisioneiros já tinham sido libertados.

Peguei o terno, peguei um café e passei uns quinze minutos relaxando. Então voltei e disse que as calças eram compridas demais, mas que o alfaiate da prisão poderia consertá-las. Eu, é claro, sabia que Mhlaba já estava em Johannesburgo. Enviamos o terno para ele, mas até hoje não sei se caiu bem.

No dia seguinte, 15 de outubro de 1989, eles foram oficialmente libertados em

Johannesburgo. O diretor da prisão anunciou que tinha recebido um fax oficial com instruções. Kathrada ficou perplexo. Ele não fazia ideia do que era um fax, e eu nunca consegui fazê-lo entender mesmo depois de várias tentativas. Ele até hoje brinca comigo sobre isso.

Mhlaba foi levado de avião a Porto Elizabeth, no Cabo Oriental, onde morava. Os outros foram libertados às cinco da manhã, com cobertura ao vivo pela TV.

Mais tarde naquela manhã, recebi um telefonema dos portões do Presídio de Pollsmoor. O sobrinho de Sisulu, que recentemente também tinha sido libertado da Ilha Robben, tinha chegado para uma visita sem saber da libertação do tio. “Você não pode vê-lo hoje”, informei, categórico. Ele ficou furioso e começou a discutir comigo. Vi que estava levando o jornal do dia e disse: “Bem, se você lesse o jornal, saberia que o seu tio já saiu daqui, ele libertado”. Ele ficou desolado por ter perdido o momento mágico da libertação de Sisulu e foi direto ao aeroporto para encontrá-lo na casa da família, em Johannesburgo.

Os amigos mais queridos e companheiros mais próximos de Mandela estavam livres, todos empenhados em continuar a luta para derrotar o apartheid. No entanto, o CNA continuava banido por lei, e teriam de voltar à clandestinidade. Foi maravilhoso para eles serem libertados, mas ainda havia trabalho a ser feito. Eles teriam preferido ficar na prisão ou morrer a abandonar a causa que os unia.

Mandela tinha atingido um objetivo importante, mas continuaria sozinho em Victor Verster até que todos os outros objetivos fossem cumpridos. Isso levou mais quatro meses.

# CAPÍTULO 13

**M**andela tinha o grande dom da magnanimidade. Seu povo estava sendo espancado, preso e detido sem nenhuma acusação criminal. Alguns detentos não passavam de crianças. Sua própria esposa e suas filhas estavam sofrendo.

Mesmo assim ele ainda conseguia sorrir e apertar calorosamente a mão dos mandantes dessas injustiças. Mandela não estava oferecendo seu perdão a P. W. Botha nem a seu sucessor, F. W. de Klerk, mas entrou no jogo tendo sempre em vista, no longo prazo, o maior prêmio de todos: a liberdade para a África do Sul negra.

E, apesar de todas as cartas amáveis e cordiais que enviava a de Klerk solicitando novos encontros e novas conversas, estava convencido de que as verdadeiras negociações só poderiam começar quando todas as organizações políticas fossem livres para sair da clandestinidade, e seus integrantes fossem libertados da prisão, quando o Estado de emergência fosse cancelado, e todas as forças militares do governo se retirassem dos distritos negros.

Dois meses depois que seus companheiros foram libertados, Mandela teve sua primeira grande chance, ao ser convidado para se encontrar com de Klerk no Tuynhuys, o mesmo escritório presidencial onde teve a sua primeira reunião com Botha. Mandela saiu daquele encontro sentindo, pela primeira vez, que estava sendo levado a sério. Ele me pareceu mais esperançoso do que nunca.

Quanto à sua própria libertação, ele havia declarado a de Klerk que jamais concordaria enquanto o CNA não pudesse sair da clandestinidade. Eu achava que só Mandela seria capaz disso: um homem desesperado pela liberdade, encarcerado há 26 anos, especificando a seus captores as condições deveriam cumprir antes que ele consentisse em sair da prisão. Mandela escreveu imediatamente para Oliver Tambo contando que via uma nova luz no fim do túnel e que sentia que de Klerk estava mesmo empenhado em colaborar.

Durante a longa espera por respostas nesse jogo imprescindível de gato e rato com o governo, Mandela continuou recebendo com frequência seus visitantes. Ele recebia a visita de Winnie e das filhas e, em novembro de 1989, tive a chance de levar um visitante especial.

Ashley Forbes, o jovem comandante do CNA, cumpria sua pena na Ilha Robben, onde tinha assumido o papel de Mandela, recrutando outros prisioneiros para a organização e instruindo-os sobre os objetivos do movimento. Um dia, fiquei sabendo que ele recebeu permissão para passar um dia no continente. Eu o recebi nas docas quando a balsa

chegou e vi que não usava algemas nem correntes nas pernas. Por que iria querer fugir quando tinha a chance de ver Mandela, seu líder e herói?

Forbes ficou feliz em me ver e me cumprimentou como se fôssemos velhos amigos. Ele declarou que era uma honra enorme ir a Victor Verster falar com Mandela. Depois do encontro, levei-o de volta à balsa. Ele estava em êxtase e mal podia esperar para contar aos companheiros de prisão na ilha que Mandela havia prometido que não aceitaria ser libertado enquanto eles não estivessem livres.

A essa altura, eu estava trabalhando com vários presos políticos em Pollsmoor, e muitos deles tinham sido diagnosticados com aids de modo que eram mantidos afastados. Todos sabiam que Mandela lutava por eles e se mostravam ávidos por notícias cada vez que eu voltava de uma visita a Victor Verster.

Finalmente, cerca de seis semanas depois do encontro do presidente com Mandela, de Klerk chocou a nação ao se levantar no Parlamento em 2 de fevereiro de 1990 e anunciar que o CNA, o Congresso Pan-Africano, o Partido Comunista e 31 outras organizações poderiam sair da clandestinidade. Ele proclamou que os presos políticos seriam libertados e que a pena de morte estava suspensa. O Estado de emergência seria parcialmente revogado. E Mandela seria libertado.

De Klerk não ordenou que as forças armadas se retirassem dos distritos negros, e o Estado de emergência não foi completamente revogado. Mas, mesmo assim, aquela declaração representou um enorme avanço.

Mandela era cauteloso demais para se exaltar com as notícias e dava para ouvi-lo caminhando de um lado ao outro no corredor de casa à noite, sem conseguir dormir. Ele se preocupava muito com a necessidade de continuar pressionando o governo e de obter a liberdade para poder trabalhar abertamente com seus companheiros do CNA fora da prisão, sem ser vigiado nem espionado.

Hoje, seu bangalô na Penitenciária Victor Verster é uma espécie de santuário em homenagem a Mandela. Uma estátua de bronze dele foi erguida diante do portão da prisão, e a casa foi mantida como estava quando morou lá. O carpete cinza do corredor está gasto de tanto ele andar de um lado ao outro à noite.

Como aconteceu com Sisulu e os outros, Mandela não teve autorização de sair imediatamente da prisão e não fomos informados da data agendada para a sua libertação. No entanto, ele pediu para me ver no dia 8 de fevereiro e senti que aquele poderia ser o nosso último encontro na prisão, eu sempre sabia quando Mandela tinha uma notícia importante, mesmo sem nenhum aviso por parte dele. Perguntei quando ele iria para casa, e Mandela respondeu que seria em breve. Eu disse: “Mandela, quando você estiver livre, não deixe de voltar a Pollsmoor e visitar seu pessoal. Eles falam de você o tempo todo. Não se esqueça deles”.

Era só uma piada, na verdade. Quem é que já ouviu falar de um prisioneiro veterano voltar para o lugar onde tanto sofreu? Mandela viria a me surpreender, mas eu não sabia disso na ocasião.

Dois dias depois daquela nossa conversa, Mandela teve outra reunião com de Klerk no Tuynhuys. Foi um encontro à noite e, como todo o mundo hoje sabe, de Klerk

anunciou grandiosamente a Mandela que ele seria liberado no dia seguinte.

Mandela surpreendeu-o recusando a libertação. Ele queria mais duas semanas em Victor Verster para sua família e o CNA poderem se preparar.

De Klerk ficou totalmente desconcertado, com raiva até. Ele revelou a Mandela o plano de levá-lo a Johannesburgo e escoltá-lo até a varanda do Union Buildings, a sede do governo. Ele claramente queria usar Mandela para conquistar o apoio das massas. Seria uma grande vitória pessoal para ele.

Não, Mandela declarou, não é assim que vai ser. “Quero sair andando dos portões de Victor Verster”, ele pronunciou. “Quero poder agradecer a todos os que cuidaram de mim lá e quero cumprimentar o povo da Cidade do Cabo, que foi o meu lar por quase trinta anos. Voltarei a Johannesburgo, quando eu quiser, não quando o governo quiser. Quando estiver livre, tomarei minhas próprias decisões.”

Mandela conseguiria o que queria, mas teve de fazer uma concessão para permitir que de Klerk salvasse as aparências. Ele sairia andando pelos portões de Victor Verster, mas concordou em fazê-lo no dia seguinte.

Fiquei cheio de orgulho quando fiquei sabendo daquilo. Sim! Mandela sabia exatamente o que fazia. Aos 71 anos, ele ainda podia ser um grande líder. Ele se importava mais com o seu povo e seu país do que já se importou consigo mesmo e com as próprias necessidades.

Ele precisava escrever um discurso para fazer ao seu povo. Enquanto se ocupava disso, seus pertences foram empacotados. Eles formavam uma imagem estranha. Depois de 27 anos de prisão, ele tinha acumulado 22 caixas sortidas, um baú, quatro cestas, uma urna, um banquinho, um chapéu de papelão, dois grandes guarda-chuvas, um kit de pesos de exercício, uma bicicleta ergométrica, um cartão de aniversário gigante e uma prancha bodyboard que usava para praticar natação.

Eu não tinha nenhuma dúvida de qual era o bem mais precioso: o sombrero feito e pintado de branco por Japhta Masemola quando estavam presos juntos na Ilha Robben.

Agora que a sua libertação iminente tinha sido anunciada, houve pânico e tumulto na Penitenciária Victor Verster. O próprio Mandela manteve a calma e telefonou para Winnie e Sisulu. Em seguida, alguns companheiros do CNA chegaram para deliberar com ele até tarde da noite. Mandela foi para a cama de madrugada, mas as autoridades da prisão permaneceram acordadas, temendo a desordem e atos de sabotagem que poderiam acompanhar sua libertação. Circulava o boato de que Mandela poderia ser baleado enquanto saía caminhando pelos portões e que isso poderia ser feito por inimigos de dentro da penitenciária. Assim, foi tomada a decisão extraordinária de desarmar os agentes penitenciários que estariam trabalhando naquele dia. Alguns policiais também foram desarmados.

Eu tinha pedido um dia de folga, sabendo que seria uma loucura. Previa uma legião de policiais, uma turba de repórteres e uma enorme multidão. Havia centenas de milhares de pessoas nas ruas. Eu não queria participar do caos e temia por Mandela – temia a possibilidade de ele ser atacado ou até pisoteado na corrida histórica para saudá-lo.

A casa foi tomada por um turbilhão de atividade, com pessoas indo e vindo sem parar. Winnie ainda teria de ir de Johannesburgo à Cidade do Cabo e chegaria atrasada. O chef, ciente de que muitas pessoas chegariam cedo, tinha deixado caixas de comida pronta para o café da manhã e toda a comida e bebida, até a última migalha e gota, estavam sendo devoradas enquanto telefonemas eram feitos para localizar Winnie. Durante todo o tempo, helicópteros da polícia pairavam sobre a casa levantando nuvens de poeira, e ninguém conseguia ouvir nem dizer nada.

Dizem que, enquanto isso, Mandela estava lendo tranquilamente seu discurso e se preparando calmamente para o grande momento. Eram quatro da tarde quando ele finalmente pôde sair da prisão com Winnie.

Aquele dia entraria para a história. Tudo o que eu queria era vê-lo sair da prisão, em liberdade e em segurança. Então fiquei em casa e assisti tudo pela TV. Passei o tempo todo extremamente ansioso. Será que aquelas pessoas bem-intencionadas o atropelariam ou pisoteariam no afã de cumprimentá-lo? Será que ele conseguiria chegar em segurança ao carro que o aguardava?

Finalmente Mandela saiu, caminhando altivo e orgulhoso, segurando a mão de Winnie, com os dois fazendo a saudação do poder, levantando o punho em riste. Eles gritaram “Amandla!”, e a multidão foi à loucura.

O carro desapareceu das vistas de todos quando o motorista percebeu que corriam o risco de a multidão cercar o veículo até fazê-lo parar. Ele fez um desvio, à direita, contornando a cidade, e admitiu a Mandela que estava perdido enquanto davam a volta pela região universitária e pelo subúrbio de Rondebosch até finalmente conseguir encontrar o caminho para o centro da cidade.

Acompanhei os acontecimentos pela TV num estado de grande ansiedade até que finalmente vi o carro avançando em direção ao centro da Cidade do Cabo e da Grand Parade, a principal praça pública da Cidade do Cabo. O prefeito o tinha convidado para aparecer na varanda da Câmara Municipal para saudar o povo.

Fui tomado mais uma vez pela preocupação. Será que ele faria seu discurso em xhosa, dirigindo-se a todos os seus partidários negros à exclusão dos outros? Eu conhecia bem o Cabo Ocidental. Em termos de população branca, a região era um baluarte africânder.

Vi Mandela olhando fixamente para frente. Eu nunca o tinha visto tão forte. Ele levantou o punho na saudação de poder, e as pessoas enlouqueceram.

Em seguida, começou a falar em inglês antes de passar para o africânder, cumprimentando a todos. Lá estava Mandela, levando a cabo um de seus melhores momentos à perfeição. Pensei comigo mesmo que ele poderia muito bem ter começado em xhosa sem se importar com os outros, mas esse não era seu estilo. Ele sabia exatamente o que estava fazendo. Depois de começar em inglês, ele se dirigiu ao povo da província do Cabo Ocidental em africânder, em seguida falou em xhosa, a sua própria língua, e então voltou ao inglês.

Meu coração foi tomado de um profundo orgulho. Eu mal conseguia falar, e meus olhos se encheram de lágrimas. Lá estava o meu prisioneiro, e eu sabia que em breve ele viria a ser o meu líder.

Mandela e Winnie passaram a noite na casa do colega ativista, e outro grande homem, o arcebispo Desmond Tutu, em sua casa em Bishopscourt. No dia seguinte, recebi um telefonema do advogado deles, Dullah Omar, dizendo que Mandela mandava saudações. Eles tiveram uma primeira noite de liberdade maravilhosa, e ele estava muito cansado. Quase não dormiu. E, mesmo assim, queria que eu soubesse que não tinha se esquecido de mim. Ele tinha insistido que Omar me telefonasse.

Era a cara de Mandela. Ele tinha sido adulado pelo mundo inteiro naquele dia. Não havia um único chefe de Estado em nenhum lugar do mundo que não estivesse fazendo planos para ir vê-lo. No entanto, não tinha se esquecido de mim. Foi comovente e uma verdadeira lição de humildade, e aquele momento viria a ser seguido de muitos outros momentos parecidos nos próximos anos.

# CAPÍTULO 14

**M**andela levou 27 anos para sair da prisão e apenas três semanas para voltar. Aconteceu no meu dia de folga. Eu estava em casa no nosso apartamento no Presídio de Pollsmoor quando notei um comboio de carros da polícia, com as sirenes ligadas e as luzes azuis piscando. Achei que podia ser algum representante do governo chegando para conversar com o diretor do presídio, algum evento de rotina.

No entanto, mais tarde fiquei sabendo que Mandela, um homem livre, tinha escolhido voltar para nos ver. Ele foi ao refeitório dos oficiais – a essa altura, suponho que ele poderia ir a qualquer lugar que quisesse – e perguntou por mim. Eu tinha feito o plantão noturno e estava descansando em casa, embora meus colegas carcereiros estivessem convencidos de que eu estava pescando em algum lugar e informaram Mandela que não tinham conseguido me encontrar.

Foi extraordinário fazer o que ele fez, e eu nunca tinha visto algo parecido. Alguns ex-prisioneiros voltam para visitar amigos ou parentes ainda detidos, mas nunca ouvi falar de um ex-prisioneiro voltando para visitar seus captores.

Achei que ele poderia estar com saudade de nós, os guardas mais próximos. Passamos todos aqueles anos representando o inimigo, mas, ao mesmo tempo, fomos como seus pais, alimentando-o, cuidando dele, estabelecendo os limites, até colocando-o na cama, se você pensar no trancamento noturno como uma forma de garantir a proteção e a segurança dos detentos.

Já se sabe que os reféns podem formar vínculos com seus captores, mas Mandela estava levando o conceito ao extremo. Eu gostei da ideia. Fiquei desolado por ter perdido sua visita naquele dia e, quando parei para pensar no assunto, percebi que estava com saudades de todos os velhos sujeitos do CNA que não faziam mais parte da minha vida. Eu naturalmente estava contente por estarem finalmente livres, mas o fato é que eu sentia falta de vê-los e da nossa rotina, era como se a nossa família tivesse sido separada. Eu esperava que Mandela fosse cuidar de todos os outros, no mundo externo. Eu sabia que ele definitivamente continuaria a ser seu líder, sua inspiração. Ele era o único com influência e poder suficientes, e sua libertação estava sendo celebrada no mundo todo. Acompanhei de perto todas as notícias pela TV e pelos jornais.

Depois daquilo, ainda perdi um telefonema dele. Meu filho Riaan, com 6 anos de idade, atendeu o telefone e, ao que tudo indica, bateu um papo com ele. Mandela pediu para falar com a minha mulher, mas ela também estava fora naquele momento. A senhora negra que cuidava de Riaan naquele dia ficou tão emocionada com a ideia de

falar com Mandela que não conseguiu conversar com ele. Fiquei mal ao saber que ele estava tentando entrar em contato e continuava sentindo a falta dele.

Ele queria me perguntar sobre doze dos meus prisioneiros políticos que estavam em greve de fome, exigindo serem libertados como os rivonianos. Mandela vinha negociando com o governo e tinha chegado a um acordo no qual os presos políticos do CNA e de outros movimentos poderiam ser libertados se tivessem um lar e uma família a quem recorrer, bem como perspectivas de emprego e estabilidade.

Eu estava trabalhando duro para conseguir a documentação necessária, entrando em contato com empregadores locais para que aqueles sujeitos pudessem sair em liberdade condicional. Eles continuariam sob algum tipo de supervisão, mas pelo menos estariam fora de Pollsmoor.

Quando Mandela ficou sabendo da greve de fome e da crescente inquietação, apareceu no escritório da administração de Pollsmoor, onde eu estava de plantão vestindo meu uniforme de oficial. Era a mesma sala onde Raymond Mhlaba tinha se casado naquele dia especial, quando Mandela e Sisulu vestiram os ternos emprestados com cravos na lapela para servir de testemunhas do casamento e brindaram com suco de uva espumante.

Dessa vez, Mandela vestia um terno elegante, com colarinho e gravata. Todos queriam abraçá-lo, foi um caos. Ele me viu e se aproximou para apertar a minha mão. Olhamos bem um para o outro, e ele me perguntou sobre a minha família. Ele gostava muito do meu filho Riaan e queria saber sobre o nosso novo bebê, Heinrich, que só tinha 2 anos de idade.

Eu conhecia alguns de seus guarda-costas, e batemos papo enquanto Mandela conversava com os presos políticos por cerca de uma hora. Ele cumprimentou cada um com um aperto de mão, disse-lhes que seriam libertados em breve e pediu a paciência deles enquanto argumentava em seu favor com governo. Percebi naquele momento que, embora estivesse livre, ele não tinha nenhum cargo oficial no país e, da assim como todos os negros, nem mesmo tinha o direito de votar. Seu único poder era a sua própria história e seu carisma.

Ele tinha uma aura de autoridade, como sempre teve durante todos aqueles anos na prisão, e conseguiu acalmar os prisioneiros beligerantes. Eles concordaram em pôr um fim à greve de fome e confiar que sua libertação era iminente. Na saída, Mandela me disse baixinho: “Senhor Brand, um destes dias a sua prisão ficará completamente vazia”.

Ele tinha um jeito de fazer comentários provocativos com uma pitada de humor, evitando ofender as pessoas. Mas era o suficiente para deixar a pessoa pensando: “Será que está sendo sarcástico? Aquilo foi um ataque ou o quê?”. E, em muitos sentidos, desejei que estivesse certo. Desejei que a prisão ficasse completamente vazia. Minhas funções no trabalho tinham mudado, e eu tinha voltado a administrar o comportamento selvagem das gangues criminosas, embora agora eu pelo menos pudesse passar a maior parte do tempo no escritório, em posição de autoridade, em vez de lidar diretamente com os assassinos que continuavam chegando diariamente às centenas.

Um mês depois da libertação de Mandela, os 343 prisioneiros políticos restantes na

Ilha Robben deram início a uma greve de fome, furiosos por terem sido deixados na prisão enquanto seus líderes eram celebrados em liberdade. Eles estavam sendo libertados em pequenos grupos de cada vez, muitos deles mandados para casa ou levados ao hospital, e os 48 restantes foram transferidos a Pollsmoor para serem reabilitados. Eram os mais obstinados, ainda em greve de fome. Mandela foi a Pollsmoor para falar com eles. Dessa vez, levou Chris Hani, um jovem herói carismático que tinha sido o líder do Partido Comunista e do Umkhonto we Sizwe.

Hani ingressou na Liga da Juventude do CNA aos 15 anos para protestar contra o sistema educacional banto. Logo foi considerado um jovem leão capaz de influenciar milhares de estudantes e foi perseguido pelos serviços de segurança até se mudar para o país vizinho Lesoto.

Hani parecia ter um caráter similar ao de Mandela, e esperava-se que ele o seguisse, assumindo um papel de poder na nova África do Sul. Ele tinha voltado ao país para apoiar Mandela e promover o partido com ele. E foi justamente por essa razão que foi assassinado em uma conspiração política de direita em 1993. Clive Derby-Lewis, parlamentar do Partido Conservador pró-apartheid, pagou um imigrante polonês e agitador para balar Hani na cabeça e nas costas perto de sua casa. Os dois ainda estão na prisão cumprindo penas de prisão perpétua.

Quando o conheci, Hani, então uma estrela em ascensão, se uniu a Mandela com o objetivo de angariar o apoio dos negros para a continuidade das negociações de paz em um momento em que muitos teriam preferido derrubar o governo com um golpe violento.

Quando Hani foi assassinado, Mandela fez um discurso extraordinário, pedindo união e calma e enfatizando a necessidade de continuar a luta pela democracia pela qual Hani tinha passado a vida inteira lutando. “Toda a nossa nação agora oscila à beira do desastre”, ele proclamou. “O assassinato a sangue frio de Chris Hani enviou ondas de choque por todo o país e por todo o mundo. Nosso pesar e nossa raiva estão nos dividindo.” Ele reconheceu que as reações das pessoas ao assassinato seriam um divisor de águas para a África do Sul, determinando se o povo se manteria unido ou mergulharia ainda mais na violência e no derramamento de sangue.

Ele tinha passado muitos anos de sua vida como parte da complexa luta contra o apartheid e agora, logo depois da sua libertação, aos 71 anos, precisava de toda a sua sabedoria e força para reunir as várias facções que tinham o poder de levantar ou derrubar a África do Sul. Não tinha como garantir o resultado, mas lutava com todas as forças.

Ele foi duas vezes a Pollsmoor com Chris Hani para demonstrar seu apoio moral e prático aos prisioneiros que acreditavam que tinham sido deixados para trás. Levaria mais um ano até que todos fossem finalmente libertados.

Entre esses prisioneiros estava um sujeito grande e forte, Thulani Mabaso, que ficou oito anos na Ilha Robben. Ele era um dos pesos-pesados do Umkhonto we Sizwe que se infiltraram na Força de Defesa da África do Sul e plantaram minas *limpet*<sup>[1]</sup> no edifício do Serviço Nacional de Inteligência em Johannesburgo no auge dos levantes de 1980.

Depois de detido, foi espancado e torturado na infame sede da polícia de segurança na Praça John Vorster. No décimo andar – um local que era sinônimo de terror nos piores anos do apartheid –, ele foi pendurado em uma janela enquanto seus algozes ameaçavam deixá-lo cair e declarar suicídio. Muitos detentos morreram dessa maneira. Mabaso era um líder natural, e recorri a ele para me ajudar a controlar um grupo problemático de presos políticos que exigiam telefonemas diários e visitas extras e se recusavam a entrar nas celas. Eu me ofereci para ajudá-los com as ligações e as visitas se conseguissem manter a tranquilidade dentro da prisão. Mabaso e eu desenvolvemos uma relação pacífica e nos tornamos bons amigos. Consegui permitir que os visitantes levassem comida adicional e passei a transmitir pessoalmente algumas mensagens telefônicas.

Ao sair de Pollsmoor, Mabaso pediu meu número de telefone. Não tínhamos permissão de manter contato com os prisioneiros, mas eu queria ajudá-lo a encontrar trabalho e fazia sentido manter nossa relação. Logo depois, recebi um telefonema de um amigo dele me convidando para jantar em sua casa com ele, sua família e o nosso amigo Mabaso. Minha esposa e eu tivemos uma noite muito agradável, e foi bom conversar com alguém cheio de esperança para o futuro e nenhuma amargura sobre o passado.

Aquela foi a primeira vez que fui convidado para jantar com um ex-prisioneiro. Mabaso era um homem de família que morava fora da cidade e ainda estava tomando providências para voltar para casa, então ficou hospedado com o amigo na Cidade do Cabo na sua primeira noite em liberdade. Ele só queria compartilhar a ocasião comigo. Foi uma boa sensação. Ele estava empolgadíssimo em voltar para sua esposa e seus filhos.

Passei muitos anos sem ver Mabaso depois daquele jantar. Contudo, pouco tempo depois que voltei a trabalhar na Ilha Robben – não mais como carcereiro, mas administrando a loja de suvenires, depois que a ilha se tornou um Patrimônio da Humanidade –, eu o vi no Píer 1, nossa velha doca de embarque. Tinha acabado de sair de uma entrevista de emprego e acabou sendo nomeado gerente de passeios guiados da prisão. Assim, hoje nos vemos todo dia, em uma vida bem diferente daquela que compartilhamos em Pollsmoor.

Quando Mabaso recebe um grupo especial de VIPs, me pede para falar com eles. Eles adoram ouvir sobre os antigos dias da prisão, quando Mandela estava preso lá. Muitas pessoas organizam a própria dispendiosa visita privada à Ilha Robben, chegando de lancha ou helicóptero, e querem falar com quem esteve lá, quem realmente conhece a história da prisão e de seus detentos famosos.

Depois que Mabaso foi libertado de Pollsmoor, fiquei mais quatro anos trabalhando lá. Foi uma época tumultuada, e tenho memórias muito desagradáveis da violência e da brutalidade entre os membros de gangues que só sabiam torturar ou massacrar uns aos outros por dinheiro ou drogas. Havia guerras provocadas por rancor e assassinatos nas seções ao mesmo tempo que o mundo lá fora mergulhava em uma onda de tumulto.

Li que Mandela fez uma turnê triunfal pelo Zimbábue, pela Argélia e Nova Namíbia,

que tinha conquistado sua independência. Imaginei ele e meu ex-prisioneiro Ja Toivo, líder da Swapo (Organização do Povo do Sudoeste Africano da Namíbia), lembrando uma série incidentes que viveram juntos na Ilha Robben. Eu teria adorado estar lá.

Em abril de 1990, Mandela foi para Londres, onde vi pela TV que uma multidão de 75 mil pessoas se juntaram, enlouquecida, no Estádio de Wembley, o mesmo que abrigou o show do seu 70º aniversário com estrelas do rock quando ele ainda estava preso conosco.

Foi uma época extraordinária. Na África do Sul, muitos brancos temiam a possibilidade de um derramamento de sangue no país, com milhões de negros querendo se vingar. E as forças do governo se empenhavam em tentar dividir e governar diferentes facções entre as tribos negras, financiando-as e fornecendo armas, fazendo tudo o que podiam para sabotar um processo de paz que poderia desmantelar o apartheid.

Até no próprio partido de Mandela havia desconfiança e discórdia. Ele era um homem de idade, sua vida doméstica ainda não tinha conseguido retomar tipo de normalidade, e estava assumindo as rédeas de um movimento de guerrilha imprevisível, que relutava em desistir da luta armada.

Fiquei sabendo que Mandela recusou um convite para se encontrar com a primeira-ministra britânica Margaret Thatcher, que nunca foi uma aliada do CNA. Ele estava desesperado para convencer o mundo a manter as sanções contra o governo de de Klerk, precisando da alavancagem econômica para avançar as negociações. E sabia que essa linha de ação não contava com o apoio de Thatcher.

No entanto, defensores do movimento antiapartheid na Europa e na América o receberam com entusiasmo em sua turnê para encontrar alguns líderes do mundo. Muitos analistas políticos e jornalistas experientes escreviam sobre a surpresa ao ver que Mandela estava longe de ser um líder narcisista que se deleitava com a celebridade. Ele sempre falava de si como uma parte do CNA, o coletivo que poderia levar a tão necessária paz à África do Sul. Embora tivesse voltado à sua aldeia natal de Qunu para ser saudado como um chefe tribal, seu direito de primogenitura, ele não queria nenhuma adulação para si. Na verdade, ele ficou profundamente perturbado com o novo nível de pobreza que presenciou.

Em uma nova visita à Inglaterra, ele concordou em reunir-se com Margaret Thatcher, e eles tiveram uma longa reunião na qual, como era de se prever, ela continuou a se recusar à imposição de sanções, e ele, de maneira igualmente previsível, não fez promessas de abandonar a luta armada e de se aliar a Mangosuthu Buthelezi, líder zulu do Partido da Liberdade Inkatha que ela considerava “um homem maravilhoso”. Thatcher foi refratária a Mandela, mas se encantou com ele. Ela o descreveu como um homem “extremamente cortês e com um porte de fato nobre”.

Não me surpreendi de maneira nenhuma com a descrição. Ele não era o líder africano ruidoso, agressivo ou beligerante que muitos esperavam. Eu sabia que ele liderava com cortesia e tranquilidade e que, ao fazê-lo, conseguia desarmar os de Klerk e as Thatcher do mundo. Em todo caso, era claramente superior a eles como um líder moral. Eu me

mantinha esperançoso de Mandela seria capaz de manter o mundo ao seu lado, apesar do sangue que ainda era derramado nos distritos negros.

Mas não seria fácil. As tribos zulus do Partido da Liberdade Inkatha foram convencidas a entrar em guerra contra o CNA por agentes do governo desejosos de fomentar dificuldades e sabotar as negociações. Em um ponto, mais de cem pessoas eram mortas por dia. Como um homem, mesmo com a estatura de Mandela, poderia dar um fim a essa situação avassaladora?

Eu tinha as minhas próprias razões para manter o otimismo de que as barreiras poderiam ser superadas. Na minha vida nessa época, tive o grande prazer de manter minha amizade com Walter Sisulu, Kathrada e com os outros rivonianos. Era uma situação incomum, mas a acolhi de braços abertos. Acho que fui prova viva de que pessoas de lados opostos eram capazes de se reconciliar, partilhar pensamentos e desejos pelo país e formar autênticos vínculos de amizade.

Eles provavelmente achavam que eu era seu primeiro convertido, aquele jovem rapaz de 19 anos que tinha entrado no inferno de sua vida na Ilha Robben quando já estavam na faixa dos 60 anos. Superando dificuldades mútuas e nos apoiando na necessidade de camaradagem, tínhamos concluído a jornada juntos.

Por ironia, porém, fui o último do grupo a continuar na prisão, e as condições lá eram terríveis, até para um carcereiro. Enfrentávamos motins regulares em Pollsmoor porque os criminosos se ressentiam de não serem libertados sob a anistia decretada para os presos políticos. Em certo ponto, eu chegava a trancar oitocentos novos prisioneiros em uma só noite, com dezenas de outros carcereiros trabalhando no plantão noturno comigo. Mantínhamos multidões misturadas juntas nos corredores, servindo baldes de uma comida horrível para comerem em pé, enquanto guardas armados e com cães revistavam 150 detentos por vez. Era uma indústria de absoluta miséria. Era difícil viver aquilo quando tudo o que eu queria era ser um homem de família comum, com esposa e dois filhos pequenos em casa querendo que seu pai fosse andar de bicicleta e pescar com eles, mas eu me sentia incapaz de esquecer o horror do meu último turno.

Recebi vários telefonemas de Mandela e sempre me alegrava com eles. Ele era sempre solícito, sempre perguntava sobre a minha família, ainda demonstrando aquele interesse pessoal pela minha vida, o que sempre me pegava de surpresa. Naquela época, ele era literalmente o homem mais ocupado do planeta, e todo mundo queria alguma coisa dele.

Em uma visita à Tanzânia, mais de meio milhão de pessoas se aglomeraram ao seu redor, e Winnie e Mandela se perderam um do outro em meio à confusão e ao caos. Os aplausos entusiasmados, os cânticos e clamores duraram tanto tempo que Mandela teve de deixar o pódio sem fazer seu discurso.

Àquela altura, ele estava se afastando de Winnie de uma maneira diferente, muito mais triste. Eu sempre a admirei e achava que Mandela tirou a sorte grande por ter uma mulher como aquela – tão forte, ativa e, ainda por cima, bela. O casamento parecia ser quase tudo para ele durante seus anos na prisão. Ele lhe dizia em cartas, que em certo ponto eu lia, como o amor dela literalmente o mantinha vivo.

No entanto, os jornais publicavam relatos cada vez mais frequentes de que ele nunca conseguiu ter uma vida familiar normal desde a libertação, e que havia fortes indícios da infidelidade dela, além de vários outros problemas. Os ruidosos clamores dela contra os opressores brancos e sua brutalidade contra o povo a colocava no centro do palco num momento em que o próprio Mandela conduzia delicadas negociações a portas fechadas.

Em 1982, Winnie declarou abertamente a um jornalista sul-africano que “Nelson já tem 63 anos, e eu sou como uma jovem, ainda ansiando pela experiência da vida de casada”. Dez anos mais tarde, ele finalmente voltou para viver com ela, só para os dois descobrirem que não poderiam ter um casamento normal. Mandela viajava o tempo todo à África e à Europa para angariar apoio e levantar fundos e, quando eles estavam em casa em Soweto, havia um fluxo constante de pessoas à porta e ao telefone.

Em outubro de 1991, a imprensa relatou que os dois passavam meses sem nem ao menos se falar e, no dia 13 de abril de 1992, Mandela parecia cansado e solitário quando deu uma entrevista coletiva para contar ao mundo que estavam em um processo de separação consensual. Ele descreveu com dificuldade como foram incapazes de desfrutar de uma vida normal, mas também declarou: “Meu amor por ela permanece inalterado. Eu a acolho com todo o amor e o carinho que cultivei dentro e fora da prisão desde o momento em que a conheci”. Eles se divorciaram em 1996.

Sempre que eu via Mandela ou nossos amigos em comum durante esse período, comentávamos seu isolamento e solidão, uma verdadeira tragédia depois das privações pelas quais ele passou durante tantos anos na prisão.

Seu grande amigo Kathrada, que me telefonava com frequência, pediu suas lembranças da prisão de volta, a caixa de roupas que tinha deixado comigo no dia de sua libertação. Marcamos para eu levar seus pertences à loja de roupas de seu amigo perto de Pollsmoor, o que seria mais fácil para mim. Entretanto, quando cheguei lá, o amigo dele disse que Kathy queria me convidar para jantar em sua casa e me pediu para levar minha esposa e meus filhos.

Quando cheguei à casa de Kathrada logo depois, tivemos uma longa conversa sobre todos os carcereiros, sobre as últimas notícias de Mandela e sobre os acontecimentos em Pollsmoor. Ele tinha uma casa na Cidade do Cabo, mas sua base principal ficava em Johannesburgo. Durante seus anos na prisão, ele me contou do apartamento de que sua família estava cuidando para ele. E costumava dizer: “Estão mantendo tudo exatamente como estava quando eu parti. Vou poder entrar pela porta e encontrar tudo exatamente como era”.

Eu achava que aquilo seria muito improvável depois de 27 anos, mas Kathy tinha razão. Sua dedicada família tinha limpado e cuidado de seu lar ao longo de todos aqueles anos e, quando ele voltou, de fato entrou pela porta e encontrou tudo exatamente como estava. Ele escreveu tanto sobre isso ao longo dos anos que, um dia, um estranho chegou com um Fusca, um carro que Kathy tinha decidido que queria, e deixou-o estacionado à porta. Ele ficou extasiado, embora tenha considerado o carro pequeno demais e não tendo o usando com muita frequência. Ele me levou de carro por Joburg, mas agora era uma situação perigosa, de arrepiar os cabelos. Demos muita

risada. Ele era o mesmo Kathy, mas agora mais descontraído e com um aspecto mais saudável e jovial. Ficou feliz em me ver e contou que estava trabalhando na sede da CNA, a Shell House, em Joburg.

Conversamos sobre os velhos tempos na prisão, e ele brincou que eu o torturava, dizendo à sua família que eu era o chefe dos torturadores. Ele me contou sobre os outros rivonianos, todos ocupados com o trabalho constante de pressionar o governo, manter o ímpeto e fazer o possível para reunir as facções beligerantes de comunidades negras rivais.

Também conversei com Sisulu várias vezes por telefone durante esse período e soube que sua família ainda estava em campanha por uma África do Sul unida, apoiando-o em todos os seus esforços de fazer o calvário da prisão ter valido a pena.

Sinceramente, eu esperava que os rivonianos me esquecessem com o passar dos anos e fiquei muito satisfeito ao perceber que sentiam falta do tempo que passamos juntos tanto quanto eu sentia a falta deles.

Enquanto isso, eu tinha começado a assumir algumas funções de supervisão, trabalhando principalmente à noite, indo aos distritos negros para me informar sobre os presos em liberdade condicional. Parte do meu trabalho era tentar encontrar trabalho para eles e tranquilizar os empregadores potenciais de que eu os monitoraria, que não exigiriam salários tão altos quanto os outros funcionários e que viveriam sob as rigorosas condições impostas pelo presídio. Consegui emprego para vários prisioneiros e mantive o contato necessário, mas não era fácil ser um africânder branco com um uniforme da prisão visitando casas e empresas num distrito negro depois do anoitecer.

Todo mundo sabia dos territórios das gangues e da necessidade de evitá-los. No entanto, por necessidade, eu era forçado a mergulhar naquele mundo. Eu sabia, por experiência própria, que um movimento em falso poderia ser fatal. Em uma ocasião, fui confrontado por três bandidos que exigiram a chave do meu carro e não consegui pegar o meu revólver. Foi uma situação perigosíssima, e meu sangue ainda gela quando penso nisso, mas consegui escapar em segurança e vi aqueles mesmos sujeitos na prisão algumas semanas depois, acusados de homicídio. Essa era a realidade da minha vida naquela época. Eu não tinha como ser libertado de Pollsmoor. E estava cansado daquilo tudo.

Em 1994, a África do Sul estava na iminência de suas primeiras eleições democráticas abertas a todos. Foi a época mais incrível do nosso país. Todos nós tínhamos algum tipo de temor. Minha esposa e eu nos vimos em uma fila composta de muitos milhares de eleitores serpenteando ao redor do local de votação em Westlake, perto de Pollsmoor. Levamos três horas para votar, e foi a primeira vez que sul-africanos brancos, negros, pardos e orientais puderam literalmente ficar lado a lado para compartilhar um evento público. Aquilo, por si só já foi incrível, independente do resultado.

Torci e rezei para que Mandela, o pacificador, fosse eleito ao Parlamento. Não havia como saber se ele poderia ser o presidente, mas eu só queria vê-lo de alguma maneira no meio da ação enquanto todos nós avançávamos em direção ao desconhecido. A essa altura, ele já tinha 74 anos e tinha dado a vida inteira pela liberdade de seu povo. Ele

merecia isso.

Acho que estava claro quem eu apoiava nas eleições. Meus colegas de trabalho em Pollsmoor já vinham me chamando de *kaffir-boetie* (um insulto em africânder tão ofensivo quanto o americano *nigger-lover*, algo como “amante de pretos”) há um bom tempo. Aqueles insultos não me afetavam em nada. Se os rivonianos puderam sacrificar os melhores anos, os anos mais longos, de sua vida por sua causa, como eu poderia me deixar abater por algumas palavras cruéis?

Como todos sabemos, Mandela triunfou nas eleições. Ele seria o nosso presidente.

Dias depois, incrivelmente, ele me telefonou em Pollsmoor. Ele sabia que o meu trabalho na prisão estava sendo estafante, com motins frequentes. O lugar era como uma bomba-relógio, e ele sentia a responsabilidade e a necessidade de desarmá-la. Eu disse: “Mandela, todo mundo quer sair daqui exatamente como vocês saíram. Não temos como controlá-los. Tudo o que os guardas estão fazendo é espancá-los e mantê-los acorrentados. É infernal”.

Ele contou que queria me ver, disse que queria resolver a situação de Pollsmoor, mas que também era hora de eu sair de lá. Ele orientou: “Ligue para Kathy e converse com ele para marcar um encontro entre nós”.

Eu via Kathy com frequência e sabia que ele estava ocupado no Parlamento. Ele certamente exerceria um papel importante no novo governo. E me disse que poderia haver um trabalho administrativo para mim lá. No dia seguinte, recebi o telefonema de uma executiva do Parlamento me pedindo para levar meu currículo ao escritório dela. Eu não fazia ideia do que era um currículo, então fui apenas com a minha identidade. Ela me ajudou a redigir um histórico razoavelmente impressionante da minha experiência profissional. Eu deveria começar já no dia seguinte, mas precisávamos levar em consideração o fato de que o Parlamento entraria em recesso por três meses.

Eu sabia do caos e dos arranjos de última hora e estava extremamente grato pela oferta de emprego, mas já tinha notificado a minha saída ao serviço prisional com o coração cheio de alegria e alívio. Agora eu precisava ganhar a vida durante três meses. Aceitei um bico em uma empresa de segurança privada coletando dinheiro em empresas dos distritos negros. Se eu achava que o trabalho na prisão era assustador, não dava nem para escrever aquilo.

Eu passava em *shebeens*, os ruidosos bares clandestinos que operavam na ilegalidade durante o apartheid, vendendo uma cerveja caseira assustadoramente forte aos negros. Meu trabalho era transportar os lucros em segurança. Eu também coletava dinheiro de supermercados, e transportávamos o dinheiro em recipientes fechados, que inevitavelmente continham drogas, a moeda mais aceita entre as gangues.

Consegui sobreviver e até cheguei a receber uma oportunidade de promoção. No entanto, o Parlamento retomou as atividades e fiquei feliz de ter um emprego na Assembleia Constituinte. Nada poderia ser mais importante que a organização criada para elaborar nossas novas leis, as leis que incluiriam a todos, as mais liberais do mundo. Fui contratado como funcionário administrativo e gerente de logística.

O trabalho possibilitou finalmente que eu me mudasse de Pollsmoor com a família

toda. Contratei um caminhão e paguei seis prisioneiros de confiança para me ajudar a carregar os móveis e levá-los à casa dos meus pais em Goodwood, um subúrbio da Cidade do Cabo. Minha mãe, agora viúva, morava sozinha lá desde 1986, quando meu pai faleceu. Ela ficou contente em nos receber, uma família jovem e animada.

A casa era um tanto pequena, então tive de guardar alguns móveis em um depósito até ter condições de fazer uma reforma para ampliar a casa. Nossos meninos foram para a escola local em Wynberg, e continuávamos morando perto dos amigos deles, filhos dos funcionários de Pollsmoor. Minha esposa trabalhava nas proximidades, no departamento de Assuntos Internos do governo. Parecia que tudo estava dando certo.

Meus filhos tinham quatro anos de diferença e personalidades bastante diferentes. Eles às vezes brigavam, mas notei que o mais jovem, Heinrich, imitava o corte de cabelo do irmão e o admirava em segredo. Kathy gostava dos meus filhos e comentou que o aniversário de Heinrich era na mesma data que o de Einstein – um bom sinal, segundo ele.

Eu me mantinha ocupado com a papelada produzida todo dia para a elaboração da Constituição. Um dia, andando rápido pelo corredor do Parlamento, vi Mandela se aproximando com sua comitiva formal. Ele me chamou e me apressei para encontrá-lo. Ficamos contentes de ver nos ver. Ele me apresentou a todos os políticos e funcionários públicos que o acompanhavam dizendo que fui o homem que fez um grande ato gesto bondade para ele no pior momento de sua vida. Em seguida, ele se pôs a contar sobre o dia em que coloquei sua netinha em seus braços. Nunca tínhamos mencionado o incidente desde a sua ocorrência, mais de dez anos antes.

Anos depois, Winnie também encontrou uma maneira de me agradecer pelo que fiz naquele dia. Ela autografou um exemplar do livro *Hunger for Freedom*, publicado pela Fundação Nelson Mandela, e escreveu: “Meu estimado Brand! As memórias maravilhosas que compartilhamos não têm preço! Lembro-me de como você se recusou a aceitar um presente meu, por ser – como ainda é – uma pessoa tão íntegra. Obrigada por todas as coisas maravilhosas que fez por Madiba na prisão. Só Deus pode lhe agradecer! Você é incrível”. O presente ao qual ela se referia foi, é claro, o suborno que ela me ofereceu e que recusei. Ela assinou a dedicatória: “Winnie Mandela, 5 de julho de 2008”.

Tive outro encontro com a magia de Mandela quando a Assembleia Constituinte se aproximava do fim do prazo e realizou uma grande conferência de uma semana no resort costeiro de Arniston, a duas horas de carro da Cidade do Cabo. Meu trabalho era garantir que toda a documentação e a papelada de apoio fossem providenciadas, e eu ia e voltava de carro de Arniston três vezes por dia, levando tanto os representantes quanto suas caixas de papéis.

Ao final da semana, estava agendado para o próprio Mandela ir à conferência. Em um autêntico estilo presidencial, ele chegaria de helicóptero a uma base militar próxima e de lá seria levado ao nosso centro de conferências. Ninguém estava autorizado a sair do edifício, e a segurança era rigorosa.

No dia marcado, Mandela entrou, elegante, vestido como um grande estadista, com seu terno de risca de giz, um presidente da cabeça aos pés. Havia cerca de sessenta

peças na sala, e quase todas se levantaram por instinto. Só um pequeno grupo elitista de africanos linha-dura que ainda sonhavam com o Estado branco de Volkstad permaneceu sentado em uma área fora da sala de reuniões principal.

Mandela caminhou com desenvoltura ao redor da enorme mesa de reuniões, apertando a mão de todos e lembrando os nomes. Até os políticos mais experientes se viraram para derreter sob seu sorriso.

Enquanto isso, eu não conseguia tirar os olhos dos dez homens pró-apartheid na área. Mandela caminhou até eles, com uma linguagem corporal que oferecia um gesto de boas-vindas. Ele os cumprimentou em africânder fluente e estendeu a mão a cada um deles. Eles se levantaram rapidamente ao mesmo tempo e pude voltar a respirar. Aqueles foram momentos de enorme importância. Mas por que eu ainda me sentia pessoalmente responsável por ele? Essa é a magia de Mandela, é tudo o que posso dizer.

Mas outras surpresas ainda me aguardavam naquele dia. De repente Mandela me viu e abandonou os importantes representantes do governo. “Ah, Senhor Brand, o senhor está aqui, isso é muito bom. Permita-me apresentá-lo a todas essas pessoas.”

Ele me apresentou como se eu fosse a pessoa mais importante da sala. Ele contou em detalhes como cuidei dele na Ilha Robben, nossas aventuras juntos, os torneios de pingue-pongue e a maneira como nos ajudamos a superar momentos insuportáveis. Fiquei muito sem graça com toda a atenção que estava recebendo, mas não havia como impedi-lo. Mandela contou que eu tinha sido seu chefe, no comando de toda a sua vida. Depois começou a perguntar sobre a minha família, enquanto mantinha a conferência esperando. Senti um alívio profundo quando ele finalmente me deixou voltar para a minha mesa para continuar organizando os documentos.

Ele se sentou e pediu comentários sobre a nova Constituição para as autoridades ali presentes, como Cyril Ramaphosa, atual vice-presidente do CNA. Feito isso, fez um discurso enfático sobre a importância da nossa Constituição nova, liberal e abrangente. Foi fascinante testemunhar aquele momento histórico acontecendo diante dos meus olhos.

Depois, saí para almoçar com outros funcionários, e todos nós fomos informados de que deveríamos posar para uma fotografia oficial. Foi cômico ver todas as mulheres querendo aparecer com Mandela, se colocando ao lado dele com uma grande dose de disputa pelo lugar mais próximo. Mas ele me chamou, colocou o braço ao redor dos meus ombros e me fez ficar ao seu lado.

Notei que muitos funcionários da Assembleia Constituinte passaram a me tratar com mais respeito depois do incidente. Eles pareciam achar que, se eu era especial para Mandela, devia ser alguém importante. Na verdade, eu achava graça daquilo tudo. Bastava ter a influência dele para cair nas graças de todos. Por exemplo, uma das diretoras nunca gostou de mim, porque tinha sido presa durante a luta anti-apartheid e sabia que eu tinha sido um carcereiro. Mas um dia bateu o carro em um acidente, e eu estava à disposição para ajudar. Isso, junto com o aval pessoal de Mandela, de repente me transformou em sua pessoa favorita, e passei a ser convidado sempre para tomar chá em seu escritório.

De forma similar, um dos diretores jurídicos da Assembleia Constituinte, Hassan Ebrahim, convidou-me a seu escritório para tomar um uísque com ele e Cyril Ramaphosa, e uma sexta à noite eu o levava para casa de carro quando ele insistiu que parássemos em algum lugar para jantar. Eu estava recebendo muitos favores e muita atenção.

Eu tinha secretamente apreciado a ideia de – até Mandela anunciar o fato com tanto alarde na frente de todos – ninguém importante, fora os rivonianos e Ramaphosa, saber que eu tinha sido um carcereiro. Agora todos sabiam.

No entanto, o meu passado me ajudou no meu novo emprego também por outras razões. Meu superior imediato tinha sido contra a ideia de me empregar quando me apresentei no primeiro dia de trabalho. Ele era um funcionário do Parlamento, um ex-partidário do Partido Nacional que não confiava no CNA. Acabou mudando de opinião e adotou a mentalidade deles quando foi bem tratado pelo novo governo, que lhe deu um contrato de trabalho e direitos plenos, algo que nem os Nats faziam. No entanto, mesmo antes disso fui capaz de tranquilizá-lo. Disse a ele que conhecia todos os sujeitos importantes, as pessoas de quem ele tinha um pouco de medo. Todos tinham estado na prisão comigo.

Ele era um sujeito um tanto antiquado e ainda tendia a fazer as coisas à moda antiga. Quando P. W. Botha estava no corredor, por exemplo, todo mundo precisava sumir, entrar em qualquer escritório, lavatório, o que estivesse por perto.

Ele queria que as coisas continuassem do mesmo jeito, mas Mandela era exatamente o oposto. Ele dizia a todos que queria vê-los e falar com eles. Não deveriam fugir quando o vissem, mas sim cumprimentá-lo e se apresentar. Ele também incluía os faxineiros e jardineiros nessa ordem – queria conhecer todos eles e saber seus nomes.

Eu via muito Mandela naquela época. Nós nos encontrávamos sempre nos corredores do Parlamento. Um dia, quando a primeira versão da Constituição estava pronta para ser assinada, eu estava indo ao escritório executivo com algumas cópias. Era o documento mais importante que seria possível ter nas mãos, e cabia a mim entregá-lo. No entanto, quando passei pelo escritório do presidente, onde Mandela um dia se reuniu com Botha em uma saída da prisão, ele estava parado à porta. Ele me chamou para entrar, ignorando meus protestos sobre a entrega urgente.

Ele me obrigou a sentar e perguntou se eu estava gostando do trabalho. Ficava dizendo: “Ah, que bom, que bom”. Finalmente me deixou sair com a minha preciosa pilha de papéis, mas não antes de autografar uma cópia para mim.

Assim, fui a primeira pessoa a ter o selo presidencial nos documentos que eram as novas leis do nosso país. Como isso pôde acontecer? De alguma forma, esse prisioneiro, que agora era o presidente da África do Sul, e seu carcereiro estavam no escritório mais grandioso do governo na Cidade do Cabo, quando nós dois na verdade tínhamos mais afinidade com a savana, com os vales e com as margens do rio.

Um dia, ouvi dizer que o grande escritório que agora era de Mandela tinha sido reformado para ele, e uma saída secreta de fuga tinha sido encontrada atrás de um armário. A passagem secreta dava para uma escada rolante que percorria todo o

caminho subterrâneo até a principal estação ferroviária da Cidade do Cabo. Um heliponto tinha sido construído no topo do edifício. Ou imagino que um trem devia estar à espera. Botha, justificadamente paranoico, precisava de uma estratégia de fuga... em caso de necessidade.

Mandela deu ordens para lacrar a saída. Ele não tinha passado a maior parte da vida na prisão para começar a elaborar planos de fuga agora.

# CAPÍTULO 15

**E**u já tinha a minha cópia pessoal da nova Constituição, assinada pelo presidente, mas o país ainda não a tinha adotado formalmente. Assim, foi um enorme prazer ser convidado para a Festa de Adoção em Fernwood, Constantia, um bairro da Cidade do Cabo, no final de 1996. Minha esposa e eu nos unimos a uma enorme multidão, formada pelo alto escalão do CNA e todo o pessoal da Assembleia Constituinte.

Mandela fez um discurso no qual recordou a bravura por trás da Carta da Liberdade elaborada em 1955 por ativistas que coletaram as demandas de pessoas comuns por todo o país e que agora ecoava profundamente na Constituição, que em breve seria a lei suprema do país. Foi um momento inebriante, e fiquei orgulhoso de estar presente. No entanto, fui trazido de volta à Terra quando Priscilla Jana, uma advogada de Mandela que eu tinha conhecido em circunstâncias bem diferentes, de repente me agarrou e me empurrou para o pódio.

“Tata, Tata”, ela disse, usando o termo xhosa carinhoso para Papai. “Veja quem está aqui. Aquele carcereiro da prisão que brigou comigo na Ilha Robben.” Ela se lembrou da cena desagradável quando confisquei os chocolates que tinha levado para Mandela.

Ele desceu do pódio, e logo estávamos todos rindo. Ele teve de repetir a história para Trevor Manuel e todos no alto escalão. Protestei que, no fim das contas, Mandela acabou recebendo os chocolates, e rimos muito da piada. Foi um momento de um reencontro feliz. Um círculo estava se fechando – todos nós passamos todos aqueles anos enfrentando adversidades e obstáculos, cada um à sua própria maneira, e agora estávamos lá reunidos, conversando como velhos amigos.

Para mim, a adoção final da Constituição significava o fim do meu trabalho no Parlamento e, embora Cyril Ramaphosa tivesse me dado alguns meses a mais, eu precisava encontrar outro emprego. Kathy estava me ajudando mais do que ninguém a encontrar outro cargo, mas era difícil saber onde eu acabaria. Havia oportunidades no serviço carcerário de Johannesburgo ou Durban, mas era uma perspectiva desoladora.

O telefonema seguinte de Kathy fechou o círculo completamente. Ele me ofereceu um emprego na Ilha Robben, onde atuava como o presidente do Conselho do Museu. A ilha não era mais uma prisão, mas sim um lugar de enorme fascínio para turistas do mundo todo, historiadores, ativistas políticos e qualquer pessoa interessada no passado turbulento da África do Sul. Eu voltaria a trabalhar naquele lugar que tinha me assombrado por tanto tempo.

Eu trabalharia no novo centro de exposições no continente, no Píer 1, a velha doca de

embarque que conhecia tão bem. A ilha tinha sido declarada um Museu Nacional e, três anos depois, a Unesco concedeu o status de Patrimônio da Humanidade. A Ilha Robben passou a ser um dos símbolos mais importantes de reconhecimento racial do mundo todo.

Enquanto percorria o trajeto tão conhecido pela doca, comecei a me deparar com alguns dos meus ex-prisioneiros. Eles estavam chegando para serem entrevistados para vagas de guia turístico. Quem mais saberia contar aos turistas os detalhes reais daqueles longos anos na prisão? Foi bom ser recebido calorosamente por eles. Nunca fiquei tão satisfeito por tê-los tratado da maneira mais solidária possível.

Era outubro de 1997, e quinze longos anos tinham se passado desde a última vez que saí da Ilha Robben. E lá estávamos nós, embarcando na balsa, o velho barco *Susan Kruger* no qual viajei tantas vezes com os presos, dessa vez a caminho da orientação profissional na Ilha Robben, nas nossas novas funções.

A ilha parecia verdejante e viçosa e tive uma agradável surpresa. E, para onde quer que eu olhasse, via ex-prisioneiros meus. Um deles estava sendo treinado como um guia turístico e, embora ninguém tivesse um décimo do meu conhecimento sobre o lugar, fiquei satisfeito em absorver tudo em silêncio. Tomamos um velho ônibus do governo para um passeio ao redor da ilha, por todos os onze quilômetros que eu costumava percorrer correndo à noite movido apenas pelo tédio e pelo desespero. Paramos no cemitério dos leprosos e no alojamento dos carcereiros. Olhamos para todos os antigos navios naufragados, ainda mais destruídos do que eu lembrava pelo clima inóspito. Vi destroços de um grande iate que não estava lá quando eu era carcereiro.

Fui tomado por uma confusa mistura de sentimentos. Uma espécie de empolgação e nostalgia misturada a uma melancolia que eu não conseguia definir direito. Eu com certeza não queria voltar àquela época da Seção B, mas via uma familiaridade em tudo, o que mexia com as minhas emoções.

Quando descemos do ônibus no pavilhão principal do presídio, fiquei para trás e olhei para a cela de Mandela e para o pátio. Eu me afastei do grupo para ir ver o antigo Gabinete do Censor, aquele verdadeiro monumento à espionagem e à indiscrição onde fiquei sabendo de todos os segredos do coração e da alma dos meus prisioneiros e muitas vezes os reduzi a retalhos.

Estava tudo vazio e empoeirado. Meus passos ecoavam, e o lugar parecia cheio de fantasmas. Olhei por uma janela para o pátio e para a passarela de onde espionávamos os presos.

Voltei para o grupo e fiquei sabendo que estavam reconstruindo a cela de Mandela. Era tudo muito fiel ao original, mas ele não ficou preso lá, de modo que a reconstituição não me convenceu. Fomos ao pátio de exercícios e todos rimos de uma pichação, uma caricatura bem-feita de um homem levando sacos marcados com cifrões e a mensagem desafiadora “Os Dias Felizes Estão de Volta”.

Eu disse que tudo estava diferente. O lugar tinha sido vandalizado. Os meus prisioneiros, eu disse, nunca foram criminosos e ladrões comuns. Eram vítimas, com ideais. Olhe para eles hoje, proclamei, resistindo à vontade de continuar discursando. Eu

não tinha como levar o crédito pelas vitórias de Mandela e dos outros rivonianos. Tudo que fiz foi flexibilizar um pouco as regras.

Encontrei a horta de Mandela e vi que tinha sido completamente tomada por videiras abandonadas que de alguma forma conseguiram crescer em meio à vegetação rasteira. A treliça e as redes estavam destruídas. No passado, Mandela tinha mantido tudo limpo e bem cuidado. Depois que ele e seus companheiros foram transferidos, a prisão passou alguns anos abrigando criminosos comuns, e o lugar todo foi deixado sujo e largado às traças.

Olhei para o mar e lembrei dos meus dias de pesca. Reconheci alguns dos velhos botes dos carcereiros no quintal de casas vazias dos funcionários. Alguns carros quebrados também estavam lá abandonados, enferrujando. A antiga estação de energia elétrica que me manteve acordado todas as noites tinha sido transferida para mais perto da prisão – tarde demais para resgatar os meus anos de insônia. A lojinha onde os guardas compravam produtos básicos também continuava lá, mas vazia. Eu poderia ter contado muitas histórias sobre todos os lugares que estávamos visitando, mas fiquei em silêncio.

Fui encarregado de montar uma loja de suvenires na ilha e outra loja no continente. Vendíamos camisetas com a foto de Mandela estampada e logos do Patrimônio da Humanidade, bem como livros como *Longa Caminhada até a Liberdade*, *Higher Than Hope* e *Island in Chains*. O trabalho me mantinha ocupado, e eu gostava de toda a agitação.

De vez em quando Kathy me convidava para ir com ele à casa de Mandela, uma propriedade que comprou em Bishopscourt. Um dia, entramos na sala de estar para esperá-lo e me sentei de brincadeira na cadeira dele. Mandela gostava de uma cadeira de espaldar reto e sempre se sentava lá, com uma vista privilegiada para seus convidados acomodados em sofás confortáveis diante dele.

Mandela entrou na sala e me disse: “O senhor é o meu convidado especial hoje. Por favor, sente-se na minha cadeira”.

Começamos uma espécie de dança cortês em volta da cadeira e do sofá, enquanto eu protestava que ele é quem deveria ocupar o lugar de honra. No final, acabei sentado em sua cadeira. Tivemos um bate-papo agradável, e observei que ele continuava cercado de policiais e guardas, alguns até uniformizados.

“Você continua na prisão”, comentei. “Tem mais seguranças à sua volta do que nunca.” Ele explicou que esse era o preço da vida pública.

Mandela me pareceu solitário. Seu casamento com Winnie tinha terminado havia um bom tempo, e ele não tinha podido ver as filhas crescer. Eu sabia que ele dava um enorme valor à vida familiar e me pus a contar sobre os meus filhos. Riaan, o menino que ele tinha visto muitas vezes em Pollsmoor, tinha feito 16 anos. Ele era um rapaz adorável, muito carinhoso, capaz de falar com qualquer pessoa, e tínhamos muito orgulho dele. Seu irmão caçula, Heinrich, o admirava muito e, apesar de os dois terem personalidades muito diferentes, ele muitas vezes tentava imitar o irmão mais velho, até no corte de cabelo. Mandela se levantou de repente e pegou um bloco de notas. Ele queria mandar uma mensagem a Riaan e a redigiu na minha frente:

Querido Riaan,

Fiquei sabendo que você fez 16 anos. Parabéns! Se você se empenhar, poderá crescer para se tornar um dos líderes mais importantes do nosso país. Lembre-se sempre disso.

Atenciosamente,

Tio Nelson.

Ele não conseguiu encontrar um envelope, mas não importava. Levei a mensagem para Riaan e o orientei e ler com atenção e sempre seguir aquelas palavras. Eu também acreditava no futuro dele. Era um rapaz brilhante, ativo e afetuoso.

Riaan ficou orgulhoso de receber uma carta de seu tio Nelson, que, por acaso, também era o presidente. Ele quis levá-la à escola, mas, naturalmente, não podíamos permitir.

Mandela tinha me dito que queria ver Riaan depois dos exames de conclusão do ensino médio e conversar com ele sobre a faculdade. Quando voltei a me encontrar com Mandela, contei que Riaan tinha decidido estudar engenharia civil. Não sabíamos ao certo como pagar por seus estudos, apesar de eu ter feito um seguro especialmente para financiar a carreira dele. Mandela disse que queria cuidar do futuro do meu filho. Ele ligou para sua secretária e disse que queria tomar providências para que Riaan fizesse um curso em Nova York, onde, ele acreditava, Riaan teria as melhores oportunidades. Uma semana depois, Mandela me ligou dizendo que o curso de Nova York só começaria no fim do ano e que eu deveria encontrar um jeito de mantê-lo ocupado até então.

Riaan mergulhava sempre para pegar abalones – gastrópodes marinhos comestíveis – no nosso local de pescaria de fim de semana favorito no resort de pesca de Gansbaai e se divertia muito. Ele se interessava por todos os aspectos do mergulho e mudou de ideia sobre sua carreira. Pensei que seria difícil explicar a mudança de opinião a Mandela e não queria parecer ingrato. Fui encontrá-lo para explicar a situação e deixei Riaan em casa. Mas Mandela disse: “Quero conversar eu mesmo com o rapaz. Você pode trazê-lo aqui?”.

Então mandei buscar Riaan e fiquei com ele na entrada do salão de recepção de Mandela, esperando instruções para entrar. Quando soube que estávamos lá, ele se levantou e se despediu às pressas do recém-nomeado arcebispo da Cidade do Cabo, Njongonkulu Ndungane, antes mesmo de ele ter começado a tomar sua xícara de chá. Mandela tinha um jeito de simplesmente levantar e estender a mão, sorrindo o tempo todo, para indicar ao visitante que deveria se retirar. Não era exatamente a mesma coisa que eu dizendo a ele que só tinha mais cinco minutos para se despedir de um visitante na prisão, mas não era tão diferente assim.

Ele ficou muito contente ao ver Riaan. E me pediu para deixá-los a sós, então fiquei esperando do lado de fora, na varanda, enquanto conversavam. Quando fui chamado de volta, Mandela me disse: “Sabe, senhor Brand, não temos como dizer aos jovens de hoje o que devem fazer. Temos de respeitar os desejos deles. Não podemos lhes impor a nossa vontade. Seu filho está levando muito a sério a ideia de ser um mergulhador comercial e

acho que devemos encorajá-lo a fazer isso. Vou providenciar cursos e equipamentos para ele. Pode ficar tranquilo que eu cuido disso”.

Uma empresa de mergulho de Westlake, não muito longe da nossa casa, se dispôs a treiná-lo. Ele adorou o treinamento desde o primeiro dia e começou a se interessar pela tecnologia de manuseio de materiais de construção debaixo d'água.

Mais tarde, encontrei uma empresa que estava à procura de mergulhadores, e Riaan começou seu primeiro trabalho remunerado. Eles tinham fechado um grande contrato de escavação na Ilha Robben, de modo que meu filho viria trabalhar comigo. Sua função era atuar com uma equipe na instalação de um novo muro na doca, que tinha sido construído no continente e seria levado de barco para a ilha. Blocos de concreto feitos por alguns dos presos políticos – blocos enormes e sólidos pesando várias toneladas cada – tiveram de ser erguidos por um guindaste e lançados ao mar fora da doca para proteger os barcos do mar revolto. Riaan participava do perigoso processo de direcionar os blocos para serem lançados no mar.

Enquanto os blocos de concreto eram coletados, os mergulhadores foram orientados a examiná-los em busca de mensagens deixadas pelos prisioneiros. Encontraram alguns nomes, datas e números de prisão, apesar de a água do mar ter erodido grande parte das mensagens. Alguns dos blocos remontavam dos anos 1930 e 1940. Parte do trabalho de Riaan era acorrentar os blocos com as mensagens e orientá-los ao serem retirados da água. Eles seriam expostos como parte da história da prisão insular.

Costumávamos ir juntos à ilha na balsa de funcionários. Às vezes, ele passava a noite no alojamento dos funcionários durante a semana para ficar sempre de sobreaviso. Como eu, ele adorava pescar e levou um arpão para pegar os peixes maiores. Uma vez pegou um pequeno tubarão, e ele e sua equipe o levaram à terra firme por uma rampa do estaleiro e o assaram na churrasqueira.

Riaan sempre falava com entusiasmo sobre seus colegas de trabalho, e era bom ouvi-lo mencionar colegas negros e pardos como se essas amizades já fossem normais entre os jovens. Todos sabiam que ele conhecia Mandela e conversava com ele desde a infância. Incluí a carta de aniversário de Mandela no currículo de Riaan quando ele se candidatou para o emprego.

A essa altura, Mandela tinha se casado de novo. Ele conhecia Graça Machel fazia muitos anos. Ela era a viúva de seu companheiro revolucionário Samora Machel, presidente do Moçambique, morto em um acidente de avião em 1986. Graça levaria o amor e o conforto tão providenciais aos seus últimos anos de vida.

Mandela estava feliz de novo. Eles se casaram em seu 80º aniversário, quando ele já estava aposentado fazia um bom tempo, mas ainda trabalhava ativamente para a Fundação Nelson Mandela e o Fundo Nelson Mandela para Crianças, suas duas paixões. Queria que todos os detalhes do conturbado passado da África do Sul fossem documentados e catalogados pela Fundação, inclusive o papel dos rivonianos nesse passado, e queria melhorar as oportunidades de educação e carreira para as crianças do país.

Quando o Nelson Mandela Gateway foi construído como um grandioso edifício no

cais do Waterfront na Cidade do Cabo, ele compareceu à cerimônia de inauguração em dezembro de 2001. O Gateway seria o ponto de embarque das balsas de turismo que sairiam de lá para a Ilha Robben e também abrigaria uma exposição e uma loja de souvenirs. Mandela fez um discurso expressando sua enorme satisfação em ter um monumento como aquele batizado em sua homenagem. Na verdade, a declaração chegou a ser cômica. Afinal, qual outro nome poderia ser mais apropriado?

Hoje em dia, o nome dele decora monumentos do mundo todo. Um total de 23 escolas, universidades e instituições levam seu nome, bem como 25 salões, prédios, monumentos e conjuntos habitacionais; 13 estádios, praças, parques e jardins; 91 ruas e avenidas; 32 bolsas de estudo, fundações e cadeiras acadêmicas; e 14 estátuas, esculturas e obras de arte. Ele recebeu cerca de 250 prêmios internacionais, dos quais o mais importante para ele foi o Prêmio Nobel da Paz, concedido em 1993.

Naquele dia, a Gateway estava enfeitada com belas flores por toda parte, lindas rosas e lírios. Na manhã seguinte, vi os faxineiros se preparando para jogar fora algumas rosas cor de damasco com longos caules e os impedi. Minha mãe, hoje com 89 anos, era uma excelente jardineira que seria capaz de cultivar as rosas. Ela plantou várias delas no nosso jardim, e duas roseiras continuam fortes, dando muitas flores todos os anos. Não sei qual é o nome correto delas, mas as chamamos de nossas rosas de Mandela.

Eu desfrutava de uma vida proveitosa, compartilhando minhas memórias sobre os presos e a ilha a milhares de turistas que visitavam o museu e a loja. Muitos deles ficavam impressionados ao se ver na presença de alguém tão próximo do homem que tanto admiravam.

Em 2002, a advogada Priscilla Jana organizou um grande evento na Holanda, no qual a Rainha dos Países Baixos quis conhecer Mandela, e me convidou para participar. Viajei com um coral de crianças africanas, e o Teatro Koninklijk de Amsterdã estava completamente lotado quando Mandela entrou.

Houve discursos, apresentações de música e dança, com Mandela, a Rainha e outros membros da família real sentados na primeira fila. Pediram que eu levasse meu uniforme da prisão e boné, o que, olhando para trás agora, foi uma ideia nada apropriada. Os organizadores do evento tiveram a ideia de eu me aproximar de Mandela, “detê-lo” e conduzi-lo ao palco. Felizmente alguém teve o bom senso de cancelar aquele plano maluco.

Saí dos bastidores usando um terno comum, e Mandela ficou surpreso ao me ver. Desci os degraus na direção dele, nos abraçamos, e ele estava muito contente. Eu disse que deveríamos caminhar juntos até o pódio, e ele ficou nervoso com a perspectiva de subir os degraus. Eu o tranquilizei: “Não se preocupe. Eu o carrego se for preciso”. Naturalmente, eu já sabia o que estava para acontecer.

Subimos alguns degraus sem problemas, e eu disse: “Vamos parar aqui por um momento”. Então o degrau se ergueu debaixo dele, e Mandela se viu no centro do palco, um pouco surpreso, mas com a dignidade intacta.

Ele esperou os aplausos entusiásticos arrefecerem e fez um discurso encantador. Enquanto isso, os cantores-mirins suplicavam ruidosamente que eu os apresentasse a

Mandela de alguma forma. Foi fácil. Bastou eu dizer que os meninos e as meninas do coral queriam apertar sua mão, e ele imediatamente concordou, percorrendo toda a fileira de crianças com um sorriso no rosto e conversando um pouco com cada uma delas. Deve ter sido a maior emoção daquelas jovens vidas.

De volta à Cidade do Cabo, multidões de pessoas visitavam a exposição da Ilha Robben no cais e compravam centenas de exemplares de *Longa Caminhada até a Liberdade* e outros livros. Muitas delas me pediam para autografar seus exemplares. Na época Ahmed Kathrada estava muito envolvido no trabalho de promover a ilha em sua nova condição, como uma parte do nosso patrimônio cultural, e não mais como um lugar de pavor e medo. Ele costumava levar visitantes, e as pessoas se empolgavam em conhecê-lo, pedindo para ele autografar seus exemplares. Um dia, eu conversava com uma passageira na balsa e, quando contei que Kathrada estava lá, a poucos metros, ela mal pôde acreditar. Eu os apresentei, e Kathrada se pôs a conversar descontraidamente com ela, gentil como de costume.

Ele leva muitos VIPs à Ilha Robben e sempre busca me envolver se eu estiver por perto. Por meio dele, conheci o coronel Gaddafi, bem como Yasser Arafat, o revolucionário palestino. Comentava-se que aqueles homens não eram exatamente ícones da libertação, mas o próprio Mandela declarou que precisou de todo o apoio que conseguiu angariar naqueles dias tensos, entre a sua libertação e as primeiras eleições do país, quando tanto uma guerra civil quanto a liberação eram igualmente possíveis. Isso me parece uma boa explicação, embora eu não possa afirmar que tenha apreciado esses encontros.

Por outro lado, também recebemos grandes celebridades. Ahmed Kathrada e eu mostramos a ilha ao ativista norte-americano Jesse Jackson, ao cantor e ativista dos direitos civis Harry Belafonte e a Gillian Anderson, do *Arquivo X*, e é gratificante ver que todos, por mais famosos que sejam, são tomados pela emoção quando entram na Ilha Robben e veem, com os próprios olhos, as privações pelas quais Mandela e os rivonianos passaram.

Eu me orgulhava do trabalho que meu filho estava realizando na Ilha Robben e ia procurá-lo sempre que chegava à doca. Ele já tinha passado quatro anos na grande empresa de construção e ainda adorava o trabalho, nos mostrando fotografias do que estava fazendo. Eu podia ver com os meus próprios olhos a transformação pela qual o cais estava passando. Riaan tinha uma vida social agitada, com muitos amigos, e minha esposa e eu nos enchemos de orgulho quando ele fez um belo discurso em seu 21º aniversário. Ele era do tipo que adorava praticar esportes ao ar livre e tinha uma excelente atitude perante a vida e o trabalho. No entanto, uma noite, quando estava de licença na Cidade do Cabo, ele de casa saiu à noite, e recebi o fatídico telefonema que todos os pais temem no fundo do coração.

Riaan tinha sofrido um acidente de carro e morrido a caminho do hospital. A namorada dele me contou que alguns brutamontes – uns sujeitos brancos embriagados – começaram a dirigir em zigue-zague na frente dele, forçando-os a sair da estrada. Acabaram batendo na lateral do carro de Riaan, que bateu em um poste e uma árvore.

Depois, quebraram o para-brisas para roubar seu celular, no caso de haver fotos revelando a placa do carro deles. Eles nunca foram encontrados, nunca foram levados à justiça.

Eram três da madrugada, e fui dirigindo ao hospital Tygerberg, um lugar que conhecia bem, e vi o corpo do meu filho. Ele parecia sereno, quase sorrindo. Tive de manter essa ideia comigo ao longo dos anos numa pequena tentativa de me consolar.

Eu não podia acreditar que o meu Riaan estava morto. Naquele mesmo dia, fui ao pátio da polícia pedindo para ver o carro que tinham rebocado. Eu queria ver com os meus próprios olhos o que tinha acontecido. Quando cheguei lá, estavam ocupados retirando a gasolina. Eles justificaram dizendo que se tratava de uma medida de segurança, o que obviamente não passava de uma desculpa furada. No dia seguinte, tive de fazer a identificação formal do corpo. Dirigi ao necrotério do hospital com o coração pesado. O irmão da minha esposa me acompanhou, e dirigimos em silêncio.

De repente, meu telefone tocou, nos pegando de surpresa. Parei o carro para atender a ligação e ouvi a voz de Mandela. Ele disse: “Fiquei sabendo do seu filho. É uma situação terrível quando um pai precisa enterrar seu filho. Sei como você está se sentindo porque perdi o meu próprio filho, do mesmo jeito. Gostaria de poder lhe dar alguma força para suportar isso”.

O filho mais velho de Mandela, Thembekile, tinha morrido em um acidente de carro em 1969, aos 24 anos. Quando isso aconteceu, Mandela estava preso na Ilha Robben, antes de eu trabalhar lá, e não teve permissão de comparecer ao funeral. Aquele incidente permaneceu sendo uma das maiores tristezas de sua vida. Agora ele estava me dizendo que eu precisava acreditar em alguma coisa, que tinha de acreditar que Riaan estava em um lugar melhor.

Ele disse: “Fui informado do acidente de Riaan. Diga-me o que aconteceu”. Contei o que sabia sobre o acidente de carro e disse que estava a caminho para identificar formalmente o corpo de Riaan. Mandela ficou muito emocionado, muito transtornado. E disse: “Sei como você deve estar se sentindo, também já passei por isso. Você deve se consolar sabendo que fez todo o possível por Riaan ao longo de sua vida e que ele estava feliz, vivendo a vida em sua plenitude”.

“Você o viu crescer, de um minúsculo bebê até um adulto grande e forte. E eu também vi. Sei que você fez tudo o que pôde por ele. Eu via a paixão dele pelo trabalho”.

“Mas você não pode fazer nada agora. Deve tentar se conformar com a situação, sabendo que Riaan está em um lugar melhor. Sua tarefa mais importante é dar apoio à sua mulher e ajudar um ao outro a superar isso juntos”.

Foi uma longa conversa e, enquanto falávamos, a ligação foi subitamente interrompida; a bateria tinha acabado. Vi que Mandela tinha falado comigo por 22 minutos.

Foi bom para a minha esposa e eu, e para o nosso caçula Heinrich, saber que as pessoas se importavam. Pedimos que um padre aposentado realizasse o funeral, porque ele conhecia Riaan desde que era bebê.

A Igreja Reformada Holandesa em Ruyterwacht, perto de Goodwood, estava lotada

para o funeral. Parentes e muitos amigos de Riaan compareceram, e Kathrada também foi, com sua companheira Barbara Hogan. A viúva de Dullah Omar também estava presente, bem como muitos colegas meus da Ilha Robben e da Assembleia Constituinte. Mandela tinha me dito que ele e Graça estariam pensando em nós. Eles estavam de férias em Moçambique e não tiveram tempo de voltar para o funeral, mas estariam conosco em espírito.

Optamos pela cremação e decidimos espalhar as cinzas de Riaan perto da doca da Ilha Robben, um lugar que ele adorava e onde viveu a vida ao máximo. Embarcamos na balsa, levando flores para lançar ao mar, e fizemos uma pequena cerimônia na qual passagens da Bíblia foram lidas, e algumas orações foram recitadas. Embora tenha sido absolutamente desolador, senti que Riaan ainda estava lá conosco e tenho sentido isso desde então.

Minha esposa e eu passamos mais cinco anos levando flores ao local todos os anos, mas decidimos parar. Era devastador para nós, e sentimos que queríamos manter nossas lembranças mais felizes dele vivo, em vez de ficar presos em um eterno estado de luto.

Foi difícil para o meu filho caçula, Heinrich, que hoje tem 25 anos. Ele ficou muito abalado com a morte do irmão e enfrentou a tristeza em silêncio, muitas vezes sozinho em seu quarto. Ele tinha acabado de fazer os exames de conclusão do ensino médio e, enquanto tentava lidar com a morte do irmão, não conseguia decidir o que fazer. Acabou aceitando um bico na Distell, uma fabricante de bebidas alcoólicas. Naquele mesmo ano, ele se inscreveu em um curso de designer de interiores na Cape Town Technicon, mas, infelizmente, naquele ano só estavam aceitando matrículas de pessoas negras. Foi mais um golpe para ele.

Felizmente, com a ajuda de alguns amigos, encontramos uma vaga para ele na Damelin College, e ele passou os dois anos seguintes estudando lá. Não foi fácil para ele encontrar trabalho permanente. Ele passou dois anos trabalhando para um sujeito e chegou a trabalhar em Abu Dhabi – teve de viajar para lá duas vezes para terminar um trabalho que estava realizando. Depois disso, infelizmente ficou desempregado por um ano, mas acabou encontrando um emprego permanente na Cidade do Cabo, onde está até hoje.

Ele é um rapaz muito inteligente, um talentoso designer de interiores que trabalha sem parar em desenhos 3D e projetos em seu computador. Como Riaan, ele também gosta de atividades físicas e adora mergulhar. Joga rúgbi com os amigos e está aprendendo artes marciais. Ele atualmente mora conosco e com a minha mãe em casa, e uma das grandes alegrias da nossa vida é a filhinha dele, Mia, que hoje tem 5 anos. Heinrich e a mãe de Mia nunca se casaram nem ficaram juntos, mas compartilham o amor dessa menina encantadora, e esperamos ansiosos pelos fins de semana que ela passa conosco.

Um domingo, toda a nossa família estava em Gansbaai, a algumas horas da Cidade do Cabo, quando a neta de Mandela ligou nos convidando para uma visita. Nós, é claro, arrumamos rapidamente as malas e fomos de carro para Bishopscourt. Mandela adorou ver a Mia, mas ela era uma menina muito arisca e não quis ir com ele. Tentamos

algumas vezes, mas tudo o que conseguimos foi uma foto dos dois, uma fotografia que hoje ela preza muito. Mandela também ficou contente em ver Heinrich, que só tinha visto na infância. Ele sabia o quanto significava para mim e para a minha esposa ter nosso filho e a filha dele conosco, em família.

Passamos mais de uma hora com ele. Em seguida, disse que queria falar a sós comigo. A essa altura, eu me referia a ele pelo seu nome de clã, Madiba, como todos os sul-africanos que o amavam. Eu disse: “Tudo bem, Madiba? Qual é o problema?”.

Ele me falou com muita severidade: “Vejo que você está ganhando peso. Precisa comprar uma daquelas bolas de exercício e usá-la toda manhã. E precisa ter uma dieta mais saudável. Com um pouco de disciplina, vi ser possível voltar a ficar em forma”.

Até naquele momento ele me incentivava a me aperfeiçoar. Eu ri, mas ele estava falando sério. Quando saí da casa, vi que um dos guardas dele era muito gordo. Eu disse: “O Senhor Mandela quer vê-lo. É melhor se preparar para um sermão sobre o seu excesso de peso”. Ele pareceu aterrorizado.

Eu recebia com frequência convites espontâneos para ver Madiba. A última vez que o vi foi em seu aniversário. Eu disse: “Todos nós queremos que você chegue aos 100, e faltam só alguns anos. Não pense em nos abandonar”.

Já fazia anos que eu achava que ele talvez só tivesse um ou dois anos mais. Seu corpo estava enrijecido pela artrite. Mas então o via dando os famosos passos de dança da “magia Madiba” e percebia que estava errado.

Em uma ocasião, ele me perguntou sobre a família de Sisulu. Sentia muito a falta de Walter, seu querido amigo e mentor, desde que ele faleceu em 2003. Mandela perguntou: “Como vai a Mama Sisulu? Você a tem visto?” Estava se referindo à esposa de Walter, que também já tinha falecido.

Mandela me disse: “Eu vou ser o próximo, com certeza”. Mas provavelmente estava brincando, nunca dava para saber com certeza. Em uma de suas festas de aniversário, ele me disse que a multidão presente só tinha comparecido porque estava velho. “Eu sei, todo mundo quer dar uma última olhada”, comentou.

# CAPÍTULO 16

**E**nquanto escrevo estas linhas, Madiba está doente em casa e teme-se que ele nunca se recupere. Ele tem sido acometido de uma recorrente infecção pulmonar que remonta da tuberculose contraída no Presídio de Pollsmoor, onde foi colocado em isolamento em uma cela escura e úmida.

Ele completou 95 anos entubado em uma cama hospitalar da unidade de terapia intensiva do Hospital do Coração Medi-Clinic de Pretória. A janela de seu quarto foi ligeiramente aberta por um breve período para que pudesse ouvir as crianças africanas cantando para ele do lado de fora do hospital.

Seus familiares e amigos próximos o visitavam com frequência, e sei que Winnie e Graça Machel, a nova esposa de Mandela, se revezavam para sentar-se a seu lado, segurar sua mão e falar com ele.

Sua filha Zindzi fez a gentileza de me convidar para visitá-lo também. Ela me disse: “Venha conosco, Tata vai gostar de vê-lo”. Mas senti que seria intrusivo demais. Era um momento para a família para ficar junta o maior tempo possível.

Recebo notícias sempre e sei que, às vezes, Madiba fica forte o suficiente para sentar e assistir TV, mas que passa a maior parte do tempo dormindo confortavelmente. Winnie ou Graça o acordam para cumprimentar um visitante, e ele abre os olhos e parece sorrir, embora o tubo de traqueostomia o impeça de falar.

Penso muito nele quando vou todos os dias trabalhar na Ilha Robben.

Viajo com frequência no velho *Dias* ou no *Susan Kruger*, ambos ainda em operação e usados para transportar os funcionários. Opto por descer pela íngreme escada de ferro até o porão, onde posso me deitar em um dos bancos de madeira e tirar um cochilo enquanto o barco abre caminho pela água por 45 minutos. A maioria das pessoas prefere a cabine com janelas que dão para o mar ou até o deck superior descoberto, se o tempo estiver bom.

Para mim, o porão é um lugar especial. O local é praticamente livre de mobiliário, e não há janelas, mas, quando o mar está agitado, é lá que fico menos vulnerável ao enjoo.

Na verdade, a maior razão é que pertencço ao porão. Desci por aquelas escadas com Mandela e seus companheiros incontáveis vezes para fazer a viagem. Eles estariam presos com correntes nos tornozelos e nos sentávamos, desamparados, lado a lado naqueles bancos duros. Hoje, os bancos têm almofadas resistentes para proporcionar um pouco de conforto, mas, na época dos rionianos, não havia nada além da madeira nua,

do aço escuro das paredes e de uma consulta médica no destino ou um retorno desalentador à Ilha Robben.

A luz do sol não entra no porão e pode fazer muito frio. Tudo o que se pode fazer é ouvir as ondas lambendo a balsa que cruzava o canal. Deitado no banco, é possível sentir a madeira fria, as juntas de aço geladas. O frio é tanto que é necessário virar-se e mover o corpo na tentativa de se aquecer.

A balsa de funcionários costuma estar lotada de guias turísticos, pessoal de limpeza e manutenção, funcionários da empresa de segurança e pessoas como eu, que administram as instalações turísticas. Sou o supervisor das lojas, compro livros históricos sobre Mandela, sobre a luta contra o apartheid e sobre a própria ilha, bem como suvenires, como pôsteres e camisetas. Cuido das lembranças das celas e também administro as lanchonetes, que servem alimentos e bebidas aos visitantes.

Um dia desses, levei à Ilha Robben um ex-prisioneiro meu e atual embaixador da África do Sul em Washington, Ebrahim Rasool. Como eu, ele também preferiu viajar no porão, sem precisar se explicar. Ele chegou a levar parentes e filhos ao porão na viagem de volta. O mar estava agitado, e ele sabia por experiência própria que era preciso minimizar a sensação de enjoo.

Um marco pouco conhecido da coleção cultural que celebra o grande sacrifício de Mandela ao seu país é o Píer 1, onde o *Dias* e o *Susan Kruger* ficam atracados. Ele fica escondido na Victoria Harbour bem ao lado da rua movimentada, lotada de turistas. É um Patrimônio Nacional que o público pode visitar gratuitamente. A seu próprio estilo, o Píer 1 é o monumento mais triste de todos. Ele não mudou desde a época em que foi a única porta de entrada para o mar e para a Ilha Robben.

O píer é uma estrutura de alvenaria, onde, no passado, prisioneiros e visitantes aguardavam as balsas vindas da ilha. Levei Mandela para lá muitas vezes, prendendo-o em uma cela no primeiro andar e, em seguida, escoltando os visitantes à sala de espera, separada. Quando a balsa chegava, os presos eram os últimos a embarcar, descendo às pressas a escadaria de ferro que dava acesso ao porão, onde ficavam a sós com sua angústia.

Hoje, o piso térreo contém recordações daqueles tempos, cartas manuscritas de famílias implorando permissão para visitar um ente querido e listas de nomes e datas elaboradas por guardas como eu, especificando se uma visita foi ou não autorizada. Há uma grande pintura dos belos chefes xhosa em suas vestimentas tribais, banidos para a ilha por colonizadores no século 19 e deixados lá para morrer, privados de sua terra e de seus meios de subsistência.

Quem entrar no minúsculo museu precisa ter um coração de pedra para não chorar ao vir filmagens dos últimos presos políticos sendo libertados da Ilha Robben em maio de 1991. O rosto deles conta a história toda, com sorrisos rasgados e lágrimas rolando soltas, enquanto o corpo balança ao cântico espontâneo de celebração que irrompe enquanto a balsa se aproxima do píer de desembarque. No píer de desembarque, sem nenhum tipo de parapeito ou proteção, dezenas de pessoas se inclinam perigosamente na direção da balsa com os braços estendidos, ansiando pelo primeiro abraço daqueles

homens que são seus filhos, irmãos ou maridos. A alegria quando os homens finalmente pisam em terra firme e são abraçados é imensurável.

É incrível como o Píer 1 passa quase despercebido no porto, a poucos metros de distância da confusão de barcos turísticos levando multidões de turistas para um passeio pela baía ou um cruzeiro à noite. Do outro lado da passarela é possível ouvir, de dentro do Píer 1, a música e as conversas vindas dos elegantes restaurantes e bares ao longo da faixa portuária. O Victoria & Alfred Waterfront é de longe a atração turística mais popular da África, recebendo milhões de visitantes todos os meses. No entanto, o museu é mal sinalizado e raramente fica lotado.

Muito perto dali, fica o local exato onde fiquei, perplexo, naquela missão secreta no meu primeiro plantão noturno em Pollsmoor. Foi o local onde vi a balsa se aproximando na escuridão e Mandela, Mhlaba, Mlangeni e Sisulu emergindo das sombras, segurando firme as caixas de papelão contendo seus pertences.

Não havia lojas, restaurantes nem bares na época e nenhum barco de cruzeiro turístico. Era um estaleiro escuro e sem alma com holofotes hostis voltados na nossa direção, os guardas munidos de metralhadoras e cães.

Naturalmente, os turistas não viajam no *Dias* ou no *Susan Kruger*. Temos uma balsa nova e moderna para acomodar as multidões com conforto, e a balsa não sai se o clima não estiver bom. A balsa parte para a ilha várias vezes por dia, e a passagem de ida e volta sai por cerca de 20 libras por pessoa, com desconto para as crianças. Os turistas partem do ostentoso Nelson Mandela Gateway, que fica do outro lado do Píer 1, ao lado da Torre do Relógio.

Eu, contudo, jamais sou abandonado pelo passado. Como eu poderia esquecer quando sinto a desaceleração do motor do barco ao se aproximar da Ilha Robben e subo para ver o muro do porto que o meu filho ajudou a construir? Quando desembarco, às vezes fecho os olhos por um tempo e consigo ver Riaan lá, acenando e sorrindo para me saudar e voltando ao trabalho que ele tanto adorava.

Percorro a plataforma de desembarque e ainda consigo visualizar os prisioneiros na minha mente. Posso vê-los e ouvi-los. Os guardas os observam com severidade enquanto jogam bola no campo de futebol pelos poucos minutos de liberdade e de exercício antes de serem trancados nas celas. O campo de futebol agora está abandonado e coberto de mato.

Para mim, a ilha inteira está cheia de fantasmas. Na verdade, sou um deles, me arrastando pela trilha que leva aos meus desalentadores aposentos que fedem a peixe velho ou apressando Mandela na direção do centro dos visitantes, que só parava para deixá-lo colher uma margarida para Winnie.

Os alojamentos dos carcereiros solteiros agora estão todos vazios, e acho que é uma vergonha que os visitantes não possam pernoitar em algum tipo de centro residencial construído com base nesses edifícios históricos. Os únicos moradores da ilha são ex-prisioneiros – muitos deles do levante de Soweto – que conduzem as pessoas pela Seção B descrevendo a rotina que tiveram lá. Eles moram nos antigos alojamentos dos carcereiros casados. A visita guiada inclui um passeio de ônibus para conhecer o

cemitério de leprosos, a igrejinha desprovida de bancos construída para os leprosos – muitos deles não tinham braços nem pernas – e a mesquita. No extremo norte há uma magnífica vista para a Table Mountain da praia de cascalho, local onde Mandela e seus companheiros entravam no mar gelado para colher as algas gigantes.

A escola da ilha está vazia e, como as casas desertas, agora é habitada por pássaros. A usina de dessalinização foi instalada nas proximidades, ironicamente só agora que a maioria das pessoas já se foi. Na minha época, a prisão só tinha a água salobra, quase intragável, do poço da ilha, de cor e sabor estranhos.

O campo desportivo coberto de mato parece triste. Imagino, no entanto, que todas essas instalações poderiam ser recuperadas com facilidade. Algumas instalações poderiam ser utilizadas para conferências e workshops, e a Ilha Robben poderia tornar-se um vibrante centro educacional. O sonho de Mandela de criar uma universidade na Ilha Robben poderia ser concretizado.

Um dia desses, tive de ficar até mais tarde na ilha depois do trabalho. Saí para a varanda na escuridão da noite e vi as luzes cintilantes da Cidade do Cabo a distância e a silhueta avultante da Table Mountain. Pensei em todas as noites de corrida pela trilha de pedra calcária. Na época havia menos luzes cintilantes, mas Mandela e seus amigos sabiam que a vida real ficava a apenas sete quilômetros dali, tão perto e mesmo assim tão longe.

Em muitas ocasiões, sou convidado para conversar com visitantes que querem saber sobre a época que passei com Mandela. Eles ouvem com os olhos marejados e costumam dizer que Mandela é uma inspiração na vida deles. Mandela é um herói para eles, um modelo de tolerância e bondade.

Sim, eu digo, mas eu sou o único aqui que pode dizer que ele foi meu prisioneiro e meu amigo.

Tinha acabado de amanhecer no domingo, 15 de dezembro de 2013, quando Christo Brand percorreu os campos ancestrais da aldeia de Qunu e passou pelo rio onde Mandela brincou na infância, a caminho de uma cerimônia triste, porém apropriada, o último adeus ao grande Nelson Mandela. Os seguranças notaram seus sapatos molhados e lamacentos e insistiram em limpá-los. Ele prosseguiu sozinho até o local do sepultamento e olhou para o túmulo vazio de Mandela.

“Pensei comigo mesmo que, agora, ele podia vislumbrar todo aquele vale verdejante que tanto amava. Madiba tinha voltado para casa, como sempre desejou”, ele disse.

Christo foi recebido calorosamente por um grupo de generais militares, todos ex-prisioneiros da Ilha Robben. O produtor de cinema Anant Singh, cujo filme *Mandela: Longo Caminho para a Liberdade*, tinha acabado de receber muitos elogios da crítica, convenceu Christo a sentar-se por perto, junto com o ator Idris Elba, que interpretou o papel principal.

O coral deu início às canções de liberdade dedicadas a Mandela, e Christo ficou orgulhoso. Quase em lágrimas, ouviu o comovente discurso de Ndaba, neto de Mandela. “Fechei meus olhos e pude ouvir o próprio homem e vê-lo em sua juventude”, ele contou. Sua neta Nandi também fez um discurso impressionante e falou da ternura de Mandela

para com a família. A filha Zindzi viu Christo, deu-lhe um sorriso especial e agradeceu pela presença. A cantilena parou, e todos se levantaram. Tinha chegado a hora de o caixão de Mandela ser levado solenemente pelos pranteadores.

“O caixão passou perto o suficiente de mim para eu pudesse tocá-lo, mas não achei que seria apropriado”, Christo disse. “E me bastava saber que a nossa vida se tocou por tantos anos. Dei um adeus silencioso ao melhor, mais forte e mais honesto ser humano que já conheci.”



Tive uma infância feliz no sítio com minha mãe e meu pai. Onde vivíamos, não nos preocupávamos com questões raciais, e eu brincava com crianças de todas as cores.



*Acima:* Nelson Mandela com Oliver Tambo, parecendo os dois competentes advogados que eram.

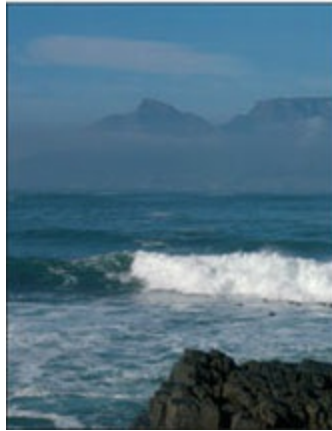
©Gallo Images/Getty Images

*Abaixo, à esq.:* Em 1950, Mandela tornou-se presidente da Liga da Juventude do CNA na África do Sul, o primeiro passo para uma excepcional carreira no ativismo político.

©Gamma-Rapho via Getty Images

*Abaixo, à dir.:* Winnie e Mandela parecem tão felizes no dia de seu casamento, em 1957. Eles passaram separados a maior parte de seus anos de casados, mas foi o amor de Winnie que ajudou Mandela a sobreviver na Ilha Robben.

©AFP/Getty Images



*Acima e abaixo à dir.:* Meu casamento também foi uma ocasião alegre e só possível graças à gentileza do juiz, que adotou legalmente Estelle em uma audiência pouco antes da cerimônia. Meus pais, Cornelia e Floris, puderam compartilhar nossa felicidade conosco.

*Abaixo, à esq.:* A impressionante Table Mountain vista da Ilha Robben. A visão pode ser bela, mas, tanto para Mandela quanto para mim, é um sinal de que a nossa vida e nossas esposas estavam muito longe dali.



**Acima:** Os rivonianos foram presos, mas jamais destruídos. Mesmo ao serem levados do tribunal, depois de serem condenados à prisão perpétua, eles saudaram o público com o punho fechado, em um gesto de poder, através das barras do furgão da prisão.

©AFP/Getty Images

**Abaixo:** Uma rara foto tirada na Ilha Robben em 1964. Os prisioneiros à esquerda quebram pedras, enquanto os à direita costuram malotes postais.

©Getty Images



*Acima:* Às vezes conseguíamos nos divertir um pouco no alojamento dos carcereiros solteiros. Nessa foto, visito meu amigo Charlie Adams, que estava de cama, doente. Wayne Hill também está conosco.

*Abaixo:* Seguro no colo meu filho recém-nascido Riaan usando meu uniforme de carcereiro do presídio. Eu não podia estar mais orgulhoso.



*Acima:* O bebê Riaan aproveita seu primeiro aniversário nessa foto que guardamos com carinho.

*Abaixo:* Eu e a minha jovem família. Heinrich está à minha esquerda, e Riaan, à direita, dois belos rapazes, gentis e generosos.

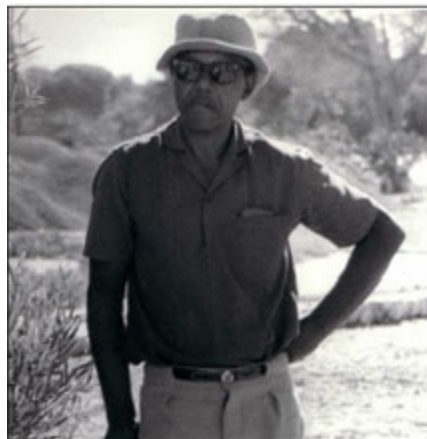


*Acima:* Durante todo o período de encarceramento de Mandela, manifestações foram organizadas exigindo sua libertação. Com o passar do tempo e o enfraquecimento do apartheid, essas manifestações se tornaram impossíveis de impedir.

©AFP/Getty Images

*Centro e abaixo:* As pessoas saíram às ruas para apoiar Mandela não apenas na África do Sul, mas em todo o mundo, como pode ser visto nessa manifestação em Paris (abaixo). O Estádio de Wembley, em Londres, também recebeu um grande show gratuito intitulado *Libertem Mandela* em 1988 (centro), que revelou como o mundo se sentia em relação ao apartheid.

©PA Photos e Getty Images



**Acima:** Um alegre reencontro no jardim da Penitenciária Victor Verster. Estavam todos elegantes em seus ternos, exceto Oscar Mpetha, que usava um roupão do hospital. Da esq. para a dir.: Wilton Mkwayi, Andrew Mlangeni, Raymond Mhlaba, Ahmed Kathrada, Oscar Mpetha, Elias Motsoaledi e Walter Sisulu. Nelson Mandela está na frente deles.

©Arquivo Nacional da África do Sul

**Abaixo, à esq.:** Nelson Mandela em um grupo de trabalho limpando uma trilha na “terra de ninguém” atrás do bloco de segurança máxima da Ilha Robben.

©Arquivo Nacional da África do Sul

**Abaixo, à dir.:** Mandela retornou à abominável pedreira da Ilha Robben com os outros presos políticos para um encontro em 1996. Incrivelmente, ele voltou como presidente da África do Sul e não mais como um prisioneiro.

©Gallo Images/Getty Images



*Acima:* Mandela passou muitos anos, longos e árduos, em sua cela, e seu retorno em 1994 foi uma ocasião especial.

©Getty Images

*Abaixo:* O homem que, muitos esperam, seja o sucessor de Mandela no cenário mundial – o presidente Obama – se emocionou ao visitar a cela de Mandela.

©AFP/Getty Images



*Acima:* Eu estava muito nervoso, mas tomado de alegria, assistindo à libertação de Mandela. Que homem incrível, capaz de impor os próprios termos à sua libertação.

©Time & Life Pictures/Getty Images

*Abaixo, à esq.:* Dois dias depois de sua libertação, 100 mil pessoas compareceram ao Estádio de Soweto para comemorar com ele. Mandela está no palco com a esposa.

©AFP/Getty Images

*Abaixo, à dir.:* Nelson Mandela e Walter Sisulu saúdam, orgulhosos, a multidão como homens livres.

©AFP/Getty Images



*Acima:* O dia em que Mandela, o meu líder, tornou-se o líder do país. Foi um momento de muito orgulho para todos nós. O homem a seu lado é Thabo Mbeki, seu vice-presidente e filho de seu companheiro de prisão.

©AFP/Getty Images

*Abaixo:* Uma extraordinária imagem de eleitores negros na fila para votar em 27 de abril de 1994, em Soweto. Apenas alguns anos antes, cenas como essa seriam inimagináveis.

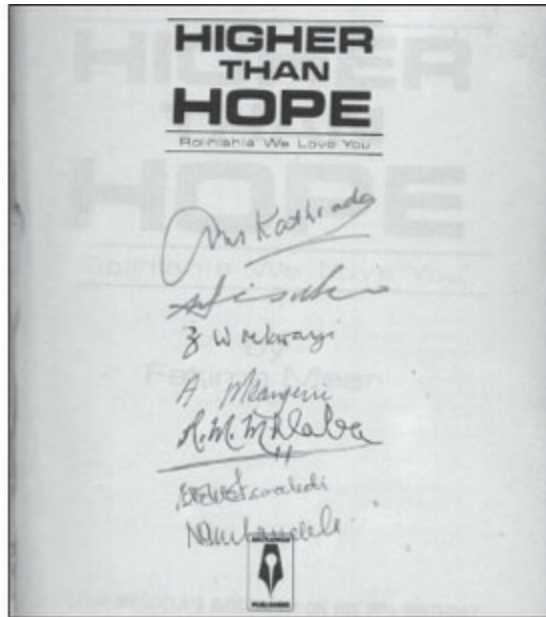
©Denis Farrell/PA Photos



*Acima:* Walter Sisulu está à minha direita, e Ahmed Kathrada, que continua sendo um grande amigo até hoje, está à minha esquerda. Estamos reunidos para celebrar o 80º aniversário de Mandela.

*Centro:* Estou cumprimentando o líder Swapo Toivo Ja Toivo na Namíbia. Atrás de mim está Helao Shityuwete, o comandante militar da Swapo, que também ficou preso na Ilha Robben. Depois de ser libertado, ele escreveu sua autobiografia, *Never Follow the Wolf*.

*Abaixo:* Minha esposa e eu com Winnie Mandela, uma mulher que admiro muito, no lançamento de uma enorme estátua de bronze de Mandela erguida em frente aos portões da Penitenciária Victor Verster, local onde Mandela caminhou para a liberdade.



**Chapter Eleven**

My dearest Brand!

FIRST MEAL OF FREEDOM

The wonderful memories we share are priceless!  
 I remember how you refused to accept a gift from me  
 because you were and still are so principled. Thanks  
 for all the wonderful things you did for Madiba in prison,  
 Only God can thank you! You are Amazing!

Winnie Mandela  
 5-7-2008

**Explanatory Memorandum**

**Contents**

This text has been drafted in terms of Chapter 5 of the interim Constitution, (Act 200 of 1993), and was first adopted by the Constitutional Assembly on 8 May 1996. In terms of a judgement of the Constitutional Court, delivered on 6 September 1996, the text was referred back to the Constitutional Assembly for reconsideration. The text has accordingly been amended to comply with the Constitutional Principles contained in Schedule 4 of the interim Constitution.

The objective in drafting this text was to ensure that the final constitution is legitimate, credible and accepted by all South Africans.

In this context, the process of drafting this text involved many South Africans in the largest public participation programme ever carried out in South Africa. After nearly two years of intensive consultations, political parties represented in the Constitutional Assembly negotiated the formulations contained in this text which are an integration of ideas from ordinary citizens, civil society and political parties represented in and outside of the Constitutional Assembly.

This text therefore represents the collective wisdom of the South African people and has been arrived at by general agreement.

Aan Christe Brand & familie,  
 Beste wense aan 'n  
 hoogs bekwame & erovare  
 Aansienaar.

M. Mandela  
 6-11-96

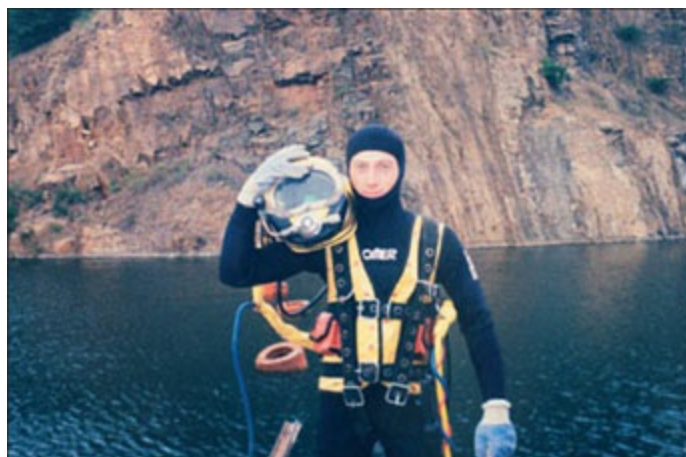
Acima, à esq.: Foi um momento hilário quando surpreendemos Mandela em Pretória com a brilhantina Pantene que lhe demos de aniversário. À esquerda, fora da foto, estava o cartão gigante no formato do frasco de brilhantina Pantene, e a caixa de presente que levo nas mãos, contendo três frascos.

Acima, à dir.: O exemplar de *Higher Than Hope* que todos os rionianos assinaram na

prisão e me entregaram para guardar em segurança.

*Centro:* A gentil mensagem de Winnie para mim fazendo referência à ocasião em que levei em segredo a neta para Mandela pegar no colo.

*Abaixo, à dir.:* Acredito que seja a primeira cópia da nova Constituição com a assinatura do presidente. A dedicatória diz, em africânder, “Para Christo Brand e sua família. Minhas saudações a um funcionário público muito competente”.



*Acima:* Meu primogênito, Riaan, com o equipamento completo de mergulho em uma pedreira.

*Abaixo:* Esse foi, sem dúvida, o período mais triste da minha vida. Minha esposa e eu, Heinrich (ao nosso lado, de óculos de sol), minha mãe (à esquerda) e os amigos de Riaan estamos a caminho da Ilha Robben para espalhar as cinzas de Riaan.

*Detalhe:* A afável mensagem que Mandela escreveu para encorajar Riaan. Riaan a guardou como um tesouro.



Ahmed Kathrada foi um dos colegas mais próximos de Nelson Mandela. Eles passaram por muita coisa juntos na prisão. É possível ver o quanto são próximos e como ficam à vontade um com o outro, inclinando-se para compartilhar um segredo (centro). Quando o casal Obama visitou a Ilha Robben, Kathy foi seu guia turístico (acima). Ele também discursou na tocante cerimônia religiosa realizada em memória de Nelson Mandela na Fundação Nelson Mandela em 8 de dezembro de 2013 (abaixo).

© Getty Images e Mark Skinner



*Acima:* Foi uma ocasião triste quando viajei para Qunu em dezembro de 2013, para comparecer ao funeral de Nelson Mandela. Foi impressionante ver a reação das pessoas ao redor do mundo com a notícia de sua morte.

©Alinka Echeverria, 2013

*Abaixo, à esq.:* Um recente retrato de família tirado na antiga casa dos meus pais em Ruyterwaght, onde moramos atualmente.

*Abaixo, à dir.:* Passo todo o tempo que posso com a minha neta Mia, agora com 5 anos de idade.

<sup>1</sup> Programa de pesquisa de um ou dois anos que se segue ao bacharelado em alguns países. (N.T.)

<sup>2</sup> Espécie de pastel frito de massa folhada, normalmente em formato triangular, recheado de carne, peixe ou legumes refogados e bastante condimentados. (N.T.)

<sup>3</sup> A polícia de segurança (*security police*) era um órgão da Agência Sul-africana de Segurança Pública, voltada a monitorar a segurança nacional. (N.T.)

<sup>1</sup> O 26s e o 28s são gangues temidas que supostamente controlam a maioria das prisões da África do Sul. (N.T.)

<sup>1</sup> Um tipo de molusco comestível. (N.T.)

<sup>2</sup> Premiada série de TV americana de 1977 baseada no livro *Negras raízes*, de Alex Haley. (N.T.)

<sup>1</sup> O Karoo é uma região semidesértica da África do Sul. (N.T.)

<sup>1</sup> Palavra usada para caracterizar um africano banto não muçulmano do Sudeste da África e, de maneira pejorativa, que denota um negro rude, ignorante. (N.T.)

<sup>2</sup> Um dos vários grupos falantes do xhosa na África do Sul. (N.T.)

<sup>3</sup> A Swapo, South-West Africa People's Organisation, foi o movimento que lançou um combate de guerrilha para conquistar a independência da Namíbia (anteriormente chamada de Sudoeste Africano). (N.T.)

<sup>1</sup> Distrito de população predominantemente negra, a cerca de 32 quilômetros da Cidade do Cabo. (N.T.)

<sup>1</sup> Pasta salgada feita com base em extrato de levedura, normalmente usada para passar no pão. (N.T.)

<sup>2</sup> Um dos nomes comerciais do princípio ativo methaqualone, uma poderosa droga sedativa e hipnótica, muito usada como indutor de sono nos anos 1970.

<sup>1</sup> Enfeites explosivos tubulares feitos de papelão e embrulhados com papel de presente, os *Christmas crackers* são puxados pelas extremidades, normalmente por duas pessoas e, ao serem abertos, fazem um estalo. Quem ficar com a maior parte leva seu conteúdo, em geral brinquedos, uma mensagem, uma coroa de papel ou uma charada natalina. (N.T.)

<sup>2</sup> Colônia penal agrícola de segurança mínima, muitas vezes utilizadas como o último local de detenção antes da libertação de prisioneiros políticos de baixa periculosidade. (N.T.)

<sup>1</sup> Um tipo de mina naval presa ao alvo por ímãs, o que explica seu nome, *limpet*, ou em português lapa ou patella, uma espécie de molusco marinho que se adere a rochas. (N.T.)

Christo Brand foi um menino do interior, nascido na mesma cultura africânder que criou o apartheid, um sistema racial projetado para perseguir os negros ao mesmo tempo em que afirmava a superioridade dos brancos. Nelson Mandela, o filho negro de um chefe tribal e também criado em uma aldeia rural, estudou Direito e praticou a advocacia para dedicar-se à luta contra o apartheid em nome de toda uma nação. Os mundos opostos desses dois homens colidiram quando Christo, um recruta do serviço carcerário do país, foi enviado à Ilha Robben para vigiar os terroristas notoriamente perigosos, e Mandela era o líder indiscutível do grupo.

Os dois, um rapaz de 19 anos e um veterano lutador pela liberdade, então com 60 anos, deveriam ter se tornado amargos inimigos. Em vez disso, desenvolveram uma amizade extraordinária por meio de pequenos atos de gentileza. Christo, um rapaz que valorizava o respeito e a cortesia, tocou o coração do sábio e resiliente guerreiro da liberdade – um homem disposto a morrer para libertar seu povo.

Por pertencer a um povo tradicional africano, a família era uma prioridade para Mandela, e ele sabia que sua prisão perpétua significava que jamais poderia voltar a viver com eles. Quando sua mãe morreu, ele não teve permissão de comparecer ao funeral – na posição de primogênito, Mandela tinha uma grande responsabilidade em relação a ela e chorou copiosamente de vergonha e desalento. Christo testemunhou esse desespero muitas vezes nos anos que passou como carcereiro pessoal de Mandela. Ele sabia do desgosto que Mandela sentia por nunca poder ver seus filhos. Assim, quando Winnie levou em segredo a pequena neta deles à Ilha Robben, foi Christo que arriscou a própria liberdade para colocar o bebê nos braços de Mandela por alguns instantes.

A amizade deles foi selada por muitos momentos como esses que compartilharam. Às vezes, um simples gesto ou um sorriso, outras, um ato de generosidade que poderia ter custado o emprego a Christo. Esse laço de confiança se manteve entre os dois homens muito tempo depois de Mandela ser libertado. Como presidente da África do Sul, convidou Christo à sua casa, aconselhou o filho Riaan sobre seu futuro profissional e deu a Christo um emprego na Assembleia Constituinte do Parlamento, que trabalhava na elaboração das novas leis do país.

Neste livro, Christo conta, pela primeira vez, a incrível e comovente história da amizade improvável entre os dois.

Hoje, o nome de Mandela é reconhecido em monumentos do mundo todo, escolas, universidades, prédios, estádios, praças, ruas e avenidas. Ele recebeu cerca de 250 prêmios internacionais, sendo o mais importante o Prêmio Nobel da Paz, concedido em 1993.

Barbara Jones é a correspondente da África para o jornal britânico Mail on Sunday e viaja por todo o continente para cobrir notícias. Ela também atuou como repórter no Afeganistão e no Iraque durante os anos da invasão e da guerra civil e esteve na Líbia durante a revolução de 2011. Seu habitat natural é no Mail on Sunday, com suas incansáveis demandas de histórias exclusivas. O jornal a enviou à África do Sul no ano de 2000, onde uma de suas primeiras experiências foi conhecer Nelson Mandela em uma visita à antiga prisão na Ilha de Robben.



**M**andela tinha o grande dom da magnanimidade. Seu povo estava sendo espancado, preso e detido sem nenhuma acusação criminal. Alguns detentos não passavam de crianças. Sua própria esposa e suas filhas estavam sofrendo.

Mesmo assim ele ainda conseguia sorrir e apertar calorosamente a mão dos mandantes dessas injustiças. Mandela não estava oferecendo seu perdão a P. W. Botha nem a seu sucessor, F. W. de Klerk, mas entrou no jogo tendo sempre em vista, no longo prazo, o maior prêmio de todos: a liberdade para a África do Sul negra. E a maior parte de sua luta pela liberdade foi feita da prisão da Ilha de Robben, graças à improvável ajuda de um carcereiro muito especial.

Christo Brand era filho de um capataz de fazenda. Passou a infância brincando com crianças negras e pardas na zona rural do Cabo Ocidental, na África do Sul, e pouco sabia sobre o cruel regime do apartheid que dominava outras partes do país.

Por ter abandonado a escola, ele deveria enfrentar serviço militar obrigatório nacional, mas, sendo um menino cristão, amante da paz e da família, Christo relutou em entrar para as brutais forças armadas e policiais da África do Sul. Em vez disso, inscreveu-se no serviço carcerário e foi enviado à Ilha Robben para vigiar os homens mais perigosos da África do Sul: Nelson Mandela e seus companheiros revolucionários, os combatentes radicais do Congresso Nacional Africano (CNA).

Hoje, aos 53 anos, Christo continua trabalhando na Ilha Robben. Ele administra a loja de suvenires e conta histórias aos milhares de visitantes interessados em seus dias com Mandela. Hoje a Ilha Robben é um Patrimônio da Humanidade, um tributo ao homem que dedicou a vida para libertar seu povo: Nelson Mandela.

É essa incrível experiência que Christo narra neste livro, com a ajuda da jornalista Barbara Jones.